

COLEÇÃO
MUITO PRAZER

Frank Baldwin

Algemas de Seda

A HISTÓRIA DE JAKE E MIMI

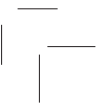
Mais intenso que
50 tons de cinza



GERAÇÃO

Algemas de Seda

A HISTÓRIA DE JAKE E MIMI





Frank Baldwin

Algemas de Seda

A HISTÓRIA DE JAKE E MIMI

Tradução

Cláudia Dornelles



Copyright © 2012 by Frank Baldwin

1ª edição — Outubro de 2012

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

Luiz Fernando Emediato (licenciado)

Diretora Editorial

Fernanda Emediato

Produtor Editorial

Paulo Schmidt

Assistente Editorial

Erika Neves

Capa

Alan Maia

Imagem da capa

Foto de Ilona Wellmann / Trevillion Images

Projeto Gráfico e Diagramação

Futura

Preparação de Texto

Sandra Dolinsky

Revisão

Carmen Garcez

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baldwin, Frank

Algemas de seda : a história de Jake e Mimi /

Frank Baldwin ; tradução Cláudia Dornelles. --

São Paulo : Geração Editorial, 2012. --

(Coleção muito prazer)

Título original: Jake and Mimi.

ISBN 978-85-8130-114-3

1. Romance norte-americano I. Título.

II. Série.

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax: (+ 55 11) 3256-4444

E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: @geracaobooks

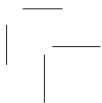
2012

Impresso no Brasil

Printed in Brazil



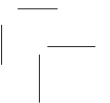
Para Lora





Agradecimentos

OBRIGADO AO MEU EDITOR, Michael Pietsch, ao seu assistente, Ryan Harbage, ao editor de texto sênior, Stephen Lamont. Obrigado à minha gente, Jillian Manus. Obrigado ao grupo de leitura: Camille, Cyril, Jacob, Joe, Kay, Lora, Merrill e Marcy. Obrigado a Davi Gilson. Um agradecimento especial aos meus pais.



Prólogo

MIMI LESSING MEXE SEU CHOCOLATE quente com a colher e depois leva a xícara aos lábios. Ela está sentada a uma pequena mesa do Liaison, um misto de café e galeria de arte no West Village. Veio do trabalho em meio à tempestade, e gotas de chuva ainda brilham nos seus cabelos. No entanto, sua mesa está próxima da lareira, o fogo e o chocolate a aquecem. Está usando uma blusa de seda branca, que, aberta no pescoço, revela um fino colar de ouro com uma única pérola no centro. Quando está nervosa, como agora, toca a pérola para se acalmar.

— Você deve ter algumas perguntas, Mimi.

Ela olha para dentro da xícara e depois ergue os olhos.

— Não, você realmente pensou em tudo. Obrigada.

A mulher diante dela tem cinquenta anos, é francesa e elegante, com toques de prata nos cabelos muito curtos e um lenço vermelho amarrado graciosamente no pescoço.

— Nenhuma pergunta? — ela insiste.

Mimi balança a cabeça, e a mulher mais velha começa a recolher seus papéis de cima da mesa. Guarda contratos, listas de músicas e diagramas de mesas em uma pasta lilás, leva-a ao peito e então a poussa novamente na mesa. Olha para Mimi.

— Eu fui ideia da sua mãe, não fui? — ela diz.

Mimi abaixa sua xícara.

— Não é isso — diz rapidamente. — Sou muito grata. Você fez um trabalho maravilhoso.

— Então, o que é?

Os dedos de Mimi encontram a pérola e a pressionam contra a curva macia do seu pescoço.

10

— Eu só... não quero que a magia da ocasião se perca... com todos esses detalhes.

A mulher estende o braço sobre a mesa e toca a bochecha de Mimi.

— Ah, ter vinte e cinco anos — diz sorrindo. — Você vai ter magia, Mimi, eu prometo.

Levanta-se da cadeira, suas longas pernas elegantes vestidas em um terno preto.

— Sabe qual é o segredo da magia? — pergunta, enrolando um xale vermelho nos ombros.

— Não — diz Mimi.

— Planejamento — ela diz. — Ligo para você na semana que vem.

Mimi a observa sair do café silencioso, depois suspira e termina seu chocolate. As luzes do teto são fracas e espaçadas, mas o brilho do fogo brinca sobre a pele pura do seu rosto.

Olha para três quadros pendurados na parede oposta. Seus olhos logo são atraídos para o último deles, uma cena de casamento espanhol em cima de um morro. É bonito em sua simplicidade. Uma única mesa para os convidados e os noivos, e estes estão sentados à cabeceira. Suas mãos estão entrelaçadas e seus olhos, alegres. Mimi sorri melancolicamente. Sem diagramas de mesas, sem listas de músicas, sem organizadora de casamentos.

— A senhora gostaria de mais alguma coisa?

A voz do garçom interrompe o devaneio.

— Não — ela diz. — Obrigada.

Olha novamente para o quadro, depois se levanta e veste o paletó bege justo de seu terno de trabalho. Pega a bolsa da cadei-

ra e vai até a frente do café, onde faz uma pausa por um momento no corredor, olhando para a chuva forte. Pega o guarda-chuva e dá um passo para fora.

O café está quase vazio agora. O piano suave se mistura ao murmúrio dos poucos clientes espalhados e ao chiado ocasional da máquina de café atrás do balcão.

Pelo vidro trabalhado da janela da frente ainda posso vê-la. Tomo um gole de capuccino e observo seu guarda-chuva vermelho desaparecer na noite. Olho para minha xícara e depois para o quadro na parede. Estudo os olhos da noiva espanhola. O artista os capturou com perfeição: capturou o momento em que uma jovem mulher perde a inocência. Dou outro gole e pouse a xícara de porcelana no pires.

Em breve a srta. Lessing vai perder a inocência. Tiro uma nota de um dólar da carteira, coloco-a no balcão, levanto-me e visto o casaco impermeável. Seis semanas são todo o tempo que nos resta juntos. Tempo suficiente, espero, para que a inocência dela restaure a minha.



CAPÍTULO 1

ALGUNS DE NÓS, SUJEITOS QUE NÃO TÊM muita fé na vida após a morte, gostamos de aproveitar o mundo dos vivos ao máximo. Eu aproveito principalmente os fins de semana.

Reservo a maioria das sextas-feiras para a turma, mas, graças a Pardo, hoje estou sozinho. Pardo havia anunciado a despedida de solteiro de Sid como uma “comemoração tranquila”, mas aparentemente ninguém informou isso às meninas. Elas se mostraram muito mais simpáticas do que qualquer um poderia imaginar, e quando Jeremy, encharcado de tequila e ainda alucinado com o espetáculo, cambaleou de volta para casa e encontrou Cindy esperando-o acordada de *babydoll* e oferecendo alívio de fim de noite em troca de um relato honesto, o coitado enfiou o pescoço na forca sem perceber.

Às oito da manhã seguinte a noiva estava em pé de guerra, chorando ao telefone e ameaçando cancelar tudo.

— Não me tente — disse Sid, imerso na ressaca.

À noite tudo estava de volta nos eixos, é claro, mas agora todos teriam de ficar ao lado das namoradas ou esposas pelo menos nos próximos dois fins de semana.

Todos menos eu.

Sou solteiro e desimpedido, e se esta noite as coisas saírem do jeito que eu quero, não vou sentir nenhuma falta dos rapazes.

Cerveja, pôquer, camaradagem: fico com eles em nove sextas-feiras de cada dez. Hoje, porém, tenho uma chance de provar da essência da vida.

14

O dia inteiro trabalhando em minha escrivaninha e a expectativa crescendo dentro de mim. Mal consegui manter minha concentração na nova conta. E ela era difícil. Art Jensen, o rei dos salões de beleza do Queens, com o respeito de um chefe da máfia por nossa legislação tributária. Se as regras forem seguidas ao pé da letra, ele vai ter de pagar, no mínimo, uns 200s mil dólares de impostos, mas se não ouvir a palavra “restituição” de meus lábios até 15 de abril, vai começar a telefonar para a casa dos diretores. É isso que eu ganho por ser o novato da firma.

Saí do escritório às seis, mudei rapidamente de roupa em casa e fui correr para esquecer a semana de sessenta horas de trabalho. Comecei no parque, com os últimos raios de sol suaves do dia, corri para o leste até o rio e continuei ao longo dele, passando pelo heliporto e pelos campos de futebol até a ponte do Brooklyn, tocando sua base e pegando a direção de casa enquanto as luzes da cidade se acendiam e a noite fresca de primavera descia para me encontrar. Depois de uma longa ducha, servi um copo alto e restaurador de Absolut e agora estou bebericando aqui na escada de incêndio, de bermuda, olhando para a rua abaixo e pensando na noite que me espera.

Ela vai ser difícil, eu sei. A mais difícil até agora. Mas, que recompensa. Visto uma camisa macia e um par de calças, tranco a porta atrás de mim e saio do meu edifício para a noite de Manhattan.

A Broadway é uma visão do paraíso. Obrigado, primavera. As mulheres guardaram os casacos pesados e saíram com blusas, xales e meias-calças. Elas estão em toda parte, saindo sensualmente de táxis, flutuando das bocas dos metrô. Sozinhas, aos pares ou nos braços de homens. Até mesmo os anúncios entraram no espírito. Angelina Jolie, vestindo quase nada, observa de uma mar-

quise de cinema, e Drew Barrymore, usando pouco mais que isso, passa sorrindo na lateral de um ônibus. Dobro na rua 81, revigorado.

O nome dela é Melissa Clay.

Domingo passado eu a vi pela primeira vez em doze anos, a primeira vez desde que eu era um garoto de quatorze anos e ela, com dezoito, a garota mais gostosa da nossa pequena Escola Americana em Tóquio. Ela era a mais velha de três irmãs, nascidas com intervalos de dois anos, o que significava que, desde o dia em que descobri para que servia meu pinto até o dia em que parti para a faculdade, não houve um período de duas horas em que uma delas não estivesse me enlouquecendo. Shana e Beth também eram material de primeira, mas Melissa já era uma jovem mulher desabrochando, e para um garoto de quatorze anos, ela era tão mágica e inatingível quanto uma princesa.

Os Clay eram missionários e veraneavam, como nós, em uma modesta colônia de férias para estrangeiros em um lago dos Alpes japoneses. Cerca de cem famílias passavam os verões lá, a maioria delas da igreja, mas também alguns executivos desgarrados como meu pai, que alugava os pequenos chalés de madeira de junho a agosto todos os anos para ter alguns meses de vida rústica. Não havia televisão nem telefone, e a água para beber era puxada de um poço. Eram verões simples, cheios de sol, exercício e boa comida do campo. Os missionários vinham por causa da grande igreja perto do lago, com seus grupos de oração e ensaios do coro, e pela sensação de comunidade que tinham ao se reunir com seus pares. Os tipos seculares, como meu pai, vinham para fugir do calor massacrante de Tóquio, e quando a religião no ar ficava densa demais para eles, contra-atacavam com a vida fácil das cartas e drinques na varanda. Quanto a nós, garotos, tínhamos o lago e, especialmente, a Casa de Barcos.

A Casa de Barcos era um velho galpão de madeira construído sobre o píer da área de natação. Tinha bancos baixos para descanso, uma mesa de pingue-pongue que funcionava no siste-

ma quem-perde-sai, um aparelho de som no canto e, para completar, uma pilha de discos americanos do ano anterior. Eu era um craque do pingue-pongue, é verdade, e apaixonado por música, mas não estava pensando em tênis de mesa ou The Clash quando, a cada manhã, pegava minha toalha na varanda, pedia dinheiro para o lanche a minha mãe e prometia a ela que não me atrasaria para o jantar. Não, eu corria para a Casa de Barcos porque de lá se podia ver toda a área de natação, o que significava que, da manhã ao pôr do sol, todos os dias, menos no *Sabbath*, podia-se ver Melissa Clay.

Meu Deus, ela era impressionante! Fecho os olhos hoje e ainda posso vê-la de biquíni preto, tomando sol no píer. Duas, às vezes três vezes por hora eu passava por ela fingindo interesse em um *jet ski* ou em um velejador que cruzava o lago. Ela ficava deitada de costas, os olhos fechados contra o sol, e eu dava uma boa olhada de dois segundos. Vinte minutos mais tarde, de volta à Casa de Barcos, eu via Melissa se virar e Beth ou Shana pingar loção nas suas costas macias e massageá-las, e então eu descia o píer de novo olhando para as montanhas que cercavam o lago como se houvesse acabado de perceber que elas estavam ali e precisasse caminhar até a ponta para olhar mais de perto. As tiras da parte de cima do seu biquíni agora estavam desamarradas, soltas sobre a toalha ao lado dela, e se cronometrasse bem, ela se apoiaria nos cotovelos para ler exatamente enquanto eu estivesse passando, e eu teria um vislumbre estonteante daqueles seios mágicos.

Uma ou duas vezes a cada verão eu tirava a sorte grande. Matava o tempo com um amigo na pequena plataforma flutuante que ficava no meio do lago e nós a víamos se levantar da toalha, caminhar até o trampolim, mergulhar graciosamente no lago frio e vir na nossa direção. Enquanto se movia suavemente pela água, seu rosto lindo quebrando a superfície cada vez mais perto a cada braçada, até mesmo eu, o ateu espertinho, sentia um pouco do espírito divino no ar. Meu amigo e eu nos deitávamos (de barriga para baixo, é claro) e a observávamos com os olhos

semicerrados, fingindo acordar com o inclinar da plataforma quando ela subia a pequena escada de madeira pingando e com os mamilos duros como pregos embaixo do biquíni preto. Ela sorria lindamente para nós e depois, com toda a inocência, puxava distraidamente a parte de trás da calcinha que havia se amarrado sob seu doce traseiro. Então, ela se sentava a centímetros de distância de nós, espremia a água dos cabelos loiros e deitava de costas, uma perna dourada estendida, o outro joelho apontando para seu grato criador.

17

Gott in Himmel, como diziam os luteranos alemães nas noites de bingo quando a divina providência os agraciava com o número vencedor. Meia hora depois ela ainda estava lá, talvez deitada de barriga para baixo, e nós também estávamos, olhando disfarçadamente para suas pernas com as ereções apertadas contra a plataforma, imaginando como seria morrer de insolação, porque não havia a menor chance de sequer nos virarmos, e muito menos levantarmos, enquanto Melissa Clay estivesse deitada, molhada e perfeita ao nosso lado.

Um sábado por mês os adolescentes podiam fazer uma festa na Casa de Barcos. Era inacreditável o estado em que aquelas noites me deixavam. Se os Mets forem para a final neste ano e na manhã do jogo o diretor da nossa firma, Abe Stein, me entregar duas entradas para a primeira fila, e sua neta me avisar para não a trazer de volta ainda virgem, então talvez sinta novamente a excitação que me invadia enquanto eu, um garoto de quatorze anos, descia a estrada silenciosa do lago até a Casa de Barcos nas noites de festa. E não porque tivesse algum passo de dança para mostrar ou qualquer perspectiva real de me dar bem com alguma garota. Não, simplesmente porque sabia que Melissa Clay estaria lá e que ela viria, como sempre, de camiseta e sem sutiã.

Não estou dizendo que ela era uma garota fácil. Nada disso. Era uma filha de missionários doce e saudável da qual todos gostavam, especialmente os adultos devotos, porque ela nunca faltava ao culto dominical e sempre sorria e parava para conversar

quando passava por eles na rua. Aposto tudo que tenho que ela foi para a faculdade nos Estados Unidos naquele outono com o hímen intacto. Ela era apenas um espírito livre, e tão inocente que, se não sentia vontade de colocar um sutiã sob a camiseta de batique, bem, simplesmente não colocava, e ninguém achava nada de mais nisso.

Exceto nós, adolescentes cheios de tesão. Éramos um bando de inexperientes. Do outro lado do oceano, meus primos americanos estavam ficando bêbados aos treze anos, chapados aos quatorze e com as garotas um ano depois. Enquanto isso, em Tóquio, ainda estávamos aprendendo gramática e álgebra em vez de táticas para levar garotas para o banco de trás do carro, e chegando à formatura sem sentir nem o cheiro de um baseado. Sexo? Era um boato, e bem distante.

Naquela última festa do verão, no seu último verão no lago, Melissa Clay estava tão linda quanto uma garota pode estar. Dançando de pés descalços nas tábuas da Casa de Barcos, a luz estroboscópica congelando-a em mil poses mágicas, ela já me deixara em ponto de bala antes mesmo de Tim Crockett convidá-la para dançar, ou melhor, antes de pegar sua mão e puxá-la para a pista de dança, porque Tim não tinha de convidar garota nenhuma. Ele tinha dezenove anos, estava na faculdade, bebia cerveja, fumava cigarros, comprava suas roupas nos Estados Unidos e, conforme se dizia, “sabia se virar”, o que quer que isso significasse.

No canto da sala, nós, garotos, começamos a nos cutucar e, com certeza, Tim não perdeu tempo e colocou logo as mãos sobre a presa. Pousou-as nos quadris dela enquanto dançavam, e a doce Melissa sorriu e se aproximou, girando inocentemente em suas mãos, deixando que ele se deleitasse com sua bunda perfeita e então se afastando assim que as mãos dele escorregaram para baixo. Segundos depois ele estava de volta, e quando dessa vez colocou as mãos na sua barriga, ela deixou que subissem até a alguns centímetros de seus seios livres, e depois, ainda sorrindo, segurou os pulsos dele e os fez descer, e então se afastou dançan-

do e voltou para ele, pegando suas mãos surpresas e colocando-as na sua cintura, sorrindo como um anjo enquanto ele as levantava, levantava, levantava até a base daquele par perfeito, antes que ela risse, empurrasse as mãos inquietas para baixo e se afastasse dançando novamente.

Nunca um matador enganou tão bem um touro. Ou deixou-o em pior estado. Quando a música parou e Tim, esforçando-se para manter a pose de universitário, se aproximou e sussurrou uma pergunta, Melissa riu e balançou a cabeça com doçura. Dez minutos depois nós o vimos sentado sozinho na ponta do píer, entornando uma lata de cerveja que, tenho certeza, ele também estava usando, entre um gole e outro, para se esfriar.

Nós, garotos, também estávamos no nosso limite, e quando chegaram as 10 horas e o coordenador social entrou, acendeu as luzes, trancou o armário do som e anunciou que a festa havia acabado, reunimo-nos no acesso para a estrada do lago dando adeus para Melissa Clay enquanto ela desaparecia na curva com Beth e Shana; seu “tchau!” risonho ainda nos nossos ouvidos e a ideia daqueles seios doces ainda nas nossas mentes enquanto sincronizávamos os relógios, prometíamos cumprir o combinado e então corríamos para nossos respectivos chalés para nos masturbarmos simultaneamente às 10h17 em ponto.

Meu Deus. Posso ver isso tudo como num filme. E vê-la novamente na semana passada: inacreditável. Eu havia me encontrado com Pardo no Howling Wolf para um drinque rápido de domingo e estava voltando para casa caminhando pela Amsterdam, passando por uma daquelas lojas minúsculas da Benetton de uma vendedora só que se encontram em todas as avenidas e ficam abertas até as dez da noite. Dei uma olhada pela vitrine e congelei. Cheguei mais perto. Doze anos, mas eu a reconheci instantaneamente. Reconheci aqueles olhos azuis vibrantes. Aquele rosto de anjo, os longos cabelos loiros agora puxados para trás com uma faixa. Era Melissa Clay.

Estendi a mão para a porta, mas me detive. Observei-a conversar com uma cliente, parada como só uma mulher pode ficar,

um pezinho apontando para a frente e o outro para o lado. Suas pernas ainda eram finas e belas, mas agora conduziam até um traseiro de mulher. Vi a cliente rir e se virar com as sacolas em direção à saída, e me escondi rapidamente em um vão de porta antes que os olhos de Melissa a seguissem e me enxergassem através do vidro. Fiquei ali parado enquanto a cliente desceu até o meio-fio, acenou para um táxi, entrou e sumiu. Esperei mais trinta segundos e depois, sem arriscar um último olhar para a vitrine, voltei a subir lentamente a Amsterdam, meus pensamentos já uma semana à frente.

Eu tinha outra pessoa em vista, é verdade. Debbie Collins, uma bailarina graciosa que eu conhecera na faculdade e reencontrara em uma reunião de ex-alunos duas semanas antes. Ela era uma das gostosas da Hill e não havia perdido nenhum dos seus atrativos nos quatro anos desde então, e eu havia ficado um bom tempo acordado na noite anterior elaborando um plano de ataque. Mas enquanto dobrava a rua 82 e me dirigia para casa, eu sabia que Debbie Collins teria de esperar. Ela era uma fina iguaria, sim, mas esta cidade estava cheia de iguarias como ela. Mas continha apenas uma Melissa Clay.

E a hora chegou. Entro na Amsterdam às 9h55. Ela vai fechar a loja em alguns minutos. Paro em frente à livraria ao lado, fingindo olhar para os mesmos cinco títulos de ficção que estão na vitrine há um ano. Respiro fundo.

Ela provavelmente não vai me reconhecer, mas quando eu disser meu nome, ele vai calar fundo. Nossa comunidade era pequena, e os laços, fortes e duradouros. Eu sabia que os Clay haviam se mudado para uma pequena cidade batista no Sul anos atrás, de modo que Melissa teria sido afastada do país onde fora criada.

Pela vitrine eu a vejo no fundo, dobrando blusas sobre um pequeno balcão. Ela está usando um vestido branco leve, as alças inacreditavelmente finas mal visíveis sob um cardigã vermelho aberto. Entro, e ela levanta os olhos ao som da campainha.

— Olá — diz.

— Oi. Quero ver as echarpes — digo andando até uma arara cheia delas — e não tenho a menor noção de como escolher. Você pode me ajudar?

— É claro.

Ela sorri e sai de trás do balcão. Seu vestido vai até os joelhos, e as pernas estão nuas, *nuas*, embaixo dele. Está usando uma fina corrente no tornozelo e tamancos.

21

— Você deve ter feito uma boa ação hoje: as echarpes estão em liquidação.

Ela entra na área mais iluminada e eu a vejo inteira pela primeira vez.

Ela é tudo que eu esperava. Bonita ainda, mas agora se esforçando para isso. Aeróbica, provavelmente, e creme para os olhos, e mesmo assim está a apenas alguns meses, talvez semanas do início do seu longo e suave declínio.

— Melissa? Melissa Clay?

Ela estuda meu rosto, aturdida. Ainda sorrindo, mas indecisa entre seus modos de vendedora, sua simpatia natural e a reserva que esta cidade impõe às mulheres.

— Sim. Eu conheço você?

— Do Japão. Da Escola Americana. Sou Jake Teller.

— Meu Deus!

Ela pousa sua mão macia e branca por um segundo no meu ombro. Vejo a aliança.

— Eu era colega de Shana — digo.

Ela dá um passo para trás e ri, silenciosa e amigavelmente, o tipo de risada que não se escuta com frequência nesta cidade.

— Estamos em Nova York — ela diz. — Isso tinha de acontecer, certo? Não posso acreditar. Teller... o lago, certo? — Eu concordo. — Você não era da igreja?

— IBM. Eles permitiam a presença de alguns pagãos como nós, lembra?

Ela ri.

— Eu me lembro. Nós tínhamos inveja de vocês, que podiam tomar banho no lago aos domingos. Jake Teller. Você tinha...

— Quatorze anos quando você tinha dezoito.

Ela me olha de cima a baixo.

— Sim. Você nunca saía da Casa de Barcos.

Dou uma risada.

— Eu mesmo.

— E você me reconheceu?

— Você se destacava, Melissa. E ainda se destaca.

Ela sorri, divertida, e toca meu ombro novamente.

— Obrigada. Jake Teller, adulto e galanteador. Vou contar à Shana. Ela está morando na Carolina do Norte agora.

— Ela está bem?

— Sim, com dois filhos.

— Uau — balanço a cabeça. — Você voltou? Ao Japão?

— Nenhuma vez. Nós, filhos de missionários, somos assim: quando partimos, é para sempre. E você?

— Voltei no verão passado. E fui até o lago.

— No verão passado! Jake, como está tudo lá? Ainda as mesmas famílias?

— Muitas delas. Foi... ei, você não gostaria... que tal um drinque? Posso lhe contar todas as novidades.

Ela faz uma pausa de uma fração de segundo, olha para baixo e depois para mim de novo.

— Eu adoraria.

— A que horas você fecha?

— Daqui a dois minutos. Vou pegar minhas coisas.

Ela vai até o balcão dos fundos e pega sua bolsa e um casaco leve em uma cadeira. Ajudo-a a vesti-lo.

— Obrigada, Jake. O P. J. Clarkes's fica bem aqui em frente. Pode ser ali?

— Será que vão nos deixar entrar? Você está usando aliança, e eu não sou careca.

— É assim? — Ela ri. — Eu nunca estive lá.

— Vai ser ótimo.

Ela tranca a porta atrás de nós, atravessamos a rua e entramos no P. J. Clarke's, um bar para solteiros escuro e sofisticado, cheio de mogno e música sensual. Já terminei algumas noites nele. Levo-a até um banco no canto, onde o balcão do bar encontra a janela e se pode enxergar a rua, ver as lojas, os passantes e, um quarteirão acima, a entrada verde do parque. Um ex-atleta grandalhão usando uma camisa branca bem passada desliza dois porta-copos à nossa frente e sorri.

— Absolut, sem gelo — digo.

— Um *sea breeze*, por favor — diz Melissa. Ela ri do olhar que eu lhe dou e toca meu ombro mais uma vez. — Desde a faculdade — diz.

— E eu pensava que até a cafeína era proibida. Seus pais sabem?

— Ficaram sabendo na minha festa de casamento. O que eles podiam dizer? — Ela me oferece a mão esquerda e eu a pego, levanto e examino longamente sua aliança.

— Parabéns.

— Obrigada. Já faz um ano.

Nossos drinques chegam, faço meu copo tilintar contra o dela e damos nossos goles. O casaco está apenas descansando em seus ombros, e posso ver o alto dos seus seios dourados.

— Então, o lago — ela diz. — Diga que ele está igual.

— Você não soube?

— O quê? — Seus olhos azuis se enrugam de preocupação.

— A Casa de Barcos.

Ela coloca a mão no meu peito.

— Não.

— Vai ser derrubada. Neste verão ou no próximo.

— Não pode ser.

— A prefeitura quer construir um calçadão. Com lojas.

— Que horror. Eles devem estar brigando para que isso não aconteça.

— Tentando, mas não há muita esperança. O país é deles.

— Mas a Casa de Barcos...

Seus olhos comovidos descem para o balcão por um instante e ela toma um gole da sua bebida. Indico a aliança com os olhos.

— Ele é um de nós?

Ela balança a cabeça.

— Um nova-iorquino, acredite se quiser.

— Você vai levar...

— Steve.

— ...Steve até lá? Para conhecer?

Ela faz uma pausa.

— Não sei. Algum dia... — procura as palavras e eu espero.

— É... difícil, sabe?

Eu concordo.

— É a sua casa, mas não é — eu digo. — Exatamente como aqui.

— É. — Ela olha para mim rapidamente, com algo mais em seus olhos agora. — É difícil explicar às pessoas, não é? A comunidade. A...

— Inocência.

— Sim.

O garçom está parado na nossa frente.

— Mais um? — pergunto. Ela faz uma pausa e depois assente. — Não seria melhor ligar para Steve? — pergunto. Ela hesita.

— Está tudo bem. Faço contagem de estoque em algumas noites.

Nossas bebidas chegam. Ergo meu copo, ela ergue o dela e espera.

— À Casa de Barcos — digo.

— Amém. — Olha para mim e balança a cabeça. — Jake, você foi um choque. Eu não pensava naqueles tempos há... — Olha para dentro do seu copo e, talvez, para os anos passados.

— Você se lembra das festas?

— Você dançava com Tim Crockett.

Ela descansa o copo no balcão e olha para mim, surpresa. Sua mão vai até meu ombro novamente, dessa vez com uma pequena pressão.

— Tim Crockett... ele era impossível.

— Ele ficava subindo as mãos pelo seu corpo, e você abaixando.

— Sim, e eu não usava... — Ela olha para mim, vê que eu enrubesço e ri. — É verdade o que dizem sobre os garotos da sétima série, não é?

— Cada palavra — digo.

Termino meu drinque, e ela também, lutando com o último e longo gole.

— Você sente saudades? — pergunto.

— Quando me lembro. Foram dias especiais.

Fico em pé e procuro minha carteira. Olho para ela.

— A travessia — digo. — Como foi para você?

Ela olha para mim, depois para baixo, faz uma pausa e pega a bolsa e o casaco pendurados na cadeira. A travessia é como nós, filhos de imigrantes, chamamos a mudança de volta para os Estados Unidos. A maioria não está pronta quando chega a hora, e alguns, especialmente as garotas, ficam marcados para sempre.

— Bem tranquila, Jake — diz. Ela brinca com o anel e sorri.

— Mas essa é a minha segunda.

Pago a conta, saímos do bar e atravessamos novamente a rua. Um táxi faz a curva rápido demais antes de alcançarmos realmente o meio-fio, e eu seguro seu cotovelo até chegarmos à calçada.

— Para que lado você vai? — pergunto, e então, antes que ela possa responder: — A echarpe.

— Jake, você acabou não levando.

— O aniversário da minha irmã é amanhã — digo. Ficamos em silêncio por um segundo. — Eu posso voltar. A que horas você abre?

— Nada disso. — Ela sorri. — Vai levar dois minutos. Sei exatamente qual é.

— Tem certeza?

— É claro.

26

Ela destranca a porta e entra, o som da campainha agora parecendo mais alto na loja escura e silenciosa. Acende rapidamente as luzes e vai até a arara das echarpes. Gira a armação, para, pega um lenço de seda amarela e o segura com uma das mãos enquanto o alisa com a outra.

— Qual é a cor da pele dela? — pergunta.

— Igual à sua.

Passa a echarpe por trás do pescoço e os dois lados caem uniformemente sobre seus seios. Depois, joga uma das pontas para trás com um floreio, rindo do próprio gesto.

— É perfeito — digo. — Vou levar duas.

— Duas iguais? — Pergunta.

Confirmo. Ela faz uma pausa.

— Vou buscar a outra lá atrás.

O único som no lugar é o chocalhar da cortina de contas que ela atravessa para entrar na sala dos fundos. Espero um minuto. Dois. Vou até o vão e olho para dentro. O pequeno aposento está cheio de roupas, vestidos e blusas pendurados ao longo da parede, e suéteres e calças empilhados organizadamente no balcão. Melissa está em pé na frente de uma pequena mesa comprida e estreita, olhando para as duas echarpes que dobrou e colocou em uma caixa forrada com tecido macio. Ela não levanta os olhos, mas sabe que a estou observando, e vejo que suas mãos pequenas não estão na caixa, mas sim agarrando a borda da mesa. Entro na sala e paro atrás dela. Ela se vira lentamente, seus olhos se erguendo até encontrarem os meus, e com um único movimento eu a pego pela cintura e a coloco sentada na borda da

mesa. Seus lábios se abrem de surpresa e suas palmas vão para o meu peito, mas seus olhos a traem.

— Você não tem irmã, não é, Jake? — pergunta baixinho.

— Não.

Eu me viro e volto para a loja, indo até a porta. Dou uma volta na chave. Apago as luzes. Passo pela cortina de contas novamente. Ela não se moveu. Apago as luzes ali também e ela é uma visão mágica sobre a mesa, iluminada apenas pela pouca luz da rua que as contas deixam passar. Ando até ela e sussurro em sua nuca:

— Você tem cinco segundos para me mandar embora.

Posso ouvir sua respiração e o último choque suave das contas. Um. Dois. Três. Quatro.

— Vá embora.

Levanto o casaco dos seus ombros trêmulos. Ela fecha os olhos e agarra com força a borda da mesa, primeiro resistindo contra minhas mãos, depois permitindo que eu a deite de costas. Fecha as pernas e segura o vestido contra os joelhos. A mesa estreita tem a largura exata para acomodá-la, e eu tiro suas mãos do vestido e deixo os braços dourados e lisos penderem dos dois lados. Pego o tecido amarelo da caixa e, ajoelhando-me, dou um nó apertado em torno do seu pulso fino. Depois, passo o lenço sob a mesa, e ela arqueja enquanto amarro o outro pulso com ele. Eu me levanto, pego a segunda echarpe da caixa e estendo-a sobre seus olhos. Ela está tremendo.

— Jake — sussurra, mas está comigo agora, e sabe que eu sei disso.

Levanta a cabeça e permite que eu dê um nó no tecido. Tiro a faixa que prende seus cabelos longos e corro meus dedos com força por eles. Quer se levantar da mesa, mas a seda forte a impede e tudo que pode fazer para aplacar o tremor dentro de si é trazer um joelho para junto do corpo e depois baixá-lo novamente. Dou a volta na mesa e a observo longamente antes de tocá-la de novo. Tiro seus tamancos, subo e desço as mãos por suas pantur-

rilhas. Agora posso ver sob o vestido as pernas inteiras e o monte branco da calcinha de seda. Ela já está molhada.

Pego uma tesoura do balcão, e ela arqueja novamente quando deslizo a lâmina por suas pernas e sobre o vestido. Nos ombros, corto primeiro uma alça fina, e depois a outra, e então puxo o vestido para baixo e o deixo cair no chão.

28

Não é o prazer, mas a promessa dele que leva as mulheres ao limite. Ela agora está só de sutiã e calcinha, e desesperada para ser tocada, mas eu me afasto e lentamente abro os botões da minha camisa, observando-a se esforçar para escutar, os lábios se abrindo quando puxo meu cinto de couro pelos passadores.

Deixo-a vestida daquela maneira por dez minutos, passando um dedo desde seu rosto até os pés e voltando, tão suavemente que, quando finalmente aplico uma pressão de verdade na sua barriga esticada, acho que ela vai se despedaçar. O cheiro da sua pele é melhor que o de qualquer outra que eu me lembre, com um tênue traço de perfume primaveril no pescoço e nos pulsos. Seu sutiã tomara que caia abre na frente, e o clique do fecho causa outra arfada. Tenho cuidado para não tocar seus lindos seios duros enquanto levanto suavemente o sutiã e o puxo por baixo das suas costas. Anos atrás, no lago, eu via apenas o contorno dos seus mamilos através do biquíni molhado. Agora eles estão bem embaixo de mim, rosados e macios, e quando expiro gentilmente sobre eles, ela pressiona a bochecha com força contra o ombro. Seus olhos, eu sei, estão bem fechados sob a seda.

— Por favor — sussurra.

Mesmo assim não os toco. Baixo os olhos para o pequeno triângulo de pano branco que cobre seu ponto mais sensível. É tudo que ela está vestindo agora, e está empapado. Faço-o rolar lentamente pelas coxas, sobre os joelhos, passando pelas panturrilhas e saindo pelos tornozelos, depois refaço o caminho deslizando-o por sua pele e balançando-o de um lado para o outro sobre seus seios, assistindo aos mamilos endurecerem em contato com a seda.

— Não aguento mais — diz.

Mas tem de aguentar. Porque é para esses minutos de cada semana que eu vivo. O limite, é como eu chamo, e Melissa Clay está prestes a atingi-lo. Se ela soubesse por quanto tempo vou mantê-la assim, desmaiaria agora.

Corro meus dedos entre seus seios e em torno deles antes de finalmente tomá-los nas mãos e pressioná-los com força um contra o outro.

29

— Deus! — Ela abafa o grito, as mãos pequenas fechadas debatendo-se contra o lenço retesado.

Quer agarrar os cabelos ou bater com as mãos na mesa. Aliviar, de alguma forma, uma parte da pressão que eu acumulei dentro dela. Não consigo, e eu coloco meus lábios na sua pele, primeiro no pescoço e depois com mais força nos seios, e tudo que ela pode fazer para se controlar é cruzar os tornozelos e apertar as coxas uma contra a outra. É sua última defesa, eu sei, contra o prazer que a percorre, e então eu a privo até mesmo disso, afastando seus tornozelos uns trinta centímetros e segurando-os contra a mesa.

— Desgraçado! — Arqueja. Está indefesa.

As mulheres quase nunca se perdem completamente. Mesmo no sexo, mostram o que querem que seja visto. Até serem levadas ao limite. No limite, já deixaram tudo para trás. Todos os ardis. Até mesmo toda a reserva. Seu lado social é sobrepujado. Melissa está chegando lá agora, com um reluzir de suor nas bochechas e a respiração transformada em gemidos suaves. Se Steve entrasse nessa sala agora, ela não o reconheceria.

E eu mal comecei com ela.

Os homens alcançam sua marca e isso é tudo, mas as mulheres, tocadas da maneira certa, podem ir mais e mais além. Melissa alcançou o limite, e então eu a conduzo ao longo dele, tocando-a finalmente onde ela precisa, mas não com a pressão que ela deseja. Um pouco de pressão, depois nenhuma, depois mais pressão, depois nenhuma, depois ainda mais, e nada novamente. Trinta segundos, quarenta e cinco, um minuto. Ela su-

porta apenas porque não consegue acreditar no que está sentindo. E eu continuo, observando seu rosto macio se debater para os dois lados, e somente quando vejo que ela está no fim de suas forças, realmente no fim, quando tenho medo de perdê-la ou de que alguém vá escutá-la da rua, somente então agarro suas coxas, puxo-a para a borda da mesa e levanto seus tornozelos finos até meus ombros.

— Deus, por favor, Deus, por favor, Deus, por favor — ela repete, e eu ainda não tenho pressa. Também estou mais do que pronto, mas seguro suas pernas contra mim, imobilizando-a, e quando ela grita, arqueando as costas em um último esforço para deter o prazer, para sobreviver apenas mais um segundo, eu absorvo toda a grandeza dessa noite.

Melissa Clay está embaixo de mim. A primeira paixão da minha adolescência, minha primeira fantasia de verdade, e não só embaixo de mim como à minha mercê, indefesa de prazer e implorando para que eu a leve até o fim.

Eu deslizo para dentro dela.

Seu primeiro grito é de alívio. Ela pode por fim se entregar, procurar e sentir a resposta rígida de que precisa. Apenas alguns segundos disso, sim, alguns segundos, e ela pode morrer em paz. Está tendo espasmos agora, mas eu a seguro com força e determino um ritmo, e enquanto insisto nele, toco algo dentro dela e ela grita. Não pode ser, ela não acredita que isso possa acontecer, não depois de tudo, mas sim, ela começa a voltar para mim, a arquear o corpo de novo, e então ela acerta, e se move no mesmo ritmo que eu. Não pode ser, mas é: ela não está terminando, não está despencando no próprio abismo, mas erguendo-se novamente, erguendo-se e voltando, voltando para o limite para uma última onda de prazer.

Seus sons agora são mágicos, e seu rosto, mesmo com a seda sobre os olhos, tão lindo que preciso de todo meu treinamento para me manter firme. E então quebro uma das minhas regras: fecho os olhos. Sempre observo uma garota até o final, sempre.

Observo seu rosto, noto cada detalhe do seu fim para que essa lembrança possa me dar forças para vencer a semana à frente. Essa noite, porém, fecho os olhos. Fecho e volto, na minha mente, ao lago. Tenho quatorze anos de novo, vejo a jovem Melissa dançar descalça, observando seus pés pequenos e braços lisos, e observando também as mãos de Tim Crockett que sobem por sua barriga. Posso vê-la tão claramente, vê-la *exatamente como ela era*, até sentir o cheiro do lago e sentir na minha espinha o peso de todas aquelas noites, as noites no chalé sonhando com ela, a inocência comovente de nós dois, perdida agora, mas minha novamente por um instante.

31

Vivemos primeiro em nossa mente e somente depois no mundo à nossa volta. Bem, estou vivendo em ambos e, nesse momento, também possuo os dois. As duas Melissas, a princesa inocente do lago e, abrindo os olhos novamente, a bela de trinta anos nas últimas horas de ouro da sua aparência. Ela está no auge agora, fora de si de prazer, e seus gritos e movimentos me levam ao ponto crítico e além dele, até que finalmente arremeto para dentro dela uma última vez, coloco as mãos nos seus seios, os mesmos seios negados a Tim Crockett tantos anos atrás, e a acompanho, por fim, no limite, ao longo dele e muito além.

* * *

A CAMPAINHA TOCA SUAVEMENTE atrás de mim quando saio para a Amsterdam novamente. O ar fresco da noite me cumprimenta como um amigo e tomo o caminho de casa. Uma comédia acabou de terminar no Loews da esquina, e percorro um quarteirão em meio à multidão feliz, passando por casais jovens abraçados acenando para táxis e universitários repetindo as melhores piadas uns para os outros enquanto se dirigem em bandos para os bares ou simplesmente saem para a noite de Nova York.

Dobro na rua 81 afastando-me da algazarra das avenidas e percorro o último quarteirão silencioso até meu edifício. Deveria

estar exausto, mas me sinto limpo e elétrico, o mundo físico a minha volta apumado e forte, os perfis dos edifícios bem definidos contra o céu.

Ela foi tremenda. A melhor que tive desde que comecei a fazer isso, há um ano. Os sons que ela emitia... Meu Deus!

32

Um homem de terno passa por mim, o telefone celular apertado contra a orelha, indagando a algum interlocutor distante sobre cotações da bolsa. Cotações em uma sexta-feira à noite.

Chego ao meu edifício, subo as escadas e entro no meu quarto e sala. Sirvo meia dose de Absolut, visto uma bermuda e saio pela janela para me sentar na escada de incêndio e terminar a noite do mesmo modo como comecei. Dou um gole na bebida e descanso os braços no parapeito de metal, deixando o ar da noite me refrescar.

Tudo em nosso mundo moderno é planejado para nos proteger do contato verdadeiro. O mais perto que chegamos dele são os encontrões no metrô indo para o trabalho na hora do *rush*. Durante todo o dia, nas nossas mesas, falamos com as máscaras profissionais dos outros, resguardados da conversa franca por nossos ternos, cargos e relações hierárquicas. E quando voltamos para casa? Podemos encomendar nossa comida, receber nossa diversão de uma caixa, pagar nossas contas por telefone e então, antes de dormir, podemos nos conectar e nos reinventar na internet, compartilhando fantasias em salas de bate-papo com pessoas que nunca vamos ver e fingindo que isso é intimidade, contato. Não é.

O verdadeiro contato é o momento em que você avança para dentro dela. Vocês estão Face a face, sem possibilidade de fuga para nenhum dos dois. É o único momento real de cada semana para mim, aquele para o qual eu vivo.

Olho para as luzes nos edifícios silenciosos do outro lado da rua e acima deles, para a lua dourada, que nesta noite parece pairar sozinha sobre Nova York. A bela da semana que vem está em algum lugar sob essa lua. Balançando-se suavemente ao som

de alguma banda de suingue, quem sabe, ou folheando volumes em uma livraria 24 horas. Ela pode até mesmo já estar dormindo, sua camisola subindo pela perna pálida enquanto os lábios se abrem no sonho. Quem é ela, pergunto-me, e por quanto tempo vou mantê-la no limite?



CAPÍTULO 2

A PARTE DOS ANJOS.

É o termo que eu estava procurando. Aquele dia precioso na região dos vinhedos no último verão, saindo com Mark do sol quente de Napa e entrando nas caves escuras e úmidas de champagne, puxando seu braço em torno de mim e depois me libertando dele quando meus olhos se habituaram e vi, enchendo o lugar, aquelas fileiras e fileiras de barris de carvalho. Nunca vi nada tão belo. Devia haver centenas deles, cada um operando sua magia no suco da primeira prensagem, o melhor suco das melhores uvas do vinhedo. Olhei para Mark e até ele, o sr. Cerveja, estava impressionado. Eles eram tão simples, aqueles barris, mas tão sólidos e feitos com tanto cuidado, e nosso guia explicou que cada um deles, ao mesmo tempo que emprestava seu sabor, também perdia um pouco do seu vinho pela evaporação. Sim. Uma parte do conteúdo de cada barril atravessava o carvalho e desaparecia no ar. As vinícolas americanas, ele disse, simplesmente registram isso como “perda bruta”, mas os franceses — os criadores do champagne — a chamam de “a parte dos anjos”.

Isso era o que eu deveria ter dito à sra. Brodeur. Perdão, *madame* Brodeur. Que não se pode planejar um casamento até o último minuto. Que em todos os casamentos, todos eles, vai haver um tempo que não se pode contabilizar, tempo que vai...

evaporar, eu deveria ter dito. Como a parte dos anjos. Mas isso não me ocorreu, então, fiquei quieta.

Madame Brodeur é consultora de casamentos — ideia da minha mãe, é claro — e, se eu permitisse, ela presidiria nosso grande dia com um cronômetro. E pensar que ela é de Paris. Não precisou de muito tempo para aprender nossa eficiência americana e perder toda a graça e senso de oportunidade de sua terra natal.

36

Ela concedeu quatro minutos para chegarmos do alto da escadaria da igreja até a limusine, sendo que eu vou estar de vestido de noiva. Reservou cinco minutos para o discurso do padrinho. Dez minutos, na recepção, da primeira rodada de bebidas até nos reunirmos na beira do lago para as fotos.

Ela é louca. Nossas famílias e todos os nossos amigos conduzidos como um rebanho de um lugar para o outro? E só de pensar em seguir um roteiro... Nós fomos a três casamentos no ano passado, Mark e eu, e os melhores momentos são aqueles que não se planejam. Eles brotam naturalmente do encantamento do dia.

Posso ver vovó no salão da igreja depois da cerimônia e parar um minuto para que ela examine minha aliança com seus olhos enfraquecidos. Ou talvez na recepção tio Ralph fique bêbado e queira fazer seu próprio discurso. Ou Sandy, que chorou quando a convidei para ser dama de honra e chorou quando lhe mostrei o vestido, e chora, segundo jura sua irmã, nas primeiras comunhões dos vizinhos, talvez vá chorar de novo quando nos reunirmos para as fotografias, e vamos ter de lhe dar alguns minutos para retocar a maquiagem. Ou até alguma coisa mais boba. Os amigos do noivo vão achar uma bola de futebol e começar a escolher os times, e os garçons vão ter de ser destacados para trazê-los de volta. Ou um dos nossos colegas da UConn, provavelmente Reece ou Jason, vai gritar “Hora dos Huskies!” como fazem sempre que se encontram, e todos os convidados jovens — e vai haver pelo menos uns vinte ex-colegas — vão correr para a grama e montar uma pirâmide humana.

Quero que todas essas coisas aconteçam. Ou outras coisas como essas. Quero que todos bebam, dancem e se divirtam mais que nunca. Quero que seja um dia de alegria.

Durante semanas eu estive bem. De verdade. Porque tudo está se resolvendo perfeitamente. Temos a melhor banda possível. Mark e eu escutamos a fita deles e fomos assistir a duas apresentações em dois locais diferentes, e eles foram maravilhosos nas duas vezes. Qualquer banda que consiga afastar rapazes de Staten Island do bar e levá-los para a pista de dança pode controlar os convidados de um casamento. Eles tocam de tudo, de SKA a Sinatra. Mark revira os olhos quando falo no Frank, mas eles vão tocar “That’s life” nem que eu tenha de escrever a lápis na lista de músicas. Se ele quiser se esconder quando eles começarem a tocar, vou dançar com papai.

Os banqueiros também têm sido um sonho. Judy, a encarregada, casou faz dois meses e não sabe mais o que fazer para nos agradar. Extras de tudo. As flores? Estão escolhidas, e são lindas. Rosas brancas para o altar e a escadaria da igreja, cor-de-rosa ao longo da nave. As damas de honra, todas perfeitas. Ligando ou mandando *e-mails* todas as semanas agora. Sandra perdeu seis quilos desde novembro. “Vou ficar tão magra quanto você, Mimi”, foi seu *e-mail* de hoje. Não vai, mas estará ótima, elas todas são ótimas, todas as seis. Não vou precisar de vestidos de cores ou tecidos que emagreçam e não vou ter de me preocupar, como diz Mark tão delicadamente, com “apavorar” um dos padrinhos do noivo. Eles também são seis, e vão estar elegantes em seus *smokings*, até mesmo Lenny. Todas as damas de honra querem ver fotos e todas esperam flertar, embora *flertar* não tenha sido a palavra que Anne usou.

Enfim, tudo está bem. Ainda faltam cinco semanas, mas o dia parece estar ganhando uma força própria. E quando penso nele, o que acontece a cada quinze minutos, não sinto o menor pânico. Até hoje.

Eu estava na minha mesa dando os últimos retoques na declaração do imposto de renda da Cortez para que o sr. Stein pudesse assiná-la. Stein é o diretor, e estava confiando que eu, com vinte e cinco anos e ainda faltando um ano para concluir o mestrado em tributos, poderia assumir sozinha o trabalho com um dos principais clientes da firma. A declaração tinha de ser perfeita, e estava quase. Tínhamos optado por uma “abordagem agressiva”, um termo muito bem-aceito entre nossos clientes latinos, e eu estava repassando cada item, com uma planilha e a declaração abertas, a uma dedução para alcançar nossa meta. Havia me concentrado em provisões para depreciação. Sim, isso podia funcionar. Poderia ser o que faltava... E então, o telefone tocou.

— Querida, falei com o padre Ryan ontem.

— Mamãe...

— Vou ser breve. É só isso, querida. Se você mudar de ideia, ele está oferecendo seus serviços. Missa completa e comunhão. Nós pagaríamos, é claro, seu pai e eu.

A história do catolicismo de novo. Como se eu fosse mudar de ideia a esta altura. Mesmo que eu acreditasse, ela acha que submeteria meus convidados a uma missa de uma hora? Os padrinhos do noivo iriam levar cerveja para dentro da igreja.

— Mamãe, nós já discutimos esse assunto. Por favor.

— Se você mudar de ideia, é só. Desculpe. Vou deixar você trabalhar. Tchau.

Levantei os olhos e vi o sr. Stein na porta, com a mão erguida pronta para bater, seus olhos bondosos sob as armações metálicas antiquadas fitando educadamente um ponto do espaço logo atrás de mim.

— Olá — eu disse, e o telefone tocou novamente. Ótimo, ele vai pensar que eu passo o dia no telefone.

— Trinta minutos? — perguntou timidamente inclinando a cabeça como se pedisse desculpas. — A declaração da Cortez. Na minha sala?

— É claro — respondi, e atendi ao telefone esperando que fosse um cliente cujo nome eu pudesse repetir enquanto o sr. Stein ainda pudesse me ouvir.

— Mimi Lessing?

Madame Brodeur. E antes que conseguisse lembrar-lhe delicadamente que seria melhor telefonar para minha casa, ela começou com o “cronograma”. Cada precioso elemento do dia do meu casamento — a cerimônia, o arremesso do buquê, a primeira dança — cronometrado com precisão marcial. E antes que conseguisse lhe contar sobre a parte dos anjos, explicar que meu casamento não era uma manobra militar e não seria planejado como tal, ela passou a listar suas “preocupações”. Eu havia me informado a respeito dos horários de silêncio vigentes no salão da recepção? E se a banda se atrasasse? Ou os banqueteiros? Há vegetarianos na lista de convidados? Quem vai atar as alianças à almofadinha, e com que tipo de nó?

Dez minutos se passaram até me livrar dela e olhar para a declaração da Cortez de novo. Alguns minutos antes ela estava clara como o sol, com as últimas cifras prestes a se encaixarem no lugar exato, mas agora só o que eu via era uma confusão de números. Olhei para o relógio. Eu tinha vinte minutos. De onde eu havia tirado aqueles valores de depreciação? Não podiam estar corretos. A última dedução — o que era mesmo? Horário de silêncio? Peguei o telefone.

— Mark, o que é um horário de silêncio?

— Uma lei contra se fazer muito barulho.

— A banda do nosso casamento... e se ela violar essa lei?

— Na Casa de Barcos do Central Park? Quem vai reclamar, os patos?

— E se os banqueteiros se atrasarem?

— Ela ligou para você, não foi?

— E se os convidados forem vegetarianos, Mark? O que eles vão comer?

— Uns aos outros. Mimi, relaxe.

— A almofada das alianças. E se o nó ficar apertado demais?

— Mimi.

— O que foi?

— Quais são as únicas regras de toda e qualquer festa de casamento?

— Eu sei, mas...

— Repita.

Respirei fundo.

— Não deixe a bebida acabar e não deixe a música acabar.

— Nós temos álcool para um exército inteiro e uma lista de músicas suficiente para uma maratona de dança. Pare de se preocupar. É engraçado, mas destrói seus nervos. Vejo você à noite.

Pus o fone no gancho, andei até a janela e me senti melhor de novo. Olhei para o centro de Manhattan, para a fileira de árvores que se estende em linha reta pela Park Avenue. Mark estava certo, é claro. É o dia que importa, não os detalhes. E o dia vai chegar. Vai chegar e nós vamos subir ao altar e ele vai deslizar a aliança por meu dedo, levantar meu véu e me dar o primeiro beijo de casada. Então, vamos nos virar e caminhar ao som de “Ode à alegria” em meio a todas as pessoas que amamos, cruzar as portas da igreja e sair ao sol (aí está uma coisa que Madame Brodeur poderia arranjar, se realmente quisesse merecer seu pagamento). E então, vamos ao Central Park, todos nós, para festejar no gramado perto do lago durante toda a tarde e noite adentro, bebendo e dançando sob as árvores, e até, se a sorte estiver do nosso lado, sob as estrelas.

Voltei para a declaração e ela estava novamente simples como um livro de colorir. Vacas, sim, essa era a chave. Em uma estância, podem-se capitalizar vacas. E elas podem se depreciar. Acrescentei os novos números e imprimi tudo. Trinta e uma páginas no total. Realmente, um prodígio de concisão que atingia todas as nossas metas. Dez minutos depois, o sr. Stein sorriu sobre ela por trás de sua grande mesa de carvalho.

— Uma declaração inspirada, Mimi.

Eu poderia tê-lo beijado.

— Ousada em certos pontos...

Ele ergueu a página 13. As vacas.

— ...mas defensável. Toda ela. Um trabalho de primeira.

Essas palavras são lindas de se ouvir de um diretor a qualquer momento, mas especialmente um mês antes de uma avaliação de desempenho. Levitei pelo resto da tarde no trabalho e na academia no início da noite, onde fiz a melhor sessão de exercícios da semana. *Step*, vinte idas e vindas na piscina, musculação leve, *StairMaster*, aeróbica novamente, dez minutos na sauna para limpar os poros e depois a caminhada para casa.

41

— Linda! — gritou Manuel da pequena banca de revistas na rua 82.

— É assim que eu me sinto — respondi com um aceno.

E é assim que ainda me sinto quando saio do meu apartamento e piso na rua novamente. Deveria pegar um táxi, pois já são quase 8 horas, mas a noite está bonita demais para não caminhar. Vou perder apenas o início do jogo, e isso não é problema. Os outros foram mais cedo e vão guardar um lugar para mim perto do balcão. Vou encontrar Mark, a irmã dele, Sherry, e o homem com quem ela se casou há três meses, Alan, em um bar da rua 62. Sherry também se formou na UConn, e Alan é aluno honorário, de modo que esta noite vamos torcer para os Huskies no grande torneio anual de basquete universitário. Loucuras de março, como eles chamam. Os melhores times do país jogando entre si até restar apenas o campeão. Dura semanas todos os anos, e é muito divertido, uma desculpa para os recém-formados como nós se reunirem em bares e mostrarem seu espírito de grupo.

Eu preciso de uma noitada. Uma noite em que possa esquecer por algumas horas a festa de casamento e o prazo para entrega das declarações de renda. Talvez eu até consiga esquecer a última sexta-feira.

Atravesso na esquina da rua 80 e passo pela porta aberta da cozinha do Ernesto's sentindo o cheiro do pão fresco que eles assam todas as noites. Continuo descendo a Segunda Avenida.

A última sexta-feira. Não acredito que ainda esteja na minha cabeça. Não foi nada, na verdade. Bem, não exatamente.

42

A firma me enviou para um dia inteiro de conferências sobre impostos no Hilton do centro. Mais tarde, no coquetel, um jovem associado da Peat Marwick, Robert — não lembro seu sobrenome —, virou-se no balcão, viu a careta que eu estava fazendo para o meu vinho tinto e me ofereceu seu cálice cheio de um branco italiano. “Nunca confie em contadores de Nova York para escolher vinhos californianos”, ele disse. Eu ri e peguei o cálice, e começamos a conversar. O vinho era refrescante, e ele também. Seca é uma definição bondosa para a maioria dessas conferências e para as apresentações às quais se assiste nelas, mas ele havia dado uma palestra marcante a respeito de paraísos fiscais. Não foi um trabalho de contabilidade tradicional: ele o intitulara “A um passo do paraíso”, e era descontraído e engraçado, além de muito bem desenvolvido.

Ficou emocionado ao saber que minha dissertação de mestrado era exatamente sobre esse tema, e durante outro cálice de vinho fez algumas perguntas e sugeriu abordagens que eu ainda não havia escutado do meu orientador na NYU. É verdade que ele recomendou que eu a intitulasse “Paraísos artificiais”, mas foi muito prestativo e até divertido. Foi uma hora produtiva, e depois que ele marcou na minha cópia da sua apresentação todas as fontes que poderiam se aplicar à minha dissertação e escreveu os telefones de dois diretores que eu podia procurar na divisão internacional da Marwick, olhou para minha aliança de noivado por um longo segundo e depois para os meus olhos, e perguntou se eu já não estava cansada de falar sobre impostos e se não gostaria de — e nesse momento ele se inclinou para bem perto de mim — “tomar um drinque em um lugar mais tranquilo”.

Corei, eu sei — pude ver nos olhos dele. Tomei um gole de vinho, sorri e disse que ia me encontrar com meu noivo, mas tinha certeza de que teríamos a chance de conversar na próxima conferência. Ele teve espírito esportivo e foi muito elegante, di-

zendo que estava ansioso por isso, apertando minha mão daquela maneira casual e provocativa que alguns homens são capazes e voltando ao balcão do bar para se unir aos outros jovens gênios da Marwick.

Foi isso. Nada de mais. Anne me chama de VM, Virgem Maria, mas não sou ingênua. Desvio-me de olhares todos os dias, como todas nós, recuso bebidas em bares e me esquivo, com gentileza se possível, dos mais insistentes. Robert me pegou desprevenida, foi só, cantando-me de repente e, ainda por cima, em um encontro profissional. Foi por isso que enrubesci. Devia ter entendido aquilo apenas como um elogio, como sempre tento fazer, e esquecido. Mas enquanto me misturava, apresentando-me aos outros palestrantes, conhecendo diretores de grandes firmas, passando cartões para clientes em potencial, percebi que eu sempre sabia em que parte do salão Robert estava, e por duas vezes me peguei observando-o, primeiro enquanto ele conversava com uma mulher jovem da Grant Thornton, e minutos depois, enquanto fazia uma piada com o garçom. Ok, ele *havia* me cantado, afinal de contas, e era impossível não o notá-lo em meio àquele grupo, porque era jovem e o único que estava com o paletó na mão e as mangas arregaçadas e, aparentemente, tinha algum apetite pela vida. Era natural que eu ficasse de olho nele.

Ainda assim. O que me perturbou foi uma sensação que eu tinha por dentro. O... despertar.

Era a mesma sensação que experimentei pela primeira vez seis anos atrás, quando parei com Mark na porta do meu quarto na universidade depois do nosso segundo encontro. Ele me deu um beijo, depois outro mais intenso, correu os dedos por minhas bochechas, desceu pelo pescoço e chegou aos primeiros botões abertos da blusa. “Posso entrar?”, perguntou, e senti o aperto no estômago e a leveza nas pernas, e soube, de repente, que o deixaria entrar, que faríamos amor, que Mark era o homem certo para mim.

Senti a mesma coisa muitas vezes desde então. Sempre com Mark, é claro, e sempre conduz ao sexo. Estamos juntos há tanto

tempo que agora sinto com menos frequência, mas ela ainda vem. Voltando a pé para casa do cinema em uma noite quente, por exemplo, quando já faz uma semana que não fazemos amor e eu penso que alguns minutos depois seus braços fortes vão estar me abraçando. Ou saindo do chuveiro em uma tarde de domingo, vendo a trilha das roupas dele que leva até a cama e amarrando meu roupão bem apertado enquanto a sigo, só pelo prazer que o ar no meu corpo vai me dar quando ele o abrir. Só acontece de vez em quando, mas ainda sinto isso, essa agitação. É o despertar do sexo, e sempre foi uma coisa íntima, somente para Mark.

Mas lá estava ela, no coquetel. Senti quando Robert fez sua sugestão e quando ele apertou minha mão tão... cuidadosamente, e mais tarde, depois que nos despedimos, quando eu o localizava do outro lado do salão. O aperto no estômago. A leveza nas pernas.

Tentei culpar o vinho. Afinal de contas, eu havia bebido dois cálices muito rapidamente. Mas não foi o álcool. E mais, não foi nem mesmo Robert. Hoje, mal me recordo de sua aparência. Foi simplesmente... bem... a possibilidade de sexo com outra pessoa.

É isso.

E foi por isso que, quando a sensação não passou, procurei um telefone público, liguei para Mark e disse a ele para estar em minha casa em meia hora. Ele nunca dorme em casa durante a semana, nem mesmo deixa uma muda de roupa, mas naquela noite ele ficou, e nós fizemos amor, e eu... cheguei lá e, depois, deitada no seu peito na penumbra, senti-me bem novamente. Pura e limpa. Quando acordei na manhã seguinte com a brisa fresca entrando pela janela, o coquetel, Robert e todas as preocupações sobre qualquer coisa estavam a quilômetros de distância.

E esse deveria ter sido o fim da história. Mas não foi exatamente assim. Continuei pensando naquela noite. O que Robert teria sugerido se eu houvesse ido tomar aquele drinque com ele? Como teria feito essa sugestão?

Chego à rua 62 e vejo logo à minha frente o toldo berrante do Champions. As janelas do bar estão cheias de nomes de cerveja em néon e flâmulas, e daqui já posso ver que metade da cidade teve a mesma ideia que nós. Gritos animados escapam pela porta aberta, e enquanto procuro minha identidade na bolsa, balanço a cabeça para mim mesma. Escute o que você está dizendo. Se Anne pudesse me ouvir agora ela daria gargalhadas, e estaria certa. Uma noite de diversão e aqui estou eu me preocupando com algo inexistente. Chega. Mostro a carteira para o porteiro, ele faz um aceno de aprovação e entro na multidão ruidosa.

O lugar parece um hospício. Centenas de pessoas — talvez mil — com camisetas de faculdades, todas bêbadas ou chegando lá velozmente e todas segurando listas de apostas, daquelas que são passadas nos escritórios antes dos jogos. Ao longo do balcão estão colocados quatro televisores de tela grande, cada um mostrando um jogo diferente, e no meio do enorme salão estão arquibancadas, arquibancadas de verdade, em tamanho natural, como as que se encontram nos estádios, e elas também estão lotadas, repletas de torcedores e apostadores gritando e xingando enquanto assistem aos jogos, batendo os pés quando seus times partem para o ataque. Um manicômio. Aperto minha bolsa contra o peito e atravesso a multidão para chegar ao bar.

— Ei, ela conseguiu! — Mark me acena do fundo.

Sherry e Alan me abraçam, e este tira a jaqueta do banco que estava guardando para mim.

— Meu carro não vale o que me ofereceram por este banco — ele diz, e eu rio.

Os três estão paramentados com bonés e camisetas dos Huskies. Já estão bêbados e animados para o jogo.

— Para você — diz Mark, entregando-me uma camiseta, que visto sobre minha blusa.

Alan chama um torcedor maluco da UConn com o rosto pintado de azul e branco, as cores da nossa faculdade, que vem pelo balcão e carimba o logo da escola em nossas bochechas. O garçom

é outro ex-aluno e coloca copos de tequila cheios de alguma bebida azul e branca, é claro, na nossa frente, e nós quatro brindamos dizendo: “Aos Huskies!”. Mark, Sherry e Alan tomam os seus de um só gole. Dou o meu para Mark, ele o entorna também.

46

Estamos jogando contra a UCLA, e mais adiante no balcão está um grupo grande e barulhento de torcedores deles, todos loiros californianos. Começam a entoar seu hino para nós, e cantamos o nosso para eles antes e durante o jogo, enquanto o time deles toma a dianteira e depois o nosso passa à frente.

Sento-me ao lado de Sherry, e quando ela sai para ir ao banheiro, passo para seu banco para enxergar melhor.

Alan está vidrado na televisão, morrendo e nascendo de novo com cada lance, e então, de repente, depois que marcamos uma linda cesta, sinto a mão dele na minha perna, apertando o interior da minha coxa com tanta força que eu arquejo. E ao mesmo tempo ele se vira, com os olhos brilhando e a boca aberta. Quando vê que não sou Sherry, dá um pulo no banco.

— Meu Deus! — diz, e depois ri.

— Ela está no banheiro, Alan — digo, e rio também.

Alan ri novamente.

— Pode me dar uma surra, Mark. Acabo de colocar a mão na sua garota.

— No intervalo — diz Mark socando o ar com mais uma cesta dos Huskies, e agora Alan está assistindo ao jogo de novo, Sherry está de volta, e durante o primeiro comercial, Alan se vira para ela e diz:

— Traí você, meu amor. — E conta o que aconteceu, e nós todos rimos mais uma vez.

Após um minuto vou ao banheiro e me sento em um dos cubículos. Estou tremendo. Tremendo tanto que deixo cair meu estojo de maquiagem. O ponto onde ele me tocou está... não há outra palavra para definir: está queimando. Quase desço a meia-calça para ver se ficou alguma marca. “Mimi, Mimi”, digo, mas

minutos depois ainda estou tremendo, e quando toco minha testa, está escaldante. O que está acontecendo? Foi obviamente um acidente, e nunca, jamais, houve nada entre Alan e eu, menos até do que nada, mas... seu toque foi como um choque elétrico. Por fim me recomponho, saio do cubículo, vou até a pia e passo uma toalha úmida pelo rosto, tomando cuidado para não borrar o logo da UConn. Levo cinco minutos para poder voltar à companhia deles.

47

Depois do jogo, saímos juntos. A UConn perdeu nos últimos segundos e o árbitro tomou alguma decisão que nos prejudicou, e Mark e Alan estão absortos em uma discussão a respeito disso enquanto saímos para a rua e andamos até a esquina. Sherry me pergunta sobre o casamento, sobre o qual posso falar até dormindo agora, mas fico um pouco alheia enquanto converso com ela. Ainda posso sentir o toque firme na minha coxa. Mais ainda do que isso, ainda posso ver a expressão no rosto dele. Sua boca estava molhada, e os olhos... selvagens, e naquele centésimo de segundo vi como eles fazem. Como eles despertam para o sexo. Cada casal faz isso de um jeito diferente, e vi o olhar que ele dá a ela quando começam. E o seu apertão foi tão bruto... Sherry não é muito maior que eu. Ela deve gostar...

E então estamos nos despedindo, e Mark e eu entramos em um táxi, Mark ainda balançando a cabeça a cada cinco segundos por causa do jogo, murmurando “droga” e “meu Deus”, e depois olhando para mim, dando-se conta do que estava fazendo e me puxando para perto dele. Sorrio e me encosto no seu corpo, mas quando ele põe a mão de leve no meu joelho quase pulo. A cidade passa pela janela, e capto relances de rostos grosseiros e delicados e reflexos de néon dos bares ao longo das avenidas. Mark nunca agarraria minha coxa em público. Nunca. Ele nunca me olharia daquele jeito. Ele nunca me olhou daquele jeito. Não que eu queira que ele faça isso. Não, absolutamente. Não é isso. É só que...

Chegamos à rua 83 e o táxi freia bruscamente na frente do meu edifício.

— Bem, vamos ter de esperar até o ano que vem, não é? — diz Mark sorrindo.

Coloco a mão no seu ombro.

— Mark, suba comigo.

— Agora?

Digo que sim.

— Tenho uma reunião de produção às sete e meia, e vai ser das difíceis.

— Suba mesmo assim.

Ele olha para mim, depois se inclina e beija meu pescoço.

— Sua tentadora. Amanhã, e é melhor você se preparar.

Deço do táxi e observo enquanto ele se afasta pela rua vazia. O ar da primavera, tão refrescante há algumas horas antes, agora me faz tremer. Entro no edifício e subo os cinco andares até meu apartamento.

Houve somente Mark e ninguém mais por seis anos, desde meu segundo ano na UConn. Ninguém mais porque eu não quis mais ninguém, e em cinco semanas vou assumir um compromisso com ele para sempre, e nenhum momento da minha vida vai ser mais feliz que este. Estou certa disso. Tão certa quanto de minha respiração. Então, o que está acontecendo?

Na cozinha do meu quarto e sala, sirvo um copo de Chardonnay. É dia de semana, época de entrega das declarações, e já tomei um copo de cerveja; mas, mesmo assim, vou tomar este aqui. Um cálice de vinho, um banho quente e depois cama. Levo o cálice para o banheiro e ligo a água. Jogo alguns sais de banho na banheira, pequenos cristais azuis que se espalham e dissolvem sob a força do jato.

Robert, no coquetel, foi uma coisa. Mas esta noite... A corrente elétrica que me atravessou quando Alan segurou minha coxa foi mais forte que qualquer sensação que já tive. E não é só isso. Ultimamente, no metrô ou na rua, comecei não a olhar —

essa palavra é muito forte —, mas a notar os homens à minha volta. Homens atraentes. Eu sei, eu sei. Como se isso fosse grande coisa. O que sou, uma donzela? Tenho vinte e cinco anos. Mas nunca fui assim.

Tiro a roupa e entro na banheira. A água está tão quente quanto posso suportar, e deslizo para dentro dela só até meu pescoço ficar acima das bolhas da espuma. Talvez assim possa afogar esses pensamentos.

49

Nervosismo, Mimi. É só isso. O casamento está tão perto agora, e Madame Defarge, perdão, Brodeur, me obriga a pensar em todos os detalhes, e mamãe está insistindo com a religião novamente, e isso tudo está... pesando sobre mim. Sem falar que estou a um mês da minha avaliação de desempenho e é época de entrega de declarações.

E é primavera. Primavera em Manhattan, o que significa que ninguém, ao que parece, é capaz de pensar em outra coisa além de sexo. Anne, por exemplo.

Anne é minha dama de honra e melhor amiga. Crescemos juntas. Ela está solteira desde que deixou Dan no Natal, e quando tem uma “noite produtiva na selva dos solteiros”, como ela chama, telefona no dia seguinte e me conta tudo. Todos os detalhes. Quantas vezes. As diferentes posições. Sempre tenho de pedir para ela parar. Minhas outras amigas também. Nós cinco nos encontramos a cada duas semanas para beber e conversar, e embora nenhuma seja tão... explícita quanto Anne, sexo sempre é o assunto principal. Mark me garante que com seus amigos é a mesma coisa. Até pior. Se não fosse pelos esportes profissionais, garante, não fariam de mais nada, e ele jura que se eu ouvisse as conversas das noites de pôquer, não deixaria nenhum deles entrar de novo no meu apartamento.

Não compreendo isso, essa obsessão com o sexo. Ela faz ou não faz, discutem eles, e nós devemos ou não devemos fazer, debatemos nós. Não há mais nada de importante na vida? Está

no ar, eu sei, toda nossa cultura está louca por isso. Os filmes. A música. Os escândalos. Os anúncios. Não há como escapar, e acho que isso acaba atingindo todo mundo. Eu, contudo, nunca penso nisso. Ou não pensava.

50

Se houvesse um problema entre Mark e eu, qualquer problema, eu poderia entender, mas não, não há problema.

Bem...

Não é um problema, nunca definiria dessa forma. Não é nem mesmo uma queixa, na verdade. Mas já que estou tentando compreender... existe uma coisa.

Nós... só fazemos de um jeito. O jeito normal. É maravilhoso. Seguro, fácil e natural, e ele sempre se esforça para que eu... fique satisfeita... e três semanas atrás eu teria dito que estou feliz. Eu sou feliz. Para Mark, sou uma flor, e adoro isso. Posso fazer com ele tudo que sonhei que faria com um parceiro. Posso sugerir um museu em um sábado e ele não vai empalidecer. Até conversar com ele sobre livros e ideias.

Só que... existe um fogo dentro de mim, eu sei. E há momentos em que gostaria de... satisfazer esse lado. E há momentos em que quase faço isso. Mark e eu já fizemos amor quando o procurei, e ele retribuiu com intensidade e foi maravilhoso. Mas, ainda assim, seguro. Sempre seguro. E sempre essencialmente do mesmo jeito. Até nossa forma de começar o sexo é a mesma.

Ele me toca, depois olha dentro dos meus olhos, e se retribuo o olhar, andamos até a cama, onde tiro as roupas dele e ele as minhas, e então ou ele começa a beijar meu pescoço ou a me acariciar lá embaixo enquanto nos beijamos. Juro que é assim quase todas as vezes. Se começo de um modo diferente, ele me conduz de volta a essa... rotina. Gentilmente, mas me conduz. Se estamos no chão lendo o jornal de domingo e lhe dou um beijo, sorrio quando me dá aquele olhar e tento puxá-lo para cima de mim, ele sorri mas fica tenso, e para não estragar o momento, levanto-me e vamos para a cama. Ou... isso aconteceu

somente uma vez, há duas semanas, estávamos na cama, prontos, e comecei a subir em cima dele, mas vi seus olhos se contraírem e parei quase antes de começar, deitei-o sobre mim e fizemos do jeito de sempre.

Talvez eu devesse conversar com ele. Nunca falamos sobre sexo. Nenhuma vez. Existem casais, eu sei, que discutem tudo, alugam vídeos e usam até, digamos, acessórios. Nós nunca faríamos nada disso. Até mesmo pedir que ele me possuía... de outra forma — impossível! Imagine, o homem com quem vou me casar. Mas eu não conseguiria. E também não quero, porque ele poderia pensar que fui infeliz todo esse tempo, e isso não é absolutamente verdade. Desde o início sempre houve tanto conforto e segurança no nosso sexo. E nós valorizamos isso. Fui educada como uma boa menina de Greenwich, dezoito anos morando na mesma linda casa de pedra, pais amorosos, escola particular e muito, muito feliz com isso tudo. E quando pensava no amor, pensava em primeiro lugar em uma alma gêmea e, sim, em um protetor, e tenho isso com Mark, com toda a certeza.

Então, por que agora vejo homens e... É menos do que imaginar, não chego a imaginar porque eu mesma me detenho, rejeito esses pensamentos porque... Como é que papai costumava dizer?... Nada de bom pode vir daí.

Mas, só uma vez, só para me sentir... como?

Dominada.

Mimi... Viu aonde a mente pode levar se for deixada livre? Quando você começa a pensar em certas coisas? Não é verdade. É o nervosismo, como disse antes. Nervosismo e nada mais, e isso vai passar. Oh, queria que o casamento fosse amanhã. Quero subir naquele altar e ouvir as palavras do reverendo. As palavras tradicionais. As palavras mágicas. “Você, Mimi...” e todo o resto, até o fim. Ele vai esperar pela minha resposta, a linda igreja de pedra em completo silêncio, vou olhar para Mark e dizer a *minha* palavra, a palavra que muda tudo, e enquanto a disser não vou me lembrar de nada disso. Com o que estou tão obcecada,

afinal de contas? Posições? O ângulo dos corpos? Pensamentos fugazes a respeito de estranhos? O que são eles, perto do amor? Eles não são nada.

52

Amanhã vai fazer seis meses. Seis meses desde que nos deitamos no fundo de um bote a remo no lago do Central Park, Mark deitado de costas no fundo do bote e eu nos seus braços. Batemos contra a margem e Mark nos empurrou para o meio do lago novamente. Deslizamos sob o sol, atravessamos sombras, saímos para o sol de novo, meus olhos preguiçosamente fechados enquanto ele acariciava meu braço, para cima e para baixo, para cima e para baixo, e depois se abrindo para ver na mão dele o anel brilhante.

Isso ainda me traz uma onda de emoção. Uma onda verdadeira de amor e felicidade. Aperto minha bochecha contra o azulejo frio da banheira, termino o cálice de vinho e me levanto da água. Abro a ducha na força máxima e me enxáguo. O anel estava tão lindo naquele dia... Seu diamante capturava os raios do sol, eu me lembro, e os enviava novamente para os olhos de Mark e para as folhas das árvores. Deixo a água mais quente, depois ainda um pouco mais quente, e posso senti-la enxaguando os últimos pensamentos perturbadores do meu corpo. Desaparecem no vapor, e quando desligo o chuveiro, piso no tapete e estendo o braço para pegar a toalha branca e macia, estou limpa e calma novamente. Minutos depois, de camisola, vou para o quarto e subo na cama. Há apenas uma hora eu estava tensa e preocupada, e agora me sinto maravilhosa. Uma canção antes de dormir.

A fita de Pavarotti espera no toca-fitas ao lado da cama. Apago a luz, aperto o botão *play* e em segundos sua voz enche o quarto escuro. “Nessun dorma”. O cantor não consegue dormir. Não enquanto seu amor está longe dele. Tanta beleza. De onde vem a beleza de um homem? Sou uma boba. Queria que Mark estivesse aqui. É o pior dos pecados, esquecer o que se tem e ansiar pelo que não se tem. E o que tenho é precioso. A garota mais sortuda de Nova York e chego em casa preocupada. Chega. Ama-

nhã de manhã vou dar uma escapada do escritório e ir até a videolocadora enquanto eles ainda tiverem filmes bons. O Oscar será em dez dias e ainda não assisti a dois dos concorrentes. Vou alugar o que Mark quer ver, o policial, e convidá-lo para vir em casa amanhã. Vou acender velas, fazer pipoca e antes de os *trailers* terminarem já vou ter atacado. Vai ser perfeito.

Pavarotti sustenta sua última nota ascendente e depois o quarto fica em silêncio. Meu edifício fica bem para o oeste, sobre a água, e se me esforçar posso escutar as sirenes dos barcos. É tão tranquilo... Melancólico. *Durma, Mimi*. Amanhã o dia vai ser cheio. O sr. Stein está me designando uma nova conta para mim. Algo especial, ele disse. É a última coisa de que preciso, a esta altura dos prazos, mas vou ter um ajudante. Vou trabalhar nessa declaração com um novo associado, um homem jovem que chegou à firma no mês passado.

Jake Teller, acho que é o nome dele.

Por favor, faça que ele não seja difícil. Não será, tenho certeza. Pare de se preocupar, Mimi. Ok, já parei.

Dormir. Sonhar com véus.



CAPÍTULO 3

MIMI LESSING FAZ O MESMO CAMINHO a pé todos os dias. Anda quase um quarteirão a mais do que se continuasse pela Primeira Avenida, mas em vez de clandestinos e andaimes lúgubres termina sua caminhada com um conjunto vibrante de lojinhas familiares. Primeiro passa pela quitanda, com cestas de frutas frescas abertas, a seguir pela *délicatessen* apinhada, onde a conhecem pelo nome, e depois pela banca de revistas, onde cumprimenta o rapaz latino sorridente que, nos seus dias mais desanimados, lhe vende um bilhete de loteria e depois se debruça para fora da banca para olhar seu traseiro. No meio do quarteirão, seus olhos com frequência examinam os detalhes delicados da pedra talhada dos edifícios antigos e depois descem novamente quando ela passa pela pequena galeria de arte que tem as aquarelas de que ela gosta na vitrine. Depois, um aceno amigável para o tintureiro asiático que passa seus terninhos e, por fim, um pouco antes da esquina, a vitrine de vidro enfumaçado da Vine. A Vine é uma casa de vinhos elegante, e a srta. Lessing raramente passa por ela sem parar para ler a seleção do dia. Se um deles a intriga, como aconteceu hoje, ela pega uma caneta na bolsa e anota o nome.

Todas as tardes eu a vejo quando ela entra no quarteirão dobrando a esquina, eu sentado no meu lugar junto à janela do La

Boheme, a imitação de café parisiense do outro lado da rua. Hoje ela estava usando um *tailleur* azul sóbrio, compensado por meias-calças brancas. Observei-a até dobrar a esquina seguinte, e então levei minha xícara até o balcão e saí do aromático La Boheme para a rua apinhada. Caminhei para o leste, depois para o sul, cruzando a área que era conhecida como Germantown. Há quarenta anos meu pai me trazia aqui nas manhãs de domingo para bisbilhotar nas lojas de salsichas. Agora elas são bares ou butiques.

Desço as ruas Setenta e Sessenta. Na rua 57, o clamor de Nova York deu lugar à calma de Sutton Place, e de lá foram menos de três quarteirões até a clareira, uma pequena extensão de grama e flores entre dois edifícios cinzentos. A clareira proporciona uma vista desimpedida do rio e do seu calçadão, mas fica afastada o bastante para se poder observar em paz.

Como faço agora.

Três noites por semana a srta. Lessing faz ginástica na academia, mas nas outras três ela corre ao longo do rio. A qualquer momento vai surgir. Seguro a balaustrada e observo o calçadão. Uma mulher jovem passa correndo com um top espalhafatoso, e outra com um *short* bem curto.

Lá está ela.

Vestida discretamente como sempre, sua longa camiseta chegando quase nos joelhos. Nesta noite seus cabelos castanhos estão presos em um rabo-de-cavalo apertado. Seu queixo está levantado, suas pernas de corredora dão passadas largas e uniformes. Que porte! E então ela some. Leva sete segundos para passar por meu campo de visão.

Observo o vento da primavera encrespar a superfície sombria do rio. Quando ela ressurgir no seu caminho de volta, vai estar linda em sua exaustão. A cabeça abaixada, pequenas gotas de suor em torno do seu rosto macio. Olho para o meu relógio. 18h40. Vai demorar cerca de vinte minutos.

Observo as ondas e me acomodo para esperar.

CAPÍTULO 4

A PRIMEIRA REGRA DA ÉPOCA de entrega de declarações é nunca atender ao telefone. Eu atendo, certo de que é Pardo ligando para aceitar a oferta de cadeiras quase dentro da quadra para o jogo dos Knicks que deixei com sua secretária há alguns minutos.

— Jake Teller — digo.

— Sr. Teller. — Reconheço a voz do diretor Abe Stein. — Qual é a primeira regra desta época do ano?

— Selecione as chamadas.

— Certo. Abe Stein falando. Pode vir até minha sala, por favor?

— É claro.

Olho para a imensa pilha de declarações por fazer sobre minha mesa e depois para a lista de recados telefônicos. Cada um deles é de um cliente querendo conselhos de última hora. Mesmo os mais certinhos se tornam muito criativos quando se aproxima o prazo de entrega, e nos ligam atrás de novas definições da diferença entre sonegação e dedução. Percorro o longo corredor, passo pela recepção, entro no corredor acarpetado da ala sul e chego à sala de canto do sr. Stein. Uma visita a essa sala só pode significar mais trabalho, e enquanto bato na pesada porta de mogno, já sinto saudades dos expedientes de quatorze horas das duas últimas semanas. Só espero que seja uma simples declaração, nada de muito esdrúxulo.

— Entre.

O sr. Stein está sentado atrás de uma imponente mesa de jacarandá. Tem o ar calmo de um professor, mas o folclore da firma diz que, quando os diretores se reúnem, a última e mais sonora palavra é a dele. À sua frente, em uma das poltronas de couro reservadas aos clientes, está uma mulher jovem.

58

— Olá, Jake — diz o sr. Stein. — Você conhece Mimi Lessing?

— De vista — digo.

Nós nos encontramos por dez segundos na minha primeira manhã de trabalho aqui. Na correria em que entramos desde então eu havia me esquecido dela, embora não possa entender como. Ela é linda. Flexível, talvez uma corredora, com olhos castanho-claros e pele azeitonada. Sob o *tailleur* leve usa uma regata que se afasta do alto dos seus seios lisos quando ela se inclina para a frente para me cumprimentar.

— Olá — ela diz enquanto aperto sua mão pequena e quente.

— Olá.

— Estou designando uma nova conta para vocês dois — diz o sr. Stein.

Deus deve estar muito satisfeito comigo. Dez bons rapazes judeus e ela, e eu fico com ela. Sento na outra poltrona.

— Mimi — diz o sr. Stein —, você se lembra de Andrew Brice? — Mimi tenta localizar o nome, mas não consegue, e o sr. Stein aponta com a mão aberta para a parede. — Vão dar uma olhada naquele quadro, vocês dois.

Levantamo-nos e andamos até a moldura dourada que envolve uma folha antiga de papel timbrado da empresa. O papel amarelou e seus cantos se corroeram. A tinta está desbotada, mas legível.

— É uma declaração de renda — digo.

— Realmente. De um tal de Theodore Brice, do ano fiscal de 1924. Conseguem ler os números?

Dou um passo na direção do vidro.

— Cento e dez mil dólares?

— Isso mesmo. Mais do que Babe Ruth ganhava. Theodore Brice serviu com nosso sócio-fundador, Fred Hyson, na Grande Guerra. Hyson voltou e fundou esta firma. Brice voltou e foi estudar direito, e depois trabalhou para os Rockefeller. Vocês se lembram das aulas de história americana?

59

Olho para Mimi.

— Era a época da Standard Oil — ela diz.

— Muito bem. Venham, sentem-se.

Sentamos.

— Brice era um tubarão antes de essas águas ficarem infestadas deles. Um pioneiro dos grandes negócios e da prática de assegurar uma boa porcentagem para o advogado que os fechasse.

— E nós fazíamos suas declarações? — ela pergunta.

— Fred Hyson as fazia pessoalmente. E eles desenvolveram um hábito. Todos os anos, em primeiro de abril, Brice levava Hyson para almoçar no Algonquin. Depois da refeição pedia um *Rob Roy*, pingava uma gota na declaração para dar sorte e depois assinava seu nome.

Mimi se inclina para a frente e a regata se afasta da sua pele mais uma vez. Levanta uma das mãos e a aperta contra o peito.

— Andrew Brice — ela diz. — Agora me lembro. Nesta mesma época, no ano passado, no elevador. O senhor nos apresentou. — O sr. Stein assente. — Então, ele é um herdeiro. — Ele assente de novo.

— E mantém o costume do pai? — pergunto.

— De certa forma. O filho não herdou o tino nem o entusiasmo do velho.

— Em questões financeiras?

— Em todas as questões. — O sr. Stein se inclina sobre a mesa e noto pela primeira vez as duas pastas em cima dela. Ele pega a mais grossa. — Theodore Brice morreu rico em 1970. Um

mês depois, seu único filho, Andrew, vendeu todo o patrimônio, exceto algumas propriedades no norte do estado. Preferiu receber sua herança em dinheiro, aparentemente. — Devolve a pasta à mesa. — Depois dos impostos de transmissão e tudo o mais, essa herança foi de 10 milhões de dólares. E tanto quanto sabemos, ele vive dela e de nada mais desde então.

— Ele não trabalha? — pergunto.

— Nem um único contracheque em trinta anos. — Apanha a segunda pasta e a abre. — Nenhum registro de renda além dos juros.

— Ele pode ter investido na bolsa, talvez? — diz Mimi.

— Não tenho certeza se Brice sabe a diferença entre uma ação e um título. Ele nunca comprou nenhum deles. Sua estratégia de investimento foi dividir os 10 milhões igualmente em vinte contas bancárias, 500 mil em cada uma.

— Ele tem medo de que os bancos possam quebrar? — pergunto.

— Ou de uma guerra. Ou peste. Ou gafanhotos. Brice não é nosso investidor racional padrão.

— Mas devemos tê-lo esclarecido quanto a outras opções — diz Mimi.

— George Hyson, o filho do fundador, tocou no assunto em 1971, no primeiro almoço dos dois. Andrew Brice deixou muito claro que isso não deveria acontecer novamente, e não aconteceu. — O sr. Stein tira os óculos e os limpa com um pano macio. — Todas as firmas têm suas concessões a clientes peculiares. Brice é a nossa. Vocês conhecem o termo que usamos para elas? — Olha para mim.

— Casos de cortesia — digo.

Ele assente.

— A declaração de Brice nos toma uma hora de cada ano. Pela qual, a propósito, ele insiste que cobremos o preço especial para funcionários. Portanto, ele rende anualmente à Hyson Levay oitenta e cinco dólares. — O sr. Stein recoloca os óculos e olha

para nós dois novamente. — Vocês estão pensando em uma maneira delicada de me perguntar o que isso tem a ver com vocês. — Faz uma pausa. — Alguma coisa se apossou do nosso herdeiro. Faz cinco anos que George Hyson se aposentou e me legou a honra de acompanhar Brice no almoço, e nesses cinco anos, ele não telefonou sequer uma vez para este escritório. Jamais teve uma dúvida a respeito de impostos, nunca solicitou uma palavra de orientação financeira. Ele simplesmente aparece ao meio-dia do primeiro de abril de cada ano, leva-me para almoçar e assina sua declaração de renda e a conta. Até hoje de manhã.

— Ele telefonou? — diz Mimi.

— Sim. Andou pensando e concluiu que ter uma estratégia de investimentos seria prudente, afinal de contas.

Mimi e eu trocamos um olhar. As maçãs do seu rosto são altas e estreitas, com um toque de rubor.

— Depois de trinta anos? — ela diz.

O sr. Stein assente.

— Depois de trinta anos. — Fica em silêncio de novo, seus olhos passando por nós e descansando sobre uma aquarela francesa na parede, observando-a por um instante e depois retomando. — Mimi, você causou uma impressão mais forte no nosso caso de cortesia do que ele em você.

— É mesmo?

— Ele pediu que você seja designada para essa conta.

— Eu só o vi por um segundo.

— Sim. Bem, ele requisitou você, e quando podemos, tentamos manter herdeiros satisfeitos.

Faz outra pausa e agora se inclina para a frente. Lá vem o golpe.

— Brice quer um curso intensivo sobre gerenciamento financeiro moderno — diz o sr. Stein. Tira um bilhete de dentro da pasta mais fina e olha para nós por sobre ele. — Mercados financeiros, títulos do Tesouro, fundos mútuos, *commodities*, derivativos: a história e as perspectivas de cada um deles.

Meu Deus! Por que não física quântica e viagens espaciais também? O sr. Stein olha para mim.

— Agora, o *senhor* sabe por que está aqui, Sr. Teller.

O homem leu meu currículo. Realmente *leu*. No item “Especializações”, listei “instrumentos financeiros”. Um pouco forçado, uma vez que meu único contato com eles foi um curso de três semanas no meu último ano na Ham Tech. Jeremy dividia o quarto comigo na época e também era meu colega, e graças a um tórrido romance com os dados, eu passava as manhãs me recuperando da ressaca das festas de inverno enquanto ele se atolava na neve para chegar às aulas com o *notebook* na mão. Acho que compareci a três delas. Quanto ao conteúdo, guardo uma imagem nítida de mim mesmo parado na frente do dormitório do *campus* na noite das provas finais, queimando todos os meus cadernos.

— Ele quer cinco cenários de investimentos — diz o sr. Stein —, com estimativas de risco e retorno para cada um deles, para mercados em ascensão e em declínio. Preciso de tudo isso em minha mesa na manhã do dia primeiro, daqui a dez dias. — Olha para nós. — Vocês conseguem?

Mimi assente.

— Estou certa de que conseguiremos — diz.

Ele olha para mim, e eu concordo.

— Pelo menos vocês vão ser poupados do almoço. Generosidade é outra qualidade que Andrew não herdou do pai. No ano passado, se me recordo, foi um sanduíche e uma água tônica na Carnegie Deli. — Inclina-se para a frente com as duas pastas nas mãos. — Não sei o que podemos esperar de Brice, talvez nada. Mas a conta dele não nos deu qualquer retomo por trinta anos. Vale a pena tentar.

Cada um de nós pega uma pasta.

— Isso é tudo. Obrigado.

Levantamo-nos e saímos juntos da sala. Mimi fecha a porta atrás de nós e olha para mim sorrindo.

— Você está tão soterrado de trabalho quanto eu? — pergunta enquanto atravessamos o corredor em direção à recepção. Seu perfume é leve, sedutor.

— Duas semanas trabalhando aqui e este é o ponto mais distante a que cheguei da minha mesa.

Ela ri.

— Conheço essa sensação. Vamos ter de fazer isso à noite, não é?

— Sim.

— A festa de hoje, a despedida de Diane Silio. Você vai estar lá?

— Vou — digo.

— Vamos combinar um cronograma de trabalho, então?

— É claro.

Ficamos em silêncio por um segundo.

— Muito bem — diz enquanto passamos pela recepção e entramos na ala norte. — De volta à labuta. Vejo você à noite, Jake.

Ela sorri e se dirige à sua sala. Observo-a desaparecer atrás de uma quina. Dez segundos se passam e eu ainda estou parado no corredor olhando para a parede.

Depois que meus pais morreram, fui criado pelo meu avô. “Você não vai perceber, Jake”, ele me disse certa vez. “E não vai conseguir explicar. Mas vai saber.” Volto lentamente para minha sala e me sento à escrivaninha. Estendo a mão para o telefone. Jeremy atende no segundo toque.

— Jeremy Nascent.

— Jeremy, é Jake. Gostaria de ver os Knicks na semana que vem? Comigo e com Pardo. Terceira fila.

— Uau — diz, mas ouço a ponta de nervosismo que sempre causo nele. — Do que está precisando, Jake?

— De duas coisas. Preciso que você examine a pasta de um cliente para mim. E preciso de um curso intensivo sobre instrumentos financeiros.

— Para quê?

- Para impressionar uma garota.
- Ele ri.
- Você não vai deixar de citar a fonte, não é?
- Se ela perguntar.
- Ok, Jake. Dê um pulo aqui nesta noite com a pasta.
- Que tal amanhã no almoço?
- Está bem.

Desligo o telefone e giro lentamente minha cadeira até ficar de frente para a janela. Olho para o céu claro de Manhattan. Amanhã vou aprender tudo sobre instrumentos financeiros e as necessidades de investimento de Andrew Brice. Hoje é a festa de despedida de Diane Silio. Todo mundo da firma vai estar lá. Incluindo Mimi Lessing. “Vejo você à noite, Jake”, ela disse. Fecho os olhos.

Sim, ela vai estar lá. E vai me ver em ação.

* * *

DIANE SILIO PEDIU DEMISSÃO NO dia em que comecei a trabalhar na firma. A noite de hoje está sendo planejada desde então.

Diane é a primeira coisa que vejo quando saio do elevador toda manhã, uma garota das avenidas do Brooklyn com olhos cor de café, e sua pele alva é um oásis de frescor em meio ao couro escuro da área da recepção. Foi contratada quando havia terminado o segundo grau, há sete anos, quando nossos diretores ainda podiam se dar ao luxo de escolher as recepcionistas pela bunda. Manteve a sua e todo o resto em perfeito estado, e ainda assim é uma daquelas raras belas do Brooklyn que escapam do corredor polonês de policiais e encanadores do bairro e chegam ao mercado aberto. Foi uma contribuição valiosa à firma, tenho certeza, inspirada a ser eficiente a cada dia pela aura de dinheiro que cerca este lugar, mas ao mesmo tempo cuidando para usar saias na altura do joelho e blusas sem decote, deixando suas pernas perfei-

tas e protuberâncias macias operarem nos homens do mesmo modo como os doces da padaria da esquina nos tentam por trás do vidro.

Houve uma fagulha entre nós desde o primeiro momento. Trocamos duzentas palavras nas duas semanas em que estive aqui, mas seus olhos calmos se fixam nos meus um quarto de segundo a mais cada vez que busco um café para ela, e sua voz, firme e distante quando passa ligações para outros contadores, é alegre, até calorosa quando as passa para mim. Parte disso é pura sorte, por pegá-la na despreocupação dos seus últimos dias, sua mente já enfeitada pela areia negra de Maui, pelas duas semanas de aviso prévio remunerado e drinques tropicais que ela vai desfrutar com uma amiga a partir de amanhã, antes de aterrissar em sua nova e mais interessante vida como secretária de um escritório de advocacia.

Mas é mais que sorte. Os outros dez homens daqui são trabalhadores sérios com óculos de armações metálicas, que leem o Código Tributário no seu tempo livre, e somando todos, talvez tenham tido três encontros e uma trepada no último ano. Podem se tornar diretores antes que eu, mas nenhum é capaz de mexer com a srta. Silio, e nenhum deles ousaria se aproveitar do seu risonho último dia na casa.

Fui contratado mais por ser um sujeito normal que por alguma espécie de mágica que eu seja capaz de fazer com uma declaração de renda. Fui reserva da seleção das universidades do leste do país enquanto estava na Ham Teach. Em termos de basquete, isso só quer dizer que eu podia enfrentar qualquer branco com menos de um metro e noventa entre Albany e Buffalo, mas na sala de entrevistas da Hyson Levay isso e o fato de eu ter casualmente mencionado ser membro de uma fraternidade elevaram minha cotação. Sol Levine, o diretor que me entrevistou, conhece os caprichos do dinheiro. Sabe que os melhores contadores são os esforçados, e encheu a firma com uma turma das mais dedicadas. Mas também sabe que a busca do capital ainda é metade do

jogo, e percebeu que eu seria capaz de entornar todas as cervejas necessárias com os atletas não judeus e os ex-membros de fraternidades que essa firma precisa ter se quiser que suas velas financeiras se inflem tanto no novo século quanto faziam no antigo.

66

Parte do meu trabalho é ir atrás desses caras, meus colegas de cinco curtos anos atrás. Membros da Chi Psi e Psi U que cambalearam pelo palco na formatura, falando em meio à ressaca sobre Jamaica, Antígua, St. Martin e sobre os três meses de sol e baseados que varreriam qualquer vestígio da sua educação liberal que ainda houvesse sobrevivido à última semana de aulas e lhes possibilitaria começar do zero e sem escrúpulos nas grandes firmas de Wall Street no outono. Alguns deles já estão ganhando muito dinheiro, e algumas vezes por mês tenho a obrigação de acompanhar um ou outro nas nossas cadeiras de pista do Garden, nos nove buracos do campo de Amagansett ou até mesmo, se for esse tipo de cara, em uma noite no Scores, seguindo o raciocínio de que, no final das contas, quando decidirem que precisam de alguém para contar o dinheiro para eles, vão se lembrar de Sprewell saltando sobre Shaq para enterrar, ou da madeira três que conseguiram colocar no *green*, ou do anjo loiro com sorriso de escolar que se inclinou para trás sobre o traseiro dourado, descruzou os tornozelos enfeitados pelo salto alto e lhes ofereceu um longo e doce vislumbre do paraíso. Vão se lembrar, procurar o telefone e ligar para nós.

Essa é a teoria, pelo menos. Vamos ver. E se isso me custar caro? E se eu chegar até certo ponto e empacar, e assistir aos esforçados passarem na minha frente e se tornarem diretores? Que seja. Porque neste momento todos eles estão olhando para o brilho verde e mortiço das planilhas que levaram para casa no fim de semana, e eu estou dentro de uma limusine observando Diane Silio sair pela porta de um bar e cruzar o círculo de luz suave do poste da rua, o vento brincando com o colarinho aberto da sua blusa enquanto ela dá os últimos abraços de despedida nas nossas secretárias e agora caminha na direção do carro, altiva e

sinuosa, deixando sua vida antiga para trás e iniciando uma noite que não é sequer capaz de imaginar.

É o costume da firma, no último dia de trabalho de um dos seus funcionários, oferecer-lhe uma festa no Porterfield, no distrito financeiro, um santuário imaculado da cultura do *gentleman* e um dos favoritos dos diretores. Às cinco da tarde as secretárias e alguns de nós, associados júniores, levamos Diane para lá e durante duas horas ela ficou sentada entre nós no balcão reluzente, bebericando Kahlua com creme, com as pernas recatadamente cruzadas apoiadas em um dos bancos do bar. Seus olhos encontraram os meus mais de uma vez, mesmo depois de os sócios terem começado a aparecer, cada um deles permanecendo tempo suficiente para um martini ou *old-fashioned* e depois evocando clientes ou família, entregando a Diane um envelope de despedida com bordas douradas, aceitando o abraço pelo qual esperaram sete anos e indo para seus carros e fins de semana em Connecticut.

Enquanto se revezavam com ela, olhei na direção da porta e vi Mimi Lessing atravessá-la. Sacudiu levemente os cabelos longos e andou na direção do grupo. Pedi ao garçom um cálice de vinho branco e o estendi para ela quando se aproximou.

— Jake Teller — ela disse sorrindo. — Puxa, muito obrigada.

— À vida após a entrega das declarações — eu disse batendo meu cálice contra o dela.

— Amém. — Na luz suave do bar, seu cabelo escuro brilhava, e novamente meus olhos procuraram a pele macia sob a regata. — Meu último cálice até primeiro de abril — ela disse. Tomou um gole. — Então, você está conosco há duas semanas?

— Sim.

— O que o trouxe?

— As probabilidades. Duzentos associados e oito diretores na Grant Thornton.

Ela riu.

— Aqui são doze contra quatro. Bem, você escolheu uma boa hora para começar. — Os olhos de Mimi se fixaram em um

ponto além de mim por um segundo. — Você deve conhecer Diane bem — ela disse.

— Por quê?

— Ela o está observando.

68

Estava. O último dos diretores já havia ido embora e todo mundo relaxado. Diane, aquecida pelos drinques, pela atenção e pelo volume escuro das notas de cem dentro dos envelopes no colo, tirara o grampo que prendia seus cabelos macios e se dedicava a aproveitar a última hora da sua noite especial. “Quem conhece Maui?”, perguntou com os olhos presos nos meus, e quando eu disse que um amigo havia ido para lá no ano passado e retornado convicto de que aos vinte e seis anos as duas melhores semanas da sua vida já haviam passado, ela abriu um espaço para que me sentasse ao seu lado no bar. “Com licença”, eu disse a Mimi, que inclinou o cálice de vinho para mim. Percebi um tênue odor de rosas no perfume de Diane quando deslizei para o seu lado, e contei seis botões na sua blusa creme antes de ela desaparecer dentro da saia cinza. “Do que gostou mais?”, perguntou, e seus olhos castanhos, ternos como os de uma adolescente, encheram-se de vida enquanto eu lhe falava sobre os tapetes de cinzas mornas que ela podia atravessar nas bocas abertas dos vulcões e sobre os golfinhos treinados que nadavam com os hóspedes nas praias particulares do hotel. Suas pernas cruzadas começaram a balançar gentilmente. Um minuto depois olhei para o relógio.

— Está na minha hora — eu disse.

— Já?

— Vou encontrar uns amigos em outro bar.

Os olhos dela se mantiveram nos meus, sugerindo tão claramente quanto se houvesse dito em voz alta que os outros teriam de ir embora logo e que, se eu pudesse esperar, a noite não teria que terminar em um bar.

— Você vai aparecer na firma quando voltar? — perguntei.

Diane olhou para baixo, depois para mim de novo, a oferta em seus olhos diminuindo até sumir completamente.

— Com as fotos — ela disse, estendendo a mão esguia e branca.

Apertei-a e me despedi dos outros. Enquanto atravessava o grupo parei na frente de Mimi.

— Amanhã à noite? — eu disse.

Ela assentiu.

— Oito horas na sala de reuniões?

— Ok.

— Eu levo a cafeína — ela disse. — Divirta-se com seus amigos, *Jake*.

— Com certeza.

Saí para a rua. Entre as Torres Gêmeas ainda podia ver o sol vermelho mergulhando na água. A noite, com todas as suas promessas, estaria ali em minutos. Subi o quarteirão até a limusine negra que esperava na esquina, com a insígnia familiar em forma de estrela do Orion Car Service na lateral. Graças aos longos expedientes desta época do ano, eu conhecia todos os dez motoristas. Dessa vez, quem estava atrás do volante era Rudy, com o braço enorme repousando na janela aberta e o *Post* aberto no colo.

— Rudy.

— Jake.

— Este é o carro de Diane Silio?

Ele assentiu. Abri a porta, entrei e me recostei no banco de couro. Pela divisória aberta encontrei os olhos de Rudy no espelho retrovisor.

— Seu cachorro — ele disse.

— Vamos ver.

E aqui estou eu. A noite agora está sobre nós, e o distrito financeiro está em silêncio. Os arranha-céus já cuspiram os últimos executivos e parecem sentinelas enfileiradas na Wall Street. Através do assoalho da limusine posso sentir o rugido baixo do metrô. Ele se vai, seu estrépito dá lugar ao silêncio e agora ao clique, clique mágico dos saltos de Diane Silio. “Tchau”, despede-se, e então a porta da limusine se abre e vejo uma saia cinza,

e onde se divide ao longo da fenda, uma coxa firme envolta em meia-calça, depois um vislumbre de blusa e, subitamente, os olhos castanhos de Diane, chocados como os de uma vítima, mas se recuperando no mesmo instante. Está com metade do corpo dentro do carro, o pulso apoiado no banco, os olhos nos meus, ainda nos meus.

70

Ela desliza para dentro.

— Clermont, 715 — ela diz, olhando para a frente enquanto puxa a porta. — Esquina com a De Kalb.

Nenhum homem que se contenta com uma mulher fixa, ou mesmo que paga por sexo, jamais vai conhecer a emoção desse momento. A eletricidade. Afastamo-nos do meio-fio, acelerando suavemente em um semáforo amarelo, depois subimos a rampa curva da ponte, entrando no fluxo das luzes que se movem em conjunto deixando para trás a silhueta perfeita de Manhattan e indo na direção da maltratada zona portuária do Brooklyn. Inclino-me para a frente e fecho a divisória. Estamos sozinhos, com um metro de couro preto entre nós, na escuridão.

— Eu moro no andar acima dos meus pais — ela diz. — Sozinha.

Olha pela janela para a boca larga e escura da baía e para o vazio além dela. As luzes da ponte entram pela janela, caindo sobre seu pescoço puro e desprotegido, sobre o branco dos seus joelhos cobertos pelas meias e apertados um contra o outro. Apertados para controlar o turbilhão que surgiu dentro dela duas semanas atrás, que se transformou em febre quando ela fechou a porta da limusine e que não para de aumentar enquanto rodamos. Olha pela janela, mas eu duvido que seja a água o que vê. É o doce e difícil momento do alívio. Como ela o imagina? Um primeiro beijo violento e depois um apertão contra a parede?

Se ela soubesse...

Saímos da ponte e logo estamos em Flatbush, nas entranhas do Brooklyn. Rodamos pelas avenidas escuras, feitas de sombra e concreto: outro país. No semáforo, acima do zumbido do motor,

podemos ouvir o chamado longínquo de uma sirene, toda sua urgência dissolvida pela distância.

— Dê-me suas chaves — digo.

Ela para e depois as pega na bolsa e as entrega para mim.

— Junte os pulsos.

Ela me fita com os olhos úmidos de tensão e pressiona os pequenos pulsos um contra o outro, observando enquanto eu afrouxo minha gravata e a puxo pelo colarinho. Enrolo a gravata em torno dos seus punhos duas vezes, amarro com um nó apertado e então tiro um canivete suíço do bolso e corto o tecido que sobra. Meu rosto e o dela estão próximos agora, quase se tocando. Posso sentir o aroma do Kahlua doce em seu hálito e novamente a rosa em seu pescoço, e preciso reunir todas as minhas forças para não começar agora, para não beijar os lábios cheios que já se abrem de excitação. Coloco as mãos dela gentilmente no colo, cubro com o casaco e me viro para a janela.

71

Minutos depois, encostamos na frente do número 715 da rua Clermont.

Seu prédio é uma construção de pedra com portão em uma fileira de outros absolutamente idênticos. Eu a guio pela escada, minha mão na curva das suas costas. O vidro esmagado no concreto faísca como lantejoulas, e o ar da noite cheira a poder. Subimos rapidamente a escadaria. No alpendre, enquanto testo as chaves na fechadura, ela olha para baixo, para o quarteirão onde cresceu, seus olhos se tornam mais profundos e depois se incendiam quando algum fio de lembrança conecta a menina que brincava nesses mesmos degraus com a mulher que agora está parada sobre eles com as mãos presas, ansiando pelo alívio que aguarda do outro lado da porta de madeira da sua infância.

Entramos no corredor. À nossa frente estão as escadas que levam ao apartamento dela. Quando percebo, ela está com o pé no primeiro degrau.

— Espere — digo, pegando seu cotovelo e com a outra mão ainda nas suas costas.

Eu a conduzo não escada acima, mas para a direita, pelo corredor estreito que termina sete metros mais adiante em uma porta com uma plaqueta central onde se lê: SILIO.

— Meus pais — ela sussurra, tentando parar.

— Está tudo bem.

72

A um metro da porta, paro e a empurro contra a parede. Ela espera, tremendo, por um beijo bruto, mas eu pego suas mãos amarradas, levanto-as sobre sua cabeça e empurro contra o gesso frio. Então, ergo Diane pelos pulsos finos e pouso a gravata que os prende sobre a ponta curva de um sólido gancho de bronze para pendurar plantas, e o tecido desliza até a base do gancho, mal permitindo que os pés dela toquem o chão.

Ela está totalmente esticada, e está extasiada.

Algumas mulheres devem sua boa aparência à moda ou à iluminação, mas a dela é real: cada curva deliciosa responde ao teste rígido dos nós. Seus seios, agora forçando a blusa de algodão, estão tão cheios e próximos que eu desvio o olhar para me controlar. Olho para as belas veias azuis em seus braços finos, para os joelhos apertados. Pela porta dos seus pais podemos escutar a fala monótona da televisão. Ela molha os lábios, desesperada para acreditar que eu não seria capaz de fazer isso, mas pegando fogo só de pensar que seria.

— Não podemos — murmura.

Mas podemos. Levanto seu queixo e por fim saboreio o pescoço macio que me atormentou desde o primeiro dia. Ela arqueja.

— Lá em cima — murmura. — Podemos fazer qualquer coisa.

Contra a parede está uma pequena cadeira de armar que seus pais devem usar para calçar as botas que guardam embaixo dela. Eu a monto silenciosamente bem em frente a Diane e sento.

— Por favor — ela sussurra.

Mas começo por seus sapatos pretos, e cada tira de tornozelo aberta arranca um rápido suspiro dela. Descalça, ela é forçada a

ficar na ponta dos pés, suas coxas tensas em um relevo perfeito apertadas embaixo da saia. Corro minhas mãos por trás das suas meias, a seda fresca agora aquecida por dentro, e paro logo antes do traseiro. Aperto gentilmente as coxas duras. Suavemente. E depois com força.

Somente o nó a mantém em pé. Ela forceja contra ele, fecha os olhos e cruza os tornozelos para deter a onda que a percorre agora.

73

— Não — murmura sacudindo a cabeça.

Mas quando subo as mãos por suas pernas uma segunda vez os joelhos se afastam, primeiro um centímetro, depois outro, abrindo-se para o prazer, para o doce tormento ao qual ela quer se entregar, está se entregando, até que, pela porta, a explosão súbita de uma risada a traz de volta.

— Não — ela murmura. — Por favor.

Tiro suas meias tomando o cuidado de passar os dedos pelo interior de suas coxas. Ela as aperta uma contra a outra, obtendo por um momento o alívio que se esvai quando enfio meus joelhos entre os dela.

— Você não pode — implora, agora lutando pela vida.

Abro meus joelhos, afastando as pernas dela um pouco mais, e deslizo minhas mãos por suas coxas até sentir o algodão úmido da calcinha nas costas dos dedos. Gotas de suor agora salpicam sua testa.

Com a primeira, minúscula pressão no algodão oculto ela vira o rosto contra o ombro. Aperto com mais força, e ela morde o colarinho fino da blusa para não fazer barulho. Aperto um pouco mais e ela sacode violentamente a cabeça, arrancando o primeiro botão e expondo, pela primeira vez, seu sutiã branco apertado e o lindo tesouro que contém.

— Pare — esforça-se para dizer. — Eles vão escutar.

Afasto seus joelhos mais um centímetro. Ela está se abrindo para meus dedos agora, e enquanto os deslizo pela calcinha, deixa a cabeça pender sobre o peito, depois a arqueia para trás. Pres-

siono com mais força, exatamente onde ela precisa, conto até cinco e então alivio a pressão. Lágrimas surgem nos seus olhos. Se ela ao menos pudesse fechar as pernas ou gritar somente uma vez. Morde o lábio antecipando a próxima pressão, e quando esta não vem, morde com mais força para suportar a falta dela. Faço que espere quinze segundos. Trinta. Pressiono novamente.

É a luta delas que me motiva. Sempre. Sua doce agonia enquanto eu as levo até, e além dos seus limites sexuais. Diane Silio agora está chegando ao seu. As mulheres administram seu prazer com as pernas e o liberam com gritos, mas meus joelhos mantêm as dela afastadas e um único grito agora vai traí-la. A fria Diane, que conseguiu manter todos a distância. Os executivos engravatados de Manhattan, ansiosos por uma rapidinha com uma bela do Brooklyn. Os durões do quarteirão, cheios de mãos e persistência. Escapou deles nos sofás, nos carros. Controlou-os com seus olhos ternos, com as pequenas concessões que eles podiam pegar ou largar. Esta noite ela não está no controle das concessões. Esta noite a batalha é contra seu próprio corpo e, nesse instante, ela é incapaz de conter o prazer que o percorre.

Diane Silio está chegando ao limite, e quando ela o alcança, com o rosto macio apertado contra a parede e os seios se erguendo a cada respiração rápida, chego ao ponto para o qual vivo. Os momentos dourados em que o mundo se desfaz, quando existe ela e eu, e nada mais.

Encontro por baixo do algodão molhado o ponto que a vai fazer desmoronar, e trabalho em torno dele, dando e negando, dando e negando. Um gemido suave escapa dos seus lábios. Outro. Ela está desmoronando.

Agora, pela porta dos seus pais chega um espirro, e depois os estalos e gemidos de uma poltrona velha liberada de sua carga. Os olhos dela se abrem e encontram os meus, implorando, desesperados. *Você não faria isso*, eles dizem. *Você não seria capaz*. Mais uma vez tenta fechar as pernas, e mais uma vez eu não permito. Som de passos, agora vindo pelo longo corredor. Perto.

O pai dela indo até a geladeira buscar uma cerveja. A menos de três metros de nós. Se ele olhar pelo olho mágico, vai vê-la. Sua joia. Presa. Tremendo. Perfeita.

Afasto suas pernas um último centímetro, seus pés perdendo o contato com o chão, voltando a tocá-lo, perdendo de novo, as coxas apertadas contra meu joelho, todo seu peso agora concentrado no nosso único ponto de contato: o pedaço de algodão que separa meus dedos do seu ponto mais fraco. Procuro seus olhos, doloridos, belos. Dez mil vezes devem ter derretido o coração do seu pai, e nunca mais se ela não for capaz de ficar em silêncio durante os segundos que estão por vir.

Pressiono com força o centro dela.

Seu corpo se convulsiona, mas ela consegue ficar em silêncio torcendo-se o pouco que pode na direção oposta à porta, a cabeça para trás, a garganta branca esticada, vibrando. Aplico mais pressão. Um minúsculo arquejo escapa da sua boca, mas ela reage, forçando os pulsos contra o gancho inflexível, os dedos estendidos como em uma oração. Ela puxa com mais força, com mais força ainda, desesperada por qualquer sensação, até mesmo dor, que diminua a explosão acumulada dentro dela. Os passos do seu pai alcançam a porta, passam por ela e seguem em frente, sumindo no exato momento em que Diane Silio emite o gemido suave de que precisa para se manter lúcida.

Suas bochechas agora estão profundamente vermelhas, sua franja reluzente grudada na testa úmida. Mais um toque e vou perdê-la, e por isso me detenho e meus dedos descansam contra o algodão empapado enquanto a observo tremer, sussurrando para si mesma, buscando forças em seu interior, procurando algum truque de respiração que a ajude a aguentar a próxima rodada, que vai começar, ela sabe, assim que os passos do seu pai se fizerem ouvir de novo.

Pela porta vem o baque profundo e metálico da porta do refrigerador. Deve ser uma relíquia, o mesmo de quando ela era criança. Ela fecha os olhos com força novamente, talvez tentan-

do escapar por meio da memória. Vendo a si mesma com cinco anos, os pés bem firmados no chão, puxando com força o grande trinco com as mãos pequeninas enquanto sonha com o leite gelado guardado lá dentro. Tamborilo os dedos. Um espasmo balança seu corpo.

76

Não — sussurra, abrindo os olhos, devolvida ao presente como se fosse acordada de um sonho.

De volta aos nós, à pressão, ao limite.

— Não — sussurra sacudindo a cabeça de um lado para o outro, mas dois espasmos mais rápidos a agitam, depois um terceiro.

Meus dedos agora estão imóveis, mas os arquejos dela vêm mais rápidos, mais altos e suas coxas relaxam contra meus joelhos. Estou perdendo-a. Escutamos o refrigerador se fechar e o retinir suave de uma garrafa sobre o balcão. Outro espasmo a faz tremer, e mais um, e com o seguinte vem um gemido alto demais, e agora, da cozinha, silêncio.

Fico imóvel. Dois segundos se passam, três, o único som é o suspiro do gancho de metal enquanto Diane Silio luta contra ele com todo seu ser, a cabeça para trás como a de uma santa. Um único som agora e estamos perdidos.

Ela estremece novamente.

Estendo uma mão para cobrir sua boca, para abafar o grito que vai nos denunciar, mas assim que o faço sinto, primeiro em suas pernas e depois em todo seu corpo, a tensão. Está reunindo forças, lutando para se afastar do limite, encontrando no último segundo uma nova determinação. E pela porta agora vem o jorro da água da torneira. Ela conseguiu. Um último espasmo a balança, mas ela o controla, sua respiração se acalmando, as coxas apertando meus joelhos novamente. E então seus olhos se abrem e encontram os meus, e a expressão deles manda uma descarga elétrica através do meu corpo.

Não há mais traços de medo, de pânico. No lugar deles, aceitação e algo mais: disposição para a luta. Diane Silio se ren-

deu quando ofereceu os pulsos na limusine e agora, no seu ponto crítico, ela quer não misericórdia, e sim *mais*. Ela agora está comigo, parceira nessa jornada mágica, e seus lindos olhos me desafiavam a conduzi-la até o final, mesmo quando ouvimos pela porta os passos do seu pai recomeçando.

Fico em pé e tiro minha mão do meio das suas pernas. Ela as fecha, finalmente, curvando-se de alívio enquanto procuro o fecho da sua saia, abro e a faço deslizar para o chão. Seus olhos ainda prendem os meus, ainda me desafiavam. Pego os dois lados da sua blusa e a rasgo.

Sua barriga lisa e dura da ginástica está tão próxima que me faz sentir dor, e seu esforço contra os nós libertou o alto dos seus mamilos vermelhos do sutiã apertado. Seus seios volumosos são macios, os mamilos, duros. Os passos do pai agora estão a alguns segundos da porta. Procuro o canivete no bolso.

Ela treme ao toque frio do metal quando eu o introduzo entre o tecido e os quadris, corto uma vez, depois outra, e mando sua última proteção para o chão. Rapidamente também corto o sutiã. Ela agora veste apenas a blusa destruída, que não esconde nada, e não está mais sozinha no limite. Afrouxo meu cinto, preparo-me e seguro suas coxas suadas em minhas mãos, perdendo-a e prendendo-a novamente enquanto a levanto do chão.

Tudo em mim quer entrar nela, mas eu a imobilizo um último segundo, admirando-a toda. O vinho profundo das suas unhas enterradas nas palmas das mãos, seus doces e exaustos músculos esticados. E seus lindos olhos, que prendem os meus enquanto levanto ainda mais suas coxas e as afasto uma última vez, e se fecham quando ela se prepara para o choque que virá, reunindo forças como um mergulhador que, tendo avistado a pérola da sua vida, se prepara para o mergulho final.

Deixo que os passos do seu pai cheguem à frente da porta, assumo minha posição e arremeto para dentro dela.

Somente meu ombro nos salva. Ela o morde com força, mal sobrevivendo à explosão dentro de si quando todo seu peso encon-

tra toda minha força no ponto mágico que agora nos une. Eu a aperto contra mim com o braço esquerdo e me apoio na parede com o direito. Não há movimento nem ritmo. Eu só posso ficar imóvel para me controlar enquanto Diane Silio se liberta da pressão que gerei dentro dela desde a limusine. Os primeiros espasmos profundos vêm antes mesmo que ela possa me enlaçar com as pernas, estremecendo enquanto morde meu ombro, enquanto os passos do seu pai passam pela porta e somem no corredor, e ainda quando o estalar distante da poltrona lhe concede, finalmente, a liberdade.

A liberdade para respirar de novo, para soltar meu ombro dolorido e sussurrar nele — “Sim! Ai! Sim! Mais uma vez”. Liberdade para se mover, para se arquear contra mim, cada minúscula mudança de posição liberando uma nova corrente de prazer. Liberdade, por fim, para se entregar a esse prazer, abandonar-se a ele, investir com força contra sua fonte. E liberdade para me levar rapidamente ao ponto onde ela esteve por tanto tempo. Ao verdadeiro limite. Ela me conduz com seu cheiro de rosas, Kahlua e suor, um cheiro que agora se torna sabor quando entero meu rosto em seu pescoço e seios. Leva-me com seus sons, que se transformam de palavras em gritos repetidos e abafados. Leva-me, acima de tudo, com aqueles espasmos profundos, espasmos intermináveis que a sacodem depois de um minuto com tanta força quanto no início. Vêm com intervalos de três segundos, dois, um, e agora uma longa e purificadora cascata.

Todo meu treinamento não é páreo para isso. Sem nem sequer me mexer, também estou no ponto crítico, e agora além dele, minha resistência minada pela pureza e pela fúria da sua rendição, pela visão da seda vermelha apertada em torno dos seus pulsos. Só consigo firmar meus pés e dar uma última estocada, e sua boca encontra meu ombro novamente quando a preno contra a parede, deixando os últimos choques explodirem dentro dela, estremecê-la e então se dissiparem, e aceito seu corpo exausto que se apoia no meu e fica, enfim, esplendidamente imóvel. Seguro-a

até poder confiar novamente nos meus braços, e então a ergo gentilmente, permitindo que liberte os pulsos do gancho, e depois a pouso ainda mais gentilmente na cadeira de armar, ajoelhando-me a sua frente, beijando seus olhos fechados enquanto afasto o cabelo úmido do seu rosto, observando aqueles olhos enquanto levo a mão às costas e liberto seus pulsos, vendo-os se abrirem, por fim, quando puxo a blusa destruída em torno dela. Eles se abrem para o meu rosto, para o corredor silencioso e para a compreensão súbita de que a trepada da sua vida terminou.

79

* * *

CRUZO O PORTÃO E SAIO PARA A calçada silenciosa, para a noite do Brooklyn, que agora tem para mim um sabor tão limpo e claro quanto o ar da montanha. Posso ver, um quarteirão adiante, as luzes de néon de uma bodega e me dirijo até lá sentindo-me como sempre sinto assim que as deixo. Esvaziado. Em paz. Poderia caminhar de volta para casa, mas seriam pelo menos quatro quilômetros perigosos até a ponte do Brooklyn e outros seis a partir de lá, e, portanto, vou até o antigo telefone público na frente da bodega e chamo a limusine. Depois, compro uma lata de cerveja quase congelada que o balconista coloca em uma sacola de papel, atravesso a rua com ela e me sento nos degraus de uma casa para esperar o carro.

As construções do quarteirão são quase todas iguais, exceto uma. Do outro lado da rua, na minha frente, está uma grande casa amarela saída diretamente de um sonho sulista, com janelas de treliça e uma pequena torre à qual se chega por uma escada em curva. Mirante de viúva, acho que é como chamam. É fácil esquecer que esta cidade costumava ser um porto, que antes o capitão podia subir aquela escada e examinar o mar. Dou um longo gole na cerveja, recosto-me e olho para o céu escuro.

Tenho amigos que acabam de se formar em direito e estão levando para casa 125 mil dólares por ano, sem os bônus. Traba-

lhando em expedientes tão longos que envergonhariam um fazendeiro, é verdade, tendo sorte quando conseguem cambalear de volta para seus *lofts* à meia-noite ou passar dois fins de semana nas casas que alugam nos Hamptons no verão. Mesmo assim, jogando e vencendo. Fazendo carreira.

Outros tomaram o caminho do romance. Estão com suas garotas há dois, três anos, e a chama ainda está acesa. Alguns até sob o mesmo teto. É claro que eles trocam de canal quando entram os comerciais de casamento e rangem os dentes quando o Dia dos Namorados se aproxima, mas, mesmo assim. Melhores amigos um do outro e tudo o mais. Felizes.

Se eu tivesse a chance de trocar uma dessas noites por qualquer parte da vida deles, esqueça. Jesus, ela foi inacreditável. Totalmente fora de si. E o final... Dou outro gole na cerveja gelada. Mais adiante posso ter de pagar um preço por essas noites, sentir falta do dinheiro, do reconhecimento, até do amor, por que não? Mas, pelo menos, vou saber pelo que paguei. A chance de me sentir, por alguns minutos, completa e eletricamente vivo. Sentir uma emoção que nenhuma quantia de dinheiro e nenhuma namorada jamais pode dar.

As luzes baixas de uma limusine surgem na esquina e percorrem o quarteirão na minha direção. Diane Sitio foi incrível nesta noite. E duas semanas atrás Melissa Clay foi tão boa quanto. Mas, enquanto olho para o céu negro, o rosto que me vem à mente é novo. O rosto de uma garota que eu não conhecia até hoje de manhã. Uma garota de cabelos macios, pele linda e um corpo tão tentador em seu *tailleur* profissional quanto o de qualquer modelo de *lingerie*.

Mimi Lessing.

Conheço seu tipo. Nunca consegui me aproximar delas na escola. Ela foi criada em Larchmont, aposto, ou New Canaan. Escola de equitação, colégio particular. Tentava se distanciar delas, mas mesmo assim eles a moldaram. Acha que sexo é uma dança de salão. Esqueça, Jake. Uma colega de trabalho com alian-

ça no dedo, a última garota sobre a face da Terra que teria essa disposição dentro dela. Ainda assim. Senti algo hoje de manhã no corredor, e novamente à noite, no bar. E vi algo em seus olhos quando conversamos, quando ela me disse que Diane Silio estava me observando.

A limusine encosta no meio-fio à minha frente. Pela janela o braço de Rudy e depois seu sorriso sardônico enquanto ele balança a cabeça e indica o banco de trás com o polegar. Levantome, termino a cerveja e desço os degraus, parando em frente à porta do carro para sorver uma última vez o ar noturno da primavera e depois entro.

Sim, havia algo nos olhos dela. Um olhar que eu aprendi a identificar nas mulheres.

Tentação.



CAPÍTULO 5

GANHEI ACESSO AO MUNDO PRIVADO da srta. Lessing em uma manhã de trabalho, há um ano.

Às 8h30 eu a observei sumir na escadaria do metrô na esquina da 86 com a Lexington. Uma hora depois, segurei a porta do seu edifício na 83 com York enquanto outro morador estava saindo. Chequei a lista de apartamentos, entrei e subi as escadas até o quarto andar. Parei por alguns minutos no corredor deserto e depois fui até a porta do apartamento 4D. Ajoelhei-me na frente dela. Do bolso do meu casaco tirei o pano branco no qual havia enrolado as ferramentas de que ia precisar. Pousei o fardo no chão do corredor e abri-o.

A luz do sol vinda da claraboia atrás de mim se derramava sobre o meu ombro. Peguei a chave de tensão e inseri-a com cuidado no buraco da fechadura. Segurando a chave bem firme e aplicando pressão no sentido anti-horário, peguei a gazua e também a guiei para dentro do buraco. Levantei os pinos da fechadura um por um. Depois que o último deles estalou suavemente, retirei a gazua, respirei fundo e girei a chave de tensão. A fechadura se abriu imediatamente. Empurrei a porta do apartamento e ela se abriu sem fazer um som.

Levantei-me e entrei na sala. Não era absolutamente o que eu esperava de uma mulher de vinte e cinco anos. À minha volta estavam duas paredes cobertas de prateleiras de livros. Nelas eu

podia ver edições das obras completas de Shakespeare, Dickens e Twain em encadernações luxuosas. Acima das prateleiras estavam fotos emolduradas da família em uma das paredes, e sozinha na outra uma litografia elegante de um cavalo em um campo de neve.

84

Entrei no quarto. Estava imaculado, a cama feita, os terninhos no armário, discretos e de bom gosto. No criado-mudo estava um livro de capa dura aberto na página 247, *Van Gogh: sua vida e sua arte*.

Por um segundo pensei que pudesse ter entrado no apartamento errado. Mas me observando da escrivania estava a srta. Lessing, sua beleza inalterada pela beca de formatura, o diploma contra o peito enquanto sorria para a câmera. Fui até a foto e corri meus dedos sobre ela, sentindo surgir em mim uma excitação que nunca havia conhecido. Comecei meu trabalho delicado.

Os melhores aparelhos de escuta do mundo foram inventados na Noruega. øres, eles se chamam, a palavra norueguesa para *ouvidos*, e podem ser comprados em uma das duas lojas da Electric Row de Oslo. Um øre pesa cinco gramas e tem menos de dois centímetros de circunferência. O aparelho em si está encapsulado em plástico poroso, e nenhuma parte dos seus circuitos é visível a olho nu, mesmo examinado de perto. Se descoberto, ele não parece ser nada, um pedaço de trilho de cortina, talvez, ou de um encaixe da mobília. Você o jogaria fora sem pensar duas vezes. Contudo, com um pouco de cola esse pequeno fragmento pode ser fixado em quase qualquer coisa, e uma vez colado, pode captar um suspiro a três metros de distância, um sussurro a dez. O Mossad os usa há anos.

Meu trabalho tomou apenas dez minutos. Na cozinha, aproveitei o meio centímetro de folga entre o fogão e o balcão para prender um øre na lateral deste. Um segundo aparelho foi escondido dentro do telefone. Na sala, fixei um embaixo do sofá. No banheiro, escondi um no alto do armário do espelho. E então voltei ao quarto.

Fui até a cama e me ajoelhei ao lado dela. Desatarraxei o espelho plástico da tomada e, com a ajuda de um cabide, posicionei um øre dentro dele na altura do colchão. Pressionei firmemente contra a parede interna. Meio centímetro de gesso não seria páreo para ele, eu sabia. Ficaria lá, silencioso e atento, a menos de trinta centímetros do travesseiro dela.

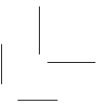
O øre transmite qualquer som que captura para o receptor de sua unidade-mãe, uma caixa preta do tamanho de um barbeador elétrico. Essa caixa posicionei do lado de fora, embaixo do parapeito da janela do quarto. Ela só é visível do outro lado da rua, e do outro lado fica a parede nua de outro edifício. Essa unidade-mãe, por sua vez, retransmite pelo ar aquilo que recebe através de uma frequência exclusiva: uma transmissão de rádio, essencialmente. Seu alcance é limitado, não mais que um quilômetro e meio, mas isso não faz diferença. São apenas 700 metros do parapeito da srta. Lessing até o meu.

No meu parapeito está minha unidade-mãe recolhendo os dados de sua gêmea na rua 83 e retransmitindo-os através de fios para o aparelho de som, onde são direcionados para o amplificador e, de lá, magicamente, para as caixas de som.

Sim, posso me sentar na minha sala, no número 1.200 da Sutton Place, e escutar a srta. Lessing. E escutar eficientemente, pois cada øre no seu apartamento pode ser controlado do meu, ativado ou desligado por impulsos elétricos enviados pela unidade-mãe. Assim, consigo segui-la em cada cômodo sem ficar refém do som da lavadora de louça quando, na verdade, ela acaba de entrar na banheira.

Os diligentes øres se exaurem rapidamente. A cada três meses tenho de retornar ao apartamento para plantar novos aparelhos. Custam 500 dólares cada. Dez mil dólares, foi o que me custou para escutar a srta. Lessing neste último ano. Para escutar cada palavra dita por ela, para adormecer todas as noites ao som da sua respiração tranquila.

Dez mil dólares para recuperar o que eu pensava ter perdido para sempre.



CAPÍTULO 6

“NÓS PECAMOS COM PLENA CONSCIÊNCIA de que estamos pecando.”

O padre Ryan costumava dizer isso na confissão quando eu era criança, sempre que fingia não saber se uma mentira ou um comentário maldoso contavam como pecados.

São 9 horas da noite de terça-feira e estou sentada com Jake Teller à mesa de carvalho polido da sala de reuniões. Pela janela aberta chegam ruídos distantes da rua lá embaixo. Estamos sozinhos na firma.

— A última peça — ele diz entregando-me uma folha ainda quente da impressora. — Derivativos, tudo que ele precisa saber.

— Obrigada — digo. Furo o papel e encaixo-o na pasta de apresentação à minha frente. Fecho a pasta e olho para ele. — Terminamos, certo?

Jake assente.

— Vou chamar os motoristas.

Olho para a pasta e suspiro silenciosamente. *Não se arrisque, Mimi.* Tudo que tenho a fazer é deixar Jake Teller chamar o carro e nossa proximidade vai ter acabado. Levamos seis noites, três delas muito longas, mas demos conta de Brice. Nosso relatório está pronto para o sr. Stein, e por isso, meu trabalho com Jake Teller terminou. Vou vê-lo somente nos corredores. Durante o dia.

— Jake?

Ele ergue os olhos com o telefone na mão. Tento imaginar o que meu noivo está fazendo neste segundo. Na sua mesa na revista, debruçado sobre uma frase. Mudando da voz passiva para a ativa.

— Você foi um ótimo ajudante — digo. — Posso lhe oferecer um drinque?

88

A noite está fria e as ruas cheias enquanto caminhamos pela avenida Lexington. Eu caminho rápido, mas mesmo assim Jake diminui o passo por minha causa. Ele é alto, um atleta, e eu soube quando apertou minha mão na sala do sr. Stein que não era como os outros associados. Nunca tive de “manter distância” de nenhum dos homens da firma. Os diretores têm a idade do meu pai e se comportam de acordo, e os outros associados são... obcecados com o trabalho. Eles vêm até minha mesa com perguntas sobre contabilidade sem nada, jamais, no tom da voz ou no olhar. Jake é diferente. Eu não deveria estar fazendo isso.

Dobramos na rua 39 e caminhamos para o oeste, e dois quarteirões adiante chegamos ao Gangway Pub. Música e luzes se derramam pela porta quando Jake a abre para mim. Um pouco mais cedo, Anne me telefonou na sala de reuniões e prometi encontrá-la aqui às 10 horas. Faltam apenas quarenta minutos. Minha escapatória, se eu precisar disso.

Cruzamos o salão coberto de serragem e cascas de amendoim, passando pelo longo balcão apinhado de recém-formados. Rapazes com as gravatas afrouxadas pagam bebidas para garotas que vieram para o *happy hour* e resolveram esticar. Encontramos um pequeno reservado de madeira no fundo e nos sentamos frente a frente. A parede ao nosso lado está coberta de flâmulas de faculdades, duzentas pelo menos, de todas as cores, e entre elas estão bustos de plástico de antigas estrelas do *rock*. Buddy Holly, Elvis, Janis Joplin. Escuto Alanis cantando a respeito de confiança traída na *jukebox*, enquanto a garçonete com camiseta de Duke sorri para nós e tira uma caneta do cabelo.

— Vou querer uma Bass — diz Jake.

— Um copo de Chardonnay, por favor.

Ela sai na direção do bar.

— A amiga que vem encontrar você vai estar no casamento?

— Jake pergunta.

— Anne é minha dama de honra. Ela está encarregada dos vestidos das outras damas e tive de lhe dar desculpas a semana inteira. Ela disse que se eu não a encontrar hoje, todas vão usar jeans.

Ele ri.

— Posso ver? — pergunta olhando para meu anel.

Levanto a mão para mostrar. Ele a pega, seu polegar repousa no meu pulso por um segundo, e depois o solta quando a garçoneite volta e coloca as bebidas na mesa. Jake ergue seu caneco e o encosta suavemente no meu cálice de pé alto.

— Ao mundo externo — diz. — É bom vê-lo novamente.

— Obrigada por toda a sua ajuda, Jake, fez muita diferença.

— Por nada.

Tomo um gole de vinho. Tenho bebido um cálice cheio antes de dormir todos os dias nesta semana. Desde a festa de despedida da última sexta-feira.

— Este lugar me lembra a sede da minha fraternidade — diz olhando em volta. — Exceto pelas garotas. Sua faculdade está aqui?

Vasculho as flâmulas coloridas e encontro o azul e branco familiar.

— Entre Duke e Syracuse.

Ele parece surpreso.

— Você é uma garota da UConn?

— Sim. Por quê?

— É uma faculdade festeira.

— Essa reputação é injusta.

— Quis fazer um elogio.

— Onde você estudou?

Ele indica com os olhos.

— Lá em cima, no meio.

— Hamilton?

Ele assente.

— Trinta mil por ano. Sem reembolso, ao que parece.

90

Eu rio. Posso sentir o vinho começando a me aquecer. São 21h40. Se houvesse adiado o encontro com Anne e ido para casa, agora estaria na banheira afogando os pensamentos, o vapor subindo da água enquanto afundava nela. *Está na hora, Mimi.*

— Posso lhe perguntar uma coisa, Jake?

— É claro.

A camisa verde destaca o azul dos seus olhos. Existe alguma coisa neles que eu não consigo identificar. Algo enterrado muito fundo.

— Você entrou no carro de Diane Silio na última sexta-feira — digo.

Ele afasta o caneco dos lábios, surpreso. Desconfiado. Coloca-o cuidadosamente sobre a mesa.

— Ela lhe disse isso?

— Não. Eu não estava aguentando a fumaça dentro do bar e saí para tomar um ar. Você estava conversando com o motorista, e depois entrou.

Jake olha para a mesa e para mim novamente. Nessas seis últimas noites, trabalhando lado a lado na sala de reuniões, havia algo no silêncio entre nós. Alguma coisa pesada, narcótica. Ele agora compreende.

— Você viu Diane sair? — ele diz.

— Pela janela do bar. Ela abriu a porta do carro e hesitou.

— Por um segundo.

— Sim.

— Mais dois para vocês? — pergunta a garçonete, surgindo de novo.

Meu copo está vazio e vejo que meus dedos, segurando a haste do cálice, estão brancos. Largo.

- Tinto desta vez, por favor — digo.
- O da casa?
- Ótimo.

Jack concorda com mais uma cerveja e a garçonete se vai. Olho para a velha mesa de madeira onde pessoas gravaram suas iniciais. *LN. JB. TR ama BN.* Ficamos em silêncio até ela retornar com as bebidas, colocá-las na nossa frente e ir embora. Sob a mesa, minhas mãos encontram a meia-calça.

91

- O que quer me perguntar, Mimi?

Tento olhar nos seus olhos, mas não consigo. Minhas pernas estão leves.

- Por que você entrou no carro dela?
- Não é isso que você quer saber. — A voz dele soa diferente, mais dura. Meu rosto está vermelho, e ele vê. — Você quer saber o que nós fizemos.

O vinho em meu copo é tão escuro que parece negro. Olho para ele e vejo algo de novo nos seus olhos: dureza.

- Vou lhe contar uma história que meu avô me contou — ele diz. Sua voz é baixa, mas é tudo o que eu escuto agora. Os copos se chocando, a música, o zunzunzum do bar, tudo sumiu. — E depois, se ainda quiser, pode fazer sua pergunta.

Eu concordo.

— Meu avô se casou com dezenove anos, e seis meses depois embarcou para a Europa para lutar na Segunda Guerra Mundial. Minha avó estava grávida quando ele partiu, e ele estava totalmente apaixonado por ela. Ela escrevia para ele todos os dias, e ele respondia. Mesmo na frente de batalha, ele respondia. Escrevia em qualquer coisa que encontrasse. Jornais, e quando eles acabaram, papel higiênico. Se os companheiros de trincheira houvessem descoberto, não seria dos alemães que ele teria de se proteger.

Jake toma um gole de cerveja. Seus olhos prendem os meus, avaliam-me.

- As cartas dela chegavam em maços durante as pausas das batalhas. Duas semanas se passavam sem correio, e então chega-

vam dez cartas no mesmo dia. Ele as lia e relia mil vezes. Nas trincheiras, à luz da lua, com a luz da artilharia inimiga. Lia a respeito do seu filho recém-nascido. “Ele está engatinhando, ficou em pé, nasceu seu primeiro dentinho.” Durante todas as batalhas ele carregou aquelas cartas junto da pele. Lama, sangue, suor, chuva, tudo passou por elas. A maioria se dissolveu completamente. Um dia, ele abriu uma carta e encontrou uma fotografia dela em um vestido leve, parada na varanda ao pôr do sol. Eu vi a foto, ela estava linda.

Jake olha para o nada por um segundo.

— Meu avô usou esparadrapo para colar a foto sobre seu coração. Mais adiante, na guerra, a unidade dele foi encurralada em uma vala em Saint-Mihiel, na França. Cercados, sem ter para onde fugir, levando fogo por todos os lados. Perderam vinte e seis dos trinta homens. A noite veio e ficaram sem munição. Começaram a jogar pedras. As pedras acabaram. Ficaram em silêncio e esperaram o amanhecer, quando os alemães iam até a boca da vala e os matariam. Puxaram suas facas na esperança de que, os quatro juntos, conseguissem levar pelo menos um alemão com eles. Quando os primeiros raios de sol apareceram, meu avô pegou a foto do peito e a levou para a frente do rosto. Queria que ela fosse a última coisa que veria. Amanheceu, e nada dos alemães. Esperaram, nada ainda. Rastejaram para fora da vala, nada dos alemães. Eles haviam ido embora durante a noite. A guerra acabou um mês depois. Meu avô passou sua última noite europeia em Paris. Deitado em um beliche, olhando para a foto da linda esposa que ia encontrar em casa dali a seis horas. Relendo as poucas cartas dela que sobreviveram. Às duas da manhã, desistiu de tentar dormir e saiu para caminhar pelas ruas. Paris acabava de ser libertada, era um grande carnaval, certo? Ele andou por vários bairros apinhados de pessoas que festejavam. Soldados britânicos e americanos, civis. Continuou caminhando, e depois de um tempo, as ruas ficaram mais estreitas. Agora eram de paralelepípedo. Passando por uma pequena igreja, alguma coisa na

porta chamou sua atenção. Era uma mulher. Uma linda jovem cigana, sozinha, a luz de um poste caindo sobre seus cabelos negros, seus olhos faiscantes. Ficaram parados olhando um para o outro. E então, ela o chamou e entrou pelo vão da porta. Ela tinha dezoito anos, talvez, e um cheiro tão puro quanto o da chuva da primavera. Ela falava suavemente com ele em francês. Ele não compreendia, mas então as mãos dela estavam sobre ele, tocando seu rosto, seu peito. Ela sentiu o peso no bolso da camisa e puxou a fotografia. Trouxe-a para a luz. *Elle est très jolie*, dizia. “Ela é muito bonita.” Então, ele colocou sua mão sob o vestido dela, bem na sua coxa. Ele nunca havia sentido uma coisa tão macia. Tão quente.

O olhar de Jake se perde, depois volta para mim.

— Então, ela diz em inglês: “Dez francos”.

Jake fica em silêncio.

— Ela era uma prostituta — digo.

— Sim. Uma vagabunda.

— O que ele fez?

— Foi embora.

Nós dois ficamos em silêncio.

— Ele me contou essa história no dia em que fui para a faculdade. E me disse isto: “Deus não lhe mostra do que você é feito, esse é o trabalho do Diabo”.

Jake se inclina para a frente, a manga de sua camisa tocando meu braço nu.

— Quando é o casamento?

— Daqui a um mês.

— Vocês se conheceram na faculdade?

— Sim.

Ele olha para a parede por um segundo, os olhos nas flâmulas, mas sem vê-las. Olha para mim de novo.

— Pergunte, Mimi.

Minhas unhas pressionam a meia-calça, cravam-se nos joelhos. Não consigo dizer uma palavra.

— Há um mês eu vi a primeira paixão da minha adolescência por trás de uma vitrine da Benetton. Ela ainda estava linda. Uma semana depois, voltei à loja na hora de fechar. Levei-a para um bar e depois voltamos para a loja vazia.

Jake olha nos meus olhos até perceber que compreendi.

— Diane Silio foi uma de muitas, Mimi. Amanhã será outra.

— Você faz sexo com elas — eu digo, por fim, minha voz muito distante.

— Mais do que isso.

Sinto o sangue na minha cabeça. Estou tonta.

— Se quiser participar, Mimi, você tem de pedir. Peça.

Minha mão sobe para o colarinho da blusa, e os olhos dele a seguem. Olho para ele.

— O que você faz com elas?

Jake se debruça na minha direção, coloca o caneco na mesa. Olha para mim, para além de mim, depois se levanta e sorri.

— Você deve ser Anne — diz, e estende a mão como um cavalheiro para cumprimentar minha dama de honra.

* * *

ESTOU QUASE TERMINANDO, FINALMENTE.

São 7 horas da noite de sábado e estou em minha sala na firma, grata pela montanha de declarações, formulários e relatórios de clientes que me mantiveram presa à minha escrivaninha o dia inteiro. Grata porque eles me impediram de pensar na noite de quinta-feira, em Jake Teller e na pergunta que ainda mal consigo acreditar que lhe fiz. Anne me salvou de uma resposta, mas duas noites depois, enquanto imprimo e agora assino esta última declaração de renda, penso mais uma vez no momento tenso no pequeno reservado um pouco antes de ela chegar. O calor no meu rosto, a expressão dos olhos de Jake. Penso

nisso e olho para o telefone sobre a mesa. O ramal dele é sete, dois, seis. Ele também deve ter trabalho atrasado.

Já chega. Volte ao trabalho, Mimi. Pego a pasta da conta de Brice. Uma última conferida e vou encerrar por hoje. Vou ligar para Mark e perguntar se ele conhece alguém que possa estar na minha casa dentro de uma hora com uma garrafa de vinho e um filme sobre o Caribe. Mark fez as reservas para nossa lua de mel hoje de manhã e ligou para dizer que a agência de viagem havia lhe dado um vídeo que, quando eu assistisse, esqueceria a cerimônia e a recepção e iria implorar para fugirmos hoje mesmo. É exatamente o que necessito. Talvez até possa esquecer a noite de quinta.

95

Abro a pasta e começo a ler. O almoço do sr. Stein com Andrew Brice vai ser delicado. “Arrastá-lo do século XIX para o XXI”, como disse Jake, “sem enlouquecê-lo”. Examino o portfólio que o pai de Brice lhe deixou há tantos anos. O sonho de um investidor, com certeza, recheado de ações de primeira linha que teriam subido como foguetes nestas últimas três décadas se Brice não as houvesse vendido assim que lhe caíram nas mãos. Agora ele vai ter de começar do zero.

Passo para os cenários de investimentos que preparamos. Preso com clipe no alto do primeiro deles está um bilhete escrito à mão, e lendo-o, sinto o ar sumir dos meus pulmões.

Em resposta à sua pergunta, Mimi.

Código Tributário: Volume 47, Seção 38.1.

Jake

Levanto-me repentinamente, como se ele pudesse estar no corredor. Está vazio. Sento-me e ouço os ruídos suaves do escritório — o zumbido do ar-condicionado, o matraquear de um teclado em alguma sala. Outro associado queimando horas do fim de semana. Baixo os olhos para o bilhete novamente.

Os livros de consulta são guardados na sala de reuniões. Pego a pasta de Brice e desço o corredor. Não vejo ninguém, e quando chego à sala de reuniões, a luz está acesa, mas o aposento em si está vazio e silencioso. É o meu lugar favorito em toda a firma, cheirando a madeira e com um ar de aconchego apesar do tamanho, graças às estantes de livros que vão do chão ao teto em todas as paredes, todas cheias de volumes encadernados com couro, tão lindos que é fácil esquecer que não são clássicos, mas sim tomos sobre impostos. Eles sempre me fazem recordar as edições em capa dura ao lado da minha cama em casa, o presente de formatura que minha avó me deu algumas semanas antes de morrer.

Ando até as prateleiras e corro os dedos ao longo das lombadas negras, descendo uma fileira e subindo a outra até chegar ao volume 47. Puxo e folheio os estatutos, o livro pesando em minhas mãos, suas páginas macias e finas como as de uma Bíblia. Seção 35, 36, 37. Aqui está: 38.1. Escondida entre as páginas está uma folha arrancada de uma revista. Está dobrada ao meio, depois ao meio de novo, de modo que só o que consigo ver é o verso, um anúncio de cigarro. Recoloco o livro na estante e ando com a folha dobrada até a janela.

Poderia jogá-la e deixar que o vento a carregasse Deus sabe para onde. Nem sequer olhar para ela. Dar um fim agora mesmo a esse... jogo que estou jogando contra mim mesma. *Você está a um mês do altar, Mimi. Um mês.* Fecho os olhos. Mark fez o cheque para a lua de mel hoje. Treze dias e doze noites na Jamaica. Uma banheira de pedra em uma sacada sobre os penhascos, de frente para o mar. Longas caminhadas na praia de areias brancas ao pôr do sol.

Volto para a mesa de reuniões e me sento. Acendo uma luminária verde e coloco a página dobrada sob a luz. Fecho os olhos, abro e aliso o papel com dedos trêmulos contra a mesa de carvalho. Abro os olhos.

Uma mulher está deitada em uma cama usando apenas calcinha e sutiã. Uma venda preta sobre seus olhos, e seus pulsos e

tornozelos estão amarrados aos pés da cama com faixas de seda branca. No canto inferior, escrito à mão com tinta azul:

No bar do hotel Roosevelt, 10h da noite, sábado.

Dobro a folha ao meio, ponho-a no colo e abro a pasta de Brice de novo. Procuro os cenários de investimentos. Criamos três, cada um deles uma mescla cuidadosa de *blue-chips* e ações de risco. Tento me concentrar nos nossos “princípios norteadores”: recompensá-lo em um mercado volátil, protegê-lo em um estagnado. Uma abordagem cautelosa, como aconselhou o sr. Stein, mas não fraca. Fecho a pasta e olho novamente para a fotografia. Os lábios dela estão abertos em um gemido, e as faixas estão bem esticadas: ela não pode se mover.

97

Vou até a janela, sentindo-me tonta. Procuro o Edifício Chrysler e lá está ele, para o oeste, suas torres de metal dentadas brilhando na noite. Sempre gostei delas, mas hoje parecem perigosas. Volto para minha sala pelos corredores silenciosos, guardo a pasta, enfio a página da revista na bolsa e telefono para Mark. “Vou sair mais tarde do que pensei”, digo a ele. “Hoje à noite não vai dar. Podemos fazer um *brunch* e assistir ao vídeo amanhã?” “Sim”, ele responde.

Na recepção, esperando o elevador, puxo o blusão contra os ombros. Observo as luzes que indicam os andares se acenderem uma após a outra e penso em algo que minha mãe disse há alguns anos. “Os homens veem garotas decentes e querem destruí-las. Eles não conseguem evitar”.

No saguão, meus saltos baixos ressoam pelo chão de mármore. O guarda da noite, cheirando a Old Spice, abre o livro de registros para mim e baixa o som do jogo de beisebol transmitido por seu velho rádio de pilhas. Assino o livro e ele faz um gesto gentil com a cabeça, depois me segue com os olhos até eu atravessar as portas de vidro e chegar à rua. O ar fresco da noite é um tônico em

meu rosto. Levanto a mão para chamar um táxi, e o carro corta a frente do tráfego e derrapa até parar no meio-fio. Entro.

— Para onde, senhorita?

— Jake Teller deve ter ido ao escritório esta manhã. Ele sabia que eu viria repassar a apresentação.

— Senhorita?

— Desculpe. Oitenta e três com York, por favor.

Primeiro vou para casa. Vou trocar de roupa, dar uma corrida, e então vamos ver.

A carteira de identificação do motorista diz NABOUSSEM. Akrika Naboussem. Observo suas mãos enluvadas no volante. As luvas são de couro e apertadas. Como as luvas de golfe de Mark.

Noite passada encontrei Mark no Vine, o bar perto do meu apartamento. Tomamos um cálice de vinho e depois pegamos um táxi até o arranha-céu de Anne na rua 40, de frente para o rio, onde o porteiro irlandês, como ela havia combinado, nos conduziu sem uma palavra até o elevador, levou-nos até o último andar e depois destrancou a porta de incêndio que abre para o terraço. Lá, em um balde de gelo ao lado da balaustrada estavam duas taças e uma garrafa de champanhe Jordan.

Mark ficou maravilhado. Estupefato com o champanhe, com a cidade estendida lá embaixo e em torno de nós. Eu não contava com o silêncio em um lugar tão alto: só escutávamos o vento e a nós mesmos, e foi como se tivéssemos a ilha só para nós. Ficamos em pé, juntos contra o vento, e erguemos nossas taças para brindar às luzes da cidade e ao belo e escuro East River.

No táxi de volta para minha casa, os olhos do motorista subiram para o espelho retrovisor quando Mark beijou meu pescoço e escorregou a mão entre meus joelhos. Na frente do edifício, Mark não conseguia encontrar o dinheiro de tanta excitação. Tentei guiá-lo para o sofá, depois para o chão, mas ele me pegou pela mão e me conduziu para a cama. Foi rápido com nossas roupas e impetuoso dentro de mim, e depois, deitada sobre seu peito, pensei: *Sim, eu posso fazer isso. Para sempre.* Pensei no ca-

samento, tão perto agora, na cerimônia, nos raios de sol filtrados pelos vitrais da igreja refletidos no anel sobre a almofada macia que seu sobrinho vai carregar. Beije o peito de Mark, ouvi sua respiração tranquila, fechei os olhos e vi, muito claramente, os olhos azuis de Jake Teller. E me dei conta do que havia visto neles no pequeno reservado do bar na quinta à noite.

Crueldade.

— Qual esquina, senhorita?

— A primeira.

No apartamento, visto minhas roupas de correr, depois desço os cinco andares e saio para a rua novamente. É minha primeira corrida da semana, e dou duro, indo e voltando ao longo do rio. Vou até a rua 23, toco a grade, dou meia-volta de atletismo, aproveitando a dor, permitindo que ela me purifique. Nove quilômetros no total, depois tomo uma ducha, visto uma blusa e uma jardineira e afasto o cabelo da testa com uma faixa. Minha mão está removendo a tampa do frasco de Chanel, antes que eu me dê conta e o recoloque no lugar.

São 21h30. Vou de metrô.

* * *

NA RUA 42, LEVANTO DO BANCO entre a multidão de passageiros e a sigo pela porta do trem. Ando com a massa ao longo da plataforma, subindo as escadas e passando pelas roletas até chegar ao turbilhão da Grand Central. Atravesso o terminal principal, com seu teto de salão de baile, e saio para a noite da cidade. Os vendedores ambulantes ainda estão na calçada com seus carrinhos, e o aroma das castanhas caramelizadas perfuma o ar enquanto passo pelos engraxates desviando do último deles, cujos olhos se fixam na minha blusa enquanto ele continua a lustrar. Dobro na Madison, a multidão diminuindo enquanto passo pelas vitrines reluzentes das *délicatessens* e pelos manequins bem-vestidos das butiques de luxo.

Uma cerimônia de casamento para 20 convidados, os convidados já enviados, e caminho em direção ao hotel Roosevelt para me encontrar com Jake Teller. E se fecho os olhos e tento imaginar o rosto do meu noivo, em vez dele vejo Diane Silio fazendo uma pausa na porta da limusine e depois entrando.

Vamos conversar, nada mais. E então, não vou mais querer saber dele.

À minha frente está o Roosevelt. Passo pelas portas giratórias e entro no enorme saguão. O teto é maravilhosamente alto, a decoração como a de um clube de cavalheiros dos anos 1950: vermelho-escuro e veludo. Carregadores graciosos serpenteiam carrinhos de bagagens entre executivos estrangeiros que leem seus jornais nas poltronas espaçosas e fundas, todos sob o olhar atento do gerente grisalho. No fundo, não separado do saguão, mas parte integrante dele, fica o bar elegante, intimista, com luzes baixas e um garçom bem-apessoado de camisa de *chiffon* sozinho dentro do balcão circular. Vejo casais e alguns homens, mas nada de Jake Teller. Sento em um banco do balcão, e o garçom caminha até mim.

— Para a dama?

— Um cálice de Cabernet, por favor.

Com um único movimento hábil ele apanha um cálice da armação suspensa, coloca em pé na minha frente, pega uma garrafa de Sterling debaixo do balcão e enche dois terços do copo. O vinho recende a carvalho, a couro. O garçom leva meu dinheiro até a registradora e volta com o troco.

— Srta. Lessing, não?

Olho para ele, surpresa.

— Sim.

— Para a senhorita.

Ele tira um pequeno envelope do bolso da camisa e coloca-o no balcão à minha frente. Faz um gesto discreto com a cabeça e vai atender outro cliente. Olho rapidamente em volta para ver se alguém notou, sentindo um vermelho profundo tomar conta das

minhas bochechas, depois enfió o envelope dentro da bolsa. Tomo um grande gole de vinho.

Passam-se cinco minutos até eu abrir o envelope sobre meu colo. Dentro dele está a chave de um quarto do hotel e outro bilhete. Ergo os olhos e vejo que o garçom está me observando do outro canto do balcão. Olha novamente para o copo de conhaque que está secando, e leio o bilhete.

101

Ela vai chegar ao quarto 740 às 22h30. O armário fica a menos de 3 metros da cama. Você vai ouvir tudo.

Guardo o bilhete na bolsa e pouso as mãos no balcão. Fico surpresa ao sentir como estão firmes. Minhas unhas precisam de esmalte. Trouxe algum esmalte comigo?, pergunto a mim mesma. Tomo outro gole de vinho. São 22h15.

Sempre pensei que a alma era a morada do sexo. De que outra forma poderia ser? Você ama e confia em alguém e o desejo surge daí. Faço amor com Mark porque o amo. Ele é tudo de que preciso. Olho para as portas giratórias do outro lado do saguão. Vou atravessá-las, pegar um táxi, ir direto para o apartamento de Mark e surpreendê-lo. Abro minha bolsa, tiro dez dólares e deixo para o garçom, como se para manter nosso segredo. Ele assente da ponta do balcão e me observa levantar e ir até os elevadores.

Subo sozinha até o sétimo andar e saio no corredor deserto. Meus pés não fazem ruídos no carpete alto. No quarto 740, enfió a chave na fechadura e abro a porta. Está vazio, as persianas abaixadas. Acendo a luz. Um quarto de hotel modesto, como milhares de outros. Perto da janela está uma escrivaninha sem cadeira. Em frente à mesa, uma cama *king size*. Fecho a porta às minhas costas e ando até a cama.

Amarradas em cada pé da cama estão quatro faixas de seda branca. Estão soltas sobre a colcha, com as pontas livres formando nós frouxos. Uma para cada pulso e tornozelo. Sinto-me fraca

e sento na cama. Toco uma das faixas com cuidado para não desfazer o nó. Nunca senti nada tão macio. Tento imaginá-la contra minha pele, apertada, restritiva. Sobre o travesseiro está uma venda negra, do tipo distribuído em aviões, e ao lado dela um bilhete dobrado.

102

Hoje de manhã Mark e eu brigamos por causa do casamento. Ele quer filmar a festa e eu não. Ele jamais ergueu a voz, e lembro-me de pensar que nunca me daria um tapa, jamais. Mesmo se eu merecesse.

O rádio-relógio ao lado da cama indica 22h25. Vou até o armário e abro as portas tipo venezianas. Lá dentro está a cadeira que pertence à escrivaninha. Sento nela e fecho as portas. As ripas são muito próximas e pesadas e bloqueiam toda a luz. Deito a bolsa e o casaco aos meus pés e corro os dedos pela porta. Encontro uma tranca de gancho e o prendo. Muito bem.

Posso ouvir vozes do corredor. Vozes masculinas, cada vez mais perto. Uma risada curta, a palavra “golfe”, mais risadas. Sou capaz de visualizá-los: robustos, com ternos pesados. Suas vozes desaparecem e tudo fica silencioso novamente. Talvez ela não venha. Algumas devem dizer não.

Muito longe, escuto o retinir suave da campainha do elevador. Vinte segundos se passam, e agora sim o clique da chave na fechadura e o suspiro da porta sendo aberta. Será Jake ou ela? A porta se fecha. Sinto o aroma do seu perfume. Ela veio. O cheiro parece familiar, mas não o consigo identificar. Os passos vão até a cama, depois param. Ela está olhando para as faixas. Vendendo-as pela primeira vez: tão bonitas, tão severas. Sentindo o arrepio que eu senti no fundo da espinha, mas tão mais forte. Olhando para os próprios pulsos, talvez já sentindo a seda em torno deles. Perguntando-se se pode deixar os nós frouxos ou se ele vai notar e apertá-los. Escuto o farfalhar de papel. O bilhete.

Cresci em uma casa com regras e estou prestes a me casar com um homem que não se importa com elas. Será isso? Ouço a voz do padre Ryan novamente... “Com plena consciência de

que estamos pecando.” Nas bordas da minha memória está algo mais que ele costumava dizer. Alguma coisa a respeito do “caminho”. Escuto o farfalhar das roupas enquanto ela despe a blusa, a saia, os sapatos. Sim, o bilhete ordenava que ela ficasse só de calcinha e sutiã. Que enfiasse os pulsos e tornozelos nos nós. Como a mulher da revista. Jake Teller vai ter controle total. Ela não vai poder se mover. Ouço a cama cedendo quando ela se deita. Ela fica imóvel por trinta segundos. Um minuto. Gostaria de poder tomar um gole d’água. O ar dentro do armário está quente e denso. No quarto também, percebo. Ele ligou o ar-condicionado. Quer que ela esteja aquecida.

103

Ouço o telefone ao lado da cama sendo tirado do gancho. Ela está fazendo uma ligação? Para quem poderia ligar? Perdeu a coragem. Está ligando para avisar a Jake Teller que não pode levar isso adiante. Vai se vestir e ir embora, e eu vou ficar sozinha. *Por favor, não faça isso.* Ouço o som das teclas enquanto ela digita. Silêncio, e depois uma voz sussurrada. Uma voz que eu conheço desde os meus seis anos.

— Mimi, atenda. Mimi? Mimi, sou eu, Anne. — Uma pausa. — Uma garota tem de se virar hoje em dia, certo? Liguei para ele, Jake Teller. Estou no hotel Roosevelt. E você *não vai acreditar* no que estou prestes a fazer. Ligo para você de novo.

Fico imóvel, aturdida. *Respire fundo, Mimi. Devagar, ou ela vai ouvir.* Apoio a testa na veneziana da porta e ouço quando ela repõe o fone no gancho. Sua respiração agora está mais rápida. Tenta se acalmar. Sussurra algo que não consigo entender. E agora posso ouvir, mal e mal, a seda sendo puxada. As palavras do padre Ryan surgem na minha cabeça. “Podemos retornar ao caminho, mas somente se não o perdermos de vista”. E agora outro som, vindo do corredor, tênue, mas claro.

A campainha do elevador.



CAPÍTULO 7

É QUASE 1H, E NENHUM DE NÓS consegue dormir.

A srta. Lessing voltou para casa logo depois da meia-noite. Na sua secretária eletrônica havia uma mensagem da sua amiga Anne Keltner. Ela ligou do hotel Roosevelt para se gabar de uma conquista que estava por acontecer. “Você não vai acreditar no que estou prestes a fazer”, ela disse. A srta. Lessing ouviu a mensagem três vezes e depois começou a andar em círculos.

Por quase trinta minutos os sons suaves dos seus passos no assoalho da sala. Depois ouvi o fone ser levantado do gancho. Ela apertou três botões e desistiu da ligação. Apertou cinco botões e desistiu de novo. E então se despiu. Não no quarto, como geralmente faz. Normalmente, ela pendura cada peça cuidadosamente no guarda-roupa. Nesta noite ela largou as roupas na sala, no chão, a julgar pelo som, e entrou na ducha quente. Depois de quinze minutos ouvi a água ser desligada e a porta do *box* se abrindo. E, momentos depois, a srta. Lessing foi até o telefone novamente. Pressionou três botões e interrompeu a ligação.

Foi a música que finalmente a acalmou. *The Kreisler Album*, Joshua Bell no violino. É o disco que eu enviei para ela há seis meses, disfarçado como brinde de uma estação de rádio. A quarta faixa é sua favorita. “Caprice Viennois”. Ela a escuta mais do que qualquer outra, e existe um trecho, um minuto e doze segundos depois do início, do qual ela gosta especialmente. O refrão dolorido do violino, que encontra guarida em qualquer coração re-

ceptivo à beleza. Ela aprendeu precisamente onde ele começa, e não importa o que esteja fazendo, vestindo-se, tomando banho, preparando o jantar, ela para e fica em silêncio. Esta noite funcionou novamente. Um pouco antes do refrão, parei de ouvir suas pantufas. E embora eu estivesse a vinte quarteirões de distância, pude vê-la parada em silêncio na sua sala, com os olhos fechados. Olhei para meus alto-falantes pretos e, juntos, escutamos as notas puras do violino.

E agora, minutos depois, enquanto a música termina, ouço a srta. Lessing andar até o aparelho de som, remover o CD e guardá-lo em sua caixa. Aguardo que seus passos recomecem, mas em vez disso eles morrem. Silêncio o *øre* da sala e ativo o do quarto, a tempo de ouvir seus passos e depois o clique da luminária do criado-mudo, e agora o rangido suave da cama enquanto ela se deita. Na maioria das noites ela lê antes de dormir, mas ouço a luminária sendo desligada. Uma ou outra vez ela escuta uma canção no toca-fitas. Um minuto se passa, agora dois, e o único som é sua respiração, calma e ritmada.

É tarde, mas sirvo um pequeno cálice de vinho e vou até a poltrona ao lado da janela. Sento e olho para fora, para o oeste da noite escura. A mensagem de Anne Keltner não foi a única desta noite. O noivo da srta. Lessing também telefonou. Ele sentia muito por ela ficar presa no escritório a noite inteira, disse. Ela deveria pensar no *brunch* de amanhã e no Caribe e ficar feliz.

Tomo um gole de vinho. A srta. Lessing estava em casa às 19h30. Saiu para correr, tomou uma ducha, vestiu-se e saiu de novo. Sem ligar para o noivo.

Ergo os olhos de súbito para as caixas de som. A respiração dela está diferente. Mais profunda. Ouço outros sons. O farfalhar do seu edredom. Inclino-me para a frente na cadeira. Sua respiração, tão suave há alguns momentos, agora está entrecortada. Acelerada. Pouso o cálice no parapeito. Nenhuma vez, em um ano, ouvi isso. Com seu noivo, sim. Mas não isso.

Sua respiração se acelera ainda mais. E mais. E agora um arquejo. Um grito abafado. E mais um. E mais um. E mais um.

CAPÍTULO 8

NINA TORRING ERA UM LINDO espécime de Delaware, com finas pernas escandinavas e cabelos como o sol do meio-dia. Era nossa supervisora de dormitório no primeiro ano da faculdade e fazia que quiséssemos ir mal nas provas ou ser apanhados com álcool no quarto, qualquer coisa para sermos chamados para uma conversa particular. Ela era a única veterana do dormitório, uma mulher no meio de meninas, mas sua figura delicada inflamava a todos nós, calouros, com uma aparência de pureza. Talvez, imaginávamos, ninguém ainda houvesse feito algo com ela.

Da minha cama de cima no beliche eu enxergava pela janela a clareira em frente ao dormitório. A biblioteca fechava às 23 horas e, noite após noite de inverno, eu observava Nina subir o caminho coberto de neve às 23h15, de mãos dadas com Nick Simms. Nick também era um veterano e um durão de Jersey cujo desempenho uniforme como armador estava me impedindo de ser titular. Eu via a respiração condensada dos dois sob o poste da rua antes de eles desaparecerem embaixo da marquise, e minutos depois via Nick voltar pelo caminho sozinho. Se ele não voltava, eu ficava observando a neve e o sal espalhado pela calçada vazia, e depois o teto escuro de cimento acima de mim.

Durante toda aquela temporada eu me esforcei para alcançar Nick nos treinos. Em março eu já estava diariamente escapando como um raio quando ele me cercava e saltando para a

cesta quando ele me dava espaço. O técnico não confiava nos novatos, especialmente armadores, mas eu sabia que quando comesse o campeonato e fosse vencer ou ir para casa, ele colocaria os cinco melhores na quadra.

108

Uma semana antes do torneio, eu estava deitado na cama com uma cerveja quando ouvi sussurros abafados no corredor e o clique nítido de um isqueiro. Desci do beliche, peguei uma toalha e enfiei na fresta embaixo da porta. Do outro lado, eu sabia, estavam Pardo e Reeder, bêbados de cerveja roubada da fraternidade e armados com os fogos de artifício que havíamos comprado na Carolina do Sul nas férias. Ouvi o chiado dos pavios enquanto corria para meu próprio estoque e depois um, dois, três estrondos ensurdecedores quando os rojões explodiram no corredor estreito. Acendi o pavio do meu foguete, esperei três segundos e abri a porta.

Eu mal podia enxergar através das bombas de fumaça que eles haviam atirado para esconder sua retirada, mas mirei e segurei firme o foguete, percebendo com um segundo de atraso que o alvo em movimento no fim do corredor não era um dos meus colegas de fraternidade, mas Suzie Carr, que corria do seu quarto apavorada pelas explosões procurando refúgio no saguão. Meu busca-pé a pegou bem no traseiro. Ela segurou as calças chamuscadas com as duas mãos e começou a gritar como uma sirene, e enquanto seus gritos se misturavam com o alarido do alarme de incêndio e os palavrões dos estudantes enfurecidos que acordaram com o barulho, eu sabia que Pardo e Reeder já estavam atravessando o gramado atrás do prédio. Nina Tarring saiu no corredor segundos depois, pegando-me com a mão na massa, uma pilha de fogos queimados aos meus pés e um cilindro de cartolina fumegante nas mãos.

— Por favor, limpe tudo isso — disse calmamente, seus cabelos loiros derramados sobre a longa camiseta com a qual estava dormindo.

Assenti, e ela se virou e saiu andando.

Três coisas podiam fazer que um jogador fosse suspenso do time: notas ruins, mau comportamento e álcool. No dia seguinte, depois das aulas, fiquei sentado no quarto, girando uma bola de basquete nas mãos e esperando o telefone tocar. Às cinco tocou, mas era meu avô ligando para avisar que viria assistir ao torneio. Olhei fixamente para a parede. Ele não dormiria lá, eu sabia, mas ia dirigir por quatro horas depois do jogo para voltar para casa, e caso vencêssemos, outras quatro horas para ver o jogo seguinte. Eu ainda estava olhando para a parede quando Nina Tarring ligou. Eu poderia por favor ir até seu quarto? Passei pelas manchas de enxofre que havia tentado remover do tapete e atravessei o saguão, onde Suzie Carr estava sentada fingindo estudar.

Nina fechou a porta atrás de mim e posicionou a cadeira da sua escrivaninha de frente para a cama. Um moletom azul escondia seu corpo flexível, mas sua *legging* cinza terminava nas panturrilhas, e quando se sentou sobre as cobertas com as pernas cruzadas, pude ver seus tornozelos dourados e a pequena cicatriz em forma de medalhão no esquerdo. Sentei na cadeira a apenas um metro dela.

— Alguém poderia ter se machucado de verdade, Jake.

— Eu sei.

— Tenho de denunciar você.

Baixei os olhos para o chão. Pensei em meu avô, no silêncio ao telefone quando eu lhe contasse.

— Aposto que o Nick tem a mesma opinião — eu disse.

Seus olhos azuis faiscaram.

— Ações têm consequências, Jake. Sinto muito se você teve de aprender deste modo.

— Nick lhe contou que o treinador me promoveu a titular hoje de manhã? — Observei os olhos dela. Eu sabia que não. Levantei para ir embora. — Mais poder para ele — eu disse lentamente, andando até a porta e saindo do quarto.

Na manhã seguinte, às 5h30, atravessei o *campus* silencioso e branco e fui até o ginásio, minhas botas afundando na neve crista-

lina. O zelador estava acabando de abrir a porta e me troquei sozinho no silêncio do vestiário frio, sentindo o cheiro dos tapetes de borracha e azulejos. Amarrei os tênis e fui para a quadra, rolando os suportes das bolas até seus lugares e depois correndo de um lado para outro da quadra, arremessando do canto, da linha dos três pontos, do alto do garrafão. Bati bola durante uma hora, achando meu ponto de equilíbrio, repetindo os lances e continuando mesmo depois de ver o treinador parado na porta, mesmo quando ele caminhou na minha direção e eu esperei que me chamasse para ir ao seu escritório. “Segure a munheca, Teller”, ele disse. Alguns minutos mais tarde, no treino, mandou-me para a quadra com os titulares, e durante toda a manhã meu jogo esteve melhor que nunca. Todas as vezes que eu driblava uma barreira a bola estava lá, e se não estava pulando sobre Nick Simms para arremessar, estava colocando a bola na mão de um dos nossos no garrafão.

Naquela noite fiquei no meu quarto olhando para o telefone. Não tocou, e às 23h15 vi Nina Tarring subir o caminho. Estava sozinha, seus cabelos loiros presos dentro de uma touca de lã, seu rosto vermelho congelado por um segundo sob a luz da entrada. Esperei vinte minutos e depois fui até seu quarto e bati na porta. Abriu uma fresta, viu-me e sinalizou para que eu entrasse. O aquecedor estava ligado no máximo e ela estava usando *shorts* e uma camiseta cor-de-rosa longa, que puxou sobre os joelhos quando sentou na borda da cama. Virei a cadeira na direção dela e me sentei.

— Obrigado — eu disse.

Ela sorriu.

— Se acontecer de novo, vou ligar para a casa do reitor.

— Não vai acontecer.

— Escreva uma carta se desculpando para Suzie.

— É claro. Nick ficou furioso, não foi?

— Vou me redimir com ele.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Na prateleira acima da cama havia uma fileira de bichinhos de pelúcia.

— Ele disse que você vai nos custar o campeonato.

— Ele vai assistir de perto.

Ela riu. Sua camiseta escapou dos joelhos e ela a puxou para baixo novamente.

— Você fica me observando quando subo o caminho, não é?
— perguntou.

— Todas as noites.

Tirou um travesseiro das costas e o segurou no colo.

— Conte-me uma coisa, Jake Teller. Quando os rapazes conversam, nos vestiários, nos ônibus, o que eles dizem?

Olhei para a colcha floreada, para o formato dos seus joelhos embaixo da camiseta.

— Eles se gabam do quanto trepam com suas namoradas. De quantos dias leva para elas caminharem direito de novo.

— Nick não diz essas coisas.

Fiz uma pausa.

— Não.

Estendi o braço, levantei a camiseta da sua perna e apertei o joelho miúdo. A perna se contraiu e ela cobriu minha mão com as suas, mas seus olhos me encaravam com calma. Tentei subir a mão.

— Não, Jake — ela disse, e eu parei.

Largou minha mão, mas a mantive sobre seu joelho durante alguns segundos elétricos, olhando dentro dos seus olhos com o coração disparando. Depois, retirei a mão e me levantei, tentando não tremer enquanto caminhava até a porta.

— Jake — ela disse tranquilamente. Voltei-me. — Boa sorte no campeonato.

Varremos a quadra e levamos o troféu. Fiz vinte e dois pontos na final, e Nick, que entrou para decidir quando nosso titular atingiu seu limite de faltas, acertou quatro arremessos de três pontos e me entregou a bola no canto para a enterrada que acabou com eles. Meu avô me levou para jantar após o jogo e depois me deixou atrás da capela, onde Pardo e Reeder me esperavam

com muitas latas de Coors e um membro da Psi U que, por cinco dólares por cabeça, nos conduziu por um caminho congelado até os fundos da fraternidade. Apontou para a janela que havia deixado aberta e entramos por ela, subimos dois lances de escada e chegamos ao barril, tontos só de pensar na cerveja de graça e enfeitados pela visão dos casais dançando no escuro ao som de “Rosalita”. O velho assoalho de madeira tremia quando respondiam ao chamado para “pular um pouco mais alto” com os braços para cima, seus pulsos enfeitados brilhando na escuridão. Entornamos nossos copos de cerveja, desejamos boa sorte um para o outro e depois nos misturamos ao bando. Comecei a dançar com uma garota de minissaia de couro preta que não fugiu quando a música se tornou lenta, puxou minha mão para sua cintura e apertou seu corpo contra o meu, seu pescoço recendendo a algum tempero esquecido, os dedos no meu cabelo enquanto eu acariciava sua bochecha. Ela estava me puxando para um beijo quando a explosão aguda do apito da sentinela se sobre pôs à música.

Olhei para a porta da frente e, não havia dúvida, lá vinha o esquadrão diversão, a equipe de guardas do *campus* e alunos viracasaca que davam batidas nas festas das fraternidades para verificar a idade dos convidados. Dei um beijo intenso na garota, disse “desculpe, caloura”, corri escada abaixo e saí pela mesma janela pela qual havia entrado, firmando-me sobre a neve a tempo de ver outros dois guardas vindo na minha direção, esforçando-se para não escorregarem no caminho congelado. Escapei pelo mato, atravessando o *campus* para voltar para casa, ouvindo pelas janelas abertas da fraternidade a introdução de piano e harpa e, depois, clara e alta, a voz de Bruce Springsteen:

*A porta bate
O vestido de Mary ondula
Como uma visão, ela dança pela varanda
Enquanto o rádio toca*

Roy Orbison canta para os solitários
Ei, sou eu, e quero só você
Não me mande para casa de novo...

As palavras sumiam enquanto eu me embrenhava no mato e cruzava a pequena ponte coberta de gelo, o tronco das árvores brancas brilhando à minha volta. Sentia-me cheio de vida, invencível com o ar frio e limpo nos meus pulmões e o futuro estendido à minha frente como uma passarela. Eu ainda estava a um mês da minha primeira trepada, mas agora já podia antecipá-la, vira a possibilidade dela nos olhos da garota na pista de dança. E no dia seguinte o jornal do *campus* traria na manchete a história do jogo. Vinte e dois pontos. Dez de treze do campo. Fechei os olhos e recordei as jogadas. A beleza delas, a pureza. O modo como eu sabia que ia acertar a cesta antes mesmo de a bola sair da minha mão.

113

Saí do mato no campo atrás do dormitório. Podia enxergar pelas janelas dos quartos escuros, pois as persianas ficavam levantadas porque lá só havia o campo vazio e quilômetros de plantações se estendendo até as Adirondacks. No quarto do canto do primeiro andar vi, de perfil, uma garota sentada na cama olhando para alguém que eu não podia ver embaixo dela, alguém que estava abaixo da linha da janela, mas cujas mãos brincavam com os botões da sua camisa.

O quarto do canto, eu sabia, era o de Nina Tarring, e a lua a iluminava como uma vela tênue enquanto ela abria a camisa e a deixava deslizar por seus ombros e braços. Cheguei mais perto da janela. Seus mamilos estavam duros e empinados em seus seios pequenos. Aproximei-me ainda mais. Ela pôs dois dedos dele na boca e depois levou-os até os seios. Fiquei a um metro e meio da janela e me ajoelhei na neve. Ela desceu sensualmente da cama, ficou em pé ao lado, puxou os cordões da sua calça e depois olhou pela janela bem dentro dos meus olhos. Por um segundo nos encaramos. Esperei que ela gritasse, que a cabeça

de Nick Simms aparecesse na janela, mas ela simplesmente desviou os olhos para ele novamente e então deixou as calças caírem no chão. Vi o “v” da sua calcinha, e então, com os olhos ainda em Nick, ela a deslizou pelas coxas e a chutou para longe.

114

Agora ela ia estender a mão para as venezianas. Não. Voltou para a cama e se acomodou em cima dele. E então, enquanto eu observava em meio ao vapor da minha respiração condensada pelo frio, Nina Tarring começou a se mover. Não para cima e para baixo, como eu sempre havia imaginado, mas para a frente e para trás, como se estivesse em uma cadeira de balanço. Lentamente, no início, com as mãos no peito dele para se apoiar, e depois, quando encontrou seu ritmo, levando as mãos à barriga e apertando os seios.

Recordo o gosto de metal na minha boca enquanto observava. Um minuto, dois. Ela se balançava cada vez mais rápido, fechando os olhos, agarrando os cabelos dourados e sacudindo a cabeça violentamente de um lado para o outro, tanto que comecei a me perguntar o que ele estaria achando daquilo. E então ela terminou, não com um único colapso, mas parando aos poucos, seus espasmos ficando mais curtos, mais suaves, seus ombros se contraindo e relaxando, contraindo e relaxando e então ficando imóveis, os olhos se abrindo lentamente como se despertassem de um sonho, as mãos se acomodando sobre os seios e encontrando, sob eles, o coração.

Sem olhar para mim outra vez, ela desapareceu sob o parapeito da janela e eu fiquei olhando para sua mesa vazia e a flâmula azul da faculdade pendurada na porta do armário. Fiquei em pé sobre a neve, meu joelho ensopado queimando por causa do frio, e contornei o prédio até a porta da frente com o gosto metálico ainda na boca enquanto andava até meu quarto. Tirei a roupa, subi no beliche e fiquei deitado de lado no escuro, olhando pela janela para a clareira onde a neve havia começado a cair de novo. Pura, branca e interminável, cobrindo as pegadas no caminho.

Um ano depois, abri minha caixa no centro postal do *campus* e encontrei um envelope branco sem o nome do remetente. Dentro dele havia uma fotografia de Nina Tarring vestida de noiva, sorrindo para Nick Simms. No verso, com caligrafia feminina, estava escrito:

Para Jake Teller — que você encontre a felicidade.

115

Domingo passado, um dia depois do hotel Roosevelt, bebi vodka demais em uma reunião de ex-alunos e permiti que um colega me convencesse a participar de uma campanha para angariar fundos. Duas noites atrás, recebi a lista de pessoas que deveria contatar. O primeiro nome era Nina Tarring.

No telefone, quando disse meu nome, ela foi simpática e atenciosa. Ela agora tem uma galeria de arte na rua Quatro Oeste. Sim, está indo bem. Em tempos de prosperidade, as pessoas pagam qualquer quantia por coisas belas. Ela me fez perguntas sobre contabilidade e sobre o trabalho nas grandes corporações.

— Parece que faz muito tempo que saímos da faculdade, não é, Jake? — ela disse.

— É mesmo. Eles querem que eu faça algumas perguntas, Nina. Para o banco de dados.

— É claro.

— Casada há quantos anos?

Fez uma pausa.

— Casada por quatro anos — disse. Percebi algo em sua voz, e por isso esperei. — Divorciada há dois.

Nenhum de nós disse uma palavra por alguns segundos.

— Posso levar você para tomar um drinque? — perguntei.

— Sexta à noite? — Baixei os olhos para a mesa da cozinha e ouvi o zumbido suave da linha telefônica.

— Sim, Jake — ela disse por fim. — Pode.

— ALGUÉM ESTÁ DEVENDO QUARENTA centavos para a biblioteca.

116

Mark disse essas palavras quando abri a porta na noite passada, e nesse momento senti algo desmoronar dentro de mim. Durante toda a semana eu havia me fortalecido. No trabalho, o sr. Stein me designou para o que os diretores chamam de “turno da meia-noite”, um plantão permanente para três dos maiores clientes da nossa firma. Passei os dias enterrada no Código Tributário, pesquisando suas manobras de última hora, telefonando pessoalmente para os diretores das companhias para orientá-los, tranquilizá-los ou gentilmente dissuadi-los. Um alívio do trabalho repetitivo das declarações, mas uma tarefa de alta pressão que me exigia doze, treze horas de concentração por dia. E no almoço, na minha mesa, eu enfrentava Madame Brodeur. Ela queria saber se o sermão podia durar cinco minutos em vez de dez. Não. As rosas iam custar mais do que pensamos, ainda queríamos arranjos em toda a nave da igreja? Sim. O cheque para os banqueiros era para dali a três dias. OK.

Trabalho e casamento, trabalho e casamento, e só. E isso me recompôs, me equilibrou. Durante longos períodos expulsei o último fim de semana da minha mente. Expulsei a hora passada dentro do armário do Roosevelt. Uma hora fraca e equivocada da minha vida que ficava para trás. Eu chegava em casa às onze ou até meia-noite, tarde demais para correr ou para qualquer coisa, na verdade, exceto um banho quente, um pouco de música suave e cama. E então, acordar cedo e voltar para o escritório e para os manuais de legislação mais uma vez. Um ritmo puxado, mas exatamente o que eu necessitava. Senti minha vida retornar ao meu controle.

Ontem, quinta-feira, pedi a Mark que viesse a minha casa depois de fechar a edição da revista. “Venha dormir aqui”, eu disse. Queria tocá-lo, senti-lo ao meu lado, ficar deitada junto

dele na cama e conversar. E quando cheguei, às 11 horas, ele já estava lá. Sentado no sofá segurando um livro que eu peguei na biblioteca semana passada, o dedo apontando para o carimbo da data.

— Alguém está devendo quarenta centavos para a biblioteca.

Devo ter olhado para ele com uma expressão confusa, porque ele disse:

— Mimi, o que foi? Mimi?

Voltei a mim, sacudi a cabeça e sorri.

— Nada — eu disse indo até ele e tocando seu rosto. — Você vai se casar com uma lunática, é só.

Mas, por dentro eu sentia toda minha determinação se dissolver. A determinação que havia construído hora após hora ao longo de toda a semana. E, mais tarde, deitada no escuro com o braço dele sobre mim e sua respiração no meu pescoço, comecei a tremer. Tentei pensar no casamento, visualizar a igreja ao pôr do sol daqui a apenas três semanas. Em vez disso, eu via o armário escuro do Roosevelt e as faixas de seda branca imóveis sobre a cama. Tentei lembrar a música que tocaria na cerimônia, “Greensleeves”. As primeiras notas surgiam, tão calmas, tão lindas, e então se perdiam. E eu ouvia a respiração de Anne. Sua respiração ofegante e desesperada enquanto Jake Teller operava sobre ela lentamente na cama do hotel. Sua respiração, depois seus gritos e depois sua voz sussurrante ao telefone no dia seguinte. “Mimi, não tenho palavras... Mimi, eu não sabia quem eu era. Eu *não saberia* dizer meu nome.”

Hoje de manhã me vesti tão silenciosamente que Mark perguntou se eu estava bem.

— Vamos combinar uma coisa — ele disse enquanto eu o acompanhava até a porta. — A firma fica com você até as oito esta noite, depois você é minha. Prometo vinho, velas e exercício.

Beijei-o.

— Pense nisso durante o dia — ele disse e se foi, e eu fechei a porta atrás dele.

Na firma, o sr. Stein me chamou em sua sala para dizer que meu trabalho durante toda a semana havia sido de primeira. Nossos clientes especiais estavam felizes. Eu tinha jeito com eles, ao que parecia.

118

— Se eu dissesse a Herb Sloan que ele estava tentando sonegar impostos, Mimi, ele teria dado um jeito de me expulsar do Harvard Club. Você disse isso e ele aceitou com um sorriso. Continue assim.

Voltei para minha sala, sentei-me e vi o bilhete cor-de-rosa preso embaixo da luminária. Desdobrei-o.

Hoje você pode assistir.

Olhei para o bilhete até as letras virarem uma mancha indistinta.

Hoje você pode assistir.

Levantei, andei até a janela, pousei as mãos no parapeito e fechei os olhos. Sabia que esse momento ia chegar. Toda a semana havia reunido forças contra ele, e até a noite passada eu sabia exatamente o que ia responder. — *Não, Jake. Não me convide de novo.*

Respirei fundo para me acalmar e voltei lentamente para minha mesa. Peguei o bilhete mais uma vez. Quatro palavras simples em um pedaço de papel. Parei ao lado do telefone com a mão suspensa no ar, depois tirei o fone do gancho e disquei o ramal de Jake.

— Jake Teller.

— Sou eu, Mimi. Não posso.

A linha ficou silenciosa. Afastei o fone do ouvido e o segurei sobre o aparelho. E então, ouvi a voz de Mark de novo, tão clara

como se estivesse na sala. “Alguém está devendo quarenta centavos na biblioteca.” E levei o fone para perto do ouvido outra vez.

— Você tem celular, Mimi?

— Não.

Fechei os olhos.

— Compre um hoje depois do trabalho. Anote este número: seis, quatro, seis, sete, um, um, oito.

119

Abri os olhos novamente e escrevi o número embaixo das palavras no bilhete.

— Ligue e deixe o número do seu celular na secretária.

Fiz o que ele me pediu. Fui a uma loja de artigos eletrônicos na Lexington e comprei um pequeno celular preto. Duas horas depois, no meu apartamento, disquei o número que ele me dera. “Sete, um, oito, oito, um, oito, três”, disse para a máquina com uma voz que soou estranha e distante. Coloquei o telefone no sofá ao meu lado e fiquei sentada no apartamento silencioso, esperando. Fiquei imóvel, com as costas retas como havia aprendido no balé quando era pequena. Fitei o quadro na parede oposta, o que meu pai me deu de Natal há dois anos. Um esboço, na verdade, de um cavalo em pé em um campo coberto de neve. Concentrei-me nos detalhes: os flancos musculosos, a crina molhada, os olhos que pareciam de alguma forma devolver meu olhar não importando de que ângulo eu o fitasse. Tão lindos, aqueles olhos... Selvagens. Sábios. Quando o chamado agudo do telefone celular cruzou o ar, saltei e atendi rapidamente, como se alguém pudesse escutar.

— Mimi Lessing — o modo como atendo minhas chamadas no trabalho.

— Mimi, é Jake.

— Olá.

— Ela tem um apartamento na rua Sullivan. Não sei o endereço. Esteja no Village a partir das oito horas. Quando eu estiver pronto, vou ligar.

Olhei para o quadro à minha frente.

— Mimi?

— Sim?

— Nada de salto alto. E sem perfume.

E agora, estou sentada do lado de fora de um café da rua Bleecker usando um cardigã azul-cobalto com mangas três quartos sobre um vestido cor-de-rosa. *Quando eu estiver pronto.* O frescor da primavera está no ar, mas estou cercada pelos aquecedores elétricos ligados no toldo acima de mim. Uma música marroquina está tocando em algum lugar. Tênuo, sensual. Na mesa ao lado, um casal jovem se dá as mãos sobre a toalha vermelha enquanto embaixo da mesa suas pernas se tocam timidamente. Um garçom alto serve vinho branco para eles, depois faz um giro e coloca um cálice de tinto na minha frente.

— Cabernet Arrowood — diz.

— Obrigada.

Tomo um longo gole. Na viagem do verão passado, a Arrowood foi nossa vinícola predileta. Posso ver a sala de degustação, a varanda no morro íngreme e poeirento debruçada sobre um mar de vinhedos. Lembro-me de Mark encostando seu corpo frio no meu ombro queimado de sol, alertando-me do que iria acontecer se eu ficasse bêbada e baixasse a guarda. “A pousada fica a cinco minutos daqui”, ele disse. Havíamos ficado noivos três semanas antes. Estamos a três semanas do nosso casamento agora, e há apenas uma hora telefonei para ele do meu apartamento e disse que ainda estava no escritório. Que ia ficar presa lá até a meia-noite, pelo menos, eu disse. Nosso encontro teria de esperar até amanhã.

Tomo outro gole. Na mesa ao lado a garota está contornando a borda do cálice suado com o dedo quando o homem se inclina e sussurra algo em seu ouvido. Ela baixa a cabeça e sorri. Sob a mesa, seus tornozelos agora estão entrelaçados. Ela olha na minha direção e desvio o olhar.

O amor de Mark é incondicional. É precioso, e é tudo que sempre quis; mas, quem vai me testar? Sempre me esquivei do desejo, vejo isso agora. Escolhi os garotos mais inofensivos porque

podia ficar com eles sem nunca ter de me entregar. Sei o que Mark está pensando, quase consigo terminar suas frases. Há um mês isso me dava tanto conforto. Há um mês, quando pensava em nós dois no altar, parceiros de verdade, sentia-me derreter por dentro. Agora, estou sentada em um café pensando em Jake Teller. No que ele faz com as mulheres. No que ele fez com Anne e eu escutei, a três metros de distância. Uma parte de mim não consegue nem imaginar. Amarrada. Indefesa. E uma parte de mim não consegue pensar em outra coisa.

Mentir para Mark foi emocionante. Terrível, mas emocionante, e desde então tenho sentido uma... excitação, uma urgência que nunca conheci. Como se, enfim, estivesse vivendo de verdade. Vivendo o momento, as cores à minha volta — o azul do toldo, o preto do terno do *maître* — claras e vívidas, e os sons — o estalo de uma bolsa se fechando —, nítidos, envolventes.

As mãos do rapaz agora estão na coxa da namorada. Ele susurra alguma coisa, ela enrubesce, baixa os olhos para a mesa e depois olha para ele de novo e assente. Ele chama o garçom, devolve os cardápios e pede a conta.

Bebo o resto do vinho e olho para minhas mãos contra a toalha vermelha. Para o anel de noivado faiscante que escolhi quase um ano atrás. “Transparência”, disse o joalheiro. “As pessoas ficam obcecadas com os quilates e acabam com um diamante enovado. Está vendo como esse absorve a luz?”

É verdade. Absorve e reflete.

— Outro cálice?

O garçom está em pé ao meu lado, olhando para baixo. Pressiono a gola do vestido contra o peito.

— Sim, por favor.

Olho novamente para o anel faiscante e recordo algo que Anne me disse há um ano, quando rompeu com o namorado com quem estava havia dois. Perguntei por que ela havia feito aquilo, e ela disse que, no aniversário dele, prometera que por

uma noite ele poderia fazer o que quisesse com ela. Qualquer coisa. Nenhum limite, dissera ela. Ele a levou ao Le Cirque e depois a um quarto do Waldorf com lençóis de cetim. “Não compreendo”, eu disse. Anne simplesmente desviou o olhar.

Ela me telefonou nesta manhã. “Ele é um canalha, Mimi”, disse. “Jake Teller. Seis dias e não me ligou. Você o tem visto?” Eu disse que não, Anne está indo para a Espanha no domingo. Duas semanas em Barcelona, Madri e Valência. “Vou ser a única bronzeada do casamento”, ela disse, prometendo que voltaria a tempo de manter as damas de honra na linha.

A mesa ao lado agora está vazia. O casal se foi. Uma nota de vinte repousa na toalha, presa por um cálice de vinho pela metade, suas pontas agitadas pela brisa. O garçom retorna com o meu Arrowood e o coloca a minha frente. Estendo a mão, mas interrompo o gesto em pleno ar. De dentro da bolsa aos meus pés vem o som abafado do celular. Ergo os olhos para o garçom como se ele pudesse querer atender.

— A conta, por favor — murmuro, e ele a puxa do bolso, coloca-a na mesa e se vai.

A campainha é firme, insistente. Puxo o pequeno telefone preto da bolsa, fecho os olhos e pressiono o botão piscante.

— Sullivan, 364 — diz Jake Teller, sua voz um sussurro. — Apartamento 2. Estamos prontos.

* * *

A SRTA. LESSING NÃO É MAIS A MESMA.

Todas as suas delicadas rotinas sucumbiram ao caos dos prazos no trabalho, e com elas também as minhas. Não espero mais na janela do La Bohème para observá-la voltar para casa ao cair da noite. Tampouco aguardo na área junto ao rio por meus preciosos momentos no calçadão. Um carro da firma a deixa em casa tarde todas as noites, e uma hora depois eu a perco para o sono. Essa

separação é cruel, mas vai passar em poucos dias. Mais perturbador é seu comportamento desta noite.

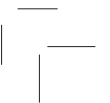
Estou sentado no banco de plástico de uma parada de ônibus do Village, deixando os ônibus passarem um depois do outro. Do outro lado da rua, a srta. Lessing está sozinha na mesa de um café. Acaba de pedir um segundo cálice de vinho, segurando o alto do vestido recatadamente contra o pescoço enquanto o garçom se debruça sobre ela.

123

Há uma hora ela mentiu para o noivo, ligando para ele do seu apartamento para dizer que estava no trabalho e que ficaria lá até a meia-noite. Minutos mais tarde, ouvi o som do chuveiro e do secador de cabelo, e depois o chacoalhar de sua caixa de joias e o farfalhar suave de um vestido tirado do cabide.

Outro ônibus encosta na parada e bloqueia minha visão. Descarrega seus passageiros e segue em frente, e enterro o rosto no colarinho para escapar da fumaça. Quando ergo os olhos novamente, a srta. Lessing está pegando a bolsa do chão, depois procurando algo dentro dela. Tira de lá um pequeno telefone preto, escuta por alguns segundos e o devolve à bolsa. Puxa o casaco, uma caxemira azul-cobalto, para junto do pescoço e coloca uma nota sobre a mesa. E agora fica em pé. Está indo embora. Abandonando um cálice de vinho cheio. O garçom a observa enquanto ela passa pelo pequeno portão de ferro que separa o café da rua.

Olha em volta como se tentasse se orientar, e depois se dirige para oeste ao longo da Bleecker. Levanto-me e a sigo.



CAPÍTULO 9

DOBRO A ESQUINA DA SULLIVAN, e os ruídos noturnos da Bleecker dão lugar à quietude de um quarteirão residencial. Em vez de bares e músicos de rua, pequenas árvores e calçadas largas e vazias. O vento aqui está mais forte, e aproximo o casaco do corpo. Os prédios não se parecem em nada com os edifícios de apartamentos do centro. São baixos e graciosos, somente dois ou três apartamentos em cada um, as portas da rua são de madeira talhada, com aldrabas de prata ou bronze ornamentadas. Os números diminuem enquanto caminho. 382... 380... 378... Toco as grades de ferro negro trabalhado que separam as propriedades da rua. 376... 374... Flores crescem ao longo das grades das janelas. Posso ouvir meus passos na calçada e tento caminhar mais silenciosamente. 372... 370... Do outro lado da rua fica o único comércio do quarteirão, o Caffé Lune. Um homem está sentado sozinho em uma mesa do lado de fora, mexendo uma bebida. 368... 366... A Bleecker agora parece ter ficado muito para trás.

Rua Sullivan, 364.

Paro. Dois grandes vasos de flores, baixos e cheios de terra preta e rosas, ladeiam uma linda porta de mogno. Está fechada, mas alguma coisa foi dobrada e enfiada entre a fechadura e o marco. Giro o trinco e a porta se abre, e um folheto cai no chão aos meus pés. Apanho-o.

GALERIA CISNE BRANCO. Uma propaganda de uma galeria de arte. No alto está o logotipo, um cisne de pescoço longo adormecido, o bico escondido no peito. E abaixo: NINA TORRING, DIRETORA. Olho do folheto para o nome abaixo da campainha do apartamento 2. TORRING, N. O nome está escrito com letra de mulher, com tinta fresca, como se ela houvesse acabado de se mudar. Jogo o folheto no vaso, entro e fecho a porta atrás de mim.

Estou em um saguão acarpetado que cheira ligeiramente a floresta. Pinheiro. Alguém colocou um sachê no aparador de mármore do lado de fora do apartamento 1. Em frente está a porta do apartamento 2, e daqui já posso ver uma faixa de luz entre ela e o chão. Caminho até lá, empurro suavemente a porta e ela se abre sem um ruído. Entro em uma pequena cozinha e fecho a porta silenciosamente atrás de mim.

A sala é elegante, com poucos móveis. Duas cadeiras Kaese prateadas perto da janela, uma mesa de centro de vidro com um vaso de flores e um sofá de couro preto. Na parede do fundo descansa um único quadro, iluminado por baixo, como se faz nas galerias. Essa é a única luz da peça, e ela atrai o olho para a pintura, uma vista deslumbrante de uma rua parisiense. Para além do quadro há um corredor curto que conduz da sala ao resto do apartamento. E do fundo desse corredor vem a música.

Música de violino, tocada muito suavemente.

Olho para o assoalho de madeira. Tiro os sapatos e os coloco juntos ao lado da porta, depois dou um passo silencioso, e mais um, até atravessar a sala e chegar ao início do corredor. Não tem mais que dois metros e termina no banheiro, e à direita está a porta aberta do quarto. Não enxergo o que se passa lá dentro, mas posso ver a luz estranha que escapa pela porta. Encosto minhas palmas úmidas no vestido. São apenas alguns passos até o quarto, mas não consigo me mover. Meu coração está batendo rápido demais, e minha respiração... ela iria me ouvir. Volto para a sala. Preciso de um minuto. Vou até o quadro.

Respire fundo, Mimi. Devagar. A pintura mostra um quarteirão em Paris, e o artista captou tudo. As letras desbotadas de um cartaz há muito colado em uma parada de ônibus. O reflexo de uma folha no canto da vitrine de um café. “Na verdade reside a beleza”. Minha professora de história da arte dizia isso sempre que um artista deslumbrava a turma com a perfeição dos seus detalhes. Concentro-me na minha respiração e começo a me acalmar. As cores da pintura são lindas. O azul enferrujado de uma telha, o vermelho de um vestido de criança. E a luz. Deve ser isso que querem dizer quando falam da luz de Paris. Parece se derramar do quadro, banhando as lojas em uma das pontas da rua e depois gradualmente dando lugar à sombra. Olho novamente para o corredor, para a luz que vem da porta do quarto. E volto para o quadro. Escuto o violino, cada nota suave dolorosamente clara dentro do apartamento silencioso. É como se a música houvesse sido composta para essa pintura. Posso me imaginar parada naquela rua, um violinista tocando essas mesmas notas a alguns metros de mim. “Algum dia, vamos morar em Paris”, Mark me disse certa vez.

Um gemido abafado corta a música. Minhas pernas ficam bambas enquanto olho para o corredor. Foi um gemido de mulher, parecendo ser de dor, ou de medo. Ou... de algo mais. Olho para os meus sapatos emparelhados ao lado da porta. Uma parte de mim quer correr para eles, mas olho novamente para a luz do quarto, e depois de fechar os olhos por um segundo, aperto o casaco em torno do pescoço e caminho na direção da porta. Paro logo antes dela procurando outros sons. Dela ou dele. Ouço apenas o violino. Apoio a mão na parede fria e entro no vão da porta.

O quarto está iluminado apenas pela luz de três lâmpadas, todas elas voltadas para a cama. E sobre ela está Nina Tarring. Seus olhos estão cobertos por uma venda negra e os pulsos amarrados aos pilares da cama com faixas de seda branca. Suas pernas estão livres. Está usando um pijama prata muito fino com calças de cordão, e agora vejo o que a fez gritar. Jake Teller está

sentado ao lado dela com uma tesoura nas mãos e está deslizando o metal liso na sua barriga nua. Os olhos dele olham diretamente para os meus.

128

Seguro-me no batente da porta para não cair. Nada, nenhuma foto de revista, nada que eu pudesse imaginar me preparou para estar aqui. Para ver isso. Ela. Real, na minha frente. Sinto o sangue fluir para minha cabeça e me obrigo a respirar. O olhar de Jake sobre mim é firme e parece me avaliar. Ele espera um segundo, depois olha para uma cadeira de espaldar reto que posicionou a um metro da cama e faz um gesto na direção dela com a cabeça. Olho para o chão. Carpete. O concerto de violino está vindo de um toca-fitas em cima da cômoda ao lado da cama. Ela não vai me ouvir. Ando até a cadeira e me sento. Não sei onde colocar as mãos, então, cruzo-as sobre o colo. E olho novamente para Nina Topping.

Ela é bonita. Seus cabelos loiros curtos são da cor do milho de Ohio e nenhuma raiz escura os macula. Seus traços são delicados, precisos... nórdicos. Seus olhos, sob a venda, devem ser muito azuis. Ela é quase exatamente do meu tamanho.

Duas das lâmpadas estão em luminárias de pé, uma em cada lado da cama. A terceira é de uma luminária articulável de mesa que Jake prendeu na cabeceira e trouxe tão para baixo que Nina deve estar sentindo seu calor na pele. Ele ajustou o ângulo para frente, criando uma linha de luz desde o rosto até o centro dela, deixando todo o resto nas sombras.

Jake ergue as lâminas de metal até a blusa do pijama e começa a cortar. Corta no meio, inclinando-se para a frente à medida que sobe, afastando o colarinho do pescoço macio para o último corte cuidadoso. Depois, corta cada alça e puxa a blusa destruída por baixo das costas dela. O sutiã é de renda branca e se abre na frente. Victoria's Secret. Jake larga a tesoura na cômoda, abaixa-se e desfaz o nó do cordão das calças. As costelas de Nina sobem e descem com a respiração pesada. Jake ergue as calças sobre seus quadris e depois as puxa para baixo e as joga ao lado da

cama. Sua calcinha é branca e pequena, quase um fio dental. Cobre tão pouco... Nina junta as pernas, dobra os joelhos, tentando fugir dele. Ela tem a pele de uma rainha, sem marcas, a mesma cor abaixo e acima dos quadris. Suas pernas são atléticas e lisas, e em um dos tornozelos miúdos existe uma cicatriz em forma de moeda.

Jake desliza as costas dos dedos a partir dos quadris, descendo por uma coxa até o joelho, e depois faz um traçado tortuoso pela panturrilha. Ela ergue o queixo e seus lábios se abrem.

A mão de Jake some ao lado da cama e retorna com um frasco. É óleo para massagem, e ele gira a tampa e derrama um pouco nas mãos. O cheiro é de baunilha. Levanta o tornozelo direito de Nina, tão pequeno em suas mãos, e esfrega o óleo no pé, depois derrama outra dose nas mãos e sobe pela panturrilha. Ela dá um suspiro profundo enquanto ele desliza pela perna até o alto da sua coxa, parando exatamente onde começa a renda da sua calcinha, depois derramando mais óleo e começando a descer a outra perna, massageando a coxa, o joelho, o tornozelo, pressionando a pequena cicatriz branca com o polegar.

Ele termina e pausa o pé novamente nas cobertas. Mais uma vez ela aperta as pernas uma contra a outra. Jake se move mais para cima na cama, até o meio do corpo dela. Pinga gotas de óleo na sua barriga e faz pressão com a mão, massageando-a em pequenos círculos, parando logo abaixo do sutiã, os polegares roçando o algodão fino. Ela morde o lábio inferior. Ele derrama mais óleo em uma das mãos e a leva acima do sutiã, esfregando o esterno, o pescoço, o cheiro forte da baunilha agora tomando conta do quarto, inebriante. Ela precisa que toque seus seios, mas ele se recusa, embora cada respiração os aproxime de suas mãos. Ele baixa as alças do sutiã uma por uma e desliza as mãos de um ombro para o outro, os dedos se demorando na garganta, descendo para a fenda entre os seios, mas nunca alcançando as elevações logo abaixo. Ela geme suavemente, trazendo as pernas de encontro ao corpo e depois baixando.

Eu aperto as minhas.

130

Jake se levanta, dá a volta na cama e senta na cabeceira. Derrama o óleo nas duas mãos e começa a esfregar o braço direito, subindo lentamente a partir do ombro, massageando o nó macio do seu bíceps e o antebraço fino até chegar ao pulso amarrado. Os dedos dela se enterram na palma das mãos, abrem e fecham novamente, o esmalte das suas unhas brilhando como lan-
te-joulas na luz.

Jake volta ao outro lado da cama e derrama o óleo no braço esquerdo, subindo tão lentamente quanto fez com o direito, chegando enfim ao pulso, esfregando o óleo na palma com o polegar. Ela engole e força os nós com os pulsos.

As notas finais do concerto flutuam no ar e depois somem. O quarto fica em silêncio, exceto pelo farfalhar baixo das cobertas sob as pernas de Nina e sua respiração acelerada. Jake solta a mão esquerda e depois a pega de novo e traz o pulso para mais perto da luz. Ela resiste, tentando fechar os dedos, mas ele não permite e os imobiliza. O que ele está vendo? Inclino-me para a frente e agora também vejo: uma falha na sua cor perfeita. Um pequeno círculo branco no dedo anular.

Jake solta a mão. Ela cerra o punho e o abre novamente, nervosa. Ele está olhando para seu rosto, como se pudesse enxergar os olhos através da venda. Estende a mão para a cômoda, e ainda fitando-a, abre lentamente a primeira gaveta. Ela umedece os lábios ao ouvir o som, morde o lábio inferior. Não posso ver a gaveta de onde estou sentada, mas vejo Jake tirar alguma coisa de dentro dela e trazer para a luz. Uma aliança de casamento de ouro. Ele a gira entre os dedos silenciosamente.

Ela é casada. Ele não sabia.

Jake desliza o anel pela ponta do seu indicador e o pressiona contra a bochecha de Nina. Ela arfa, todo seu corpo se contraindo. Vira o rosto para a cama e depois para ele novamente.

— Por favor — sussurra. — Eu...

Jake encosta um dedo nos lábios dela e levanta seu queixo.

— Ainda é Nick, não é? — diz.

— Sim.

Ele segura o queixo dela com mais força e o ergue mais um centímetro, forçando o pescoço para trás. Seu polegar pressiona gentilmente a garganta de Nina.

— Mais uma palavra e vou embora. Nick vai encontrá-la desse jeito.

Ele solta seu queixo. Ela engole, respira fundo uma vez e assente.

Jake coloca a aliança na cômoda, pega a tesoura e a posiciona entre os seios dela. As lâminas mordem o fecho do sutiã e ele salta, o tecido caindo para os dois lados. Corta cada metade mais uma vez, puxa-as e as joga no chão. Os seios são pequenos, mas os mamilos estão duros e... inchados. Olho para eles. Ela molha os lábios de novo e se prepara para o toque que sabe que finalmente virá.

Jake se debruça sobre ela e sopra com força um dos mamilos da cor do rubi. Ela arqueja e se balança contra os nós. Ele sopra o outro.

— Por...

Ela se detém. Ele repete a carícia, primeiro um seio, depois o outro. Ela sacode a cabeça, agarra os poucos centímetros de pano entre os pulsos e os pilares e os torce entre os dedos. Ele sopra outra vez. Desvio os olhos para o chão. Meu peito está dolorido. Não o peito, acima dele. Pressiono o braço contra o casaco, contra meus seios, inclinando-me para a frente para que Jake não veja.

Ele coloca a mão esquerda gentilmente no quadril dela, e a direita paira sobre os seios. Ele a traz para baixo até que a palma faça o mais tênue contato com o mamilo. O toque é tão suave que ela pensa que ele está soprando novamente, mas ele mantém a mão ali até que ela se dê conta, e então, começa a movê-la para

a frente e para trás. Devagar, dois centímetros em cada direção, tocando somente a ponta do mamilo e nada mais. Para a frente e para trás, para a frente e para trás, depois no outro seio, e agora passando de um para outro. Um pouco mais rápido, mas, ainda assim, mal roçando as pontas dos mamilos. Ela levanta o peito na direção dele para forçar mais contato, mas ele levanta a palma na mesma proporção. Aperto mais o braço contra o corpo. Tento virar a cabeça, mas não consigo tirar os olhos da sua mão. Ele a move um pouco mais rápido, dando a ela uma fração da pressão que ela necessita, somente uma prova dela. Ele se move mais rápido e agora abaixa ligeiramente a mão. Ela deixa escapar um pequeno grito, um curto gemido de gratidão, morde os lábios e levanta o queixo. É tão pouco o que ele lhe dá, mas é algo, finalmente. Fricção. Pressão. Ela aceita, aceita e começa a se balançar, erguendo e baixando os tornozelos cruzados, abrindo e fechando os punhos. Se ele desse só mais um pouco... Um mínimo a mais. Jake baixa a mão uma fração de centímetro e a move com mais rapidez. Sim. É quase o suficiente. Ela ergue mais o queixo. Ele acelera cada vez mais, e ela agora já antecipa o alívio, confiando nele. Aperta mais os punhos, forceja mais rápido contra os nós. Está quase no ritmo da mão dele, a boca aberta, as cordas da garganta tensas, pulsantes. Mais rápido ele vai. Mais rápido. Sua mão agora é um borrão, do qual se desprendem gotas de óleo. Cruzo meus próprios tornozelos. Ela está quase lá. Mais rápido. Mais alguns segundos. Mais um...

Jake afasta a mão.

Ela não grita nem para de se balançar, mas ergue o peito até onde a mão dele estava, onde ela ainda tem de estar, lutando contra os nós para subir mais um centímetro, meio centímetro, para manter o contato. Não sente nada além do ar. Sobe mais alto, até o limite do que os nós permitem, e nada. A mão dele se foi, abandonou-a, e agora ela dá um grito agudo, como se um ferro houvesse sido encostado na sua pele, e com ele desaba novamente na cama. Jake se levanta e sai silenciosamente do quarto.

Levo a mão à boca, à testa. Meus dedos estão crispados, brancos. Olho para a porta, depois para Nina.

Ela está tremendo. Tenta virar o corpo para o lado, pressionar um dos mamilos contra a cama, contra qualquer coisa, mas os nós não permitem. Suas costelas estremecem e pequenos espasmos a sacodem. Move as pernas ainda unidas de um lado para o outro, depois as traz até a cintura e estende de novo. Tento desviar o olhar, mas meus olhos são atraídos para ela novamente, para seu rosto delicado e agora contraído, para seus mamilos inchados e reluzentes por causa do óleo.

Um som vem do início do corredor. Nina também ouve e vira a cabeça, percebendo pela primeira vez que Jake saiu do quarto. Levo um segundo para identificar o som, para entender que era o chacoalhar suave da porta da geladeira. Ouço-a se fechar. A respiração de Nina é curta e desesperada, quase um soluço, mas quando se dá conta de que está sozinha, começa a se acalmar, e vejo uma nova determinação surgir no seu rosto. Uma força. Por alguns momentos, pelo menos, ela está segura.

Deixa os pulsos penderem relaxados dos nós. Afasta um tornozelo do outro e os cruza outra vez rapidamente, gemendo baixinho. Leva as pernas na direção da barriga, mais lentamente que antes, e de volta à cama. Controla a respiração do modo como ensinam no ioga, cada vez mais devagar até encontrar o centro. Descruza os tornozelos mais uma vez, delicadamente, e dessa vez é capaz de deixá-los assim, embora ainda bem apertados. Seu corpo ainda treme, mas agora menos. Ela contrai os músculos da panturrilha e depois relaxa. As coxas. A barriga. Inspirando enquanto contrai, expirando enquanto relaxa. Os ombros. Os pulsos. Está retomando o controle, músculo por músculo.

— Logo — sussurra. — Logo, logo.

Observo-a hipnotizada. Sua respiração se tranquiliza até ficar quase normal, só um pouco mais rápida que a minha. Silenciosamente, também respiro fundo e relaxo o braço. Ele ainda dói, então, olho de novo para o vão da porta e depois enfio a mão

embaixo do casaco e aperto meu seio, com cuidado para não fazer barulho. Posso sentir o calor no meu rosto, o rubor que sei que ele vai ver. Tiro a mão do casaco e me aprumo na cadeira. Tento relaxar as pernas, mas elas tremem e sinto o controle começando a me escapar; então, mantenho-as apertadas. Aliso o vestido silenciosamente com as mãos. Percebo que estou me preparando para o retorno dele tanto quanto ela.

Jake entra no quarto novamente. Nina sente sua presença e respira fundo outra vez. Gira os pulsos contra os nós e depois deixa os dedos penderem em um punho relaxado, um punho de corredor. Recordo os treinos de atletismo: finja que está segurando um pássaro nas mãos. Apertado o suficiente para impedi-lo de voar, mas solto o bastante para não o machucar. Ela também é corredora, e isso vai ajudá-la. Jake passa pela cama e vai até a cômoda, segurando na mão direita alguma coisa que o ângulo do seu corpo não me deixa ver. Avança a fita no aparelho de som e, quando chega ao fim, remove-a, vira-a e a recoloca, pressionando o *play*. Volta-se e se senta na cama. Vejo o que tem nas mãos e sinto minhas pernas começarem a tremer de novo. Nina espera, calma agora, sentindo a cama ceder ao peso dele, sabendo que a qualquer segundo ele vai começar de novo, mas pensando que está preparada, que está pronta. Ela não pode ver o copo na mão dele.

Cheio até a borda de pedras de gelo.

Jake o coloca na cômoda sem fazer ruído. Baixa os olhos para Nina, percorre todo seu corpo reluzente, dos pulsos amarrados, agora relaxados, aos tornozelos miúdos, apertados, mas não cruzados. O aroma de baunilha enche o quarto. No toca-fitas, a música começa. Piano. Lento, sinuoso. Já ouvi isso antes. Não lembro onde, mas já ouvi. É insistente, belo. Nina também ouve, e parece tentar se mover na direção da música, como se ela pudesse salvá-la, retardar ou ajudá-la a suportar o que está por vir. Permitir que pense em algo mais além de onde ele a vai tocar a seguir.

Jake enfia os dedos na pirâmide irregular de cubos de gelo e tira o primeiro. Debruça-se sobre o rosto dela, sobre as gotas de

suor que brotaram na testa, nas bochechas. Suor do calor da lâmpada, do calor dentro dela, da espera. Jake encosta o cubo congelado na testa de Nina.

Ela arqueja com o choque, a boca se abre. Tentar virar o rosto para a cama, mas ele o segura. Arqueja novamente, mas se acalma e quase suspira. Precisa disso, está ardendo, e o frio a alivia. Passa a língua pelos lábios, subitamente consciente da própria sede. Ele os toca com o cubo e depois o afasta. Ela espera que ele o traga de volta, mas em vez disso Jake olha para o corpo estendido novamente, e quando o faz, começo a me dissolver.

Ele coloca a mão esquerda no quadril dela, imobilizando-a, e então o cubo na sua garganta. Ela salta com o choque, e seus punhos se fecham de novo, forcejando contra os nós. Ergue as pernas abruptamente. Jake estende o braço sobre elas, e ainda segurando o gelo na garganta, empurra as pernas de volta para a cama. Começa a mover o gelo, descendo pelo pescoço, tirando o braço de cima das pernas dela enquanto faz isso. Ela dobra os joelhos e os ergue novamente. Jake para o gelo. Mais uma vez o aperta logo abaixo do pescoço, fazendo-a arfar de dor. Empurra as pernas dela para baixo e somente quando ficam imóveis recomeça a mover o gelo. Até um ombro, de volta ao centro, para o outro lado. Ele liberta as pernas e, instintivamente, ela torna a levantá-las. Jake para o gelo apertando-o na pequena depressão abaixo do pescoço. Ela arfa, mas agora não só de dor, porque compreende. Gemendo suavemente, abaixa as pernas. Quando elas se acomodam, Jake coloca o gelo em movimento de novo.

É uma tortura. Ela não aguenta o gelo sem mexer as pernas, mas quando se move ele para, e isso é pior. E assim ela fica parada, ofegante, os tornozelos cruzados novamente enquanto Jake desliza o gelo entre seus seios, com o cuidado de não os tocar, e agora desce pela barriga, o cubo se derretendo rapidamente ao calor da lâmpada, deixando uma estreita trilha de água sobre a pele. Seus punhos forcejam tanto contra os nós que posso ouvir o ranger dos pilares.

O gelo já está fino como uma lâmina, e ela suspira de alívio quando Jake o retira e o pressiona contra a própria testa até desaparecer. O piano prossegue com seus rodopios suaves. Posso ver que Nina está tentando se concentrar na música, entregar-se a ela. Concentrar a mente em alguma coisa, qualquer outra coisa. E agora lembro. Convento... Convento... “Convento Di Sant’Anna”. Da trilha sonora de *O paciente inglês*. Mark me deu o CD de Natal. Eu mal havia percebido essa faixa de início, mas é linda. Variações sutis de um tema puro, simples, arrebatador.

Jake pega outro cubo do copo e o aproxima da lâmpada, deixando que as gotas derretidas pinguem na testa de Nina. Então, desce para os pés da cama e pressiona o cubo sobre a cicatriz branca circular no tornozelo dela.

Nina tem um espasmo e joga as pernas para cima de novo, mas Jake mantém o cubo apertado contra ela até que ela as abaixe com um gemido e fique imóvel. Depois, começa a subir pela perna em pequenos círculos, até o joelho e além dele, subindo pela coxa. Afasta o cubo da pele, concede vinte segundos de alívio e depois o encosta na barriga, esperando que seus espasmos e chutes reflexos cessem, mantendo-o pressionado contra ela até que, com um grito de frustração, ela baixa as pernas mais uma vez. Agora ele começa a descer o gelo com os mesmos pequenos e torturantes círculos. A respiração dela é rápida e desesperada, o rosto apertado contra o colchão, mas de alguma forma ela é capaz de manter as pernas imóveis. No umbigo, ele levanta o gelo novamente e o segura no ar sobre o carpete, observando-a de perto, seu corpo trêmulo, os lábios afastados.

Deshio os olhos. Estou queimando, não só o rosto, mas o corpo inteiro. Ela não pode suportar isso por muito mais tempo. Por uma porta aberta do armário vejo seus ternos: elegantes, caros. Fecho os olhos. Posso vê-la na galeria, entre os quadros. Cortês com os clientes, segura, no controle. Uma profissional. Casada. Abro os olhos, chocados, abalados pela visão dela, a visão real,

os braços lindos e indefesos estirados acima da cabeça, as faixas brancas implacáveis agora manchadas de óleo e suor.

Jake recomeça. Às vezes ele inicia com o gelo acima da cintura, às vezes abaixo, mas sempre o leva na direção do centro dela, na direção do algodão diminuto que é sua última proteção. E à medida que a música se torna mais insistente, o mesmo acontece com suas incursões. Ele move o cubo de gelo em círculos cada vez menores, e cada passada termina mais perto da calcinha. Antes, ele parava no umbigo, ou se estivesse subindo, na coxa, mas agora, vindo de qualquer direção, chega a um centímetro do algodão. Quanto mais perto chega, mais difícil é para ela se controlar, e por duas vezes não aguenta, mexendo as pernas e sofrendo a punição. A dor do gelo pressionado é compensada pela chance de se mover, mas rapidamente se torna tão insuportável que baixa as pernas de novo e fica imóvel, gemendo baixo com as unhas enterradas nas palmas, o gelo deixando uma marca vermelha na sua pele dourada enquanto se afasta.

Seu único alívio são as pausas de vinte, trinta segundos nas quais ele ergue o gelo de sua pele e ela pode se recompor, torcer as faixas de seda lentamente nos pulsos, tentar se concentrar novamente no piano doce e salvador que é sua única distração. Ele está lhe dando outra folga agora, segurando o cubo sobre o carpete. Ela gira a cabeça quase imperceptivelmente na direção da música. A linda música do piano que está sempre se afastando de seu tema e retornando a ele. Também tento me concentrar nela agora, controlar a sensação que está surgindo sob o meu vestido. Jake pega mais um cubo do copo. *A música, Mimi. Concentre-se.* Fugindo e retornando. O eterno tema: a jornada e depois o retorno para casa. Jake segura o gelo, mas não o encosta nela imediatamente. Inclino-me para a frente. *Escapando, depois retornando.* Poderia ser? Observo Jake. Ainda está esperando, segurando o gelo acima dela. A música ainda está se afastando, e agora, quando ela encontra o caminho de volta ao tema, vejo Nina se con-

trair, e quando o piano retoma o tema mais uma vez, Jake Teller encosta um cubo novo no interior da sua coxa.

Ele está usando o gelo de acordo com a música.

138

As pausas de alívio vêm somente nas digressões. Assim que a peça retorna ao seu tema, em qualquer variação sutil, Jake recomenda. Coloco as mãos nos joelhos para impedi-los de tremer e mantê-los juntos. Ele está tirando tudo dela. Todas as defesas. A música é sua única distração, mas ao se concentrar nela, ela é conduzida de volta, sempre, ao seu tormento. Até mesmo as pausas agora são insuportáveis, porque ela sabe que o piano vai encontrar o tema novamente e sabe que quando isso acontecer o gelo vai recommear a lenta jornada sobre sua pele. E quanto mais a peça se aprofunda, mais perto o gelo vai chegar do seu alvo final, para onde Nina sabe que ele deve ir, *precisa* que ele vá, e não o pode imaginar.

O piano se mantém no tema por mais tempo que antes. Um minuto, um minuto e meio, o gelo subindo em círculos por sua coxa imóvel, encontrando uma veia, acompanhando seu traçado, realçando o azul. Arrancando gritos abafados e gaguejantes dos seus lábios abertos. Ele sobe mais que nunca, quase no algodão, alcançando-o agora enquanto finalmente, misericordiosamente, o piano escapa em uma digressão e Jake retira o cubo de sua pele.

Agora sinto. Sob meu vestido.

Os espasmos estão começando a sacudi-la quando Jake solta a lâmina de gelo dentro do copo, vai rapidamente até a cabeceira da cama e toma um pulso amarrado nas mãos. Aperta com o polegar até que Nina, com um arquejo de dor, abre o punho e solta a seda que estava segurando. Jake pressiona a mão aberta contra a cama enquanto o piano sugere seu tema, inicia e depois se afasta outra vez. Dá a volta na cama e pressiona o pulso direito até Nina também abrir a outra mão. “N...”, ela começa, detendo-se e virando o rosto para a cama, para mim, a boca aberta de choque quando percebe o que está acontecendo, percebe que Jake não está nem perto de terminar, que está apenas tornando as regras mais

severas. Suas pernas não vão mais ser suficientes, ele está dizendo a ela. Ele também quer que seus pulsos fiquem imóveis.

Nunca senti o que estou sentindo agora. Não sem ser tocada.

Jake pega o queixo dela com a mão. Ele não vai fazer isso, não pode. Sua última defesa. Ela tenta enterrá-lo nas cobertas, mas ele o puxa para cima, na sua direção, segurando firmemente por alguns segundos e depois largando. Ela não o tenta mover. O piano está circulando agora, encontrando seu caminho de volta ao tema, muito próximo dele. Jake pega outro cubo do copo. Nina começa a se preparar, a fechar os punhos, mas se detém, abrindo-os novamente quando o piano reinicia o tema.

Jake se debruça sobre ela e encosta o cubo, pela primeira vez, em um dos seios.

Ela não consegue ficar parada, mas fica. Todos os músculos absolutamente imóveis, a cabeça erguida, as pernas juntas como as de um mergulhador, os pulsos encostados na cama, os dedos separados, as faixas de seda branca estendidas ao lado deles. Jake leva o gelo até o mamilo, contorna a auréola macia, sobe até a ponta e desce novamente. Os lábios dela se movem sem som, implorando, mas ela não se mexe. Ele conduz o gelo, lentamente, até o outro seio.

Deslizo minhas mãos pelo vestido enfiando-o ainda mais entre as pernas.

Ela é uma visão. Totalmente imóvel. Observo seu rosto tão delicado, por onde o suor agora desce em jorros, empapando a venda negra, rolando em gotas por suas bochechas vermelhas, brilhando nas cordas tensas e pulsantes do pescoço. De algum modo, tenho certeza de que seus olhos estão abertos. Estão abertos sob a venda, e neles e no arco do seu corpo imóvel e por toda ela existe uma aura de puro... esforço, não... dor, não... algo além da dor. Aquele momento de uma longa corrida, depois de quilômetros e quilômetros, quando você não pode mais continuar, mas continua e alcança, subitamente por meio da dor, a claridade total. A transcendência.

Ela está com ele agora.

Nina está prestes a se decompor, não pode suportar o gelo mais um segundo, mas está com ele. E Jake percebe. Os olhos dele estão brilhando. Tira a mão esquerda do quadril dela, levanta-a até seu rosto e toca sua bochecha.

140

A música ainda insiste em seu tema. O piano suave se mantém no tema simples, repetindo sem piedade enquanto Jake afasta o gelo do seio e desce para o único lugar onde ele ainda não esteve, passando pelo umbigo até chegar ao algodão da calcinha, traçando a borda dela com o mesmo cuidado com que um alfaiate marca um corte de tecido para ser cortado. Ainda assim ela não se move. Ele percorre o quadril de um lado para o outro e agora, por fim, toca o algodão em si. Nina arqueja, um arquejo que vem do mais fundo dela, mas continua imóvel, lindamente, perfeitamente imóvel quando o gelo alcança o centro da sua calcinha e para. Um gemido lhe escapa quando ele o pressiona com força contra o algodão, mantendo a pressão enquanto o piano persiste no tema.

Jake levanta o gelo da sua pele, inclina-se para a frente e a beija suavemente na testa.

Ela encosta o rosto na colcha novamente, e agora sua respiração é uma série de arrancos explosivos. Tem medo de se mover, mas precisa disso, pelo menos um pouco, e então pega a seda entre os dedos de novo e fecha rapidamente os pulsos. E agora relaxa, esforçando-se para identificar algum som vindo dele, alguma pista. Pode ser que ele tenha terminado? Seria possível? Ela fez tudo que ele pediu. No início, queria apenas se render, mas quando ele não permitiu, aceitou as condições. Ele colocou o gelo nos seus seios, na sua calcinha, *exatamente lá*, e ela ainda assim se manteve firme. E depois ele a beijou. Isso significava que havia conseguido? Que ele havia terminado? Ela espera, implorando com cada músculo enquanto o piano, ainda em digressão, começa a retornar ao tema. Por favor. Chega. Ela chegou ao limite. Passou dele. O piano retoma o tema e o desenvolve.

E Jake não faz um movimento na direção do copo. Ele baixa os olhos para ela, observando enquanto ela tenta escutar, enquanto ela ousa acreditar. E depois, vai até a cabeceira da cama e desamarra a seda do pilar.

Nina sente a frouxidão no pulso e relaxa, murmurando preces silenciosas de agradecimento. Jake finalmente permite que ela flexione o braço, que traga o pulso para perto do corpo, mas depois o puxa com um safanão de volta à posição original. Ela grita, assustada. Jake dá duas, três voltas com a faixa em torno do pilar da cama, esticando cada centímetro do tecido, e amarra seu pulso novamente, tão apertado que fica imobilizado, pressionado contra a madeira nua, e o tecido quase se enterra na pele. Ela grita mais uma vez, volta o rosto para ele como se perguntasse por que, mas Jake passa rapidamente para o outro lado da cama e amarra o pulso direito da mesma maneira. Nina grita novamente quando ele o puxa até o pilar, abrindo seus braços ainda mais que antes, tanto que agora os músculos em cada um deles ressaltam esticados e reluzentes sob a lâmpada.

Quero dizer a ele para parar, segurar seu braço e obrigá-lo a parar, mas deixo que passe por mim e sente de novo do outro lado da cama. E sei que se ele me perguntasse, se tivéssemos algum código silencioso e ele me consultasse neste momento, eu não lhe diria para parar. Assim como não consigo me obrigar a desviar o olhar dela, mas agora estou me balançando lentamente com as mãos presas entre as coxas e os tornozelos cruzados. Ele me vê, mas não posso evitar. Agora não há só calor sob meu vestido, mas umidade. E então, balanço-me devagar, respiro silenciosamente e observo Jake Teller baixar o braço ao lado da cama e voltar com mais duas faixas.

São de seda branca, como as outras, e ele amarra cada uma delas nos pilares que restam com um forte nó duplo. Nina não o consegue ouvir acima do piano, o lindo piano que nunca vou ouvir de novo e que persiste fielmente no seu tema, próximo do final.

Ela agora está gemendo baixo sem parar, virando o rosto de um lado para o outro, pressionando as bochechas contra a cama e movendo também as pernas, os tornozelos tão apertados que deixam marcas um no outro. Jake vai até o pé da cama e os pega nas mãos. Ela grita e luta para mantê-los juntos. Ele tem de apertar o tornozelo direito contra a cama e puxar o esquerdo para cima, e mesmo assim isso leva alguns segundos. Quando eles se afastam, ela deixa a cabeça cair sobre a colcha novamente, e quando ele começa a puxar a perna esquerda na direção do pilar, ela move a outra na mesma direção, respirando com suspiros frenéticos. Se ele pelo menos a deixasse manter as pernas juntas. Mas sua perna direita só pode ir até certo ponto, e quando Jake puxa o tornozelo esquerdo até o pilar seus joelhos se separam pela primeira vez, e depois suas coxas. Ela arfa como se houvesse sido mordida, e quando sente a seda se enrolar em volta do tornozelo e compreende tudo que está por vir, desaba.

— Não! — grita. — Não, n...

— Vou embora — Jake diz rispidamente fechando seu punho em volta do tornozelo dela e apertando uma vez com força.

A cabeça dela pende sobre a cama, levanta-se, cai novamente. Jake toma seu tornozelo direito nas mãos. Ela está tentando mantê-lo junto do esquerdo, manter as pernas pelo menos parcialmente fechadas, mas Jake o puxa lentamente para o outro lado, agora realmente separando as pernas, tão separadas que quero gritar, e depois enrola a ponta solta da última faixa em torno dele e dá um nó apertado.

Ela é pequena demais para que os pés alcancem os pilares. A seda esticada os mantém imóveis a quinze centímetros da cama. E vejo pela primeira vez, no meio do seu corpo, o algodão empapado. Quando suas pernas estavam unidas ele ficava oculto, mas agora posso ver a mancha escura na calcinha, e vejo que está se espalhando. E só pode se espalhar, porque Nina não tem como deter ou mesmo acalmar a torrente que ele acumulou dentro dela. Está indefesa.

Jake se senta na cama novamente e enfia os dedos no copo para pegar o último cubo. Ela ouve o tilintar do vidro e grita, tenta afastar os pulsos dos pilares, mas a dor a impede. Os nós estão apertados demais, e se ela puxar de novo vão marcar profundamente sua pele e ela terá de explicar. Geme de novo, mas agora baixinho, sutilmente, e seu rosto não afunda mais na colcha, mas balança de um lado para o outro como se estivesse em transe.

143

Ele encosta o gelo na sua testa e começa a descer.

Sabe que tem de trabalhar rápido. Passa pelas bochechas ruborizadas, pelo pescoço, entre os seios. Ela não tem como escapar, como se mover, como resistir. Só pode gritar, e então solta gritos curtos e agudos quando ele chega com o gelo na sua barriga. Ele a sente ceder sob o cubo, sente o resto do controle deixar seus músculos, sente seu tremor se transformar em espasmos e seus espasmos virem cada vez mais rápido. Leva o gelo até a calcinha e o esfrega pela borda do pano uma última vez. E agora ele se prepara. Apoia a mão esquerda na cama e enfia a direita, a mão que está com o gelo, embaixo do algodão branco ensopado da calcinha.

Ela grita como se houvesse tomado um choque.

Olho para o algodão. Posso ver o volume da mão dele sob o tecido, e percebo que ele não está apenas dentro da calcinha, mas dentro dela também, e se movendo. Ele está esfregando o gelo contra ela, procurando algo com ele. “Ah... ah...”, ela exclama em gritos entrecortados enquanto golpeia a cabeça na cama. Ele esfrega ritmicamente, ainda procurando, e agora encontrando, concentrando-se em um único ponto, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Nina perdeu o domínio de si mesma, seus gritos se desfazem em soluços e voltam com mais intensidade, gritos de agonia e de muito mais. De libertação. Ele está lhe dando, finalmente, o alívio. Um alívio punitivo, sim, punitivo e cruel, mas ainda assim alívio. Ele a toca onde ela deve ser tocada, respondendo por fim à necessidade que criou dentro dela tão lentamente. Para cima e para baixo, para cima e para baixo ele se

move, com tanta força que posso ver os nós de seus dedos tensos através do algodão. E agora ele tira a mão de dentro da calcinha. A mão *vazia*. Mas os espasmos ainda a sacodem, mais fortes que nunca, e ela ainda grita como se ele estivesse...

Ele deixou o gelo dentro dela. E o gelo está emitindo onda após onda.

144

Jake pega a tesoura em cima da cômoda, desliza a lâmina sob a tira fina de algodão sobre o quadril, corta uma vez, corta de novo do outro lado e puxa a calcinha para longe do corpo dela. Sinto uma tontura. Seus pelos são aparados muito rentes, da maneira que se vê nas revistas. Uma estreita faixa loira e nada mais, e por ser assim tão estreita e ela estar... aberta, e ter passado por tudo o que passou, ela está... está... Desvio os olhos.

Ser vista desse jeito... Contra a própria vontade. Ninguém deveria passar por isso. Agora estou tonta. Ainda me balanço, mas com a cabeça baixa. Ergo os olhos uma vez mais, não para o ponto onde estava olhando, eu não poderia, mas para as mãos dela. As mãos delicadas, presas. As unhas estão tão cravadas nas palmas que uma gota de sangue brotou na pele alva. Baixo os olhos para o chão de novo, ordenando a mim mesma que balance, balance lentamente. Ouço os gritos dela e a música que está terminando, seguindo seu tema tortuoso uma última vez sustentando a nota final e agora morrendo, deixando a sala para os gritos dela.

Sinto uma mão no meu ombro e quase pulo da cadeira. Olho para cima e vejo Jake Teller ajoelhado na minha frente. Ele ergue meu queixo e olha dentro dos meus olhos com seus olhos azuis, o azul mais profundo que já vi. Sua boca forma palavras, mas não emite sons. *Vá embora*.

Olho fixamente para ele, e seus lábios repetem: *Vá embora*. E eu me levanto, de alguma maneira me levanto e ando silenciosamente até a porta com as mãos sobre o vestido, com medo que ele veja, com medo de ter me manchado como ela. Saio para o corredor e me encosto na parede. Sinto minhas pernas fraquejando e sento no assoalho de madeira, as costas contra a parede, os braços enlaçando os joelhos.

Ouço o cinto dele deslizar pelos passadores e depois o retinir da fivela ressoando no apartamento silencioso, e compreendo por que ele me mandou embora. Ouço o som da cama cedendo sob seu peso e agora algo mais nos gritos dela, um tom desesperado enquanto ela reúne o resto das suas forças. Ele a está tocando agora, alinhando-a. Ouço um único som vindo dele, um único e profundo som de Jake Teller e agora, de Nina, tudo.

145

Enfim, palavras: “Deus, Deus, Deus”, cada vez mais alto. “Oh, Jake, oh, Jake, oh, Jake”, e junto com suas palavras outro som, um clique repetido, ritmado e rápido. O som da cabeceira e dos pilares da cama que se chocam contra a parede. Muitas e muitas vezes, e agora as palavras dela se dissolvem em gritos. Gritos agudos e cada vez mais altos. Puxo os joelhos contra o corpo, enterro meu rosto neles. Se eu pudesse ouvir Jake, escutar qualquer coisa dele. Mas não. Ele está em silêncio. Ouço apenas os gritos dela enchendo o apartamento e os golpes da cama contra a parede, tão rápidos, tão impossivelmente rápidos. E agora mais lentos. Mais lentos e mais profundos. Não suporto mais. Eles estão mais lentos porque Jake Teller está se controlando para poder entrar mais fundo dentro dela. Ela é tão pequena, tão miúda. Luto para me levantar, ouvindo o som da cama cada vez mais alto. Pancadas graves e mais espaçadas. Três, quatro segundos entre elas e depois de cada uma os gritos de Nina, penetrantes, agora sem palavras, como se alguma coisa se houvesse rasgado dentro dela.

Corro para a sala, para a porta. Calço os sapatos. Os gritos dela ainda vêm e agora ela está... não há outra palavra para descrever, está berrando. Deixo o apartamento e fecho a porta atrás de mim. E ainda a ouço. Ouço-a através da porta, enquanto cruzo o saguão, ouço até sair para a noite e fechar a grande porta de mogno da rua atrás de mim. Corro até o portão negro, levanto a tranca, piso na calçada e vou embora quase correndo, sim, correndo em meu vestido até a esquina da Houston, onde paro respirando pesadamente e me encosto em uma banca de jornal.

Preciso tocar algo sólido, sentir o metal frio das paredes com as mãos. Uma gota d'água pinga no meu pulso e me dou conta de que é minha, de que estou chorando. Seco as lágrimas com o casaco e fico apoiada na banca até minha respiração se acalmar e eu começar a voltar a mim, voltar do apartamento para a noite à minha volta, dos gritos de Nina Tarring para o farfalhar das árvores na rua Sullivan e o ruído do tráfego na Houston.

Um minuto se passa, e então olho em volta. Atrás de mim está uma loja de conveniências. Entro lentamente e me assusto com a campainha sobre a porta. Mesmo os sons comuns de loja, o tilintar da registradora, as vozes da televisão, parecem estranhos alienígenas. Ando até o fundo, abro a porta do congelador, tiro uma garrafa plástica de água da prateleira e a encosto na testa. Vejo meu reflexo no vidro, meu cabelo está grudado no rosto, o vermelho ardente das bochechas. Tão vermelhas quanto as dela. Rolo a garrafa sobre elas e depois sobre a nuca. Abro-a e tomo dois, três longos goles, quase meia garrafa, e depois a levo até o balcão. Não consigo olhar para o rosto do homem sentado atrás dele, como se ele pudesse ver nos meus olhos onde eu estive, o que fiz.

— Você está bem? — ele pergunta.

O branco da sua camisa contrasta com a pele escura.

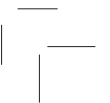
— Sim — respondo, pago e saio para a rua.

Olho para o céu, o céu de Nova York com sua luz estranha, o brilho que vemos em vez das estrelas. Queria poder ver só uma agora. No jardim, em Greenwich, sempre podia ver as estrelas. Quando era pequena e não conseguia dormir, meu pai me levava para fora, segurava minha mão, apontava para o céu e me mostrava qual constelação estava me protegendo naquela noite. Uma das Ursas. O Cinturão de Órion.

Olho para a rua Houston e vejo um táxi a um quarteirão de distância, aproximando-se velozmente. Levanto a mão, ele encosta, e entro.

— Para casa, por favor. Oitenta e três com York.

Recosto-me no banco de couro, coloco a garrafa entre as pernas e descanso as mãos no vestido. Quando chegar em casa, vou lavá-lo na pia. Olho para a cidade que passa pela janela. Na pia do banheiro, com água morna e um pouco de sabão. Vai estar seco de manhã. Abro a janela e aproximo o rosto. O ar está frio, cortante, mais inverno que primavera, mas fecho os olhos e viro o rosto para recebê-lo de frente, puro e revigorante.



CAPÍTULO 10

— DÊ SÓ UMA OLHADA — DIZ Pardo, ficando em pé e fazendo um círculo com as mãos em torno da boca enquanto os jogadores deixam a quadra para o intervalo. — Ei! Ei, você, treinador! Você, seu filho da mãe! Quarto 313, não é?

Mesmo na multidão ruidosa do Garden a voz de Pardo se impõe, e o técnico do Minnesota lança um olhar para sua fonte antes de se acocorar no meio de seus jogadores suados e puxar a prancheta para desenhar um esquema de jogo.

— É isso mesmo, seu desgraçado. Hotel Penta, quarto 313. Tranque a porta, campeão!

O treinador Saunders se vira novamente e encara a multidão. Não estamos a mais que sete metros dele, graças à firma, mas Pardo voltou à sua cadeira e agora é apenas mais um em meio ao mar de rostos hostis, todos os quais leram, no *Post* de hoje, a declaração de Saunders de que nunca gostou de Nova York, e muitos dos quais vieram mais cedo para informá-lo de que o sentimento era mútuo.

— O que está olhando, pentelho? — grita um sujeito atrás de nós.

— Você não tem um jogo para perder, idiota? — Vem da esquerda.

Saunders volta para o time e Pardo bebe sua cerveja, sorrindo. Trinta segundos depois, quando a sirene devolve os times à quadra, ele leva as mãos à boca novamente.

— Quarto 313, filho da puta! Espere para ver o que o serviço de quarto tem para você!

Saunders olha para o público novamente e agora faz um gesto para um assistente no banco e cochicha algo para ele. O assistente vai até o fim do banco e chama um segurança à paisana na primeira fila. Pardo olha triunfantemente para Jeremy e eu.

150

— É o quarto dele mesmo — diz.

Olho para ele.

— É verdade, Jake. Estou comendo a recepcionista do Penta.

— Meu Deus! — diz Jeremy.

— Deixei esse cara louco de medo ou não? — diz Pardo.

O segurança entra na nossa seção, um fio corre da sua orelha e desce pelo terno azul-escuro. Seus olhos já nos encontraram.

— Quem está gritando o número do quarto? — pergunta.

Pardo olha para ele desafiador e bate no peito com o copo de cerveja. O guarda o examina.

— Muito bem — diz. — Se esse imbecil é bom demais para Nova York, ele que se cuide sozinho.

Observamos o guarda voltar para o banco e fazer um gesto negativo para o assistente perplexo do treinador.

— Meu Deus! — repete Jeremy, arregalando os olhos com a expressão de espanto que Pardo sempre lhe causa.

— Vai, Spree! — diz Pardo quando Spreewell rouba a bola da jogada mal elaborada do técnico e foge na outra direção para dar uma enterrada, levantando o estádio lotado. — Bela tática, palhaço! — grita Pardo.

Pardo e Jeremy são uma dupla improvável. Pardo era meu colega de turma e de fraternidade na Ham Tech. Um atleta como eu, aceito na turma de 93 porque nosso time de futebol havia conseguido um recorde de cinco vitórias no ano anterior e os diretores, sonhando com uma temporada de vitórias e ex-alunos agradecidos, decidiram que o céu não iria desabar se relaxássemos os padrões o suficiente para permitir a entrada de alguns rapazes

que tinham resultados melhores na musculação que no vestibular. Ou, no caso de Pardo, um sujeito que incluiu com orgulho “um ano no exterior” na sua ficha de inscrição na faculdade sem mencionar que teriam sido quatro anos, cortesia da marinha dos Estados Unidos, se a estadia não houvesse sido interrompida precoce e desonrosamente quando Pardo inventou uma nova continência para os policiais do exército que o acharam nos fundos de um bar depois de uma farra de três dias em Bangcoc.

151

Ainda assim, ele era tudo de que a Ham Tech precisava e um pouco mais, um zagueiro de um metro e oitenta e cinco e cento e 15 quilos que corria como um foguete e teria reescrito nosso magro livro de recordes se não houvesse estourado o joelho na estreia. O estrago foi completo: ligamentos anteriores, posteriores e médios, e assim ali estava ele, duas semanas após começar outra aventura de quatro anos, enfiado em uma bota de gesso numa faculdade chuvosa no norte do Estado de Nova York, a 200 quilômetros de alguma diversão em todas as direções.

Pardo se agarrou à única esperança de vida que enxergava, o sistema das fraternidades. Caiu nas graças dos membros da Theta Delta Ki e engordou trinta e dois quilos no primeiro ano da faculdade, ganhando uma vaga na Parede da Fama da cervejaria local. No outono seguinte, com sua fama de festeiro já bem consolidada, candidatou-se sem oponentes a diretor social, jurando fazer da TDK “o centro da cerveja e do sexo da Ham Tech”.

Jeremy é o completo oposto de Pardo. Chegou à Hill em dezembro de 1994, um feixe de nervos de sessenta e dois quilos ainda no último ano do colegial, vindo apenas por uma noite, a primeira da sua vida longe de casa, para ver a escola que havia decidido cursar como primeira opção. Embasbacado com a visita à biblioteca, estupefato com o centro de matemática, surgiu na quadra principal às 9 horas contando os envelopes de Ovomaltine dentro do bolso do casaco e duvidando que a sala de leitura realmente ficasse aberta a noite inteira. Ele teria atravessado o *campus* e ido direto para o quarto do *nerd* que o estava hospedando.

do se não houvesse prometido a seu pai, um TDK da turma de 1970, que passaria na fraternidade para tirar uma foto do antigo quarto do velho.

Que, no momento, pertencia a Pardo.

152

Com o palpite de que Jeremy era um “candidato”, como chamávamos os irmãos em potencial, Pardo lhe disse que ele poderia tirar a foto, mas somente depois de tomar um “gole do pato”. E então, conduziu um Jeremy constrangido até o porão.

O “pato” era o aparato para tomar cerveja que cerca de vinte de nós estávamos passando pela roda enquanto tramávamos nossa estratégia para a festa do fim de semana. Jeremy nunca vira um antes, e deve ter lhe parecido inofensivo. Em uma extremidade, um funil plástico com a cara do Pato Donald pintada, com um tubo de borracha de meio metro encaixado na ponta. Pardo explicou que aquilo seria uma verdadeira aula de física, e que levaria apenas alguns minutos, e depois lhe entregou o tubo e mandou que tapasse a ponta com o polegar e se sentasse. Jeremy obedeceu, e alguém prontamente lhe passou uma *Playboy*. Aparentemente, também nunca havia visto uma daquela antes, e enquanto folheava o ensaio de doze páginas da Miss Dezembro, de olhos arregalados sob os óculos, Pardo virou duas cervejas e meia dentro do funil que eu estava segurando no ar.

— Ok — disse Pardo —, ponha o tubo na boca, e quando eu disser “vai”, tire o polegar da ponta e abra a garganta. É muito simples. Está pronto?

Jeremy assentiu.

— Vai!

E parece que o garoto sabia abrir a garganta. A gravidade fez o resto, e dez segundos depois Jeremy tinha 780 ml de cerveja dentro da barriga. Ele pulou da cadeira, cambaleou em círculos por alguns segundos e depois começou a soluçar, depois a rir, depois se controlou e decidiu, quando a bebedeira de todas as bebedeiras o atingiu, que não estava com pressa de fazer o caminho de volta para dormir, e que preferia passar um tempo com

seus novos irmãos, se nós não nos importássemos. Não nos importamos, e quando alguém sugeriu que ele experimentasse uma cerveja do jeito normal, em uma lata, Jeremy riu e aceitou, e quando alguém mais lhe devolveu a *Playboy* e perguntou o que achava da Miss Dezembro ele riu de novo, abriu a página central, e com nosso incentivo, leu para nós as coisas de que a moça gostava e não gostava. E assim, tornou-se parte da turma, e ainda estava conosco uma hora depois quando Pardo lembrou que era o aniversário de dez anos da modificação da lei do álcool, que aumentara a idade mínima para beber de dezoito para vinte e um anos. Essa constatação, misturada à cerveja, despertou a consciência política latente em todos nós e logo decidimos que não havia mais nada a fazer além de arrebanhar algumas garotas e pegar a estrada até Albany, a uma hora de viagem, onde beberíamos com elas nas escadarias da assembleia estadual em protesto contra a lei cruel que havia condenado tantos dos nossos irmãos ao celibato.

Não conseguimos encontrar as garotas, mas Pardo trouxe seu Ford Granada 1985 (com TDK escrito em cima das portas com fita isolante) até a frente da fraternidade, e sete de nós nos empilhamos dentro dele, incluindo o pequeno Jeremy, que sentou no meio, segurando uma lata de cerveja entre os joelhos e cantando a plenos pulmões o hino do time de *rugby* que lhe ensinamos enquanto seguíamos para a rodovia.

Entregamos um canivete a Jeremy e ordenamos que escrevesse seu nome com ele no teto do carro, uma honraria normalmente reservada aos membros da fraternidade, e ele estava fazendo exatamente isso quando Pardo passou por uma parte da estrada coberta de gelo e o carro começou a derrapar. Conseguimos desviar de uma picape vindo na outra direção, e a manobra rápida fez o canivete, que Jeremy estava segurando com as duas mãos, cravar-se com toda a força na lata de cerveja, que explodiu como um balão. Jeremy perdeu o controle da bexiga quando o carro começou a girar fora de controle, e o dos intestinos quando rompemos a cerca de proteção e despencamos barranco abaixo.

Na maioria dos outros carros teria sido nosso fim, mas o Granada era um navio, feito para ter equilíbrio, e não capotou mesmo quando despencamos cinquenta metros morro abaixo, escapando por pouco de três árvores diferentes, qualquer uma das quais teria nos matado. A velocidade diminuiu, por fim, quando o declive do morro se suavizou, e paramos com um baque do para-choque contra um toco de árvore, com as quatro portas fechadas e o gradil do Ford voltado para o chão em um ângulo de trinta graus.

A buzina emperrada conduziu a polícia rodoviária direto até nós. De dentro do carro, tontos e abalados, mas essencialmente bem, vimos as luzes brilhantes descendo aos solavancos a longa encosta do morro, e depois aumentando de intensidade quando chegaram ao fundo e se dirigiram a nós. Quatro guardas rodoviários formaram um semicírculo em torno do carro destruído e iluminaram a carga com suas lanternas: seis dos melhores da TDK e um garoto de dezessete anos, todos empapados de cerveja e cheirando a merda humana.

Passamos a noite em uma cela da cadeia de Utica, nós seis numa extremidade e Jeremy na outra. Depois de se sujar de duas maneiras no carro, completou o espetáculo na cela quando sua primeira ressaca o dominou, e embora estivesse em um estado lastimável e nós fôssemos os responsáveis, nenhum de nós foi homem suficiente para enfrentar o fedor e lhe dar uma mão. Ele passou a noite segurando o vaso com as duas mãos, pedindo desculpas, entre golfadas de vômito e soluços, para Deus, seus pais e seu professor de matemática do colegial, prometendo a todos eles que, se conseguisse sobreviver a essa noite, iria para uma faculdade estadual, qualquer uma, se ainda houvesse alguma que o aceitasse.

Jeremy entrou na Ham Tech no outono seguinte. Parece que seu pai havia doado dinheiro suficiente ao longo dos anos para que fosse preciso mais que uma noite de problemas éticos para manter seu filho fora da faculdade. Nós lhe abrimos os braços, é claro. Ele já era uma lenda entre nós, e precisávamos de todos os privilégios que pudéssemos atrair para manter a direção longe do

nosso pé. Pardo se tornou seu irmão mais velho, e logo estavam inseparáveis. Jeremy, que passaria no exame para Contador Público Certificado no segundo ano da faculdade, tomou providências para que Pardo mantivesse a média C de que necessitava para ganhar seu diploma, e em retribuição, Pardo mostrou a Jeremy que a vida na Hill era mais que matemática e economia.

Ambos acabaram na cidade depois da formatura. Jeremy trabalhou dois anos na Coopers & Lybrand e depois foi arrebatado pela firma de investimentos para a qual trabalha agora, onde ganha uma nota preta dizendo a seus patrões quais companhias de fundo de quintal podem se tornar as próximas Microsoft. E Pardo? Ele trabalha para o governador. Divide seu tempo entre Albany e a cidade. Autodenomina-se “um assessor político itinerante”, o que aparentemente significa meio conselheiro, meio guarda-costas, ficando ao lado esquerdo do pódio durante os discursos do velho e “indo a campo” no restante do tempo, descobrindo os podres de qualquer um que queira revelar segredos de campanha.

Sempre que posso, presenteio Pardo, um verdadeiro fã dos Knicks, com um dos nossos ingressos para clientes aqui no Garden, e esta noite convidei Jeremy também, para retribuir sua ajuda na conta de Brice.

Quando o quarto tempo começa, o jogo está apertado e a torcida vidrada, entoando “Dee-fesa!” quando os Wolves pegam a bola e se levantando ao mesmo tempo sempre que os Knicks marcam pontos. Nesta noite, Spreewell está especialmente inspirado, o tempo todo dando ao treinador Van Gundy o olhar que só Spree pode lhe dar, uma expressão dolorida, torturada, como se o treinador estivesse naquele momento expelindo um cálculo renal do tamanho de uma maçã e sabendo que vinha outro maior logo atrás. Agora Spree recebe um passe e arranca, ignora três marcadores, pula e retorce o corpo no ar de uma maneira quase impossível para acertar a cesta e devolver a liderança aos Knicks. A torcida enlouquece, e o técnico do Minny levanta as mãos exasperado e sinaliza que quer um tempo.

— É outro jogo visto daqui debaixo, não é? — Digo a Jeremy enquanto os jogadores deixam a quadra.

— Eu que o diga. Obrigado pelo ingresso, Jake.

— Não tem de quê.

— As lições que eu lhe dei deram resultado? Você ganhou a garota?

156

Tomo um gole de cerveja.

— Ainda não sei.

Pardo olha para nós.

— Nem perca tempo tentando arrancar detalhes de Jake — ele diz. — Ele os trata como segredos de estado.

Jeremy toma um gole de cerveja.

— Sabe, Jake, estive pensando sobre aquela conta.

— E?

— Bem, encontrei umas coisas engraçadas naquela pasta.

Ergo a mão.

— Não quero saber, Jeremy. Já passamos nosso relatório para o sócio. Se Brice é um sonegador, agora estou do lado dele.

Jeremy sorri.

— Ok — diz.

— Vejam só aquilo — diz Pardo enquanto as animadoras de torcida do Knick City entram na quadra, se espalham em formação e sentam no piso de madeira, voltadas para nós. Cruzam as pernas em perfeita sincronia, abrem e cruzam novamente.

— Como vai a recepcionista? — pergunto.

— Esqueça as mulheres de Nova York, Jake. LA é o lugar. Estive lá na semana passada. Cacete!

— O que quer dizer? — pergunta Jeremy.

— Elas arrumam os peitos quando ainda estão no colegial — diz. Os olhos de Jeremy se arregalam. — É sério. Se não usam sutiã 44 no último ano, são corridas da sala debaixo de vaia. — Pardo balança a cabeça de forma sonhadora.

Um celular entre nós, e os três olhamos para baixo.

— Não é o meu — diz Pardo.

- Nem o meu — diz Jeremy.
- Nem... — digo, mas é, e olho surpreso para o bolso da minha jaqueta.
- Desde quando você tem celular? — pergunta Pardo.
- Desde a semana passada — respondo me levantando. — Trabalho. É melhor atender no saguão.

157

Eles se levantam para me deixar passar, cruzo a multidão, desço o corredor e subo a rampa para chegar ao saguão silencioso dos fundos do Garden. Ando até um pilar de costas para a rampa e para a torcida atrás dela. Uma única pessoa tem o número do meu celular. Tiro o telefone do bolso.

- Jake?
- Sim.
- É Mimi.
- Oi.
- Oi.

Ela não diz nada por alguns segundos. Toco o pilar cinzento e frio com a mão. Cruzamo-nos duas vezes nos corredores da firma desde a última sexta-feira à noite. Desde Nina Torring. Nenhum de nós disse uma palavra.

- Podemos nos encontrar, Jake?
- Quando?
- Agora.
- Sim.
- Não tenho muito tempo — ela diz.
- Você corre, não é? — pergunto.
- Sim.
- Sabe onde começa o calçadão do rio?
- Na rua 64.
- Estarei lá em vinte minutos.

Devolvo o telefone ao bolso, desço a rampa e entro de novo na multidão do Garden. Passo pela zona das cadeiras mais caras, cheias de perfume e pessoas bonitas com roupas assinadas por

estilistas famosos. Chego à nossa seção e balanço a cabeça para Pardo e Jeremy.

— Emergência tributária, rapazes. Tenho de ir.

— Que azar! — diz Pardo. — Faltam só dez minutos. No McSorley's à meia-noite?

158

Olho para ele.

— Talvez.

Ele me olha de lado.

— Seu filho da puta hipócrita — diz.

Jeremy acena.

— Obrigado pelos ingressos, Jake.

Refaço o caminho de saída acompanhando o jogo pelos sons às minhas costas, grunhidos e gritos entrecortados quando os T-Wolves marcam, um rugido em massa quando os Knicks balançam a cesta. Passo pelas portas enormes e saio na Sétima Avenida, e a noite está clara e fresca enquanto atravesso a rua, aceno para um táxi e entro.

— Rua 64, no East Side — digo. — Perto do rio.

Ele entra na rua 34 e segue para oeste.

Nem uma palavra entre Mimi Lessing e eu desde que me ajoelhei ao seu lado na noite de sexta-feira e ordenei que fosse embora. Desde que cortei fora a calcinha de Nina Topping e Mimi não pôde mais assistir. O motorista dobra para o norte na Primeira Avenida e segue pelas ruas silenciosas, passando pela ONU escura e tranquila. O rio agora está a apenas cem metros de nós para o leste, e uma brisa entra pela janela aberta do táxi. A noite de sexta-feira foi tudo que eu poderia querer. Mais. Uma sedução como nenhuma outra. Uma sedução impregnada pela história entre nós dois, pela aliança de ouro brilhando na gaveta da cômoda. Mas tornada especial principalmente por Mimi Lessing não apenas ouvindo dessa vez, mas sentada perto o suficiente para tocá-la, e vendo tudo. Vendo Nina nua e aberta. Vendo-a indefesa. Vendo e sabendo, como só uma mulher poderia saber,

o que estava acontecendo com ela, o que os nós, a música, o gelo e a recusa cruel estavam fazendo dentro de Nina Tarring.

No final, Mimi não conseguia mais olhar. Ela só podia se balançar lentamente com as mãos no vestido. Levantei seu queixo, tocando-a pela primeira vez, e ela estava linda, as bochechas em fogo, os olhos... não há como descrevê-los. Mande-a embora e fui até o fim com Nina Tarring, e foi a trepada da minha vida. Mas, quando terminou, quando cortei as faixas que prendiam seus pulsos e observei da porta ela cobrir os seios e enterrar o rosto na cama, fraca demais até para libertar os tornozelos, quando saí do seu apartamento e fechei a porta atrás de mim, não estava pensando na supervisora delicada e intocável que acabara de dominar tão lenta e completamente, mas na garota que havia me observado dominá-la. Estava vendo novamente o choque nos olhos de Mimi quando ordenei que ela se fosse, seus passos trêmulos enquanto saía do quarto. E quando cheguei à rua Sullivan e senti o ar no meu rosto, sabia que havia atraído Mimi definitivamente ou a perdido para sempre.

O táxi dobra para oeste novamente na Sutton Place, e passamos por calçadas amplas e limpas, por edifícios sofisticados com toldos dourados. Um enclave de quatro quarteirões que deságua na York, e, subitamente, aqui estamos.

— É bem aqui — digo ao motorista, e ele encosta na esquina.

Pago, desço do táxi, subo os degraus da passarela e cruzo a ponte de concreto que conduz à água. E a vejo. Sozinha, pequena, parada junto à balaustrada a cinquenta metros de mim, usando um blusão branco e um vestido azul que o vento, agora mais forte, levanta de suas pernas nuas. Vou até o fim da passarela e desço a rampa curva que leva ao calçadão do rio. Ela se volta e me vê, observa-me caminhar na sua direção e depois se vira e olha novamente para a água. Encosto-me na grade a um metro dela e olhamos juntos para as ondas negras.

O NOME DO ARTISTA É ILIATI.

160 Ele pinta cenas de vilarejos em cores deslumbrantes. A praça da cidade em dia de feira, um campo de oliveiras ao pôr do sol, uma igreja de pedra com os fiéis convergindo para a porta. Em algum lugar de cada pintura está o sol brilhante da Toscana.

Dou um passo para trás e olho pelo salão. Na luz suave posso vê-la movendo-se graciosamente entre os outros entusiastas. Ela me vê. Ando até o quadro seguinte: a silhueta de uma torre de água contra os morros flamejantes. Ela se afasta dos outros e atravessa o salão, e repasso novamente os detalhes da carreira do pintor. Seu aprendizado em Arles. Seu amor pelo cinema.

— Olá — ela diz. — Posso ajudar?

— Sim. Estou aqui para comprar.

Ela ri.

— Direto ao ponto — diz, estendendo uma mão delicada.

— Seja bem-vindo. Meu nome é Nina Tarring.

— FALE SOBRE A PRIMEIRA, JAKE.

Jake Teller olha para mim, depois baixa os olhos para o metal negro da balaustrada e agora para as luzes da ilha Roosevelt. Não diz nada por tanto tempo que acho que não vai responder.

— Foi há um ano — diz em voz baixa. — Ela trabalhava no edifício em frente ao meu.

Jake olha para mim, depois para as luzes novamente.

— Meu escritório ficava no quarto andar e o dela, no segundo. A rua era estreita, talvez uns quinze metros de largura. Eu podia ver tudo.

O vento está frio no meu rosto e pescoço. Nas minhas pernas nuas. Mark me espera em seu apartamento daqui a vinte minutos. “Vamos alugar um filme”, ele disse.

— Não podia ver seus traços, mas sabia que ela era linda. Sabia pela sua postura, pelo modo como os homens do escritório ficavam parados na sua porta. E havia algo mais nela, algo... solitário, recatado. Ela prendia os cabelos todos os dias. Às vezes, se ficava trabalhando até tarde e todos já houvessem ido embora, ela o soltava. Tirava os grampos e sacudia a cabeça.

— Como você a conheceu?

— Não conheci. Eu só a observava.

Jake olha para mim de novo, depois para a água escura.

— Durante um mês, pelo menos. Então, uma noite, eu estava terminando meu trabalho e olhei para o outro lado da rua e a vi trancar a gaveta da mesa e pegar o casaco da cadeira. Desci até a rua e lá estava ela, saindo do edifício. Segui-a até a Grand Central. Desci as escadas, passei pela roleta e fui até a plataforma dos trens suburbanos. Um expresso chegou, o que eu sempre pegava para ir para casa, mas ela não subiu, e fiquei na plataforma. Outro veio a seguir, e eu a observei entrar nele. Fiquei parado olhando para as portas abertas, e quando começaram a se fechar, pulei para dentro. Sentei na frente dela e vi seu rosto de perto pela primeira vez. Ela era linda. Olhos delicados, muito pouca maquiagem. Sentava com os joelhos muito juntos, um livro no colo. Na rua 72 desceu e eu a segui até seu prédio. Observei-a entrar.

Olho para Jake, e ele retribui o olhar.

— Por vinte minutos fiquei parado lá. Depois, fui para casa. Na manhã seguinte, no trabalho, desci as persianas da minha janela. Nunca mais a observei.

Jake se afasta da grade e olha para as luzes distantes da ponte de Manhattan no fim do calçadão. Recoloca as mãos na balaustrada, olha para mim por um segundo e depois volta a fitar a água escura.

— Três semanas depois, trabalhei até tarde em uma noite de sexta-feira. Quando encerrei, fui até a Grand Central. Esperei na plataforma, e quando o primeiro expresso chegou, deixei que ele

se fosse. Peguei o segundo trem, desci na rua 72 e caminhei até o edifício dela. Ainda estava com meu terno de trabalho. Sentei na escada do prédio em frente. Às oito e meia ela saiu pela porta. Levantei-me e a segui. Até o metrô, até a rua Quatro Oeste. No cinema Waverly. Ela foi até a bilheteria e comprou um ingresso. Um filme erótico japonês estava em cartaz. Não era pornografia, os comentários dos jornais importantes estavam colados do lado de fora da sala. Era um filme de arte. Comprei um ingresso, entrei e me sentei atrás dela.

Tentei imaginar a cena. O cinema escuro. Jake de terno sentado atrás dela. Corpos na tela. Sinto a fraqueza nas pernas, a cor subindo ao meu rosto.

— Não conseguia tirar os olhos do cabelo dela. Quando me inclinava para a frente podia sentir seu cheiro, intenso e inebriante. Ele estava preso com um único grampo longo, que atravessava uma fivela de madeira. No meio do filme, estendi a mão e puxei o grampo do seu cabelo. Todo seu corpo estremeceu, mas ela não emitiu nenhum som nem se virou. Observei o cabelo se soltar, depois estendi a mão e o toquei. Ainda assim, ela não se moveu. E então, saí da minha cadeira, abaixei-me ao lado dela no corredor e lhe estendi o grampo e a fivela na mão aberta. Ela olhou para mim, e vi nos seus olhos que estava apavorada. Pegou o grampo e a fivela e se levantou, passou por mim e saiu do cinema.

— “Sentei novamente, e estava tremendo. Fiquei até o fim do filme, vi todos os créditos e fiquei na sala depois que as luzes se acenderam. Fui o último a sair. E quando cheguei à rua, lá estava ela. Parada na frente do cinema, esperando.”

Jake fica em silêncio. Percebo que terminou. Quero escutar mais, escutar tudo. Saber de onde vem sua crueldade. Mas ele terminou. Atrás dele, posso ver quase um quilômetro do calçadão, a luz dos postes bem espaçados, luzes que fazem brilhar as roupas de cores fluorescentes dos dois corredores que vêm na nossa direção com passadas ritmadas.

— Mark queria filmar o casamento — digo. — Eu não podia nem imaginar isso. Nossa primeira dança arruinada porque teríamos de cuidar para não tropeçar em fios, microfones e luzes. Brigamos por causa disso. Ele foi inflexível. “Pensei daqui a vinte anos”, ele disse. “Vamos ter todo o encanto preservado.”

Os olhos de Jake se voltam para mim de novo. Um azul sem fundo.

163

— Na noite passada ele cobriu meus olhos e me guiou e até a mesa de jantar. Espalhadas em cima dela estavam fotografias em preto-e-branco. Ele havia dispensado a equipe de vídeo e encontrado um fotógrafo no Brooklyn que faz casamentos em preto-e-branco. As fotografias eram tão lindas... Os noivos. O padre com seus paramentos. Tomadas panorâmicas, todos os convidados reunidos no salão. Tudo parecia atemporal, permanente. Eu as vi e soube.

Os corredores agora nos alcançam, o som da respiração deles se ouve alto enquanto passam, depois diminuindo e desaparecendo quando começam a subir a passarela curva, deixando-nos mais uma vez apenas com o som das ondas contra as paredes de concreto, o rumor distante do tráfego das ruas.

— Vou me casar com ele, Jake.

Jake olha sobre a água novamente. Fica em silêncio por quase trinta segundos.

— Na sexta-feira à noite, quando eu mantive Nina imóvel, você quase não suportou.

Fecho meu olhos.

— E quando eu lhe disse para ir embora, você não saiu do apartamento.

Seguro a grade com força. Posso vê-la novamente. Suas mãos pequenas abertas sobre o colchão, desesperadas para agarrar a seda, mas impedidas.

— O que quer de mim, Jake?

Ele fica em silêncio de novo. Olho nos olhos dele, e lá está. Aço.

— Está com seu celular? — ele pergunta.

— Sim.

Procuro dentro da bolsa e tiro o pequeno telefone preto. Jake faz um gesto com a mão na direção da água.

— Jogue fora. Você vai ficar livre.

164

Seguro o telefone e olho para o rio. O vento formou pequenas cristas espumosas nas ondas.

— A garota do cinema, Mimi. Ela foi até o saguão e chamou o gerente. Ia pedir a ele para chamar a polícia. Levaram alguns minutos para encontrá-lo. Quando ele chegou e perguntou o que havia acontecido, ela não conseguiu responder.

Olho para o anel no meu dedo.

— Vou mais longe com a próxima, Mimi.

Meu blusão está apertado em torno de mim, mas mesmo assim eu sinto o arrepio que começa na nuca, como se alguém houvesse acabado de me tocar; e agora se espalha pelo meu corpo.

— Você sonhou com isso, Mimi, sem jamais admitir.

Não consigo olhar para ele.

— Dor — ele diz.

Fecho os olhos novamente. Quando os abro, Jake se foi. Giro o corpo e o vejo na passarela, atravessando a ponte de volta para as ruas da cidade. Olho de novo para a água, segurando o telefone em minhas mãos trêmulas.

* * *

— UM TRABALHO IMPRESSIONANTE.

— É verdade — ela diz. — Temos sorte de representá-lo. O senhor se interessou por alguma obra em particular?

— Compro coleções, sra. Topping, não quadros.

— Entendo.

Dois novos clientes entram na galeria e tiram seus casacos. Olham na nossa direção.

— No total, temos mais de quarenta obras dele — ela diz.

— Então, meu investimento será sério.

Os recém-chegados esperam na porta da galeria. Faço um gesto indicando-os.

— Gostaria de retornar quando pudesse ter toda sua atenção.

— É claro. Marcamos horários especiais para colecionadores do seu nível. O senhor pode retornar qualquer dia desta semana, e teremos a galeria só para nós.

— Muito bem. Que tal amanhã?

Ela assente.

— Está bem.

— Oito horas?

— Ótimo. — Ela pega minhas mãos nas suas e sorri. — Amanhã, então. Estarei ao seu dispor.

Vou até a porta da galeria e saio para o ar da noite. Caminho até a esquina da rua Quatro Oeste. Do bolso do casaco tiro o folheto amassado que resgatei na sexta-feira à noite do vaso de flores do lado de fora do edifício de Nina, momentos depois que a srta. Lessing saiu, trêmula e chorando.

Rasgo o folheto ao meio.



CAPÍTULO 11

TOMEI MEU PRIMEIRO DRINQUE NA noite em que o Muro de Berlim caiu.

Tinha dezesseis anos e estava morando com meu avô em Long Island, um ano depois que meus pais morreram em um acidente de carro no Japão. Estava dormindo no meu quarto quando ele me acordou com uma sacudida. “Vamos lá, garoto”, disse. “Temos coisas a fazer.” Na saída, meu avô parou em frente à escrivaninha no canto da sala, que nunca era aberta. Enfiou uma chave na fechadura, levantou a tampa e tirou de lá uma pequena bolsa verde.

Era quase meia-noite, as ruas estavam silenciosas e ele não disse uma palavra até encostar seu Chevy 77 na entrada da garagem de Artie Moore. Estava prestes a buzinar, mas vimos Artie pela janela da sala, e ele nos viu. Subiu em uma pequena escada e pendurou duas estrelas na janela.

— Sabe para que serve aquilo? — meu avô perguntou.

— Não.

— As famílias costumavam pendurá-las nas janelas quando um filho ia para a guerra. Em 1943, 1944, você andava por estas ruas e quase todas as janelas tinham uma.

— Uma delas é dourada.

— Dourado significa que eles não voltaram. O irmão de Artie, Donald. Nós o chamávamos de Dooley, não lembro por quê. — Vimos Artie descer e fechar as cortinas. — Vá ajudá-lo.

Subi a entrada e alcancei a porta da frente quando ele a abriu.

— Boa noite, sr. Moore.

— Jake — ele disse pegando meu braço com força. Apoiou-se em mim e andamos com cuidado por entre as folhas molhadas até o carro.

168

Dirigimos dois quilômetros pelas ruas vazias até o Clube dos Veteranos, um edifício baixo com a tinta descascada escondido na extremidade da Maine Street. Outros carros estavam estacionados ou encostando, e homens estavam andando pela grama curta até a porta do clube. Homens de sessenta, setenta anos. Os amigos do meu avô da guerra, aqueles que como ele voltaram da Segunda Guerra Mundial para sua cidade natal e ficaram por ali. Encanadores, dentistas, publicitários. A maioria deles aposentados, todos acordados havia alguns minutos por um telefonema do meu avô.

Dentro do clube de um só cômodo, pegaram os bancos do bar de madeira gasta. Smitty encontrou alguns copos e depois apontou para mim. “Você está encarregado do bar esta noite, Jake”, disse, e depois acendeu o fogo na pequena lareira e se juntou aos outros dez que já estavam em torno da televisão na ponta do balcão. Meu avô tirou o saquinho verde do bolso e o sacudiu, e suas plaquetas de identificação caíram de dentro. Todos os homens haviam trazido as suas. Alguns as deixaram no balcão, outros as seguraram nas mãos ásperas e manchadas enquanto bebiam suas cervejas. E juntos assistiram ao Muro cair.

Assistiram a jovens subirem em cima dele de braços dados, cantando e dançando. Assistiram a duas mulheres dançarem de um lado para o outro sobre a linha. Assistiram a homens enterrarem o rosto nos ombros de outros homens. Ao longo de todo o Muro, pessoas com formões e martelos arrancavam pedaços da alvenaria e depois se afastavam alguns metros para olhar, aturridas, para a poeira do muro em suas mãos abertas. Um homem beijou os pedaços de concreto, outro jogou-os no chão e esma-

gou-os com o pé. Assistiram em silêncio, olhando da televisão para o chão ou para a rua calma além da janela. Depois de algum tempo, a cerveja fez efeito.

— Patton — disse Artie erguendo seu copo, e todos levantaram os seus em resposta.

— Elsenborn — disse outro, e brindaram mais uma vez.

— Comida enlatada — um brinde.

— Casamatas — mais um.

— Carole Lombard — disse meu avô, e houve uma rodada de assobios de aprovação.

E depois Charlie Bell, o mais velho entre eles, ergueu uma das mãos para pedir silêncio, pôs-se lentamente em pé, fez uma pausa para aumentar o efeito e disse:

— Ao Monty! — E todos eles explodiram em gargalhadas.

Smitty me deu as chaves do almoxarifado.

— Jake, encontre o uísque, por favor — disse.

Quando voltei com o Jack Daniel's e os copos e comecei a servir, meu avô puxou mais um banco.

— Abram espaço, homens — ele disse. — Hoje pode muito bem ser a noite.

Artie serviu uma dose para mim.

— Muito bem — disse meu avô quando a peguei.

Todos os homens levantaram seus copos.

— Se alguém um dia lhe perguntar o que fiz, garoto — disse meu avô, e depois apontou para a televisão, onde um homem estava cavalgando o Muro com os braços no ar, a cabeça para trás em triunfo —, aí está.

Todos brindaram comigo, e na sua companhia senti pela primeira vez o gosto do uísque.

* * *

SUBO DO METRÔ PARA O CÉU NUBLADO do fim de tarde. Caminho para oeste até a Terceira Avenida e a rua 20. Logo depois da casa

onde nasceu Teddy Roosevelt fica uma praça recuada da rua, e logo atrás dela fica o Columbarium. É um antigo edifício de mármore com aparência de igreja, mas em vez de torres é encimado por uma cúpula. O caminho até a porta serpenteia por um jardim. Vou até a entrada em arco e atravesso o saguão silencioso. Muito acima de mim, no centro aberto do edifício, ficam janelas com vitrais. Todos os três andares foram desenhados como rampas circulares, e embutidos nas paredes dessas rampas estão pequenos nichos. Sete mil deles, cada um contendo cinzas cremadas.

Música clássica toca suavemente de alto-falantes ocultos enquanto começo a subir a escada em curva. Até os patamares da escadaria estão cheios de nichos. A maioria é de vidro, permitindo que se enxergue o interior, a urna, ou urnas, e os objetos que a família colocou ao lado delas. Fotografias. Um quadrado de renda. Um cartão de beisebol.

No patamar largo do terceiro andar passo por uma família: a mãe, o pai e a filha reunidos em torno de um nicho vazio. A mãe tem nas mãos uma pequena urna de cerâmica, e um funcionário de terno escuro está ao seu lado. Passo por eles e começo a dar a volta na rampa, respirando o ar perfumado pelas flores nos vasos pendurados ao longo da parede. Passo por centenas de nichos até chegar ao do meu avô.

Ele morreu exatamente há um ano. Foi Artie Moore quem me avisou. “Cortando lenha, Jake”, disse. “Ele não poderia ter pedido coisa melhor.” Olho pelo vidro transparente para as duas urnas de prata lá dentro. Meu avô não queria que fossem colocados objetos nem que nada fosse gravado nas urnas além de nomes e datas. Posso ouvir sua voz: “O que as palavras podem fazer por mim, garoto? Vou estar morto”. Tiro um pano da camisa e limpo o vidro. A primeira vez que ele me trouxe para ver a urna da minha avó, disse: “Quero que a minha seja exatamente igual à dela”. Depois, balançou a cabeça. “Cinquenta anos, Jake. A guerra. Três filhos. Seis netos. No final, ela não me conhecia. Batia na minha mão e perguntava se eu não ia mandar entrar o marido dela. Você sai deste mundo sozinho.”

Abaixo-me e encosto os dedos no piso. A música para, e por um momento o lugar fica em silêncio. De outro andar, ouço os passos distantes de um salto de mulher no mármore. E agora, atrás de mim no patamar onde a família está reunida, o som da chave pesada que o funcionário usa para abrir os nichos novos.

Nas férias de verão da faculdade, meu avô arranjava para que eu trabalhasse atendendo no bar do Clube dos Veteranos, embora eu ainda fosse jovem demais para beber. Sábado era a noite do pôquer, e todos os seus companheiros da guerra compareciam. Depois do jogo, bebiam e conversavam. Se bebessem o suficiente, falavam da guerra. Nunca a parte pesada, ferimentos, amigos mortos, pelo menos não enquanto eu estava junto. Quando falavam sobre batalhas, era em voz baixa, em uma espécie de código. “Hurtgen”, um deles dizia, e aqueles que haviam lutado lá grunhiam ou balançavam a cabeça. Falavam livremente a respeito das máquinas e dos oficiais, de como os generais se gabavam do tanque Sherman quando qualquer recruta sabia que era preciso cinco deles para dar cabo de um Panzer. Mas, se notavam que eu estava escutando, falavam principalmente das farras, das noites que conseguiram aproveitar apesar de tudo. Garotas francesas, cerveja belga. Injeções para gonorreia.

Depois que os outros iam para casa, meu avô se sentava no balcão e tomava uma última cerveja enquanto eu fazia a limpeza. Uma noite, eu estava secando os copos e pensando na história que Smitty acabara de contar, de como sua unidade havia se separado do regimento e ficado tão perdida que atravessaram a fronteira da Alemanha com a França e, em vez de chegar à fábrica de munições que deviam atacar, a que estava cercada de trincheiras cheias de alemães, acabaram na escada de um bordel, e depois que o operador de rádio conseguiu um contato com o regimento mencionando apenas suas coordenadas, foram instruídos a permanecer lá até o cair da noite. Meu avô estava sentado em silêncio, como sempre fazia logo depois que eles iam embora, com a cabeça ainda naquela época. “Parece que vocês sentem saudade da-

queles dias”, eu disse. Ele ergueu os olhos subitamente, com uma faísca, mas não disse nada. Ficou em silêncio enquanto eu guardava as garrafas nos armários, enquanto fechava o caixa, virava os bancos de cabeça para baixo e os colocava sobre o balcão. Eu sabia que havia dito alguma coisa idiota, por isso levei mais tempo que o necessário na limpeza, varrendo o chão duas vezes e até tirando o pó das garrafas do fundo dos armários. Por fim, não havia mais nada para fazer, então, tranquei a porta e andamos até o carro em silêncio. Ele foi para o lado do motorista e olhou para mim por cima do capô do carro.

“Ninguém sente saudade da guerra, garoto”, ele disse. “Você entendeu?” Eu assenti. Entramos, mas meu avô ficou sentado com as chaves na mão, olhando para a direção. “Cada garrafa de cerveja era a última. Cada carta para a família. Então, ficávamos bêbados sempre que podíamos. E quando escrevíamos, fazíamos as palavras contarem.” Olhou pela janela, para as ruas silenciosas da cidade. “Não é da guerra que se sente saudade. É do espírito daquela época. Alguns de nós tivemos sorte e sobrevivemos, aprendemos a viver como se não fôssemos estar aqui amanhã. Porque muitos não estariam.” Ele olhou para mim. “Você entendeu, garoto?” Eu assenti. “Muito bem, então”, ele disse gentilmente, enfiou a chave na ignição e depois me olhou outra vez. “Encontre alguma coisa que lhe dê essa sensação, Jake. Que incendeie seu sangue.”

Fico em pé e olho para o nicho. *Harold Teller, 1922-1999. Charisse Teller, 1919-1992.* Na primeira vez que ele me trouxe aqui, perguntei por que queria ser cremado. Respondeu que havia visto o que o tempo faz com um cadáver.

Meu avô e seus amigos da guerra nunca mentiam. Eram os melhores homens que eu já conheci. Homens de sessenta, setenta anos, e nos meus verões no bar nunca ouvi nenhum deles reclamar das suas dores ou da idade. Outros três agora estão mortos. Smitty, câncer. Charlie Bell, câncer. Roger Tamper, derrame. Mas posso fechar os olhos e vê-los todos de novo como os vi na-

quela primeira noite no Clube dos Veteranos, quando assistiram ao Muro de Berlim cair. Havia uma luz nos olhos daqueles homens que nunca mais vi nos olhos de quem quer que seja.

Do patamar da escada, as palavras da mãe flutuam até mim. “Trouxe mais luz nos seus dezesseis anos... Permanece em nossos corações... Gostaria de ter isso ao seu lado...”

Assistindo ao Muro cair, aqueles homens devem ter sentido que sua vida fechava um ciclo. Tomaram parte em uma coisa vital. Fizeram alguma diferença para o mundo. Penso nos meus amigos, tento imaginar onde poderíamos nos encontrar daqui a trinta, quarenta anos. A que vamos brindar, ao Dow Jones?

Bafejo o vidro, esfrego uma última vez com o pano e me afasto. Chego ao patamar, onde a família agora está com a cabeça baixa, depois desço a escada em curva, atravesso o saguão e saio pela porta para o fim da tarde. Volto quase correndo ao metrô pela rua 20, parando na escadaria para deixar o vento forte do túnel soprar sobre mim.

Foi uma semana depois que meu avô morreu que segui a mulher até o cinema e depois a levei para casa. Ela caminhou na minha frente até seu quarto. No trinco da porta estava pendurado o cinto de seda do seu roupão de banho. “Dê-me seus pulsos”, eu disse a ela. Ela começou a erguê-los para mim, mas então recuou com os olhos nos meus e se sentou na cama, correndo as mãos pelas coxas. Eu assenti, saí do quarto e andei até a porta da frente. Estava destrancando a fechadura quando ela tocou meu ombro. Eu me virei.

— Por favor — ela disse.

— Se você pedir, eu fico — eu disse.

Ela se encostou na parede abraçando o próprio corpo, esfregando as mãos nos braços.

— Por favor — repetiu, mas balancei a cabeça.

Ela fechou os olhos, mas quando me ouviu girar o trinco, abriu-os novamente.

— Fique — ela disse.

Pego o trem 6 até a rua 42 e depois, em vez de pegar o expresso para casa, entro no ônibus e vou até a Times Square. Pego o expresso até a rua 72 e depois o n.º 1 até a rua 116. Passo pela roleta e subo a escadaria, pegando ainda os últimos raios de sol da tarde.

174

Logo à minha frente estão os portões de ferro negro da Universidade de Columbia. Não sei o que me fez vir aqui, mas passo por eles e me junto ao fluxo dos estudantes, rapazes com mochilas e moças de moletom e *jeans* surrados com livros apertados contra o peito. Não piso nessas pedras vermelhas desde que tinha dez anos de idade, desde que a IBM fez meu pai deixar a faculdade de administração e nos levou para o Japão. Subo a escadaria que leva à praça e fico parado na luz dourada do fim da tarde por um minuto. Acima de mim está a estátua negra tão familiar: uma mulher de toga segurando um bastão em uma das mãos e um livro aberto no colo. Atrás da estátua se erguem os degraus majestosos da biblioteca. E ao meu lado, exatamente como na minha lembrança, estão as fontes. Ando até uma delas e me sento na borda larga. O sol que morre está refletido na água parada. Contemplo o *campus* e localizo o campo onde jogava beisebol no verão. Parece incrivelmente pequeno. Molho a mão na água fria. Costumava entrar nessas fontes, uma vez cortei gravemente o joelho em um pedaço de metal serrilhado. Lembro o choque, de olhar fixamente para o sangue que se espalhava pela água, depois de ser levantado nos braços por meu pai e ver o mundo por cima do seu ombro enquanto ele me carregava correndo para o hospital.

Levanto-me e desço novamente os degraus que levam ao caminho de tijolos. Lembro-me dessas pedras vermelhas como intermináveis, estendendo-se tão longe quanto eu podia enxergar, mas, na verdade, é uma caminhada de apenas alguns minutos de uma extremidade a outra. Olho para o portão da Broadway. Deveria atravessá-lo e ir para casa, mas, em vez disso, volto-me e sigo os tijolos na direção oposta, para o outro portão, e saio na

avenida Amsterdam. Dobro à esquerda e caminho os quatro quarteirões familiares de edifícios da universidade. Paro na esquina da rua 120. O sinal de pedestres está verde, mas não atravesso.

A A&P agora é uma Red Apple. Ainda existe uma lavanderia em uma das esquinas e uma farmácia na outra. Serão as mesmas? Não me lembro. E lá, na última esquina, está o prédio alto, antigo e cinzento. Construído em forma de U em volta de uma alameda que conduz da rua até a porta de entrada. Rua 120 Oeste, 823. A caixa de correio ainda está aqui, a mesma caixa verde e sólida que marcava uma das zonas finais do futebol na calçada. Olho para a alameda por um segundo, depois passo pelo edifício, subo o quarteirão e cruzo a rua estreita para chegar à área elevada acima da entrada do parque Morningside.

Quando era criança, esse era o limite do meu mundo. Nunca me permitiram entrar no parque, e por isso a escadaria larga e o caminho por entre as árvores lá embaixo eram cheios de magia e terror para mim. Mesmo hoje parecem misteriosos, impenetráveis, os grossos muros de pedra que limitam o parque assomando como paredes de um castelo. As árvores plantadas na encosta do barranco chegam até a área onde estou, e seus galhos se derramam sobre as pontas de metal das grades. Arranco uma folha e a esfrego entre os dedos.

Mimi Lessing. Graça, beleza, pureza. Quero ficar de mãos dadas com ela, andar com ela, acordar com seus olhos. Quero desarmá-la, botão por botão. Há tanto dentro dela, tanto para ser tirado. Mais do que ela imagina. Uma lufada de vento encontra minha pele sob o colarinho. O sol já sumiu por trás das árvores do parque. Quero tanto as duas coisas — proteger Mimi e subjugá-la. Com a mesma intensidade. Atravesso a rua novamente.

Não exatamente a mesma.

Volto até a caixa de correio na frente do meu amigo edifício. Corro a mão por ela pensando no dia em que três garotos negros vieram do Harlem e nos desafiaram para um jogo. Fiz Tony Collins correr demais para receber meu passe excessiva-

mente longo, e logo depois de chegar à bola ele se chocou contra a caixa de correio a toda velocidade e quebrou o pulso. Eu me viro e olho para a janela do canto do quinto andar: meu antigo quarto. Minha mãe se sentava no aquecedor da parede e nos observava jogar. Quando fazia um gol, eu levantava a bola para ela, e ela acenava.

Pela primeira vez dou uma boa olhada na alameda que leva à porta da frente. Ela também parecia longa demais, mas não tem sequer vinte metros. Posso ver o porteiro no saguão, olhando para fora. Poderia ser Clete, se ficasse mais empertigado. Clete, que sempre parecia ter engolido um cabo de vassoura, com as mãos atrás das costas. Eu ficava ao lado dele, com as costas tão retas quanto podia e as mãos também para trás, e quando uma das moradoras mais velhas despontava na alameda com suas compras, eu perguntava: “Posso abrir a porta para ela, Clete?”, e se fosse uma das que nunca davam gorjetas, Clete dizia: “Ela é toda sua, Jake”. Subo o caminho até a porta e agora vejo que é ele. Curvado, mas com o mesmo nariz adunco, a mesma verruga embaixo do olho.

— Boa noite, senhor — ele diz.

— Olá, Clete?

— Eu mesmo.

Ele me olha de perto.

— Eu morava aqui há muito tempo.

— É mesmo? Qual é seu sobrenome?

— Teller.

— Teller... Teller. Apartamento cinquenta e três.

— Certo.

— Sr. Edward e sra. Gail. E o garoto, Jake. Puxa vida... —

Ele me estende a mão e eu a aperto. — Teller. Foram embora em... oitenta e três?

— Oitenta e quatro.

— Oitenta e quatro. Foram para a Ásia, ou coisa parecida.

— Japão.

— Japão. E aqui está você de volta. Como estão seus pais?

Faço uma pausa.

— Eles estão... estão bem — digo.

— Diga a eles que Clete mandou um abraço.

— Vou dizer.

Entra comigo no saguão e se senta na pequena escrivaninha da entrada. Na frente dele está um grande livro de couro que reconheço de anos atrás. O registro dos moradores.

— Não é o mesmo daquela época? — digo.

— O mesmo. — Ele acaricia a capa vincada. — O prédio pertence à universidade, então, não ganhamos computadores.

Olho em volta do pequeno saguão. Um sofá e cadeiras. A lareira. O depósito ao lado do elevador.

— Você está bem, Clete?

— Oh, estou bem, acho. Ainda morando em uma zona ruim da cidade. Mais uns anos e acho que pode mudar. — Suas mãos, cruzadas em cima do registro dos moradores, têm um ligeiro tremor. — Jake, você era o garoto que ficava parado na porta comigo?

— Era eu mesmo.

Ele ri.

— Meu Deus, como você cresceu. E aqui estou eu, diminuindo. Bem, é bom ver você de novo. Não acontece muito de as pessoas voltarem depois de tanto tempo.

— Vou dar uma volta por aí, Clete, se você não se importar.

— Vá em frente.

Passo pelo elevador e me dirijo às escadas. Paro e olho para trás.

— Quem está no 53 agora?

— Três garotas, Jake. Aeromoças, eu acho. Viajam muito.

Subo as escadas, deslizando a mão ao longo do corrimão largo de pedra. Eu vivia correndo para cima e para baixo nessas escadas. Apostando corridas com os elevadores, com os envelopes que eu jogava no coletor de cartas do quinto andar. Agora

caminho em silêncio, como se pudesse me denunciar. Chego ao quinto andar, dobro à direita, vou até o fim do corredor e viro à esquerda. Lá está ela, a última porta, com a mesma pequena placa de metal no centro: 53. A campainha está onde sempre esteve, logo abaixo do olho mágico. Lá dentro, ouço música e risos.

178

Aperto o botão.

Dez segundos depois a porta se abre e vejo uma mulher jovem usando uma camiseta branca que deixa sua barriga à mostra, e calças douradas. Ela é linda, seu cabelo preto brilhante chega quase até a cintura. Um dos seus braços bronzeados tem pulseiras até o cotovelo, e ela tem quatro pequenos brincos de prata no alto de uma das orelhas.

— Oi — ela diz. — Quem é você?

— Sou Jake Teller — digo.

— Amigo de Sasha?

— Não. Não fui convidado. Eu morava aqui tempos atrás, e só queria rever o apartamento.

Ela avalia o que eu lhe disse.

— Prove — ela diz com uma expressão divertida.

Eu sorrio.

— Atrás de você, para a direita, fica o corredor principal. Em frente é a sala. Ao lado dela, a sala de jantar. Para a direita, a cozinha. Os quartos ficam à esquerda.

— Perfeito — ela diz, sorrindo. — Entre e dê uma olhada.

Ela se vira e volta pelo corredor. Na base das suas costas, na pele bronzeada abaixo da camiseta, há uma pequena tatuagem de um oito deitado. Desvio os olhos dele para ver a antiga sala, as janelas onde deveriam estar, debruçadas sobre a avenida Amsterdam. Minha mãe pendurou o pôster de *Casablanca* em uma delas para que eu pudesse identificar nossa janela na volta da escola para casa. Nada mais no apartamento parece o mesmo. Agora ele é claramente uma casa de mulheres: móveis fofos, cores suaves. E no sofá está outra mulher jovem, talvez vinte e cinco anos, e um homem ao lado dela. Na namoradeira ao lado

deles está outro jovem casal. Um terceiro homem está em pé sozinho ao lado do aparelho de som. Os homens usam Dockers e calças cáqui e exalam segurança. Todos têm copos nas mãos: é uma reunião de casais.

— Ei — diz a minha guia —, esse é o Jake. Acreditem se quiserem, mas ele morou aqui. — Ela se vira para mim. — Quando, Jake?

179

— Quando era criança.

— E ele escolheu a noite de hoje para voltar — ela diz.

— Eu sou Tracy — diz Tracy do sofá, com um aceno.

— Pierce — diz o homem ao lado dela.

— Sasha — a mulher na namoradeira.

— Kevin — seu acompanhante.

— Scott — o homem ao lado do som.

Faz-se um segundo de silêncio.

— Gostaria de beber alguma coisa, Jake? — diz minha guia.

— A propósito, meu nome é Elise.

— Nossa reserva é para as sete horas — diz Scott, olhando para Elise e depois para a caixa de CD que tem nas mãos.

— E o restaurante fica a dez quarteirões daqui — diz Elise.

— Jake?

— Aceito.

Elise entra na cozinha. Ficamos em silêncio enquanto observo a sala de estar, a sala de jantar, a pequena peça que minha mãe usava para suas pinturas.

— O apartamento parece familiar?

— Muito pouco — digo.

Elise volta com uma garrafa de cerveja.

— Obrigado — eu digo, e depois de alguns segundos de silêncio faço um gesto na direção do corredor que leva para os quartos. — Vocês se importam? Vou levar só dois minutos.

— Vai fundo — diz Elise. Scott lhe dá um olhar feroz.

Dou alguns passos no corredor e paro na porta do meu amigo quarto. O armário é o mesmo, e isso é tudo. Ele agora tem

cheiro de pétalas, de óleos, de mil aromas suaves. Vejo pulseiras sobre a cômoda. Da sala, escuto a voz de Scott, não muito baixa. “Eu só acho estranho, só isso.”

180

A cama dela está onde a minha ficava, encostada na parede oposta à porta. Por algum motivo, eu tinha um beliche. Deve ter vindo com o apartamento. Sempre dormi na cama de baixo, burlando a ordem de dormir às oito da noite com o pequeno rádio de pilhas que eu mantinha apertado entre o travesseiro e a orelha. Recordo seu cheiro metálico, a voz de Marv Albert narrando os jogos dos Knicks. “Sim! Valeu!”, ele dizia. “Um lindo passe.”

Sob a janela fica o aquecedor. Ando até ele e me sento. Posso ver a caixa de correio na rua lá embaixo, ver todo o quarteirão. Uma lâmpada tremula em um poste do outro lado da rua.

— Seu antigo quarto.

Ergo os olhos e vejo Elise no vão da porta.

— Sim.

— Gostou da minha decoração?

Eu rio. Quando ela se move, inclina a cabeça para manter os cabelos longos para trás. Seus olhos escuros são diretos.

— Estou pronto — digo, e me levanto.

— Está tudo bem.

— Estou interrompendo.

— Terceiro e último encontro — ela diz em voz baixa, um pouco antes de Scott aparecer na porta atrás dela.

Ele a puxa para junto do seu corpo. Ela permite, mas não relaxa, e seus olhos, presos nos meus, explicam tudo.

— Como está a cerveja, Jack, não é?

— Jake. Acabou — eu digo, inclinando a garrafa.

— É que nós temos planos para o jantar — ele diz.

— Eu também. — Vou em direção à porta.

— Scott — diz Elise. — Vou querer mais um. Você me faz o favor? — Ela estende o copo vazio para ele. Scott olha para mim e o pega. — Obrigada. Vou levar Jake até a porta.

Scott sai do quarto. Elise e eu ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Doeu? — pergunto. Os olhos escuros dela prendem os meus. — A tatuagem?

— Sim — ela diz.

— Ele está indo embora — ouço Scott dizer da sala.

— Sasha disse que ele era o meu tipo — diz Elise. — Ela toca de leve meu braço. — Vá se despedir, Jake.

Paro, mas ela faz um gesto com a cabeça, e então vou até a sala e ergo a mão para os quatro.

— Obrigado — digo.

— Não tem de quê, Jake.

— Até mais.

— Tchau.

— Tchau.

Elise reaparece na sala quando Scott sai da cozinha. Pega o copo da mão dele e vai comigo na direção da porta.

— Por que voltou hoje? — ela pergunta.

— É uma longa história.

Antes que ela possa responder, Scott aparece atrás dela.

— Outro dia — ele diz para mim, estendendo o braço por cima dela para abrir a porta.

— Obrigado — digo a Elise.

— Foi um prazer conhecer você, Jake.

Ela estende a mão, e enquanto a aperto, sinto o pedaço de papel. Saio do apartamento e a porta se fecha atrás de mim. Desço o corredor, dobro a esquina, ando até o elevador e aperto o botão. Ao meu lado está o antigo coletor de cartas feito de pedra. Corro os dedos por ele. Somente quando estou dentro do elevador e a porta se fecha é que abro minha mão e desdobro o pedaço de papel.

212-6128.



CAPÍTULO 12

HÁ ANOS QUE NÃO ME lembrava de Eileen Post.

Do dia, na sétima série da Escola Católica para Meninas em Greenwich, em que Eileen entrou na sala de aula cinco minutos atrasada com a trança francesa destruída, a tiara nas mãos e a blusa para fora da saia do uniforme. Uma das suas meias brancas estava no tornozelo, a outra suja de terra.

— Eileen Post, mas o que... — disse nossa professora.

— Não foi nada, srta. Anders — disse Eileen. — Tropecei no suporte das bicicletas.

Mas quando ela deslizou para sua cadeira no fundo da sala, puxando a meia até o joelho e prendendo a blusa, seus olhos excitados anunciaram para as meninas em volta que era muito mais que aquilo.

— Conto para vocês no ginásio — sussurrou para nós.

Duas horas mais tarde, Anne, Bliss, Michelle e eu ficamos no vestiário enquanto o resto das meninas seguia para o ginásio para jogar vôlei. Fechamos uma roda em torno de Eileen nos bancos. Ela se sentou com as palmas das mãos apertadas contra as pernas e olhou para cada uma de nós dramaticamente. Vinha caminhando pela rua Maple, disse, a um quarteirão da escola, quando três garotos da sexta série atravessaram do outro lado da rua. Um deles derrubou a mochila do seu ombro. Antes que ela

conseguisse fugir, dois deles a prensaram contra o muro de tijolos e o terceiro a tocou por cima das roupas.

Ficamos olhando para ela, pasmas.

— Onde ele tocou você? — sussurrou Anne.

Eileen levantou-se e encostou nos armários do vestiário. Fez um gesto para Anne e para mim.

— Esse é o muro — disse, e pediu que Anne segurasse uma das suas mãos contra o armário, e eu a outra. — Com mais força — ordenou. — Para que eu não consiga me mover. — Depois, mandou que prendêsemos os pés dela com os nossos. — Eu estava tão indefesa — ela disse. — Não conseguia nem chutar. Eles podiam ter feito qualquer coisa comigo.

— O que eles fizeram? — sussurrei.

Ela voltou a sentar no banco.

— O terceiro garoto — disse, e depois passou a palma da mão uma vez sobre o esterno, mais perto do pescoço que da área da blusa que cobria o sutiã.

— Foi só isso que ele fez? — disse Bliss.

— E depois, colocou a mão lá embaixo.

Arregalamos os olhos.

— Debaixo da saia? — Michelle perguntou, fascinada.

— Não. No meu cinto. Como se *lá* fosse o ponto mágico. Depois eles todos saíram correndo.

Relaxamos no banco e respiramos de novo. Eileen olhou em volta.

— Eles não sabiam de nada — disse.

Fizemos que contasse de novo, repassasse cada momento.

— Eles poderiam ter feito qualquer coisa — estava repetindo quando a srta. Price, a professora de educação física, entrou.

— Meninas, o que vocês estão fazendo? — disse com dureza. — Saiam imediatamente daqui.

Levantamos de um salto e fomos para o ginásio com Eileen no meio de nós, nossas mãos protetoras no seu cabelo, esfregando seus braços para termos certeza de que as outras meninas vis-

sem que ela havia nos confiado um segredo. Elas nos imploraram para contar. Eileen concordou, e então contamos a história em fragmentos sussurrados e febris, enquanto a srta. Price demonstrava a maneira correta de uma garota servir uma bola de vôlei.

O “ataque” atizou a imaginação de todas nós por uma semana, até Karen Glass contar que havia dado um beijo de língua no entregador de pizza, e que ia repetir o feito naquela tarde. Alguns dias depois, Debbie Rose levou uma camisinha para a escola e mostrou-a para todo mundo na sala de estudos. E, gradualmente, as meninas da escola católica esqueceram da provação de Eileen.

Mas eu não conseguia esquecer. Meses depois, ainda me pegava pensando sobre aquilo na aula. E não apenas na escola: à noite também, sozinha na cama. Durante quase dois anos continuei a imaginar a cena, e agora percebo que via sempre a mesma imagem na minha cabeça: as mãos pequenas de Eileen imobilizadas contra o muro de tijolos, seus pés presos e separados.

E agora, anos depois, isso retorna mais uma vez, às dez para as sete de uma noite de sexta-feira, enquanto me sento em um banco silencioso da catedral de St. Mary, na esquina da rua 61 com a Quinta Avenida. A catedral onde vou me casar daqui a duas semanas. Hoje, Mark e eu vamos nos encontrar com o padre Cronin, o sacerdote que vai officiar o casamento. Precisamos da aprovação dele para os votos que escrevemos um para o outro, e queremos ouvir as palavras que ele vai dizer antes de nos unir como marido e mulher.

Corro os dedos ao longo das costas de madeira lisa do banco à minha frente. Fazia tanto tempo que não entrava em uma igreja que havia esquecido como podem ser tranquilas. Silenciosas. Nenhum som da cidade apressada, apenas os passos abafados das pessoas que entram, se ajoelham no início do tapete vermelho e alto que leva ao altar e, depois, sentam-se silenciosamente em um dos muitos bancos. Ergo os olhos para o teto alto, para as colunas brancas expostas com entalhes de bebês e anjos, para os

vitrais, cada um representando um santo. É bonita essa igreja. Tem o odor intenso que nunca saiu da minha memória: madeira, velas, tecido... e algo mais profundo, algo quase além das palavras. Tradição. Fé.

Olho para a Capela da Absolvição, a pequena alcova ao lado da entrada onde o padre Cronin solicitou que o encontrássemos. Está vazia, e me levanto e ando até lá, passando de novo pela pia de água benta logo depois da porta. Entro na alcova. No alto de uma das paredes está um quadro de madeira em forma de um pergaminho desenrolado.

Em sua caridade, orai pelas almas dos padres jesuítas que se foram antes de nós com o sinal da fé.

E depois os nomes dos falecidos, irlandeses todos eles: Mallon, O'Hearn, Ferry, McGrath. E cem outros. Penso nos padres da minha infância na igreja de Greenwich: padre Ryan, padre Derry, padre Connolly. Homens gentis, todos eles.

— Chegou cedo, minha filha.

Estremeço e depois me viro.

— Padre Cronin. Olá.

É um homem esguio com um rosto magro, quase encovado, salvo pelo rubor de suas bochechas, e olhos castanhos gentis, mas penetrantes. Seu colarinho branco é imaculado contra o negro da batina.

— Mark deve chegar a qualquer momento — digo.

Ele assente com bondade. Na parede oposta à do pergaminho está um crucifixo. Poucas vezes estive tão perto de uma imagem de Jesus tão grande, tão detalhada. Abaixo dele, à altura de uma pessoa ajoelhada, estão fileiras de velas.

— Gostaria de acender uma? — pergunta.

— Sim.

Ele não precisa saber quanto tempo faz. Acendo a vareta de madeira na única vela acesa e toco com ela o pavio de outra.

A chama tremula e depois se estabiliza. Recoloco a vareta na bandeja. Alguns segundos depois a mão do padre Cronin pousa nas minhas costas.

— E agora, você se ajoelha — diz gentilmente.

— É claro — digo, ruborizando.

Ajoelho-me e junto as mãos. Os únicos sons são o da nossa respiração e do farfalhar de sua batina.

— Padre Cronin?

— Sim?

— Tenho dúvidas.

Ouçõ a porta da igreja se abrir e me viro rapidamente na direção dela. Não é Mark.

— Fale à vontade, Mimi.

— Fui tentada.

Ele não responde imediatamente. Observa a chama bruxuleante da vela.

— O que mais?

Não ousou levantar os olhos da vela para o crucifixo.

— Isso é tudo.

O padre Cronin se ajoelha ao meu lado. A manga da sua batina toca meu braço nu.

— Todos nós somos tentados, Mimi. A fidelidade não significaria nada sem a tentação. A fé não significaria nada.

— Como posso saber, padre? Se sou forte o bastante apara resistir?

— Você quer resistir?

Faço uma pausa.

— Sim.

— Então, vai conseguir. Cada um de nós tem forças que nem mesmo conhecemos. Elas surgem da fé. Quando precisar dela, vai lhe servir. Agora levante, minha filha.

Fico em pé e vejo Mark na porta da igreja, olhando em volta. Ele nos vê e acena.

— Desculpe meu atraso, padre Cronin — diz, entrando na alcova. Beija minha testa. — O que foi que eu perdi?

— O acender de uma vela — diz o padre Cronin.

* * *

ELA ESTÁ USANDO UM VESTIDO preto curto. Suas pernas, debaixo da mesa, estão nuas e cruzadas.

— Você teve namoradas? — diz com os olhos nos meus.

— É claro.

— Então, passou por aquele momento em que percebeu.

Seu cabelo preto reluz na luz baixa do bar.

— Não sei se estou entendendo o que você quer dizer — digo.

Ela deixou o xale deslizar dos ombros delicados, e quando se inclina na minha direção, seus seios pressionam a borda da mesa.

— Scott estava mexendo no aparelho de som na sexta-feira à noite. Nosso terceiro encontro, certo? Ele estava mexendo nos CDs, tirando um, colocando outro. Eu estava observando e, de repente, percebi. Não sei dizer o porquê, mas me dei conta.

— De que você não queria nada com ele.

— Sim. De que aguentaria só mais aquela noite. E exatamente enquanto estava sentada no sofá me dando conta disso, a campainha tocou. Fui atender e era você.

Elise se recosta quando o garçom velho chega com nossos drinques, uma vodca com tônica para ela e uma cerveja para mim. Pega o limão com os dedos, esfrega na borda do copo, espreme no meio e põe de lado. Quando ergue o copo, as pulseiras no seu braço deslizam para o cotovelo.

— Não acredito em coincidências — diz.

Bato de leve no seu copo com o meu e bebemos.

É sexta-feira, 21h30, e estamos em um pequeno reservado do Lesson, na esquina da rua 112 com a Broadway. Somos os

únicos clientes. Ela toma um gole e observo sua garganta tremer enquanto o líquido desce.

— Você disse que era uma longa história, Jake. Por que escolheu aquela noite para voltar?

— Na verdade, não era uma longa história. Estava simplesmente pensando no meu passado.

Ela olha para as próprias mãos e depois para mim de novo, seus olhos escuros me estudando.

— Ok — digo. — Fazia um ano que meu avô havia morrido.

Ela absorve minhas palavras, seus olhos se aprofundam.

— Gosto disso — diz.

Ficamos sentados em silêncio por algum tempo. Por baixo da mesa, deixo meu joelho encostar no dela.

— Você é aeromoça — digo.

Seus lábios se abrem de surpresas, mas depois de um segundo ela compreende.

— Clete, o porteiro — ela diz. — Na verdade, sou estudante de pós-graduação. Por isso conseguimos morar nos prédios da universidade. Sasha e Tracy são aeromoças. Comissárias de bordo, para você.

O joelho dela agora faz pressão contra o meu.

— Onde elas estão hoje? — pergunto.

— Sasha está no Alasca — diz, e depois para. Pega o canudo, empurra o limão para o fundo do copo e o prende lá. Seus olhos se cravam nos meus. — E Tracy está em algum lugar sobre o Pacífico.

Saio do reservado e lhe ofereço a mão. Ela a pega e se levanta, saímos do bar e pegamos a Broadway. O vento aumentou, e ela puxou o xale para junto do pescoço. Andamos até a esquina e então faço seu corpo girar e a encosto em um poste de rua. Puxo o xale com cuidado e ele se afasta do pescoço. Eu a beijo com força, sentindo seus seios contra meu peito quando ela se abraça a mim.

— Mais um — sussurra, mas tiro seus braços finos do meu pescoço e dou alguns passos para trás.

Posso sentir o impulso brotando dentro de mim. Olho para a Broadway, para a noite. A distância, vejo os portões negros da universidade. Sinto a mão dela nas minhas costas, pequena e quente. Fecho os olhos.

— Ei — diz gentilmente.

Eu me viro. Os olhos dela são vivos, confiantes.

— Não se preocupe, Jake — diz com a voz firme. — Vi isso em você na sexta-feira passada, e não tenho medo. Prefiro os demônios aos anjos.

— A qual círculo do inferno você está disposta a descer?

Ela beija meu peito, depois olha de novo dentro dos meus olhos.

— Não sei. Vamos experimentar.

* * *

— MIMI?

— Sim?

— Você...?

— Quase.

— Droga.

— Está tudo bem.

Estamos deitados no escuro, logo depois, Mark de costas e eu sobre seu peito.

— Eu posso...

— Foi maravilhoso, Mark.

Deslizo as unhas pelo seu pescoço.

— É sério, Mimi.

— Shhh... De verdade, foi maravilhoso.

Beijo seu pescoço.

Ficamos em silêncio, o único som é o do vento que entra pela janela e brinca com as persianas de plástico. E agora, muito distante, uma buzina de carro. Como era mesmo que eu me sentia nesses momentos? Completamente feliz. Em paz.

- O padre Cronin é fantástico, não é? — diz Mark.
- Ele foi maravilhoso.
- Eu achava que ele ia vir com latim para cima de nós, mas o sermão que ele preparou é excelente. Sua mãe vai adorar.
- Vai.
- Duas semanas, garota.
- Eu sei.

191

Minha mão encontra a dele e a aperta. Ele corre os dedos suavemente pelo meu cabelo, desce para o pescoço e sobe novamente. Outra vez. E mais uma, até que seus caminhos se encurtam e sua respiração se alonga no sono.

As palavras do padre Cronin foram realmente lindas. Falou sobre a jornada das almas unidas. Sobre o poder da união. Escutando-as, naquela alcova, senti-me tão forte! E sei que vou me sentir assim em duas semanas quando as escutar de novo. Respiro fundo e solto o ar lentamente. Do apartamento de baixo, muito tênues, vêm os sons de uma ópera. Verdi, acho. É como escutar as nuvens.

O som agudo do celular quebra o silêncio.

— Ai! — diz Mark.

— Desculpe, desculpe — digo, levantando com um salto, esfregando seu ombro no lugar onde me apoiei com força. — Vou atender.

Estendo a mão e acendo a lâmpada da cabeceira. Pego meu roupão da cadeira e me cubro com ele. O som continua, insistente.

— Meu Deus! — diz. — Eles não podem estar falando sério. São onze da noite.

— Eles me disseram para estar pronta para qualquer coisa. Segunda é dia quinze.

O telefone está na minha bolsa, sobre a escrivaninha. Pego a bolsa e ando rapidamente até a sala. Sento no sofá, pego o telefone e aperto o botão piscante.

— Mimi Lessing.

— Mimi, é Jake.

O tremor começa na base da minha coluna e se espalha por todo o corpo. Puxo o roupão sobre os joelhos.

— Estou aqui — digo.

— Você tem uma caneta?

— Sim — digo, procurando uma dentro da bolsa.

— Rua 120 Oeste, número 823. Na esquina da Amsterdam.

Apartamento 53.

Anoto e depois dobro o pedaço de papel ao meio.

— Estamos prontos, Mimi.

Desligo o telefone e o recoloco na bolsa, junto com o endereço. Fecho os olhos.

— O que houve, garota?

Mark está em pé na minha frente. Seus olhos sonolentos são lindos. Calmos, confiantes.

— Eles precisam de mim — digo. — A conta Taylor está com problemas.

— Desgraçados. Quanto esse sujeito ganha, 2 milhões por ano? Você vai dar um jeito para ele pagar menos que nós.

Senta-se ao meu lado e coloca sua mão quente no meu cabelo.

— Veja só o que eu fiz — digo, pegando um lenço de papel na bolsa e encostando-o em um pequeno corte no ombro dele.

— Desculpe.

— Deve ter sido um sonho, Meems. Você me conta quando voltar. Eles disseram quanto tempo vai levar?

— Não. Você vai ficar aqui, não vai?

— Aonde eu poderia ir?

— Obrigada.

— Mimi, você está bem?

— Estou. É só... muita coisa ao mesmo tempo. É melhor eu tomar um banho — digo levantando. Ele me puxa contra seu corpo e enterra o rosto no meu roupão.

— Seja breve — diz. — Você sabe o que a espera.

OBSERVE O TEMPO E FUJA DE TODO O MAL.

Essas são as palavras escritas abaixo do relógio da torre da Catedral de St. Mary. Levantei os olhos para elas quatro horas atrás, mas agora cruzo a escuridão para me encontrar com Jake Teller. O táxi dobra no Central Park e corre pelas ruas curvas do parque, as lâmpadas dando lugar à escuridão quando passamos sob o viaduto, o aroma raro das árvores me alcançando pela janela aberta. Emergimos na Amsterdam com a 83 e dobramos para o norte, passando pelo Museu de História Natural, pelas ruas cheias e familiares com as calçadas pontilhadas de cafés e bares.

193

Estou usando o mesmo vestido da sexta-feira passada. E o mesmo casaco cobalto. Antes de tirá-los do armário, fui até a cama para ver se Mark estava dormindo. Estava, com o rosto aninhado na curva do braço, a respiração regular e tranquila.

Agora passamos pela rua 110. Nunca vim tão longe. Passamos os portões de uma grande universidade. Columbia, deve ser.

- De que lado?
- Perdão?
- De que lado da rua?
- Não sei. Qualquer um.

Na rua 120 ele encosta na esquina. Vira para trás e olha para mim, a mão áspera segurando a divisória.

— Nesta parte da cidade, vestida desse jeito, é melhor a senhora saber aonde está indo. Qual é o número do prédio?

Olho para a tira de papel no meu colo.

— É 823.

Ele olha pelo para-brisa do carro e aponta para o edifício da esquina.

- Vou esperar até a senhora entrar.
- Obrigada.

Pago e desço do táxi. Paro na frente de um enorme edifício de antes da guerra. O caminho de tijolos está iluminado por um poste

com a forma de uma antiga lâmpada a gás. Na janela do saguão à minha frente posso ver um porteiro uniformizado. Paro. Se eu pudesse pedir um cálice de vinho em algum lugar ou me sentar sozinha por alguns minutos... Mas o táxi espera no meio-fio, o motor ligado, o motorista me observando. Caminho até o saguão.

194

— Boa noite — diz o porteiro quando abre a porta para mim.

É um homem negro de uns sessenta anos, com chumaços brancos nos seus cabelos pretos curtos. Subitamente me dou conta de que não sei o que dizer.

— Estou aqui para... — começo.

Ele espera.

— Vou ao apartamento 53. Mas, por favor, não chame para avisar.

— Você deve ser amiga de Jake — ele diz.

— Sim.

— Ele me disse que você estava vindo. Espere um minuto.

Vai até uma pequena mesa ao lado da porta, abre uma gaveta e tira algo de dentro.

— Ele me pediu para lhe dar isto — diz, e me estende uma bolsa preta um pouco menor que a minha. É feita de feltro macio e fecha no alto com um cordão dourado.

— Não compreendo — digo.

— Jake Teller, certo?

— Sim.

— Jake passou por aqui hoje à tarde. Disse que você viria à noite e que eu devia lhe dar isto.

— Obrigada.

Pego a bolsa, ando até o elevador e aperto o botão. Mas fico tonta, e as portas do elevador à minha frente se transformam em um borrão cinzento. Sinto o mesmo que na aula de artes da oitava série quando posei absolutamente imóvel por vinte minutos e depois me levantei de repente e tentei descer da plataforma.

— Você está bem? — pergunta o porteiro.

— Desculpe. Tudo bem se eu me sentar aqui por alguns minutos?

— É claro.

Ele pega meu braço e me conduz para a esquerda, onde há um sofá e algumas cadeiras na frente de uma pequena lareira. Acomodo-me no sofá de couro marrom.

— Pronto — diz.

— Obrigada. Estou bem. Só preciso de um minuto.

— Fique o tempo que quiser.

Ele se afasta, respiro profundamente e solto o ar devagar. Um pequeno fogo está aceso na lareira, e estou perto o bastante para sentir o calor nas pernas. Olho para a bolsa preta. O feltro é o material mais macio que já toquei. Giro-o nas mãos. Através dele posso sentir três, não, quatro objetos duros.

— Senhorita?

Levanto os olhos e vejo o porteiro me oferecendo um copo d'água.

— Parece que você precisa disso.

— Obrigada.

Tomo um gole. O porteiro passa a minha frente, rígido em seus movimentos. Pega um atizador no consolo, abre a grade da lareira e vira a tora de baixo. Uma chuva de faíscas se ergue e depois se acalma. Meus dedos esfregam um dos objetos através do feltro macio. Ele é grosso, com cantos agudos. Todos os outros parecem estar em alguma espécie de estojo. Como era mesmo que o padre costumava dizer? “Nós encontramos as pessoas que precisamos encontrar”. O porteiro devolve o atizador ao suporte e depois se vira e senta na cadeira ao meu lado.

— De onde você conhece Jake? — pergunta.

Faço uma pausa.

— Nós trabalhamos juntos.

— E Elise?

— Eu ainda... não a conheci.

— Uma boa menina — diz. — Você vai gostar dela.

Cruza as mãos no colo. Posso ver que uma mantém a outra firme.

— Parece que você conhece Jake muito bem — digo.

— Conheço Jake há vinte anos. Ele cresceu neste edifício.

Olho para ele.

— Ele cresceu aqui?

— Sim. Quando ele apareceu, outro dia, depois de todo esse tempo, não sei quem ficou mais surpreso.

— Em que apartamento ele morava? — pergunto, sabendo a resposta antes de ele falar.

— No que você está indo. No 53.

Aperto a bolsa contra os joelhos sentindo seu peso através do vestido, o ângulo agudo de alguma coisa pressionando minha pele. Cubro-a com as duas mãos, como se o porteiro pudesse ver através do feltro. Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Como era o Jake quando criança? — pergunto.

Ele sorri e olha para o fogo por alguns instantes. Parece procurar uma resposta nas chamas.

— Bom — diz.

A campainha grita do lado de fora e o porteiro se levanta rapidamente.

— Você vai ficar bem? — pergunta.

— Sim, obrigada. Vou subir agora.

* * *

A MEMÓRIA É O MAIS CRUEL DOS SENTIDOS.

Recordo claramente nossa primeira noite juntos. O som eletrizante da fechadura, o clique suave da porta abrindo e fechando e depois, pelos alto-falantes, um suspiro e as primeiras palavras dela:

— Que dia!

Soube desde o início que ela não seria como as outras. Soube na manhã seguinte, quando ela acordou e não ligou a televi-

são. Ouvi o som da chaleira, da torradeira e do farfalhar do jornal quando ela o buscou na porta. Ela lia enquanto comia, e quando encontrava algum item de interesse, algo que a intrigava o bastante para ler mais tarde, eu ouvia o som da tesoura no papel. Depois do café da manhã, vestia-se ao som da estação de música clássica e depois batia a porta às 8h20 para a caminhada até o metrô e a jornada para o centro e o trabalho. A trinta quarteirões de distância, fechei os olhos em agradecimento. Eu a havia encontrado.

E agora, um ano depois, estou dentro de um carro no Harlem olhando para o edifício onde a srta. Lessing acaba de entrar. Desceu da calçada para a alameda de tijolos como uma criança entrando sozinha em uma floresta escura, olhando por cima do ombro para o táxi que a havia trazido, os olhos tensos e cheios de medo. E ainda assim, virou-se e entrou no edifício. Compelida, magnetizada. Por qual força?

Em breve saberei.

Há duas manhãs, parei atrás da banca de jornal na esquina da rua 86 com a Lexington, em frente à entrada do metrô. Quando a srta. Lessing passou caminhando e começou a descer as escadas, juntei-me ao fluxo de pedestres logo atrás dela, invisível no burburinho da manhã. E quando abriu a bolsa para procurar o passe do metrô, deixei cair um minúsculo øre dentro dela.

Onde ele está agora, escutando. Escutando de dentro da bolsa que a srta. Lessing levou consigo para o apartamento da rua 120 Oeste, 823. Menos de trinta minutos depois de dizer ao seu noivo que havia sido chamada ao escritório para trabalhar.

A esta distância, os sinais transmitidos pelo øre dentro da bolsa não conseguem alcançar a unidade-mãe no parapeito da janela do meu apartamento. Mas alcançam a que está no banco traseiro deste automóvel e cujos fios foram ligados aos do rádio do carro. E assim, escutei a conversa da srta. Lessing com o porteiro a respeito de Jake Teller. E agora, escuto o elevador antigo carregá-la ao encontro dele.

ELA ESTÁ PASSANDO DO DESEJO PARA A NECESSIDADE.

— Por favor, Jake — ela diz com a voz ainda forte, mas gotas de suor brotaram no seu pescoço, e quando meus dedos chegaram à borda da calcinha de seda preta e mais uma vez se afastam das suas coxas, ela afunda o rosto pela primeira vez na colcha vermelho-sangue.

Há trinta minutos, estávamos no sofá, sua perna nua apertada contra minha calça de veludo cinza. Ela tocou meu rosto, o colarinho, depois deslizou lentamente os dedos até meu cinto. Parei sua mão nesse ponto, procurei dentro do bolso da jaqueta e tirei de lá uma faixa de seda branca que coloquei na sua mão. Ela olhou para o tecido e depois para mim, e então desdobrou a faixa e a estendeu sobre seu vestido preto.

— Para mim ou para você? — perguntou.

— Para você — eu disse, e fiz um gesto com a cabeça indicando a jaqueta. — As duas.

Ela baixou os olhos novamente para a faixa. Fechou os dedos em torno de cada ponta e girou os pulsos, enrolando a seda neles. Olhou para mim e sorriu, com os olhos escuros fixos nos meus.

— Uma bebida forte antes — ela disse.

E agora, aquelas faixas brancas amarram seus pulsos delicados às barras de metal da cama que se encontra no quarto onde eu dormia quando criança. Seus braços esguios e bronzeados estão muito abertos, indefesos, seu cabelo negro abundante está preso sob o corpo flexível, a barriga e as pernas recentemente massageadas com óleo reluzem na luz quente da luminária que prendi nos pés da cama.

Ela é uma prisioneira alegre. Sorriu enquanto eu amarrava seu pulso direito, os olhos brilhantes saltando do meu rosto para minhas mãos quando peguei seu braço esquerdo e retirei um por um seis dos sete braceletes que estava usando. O sétimo empurrei na outra direção, até ficar preso em seu bíceps. Então, enrolei

a faixa de seda em torno do seu pulso esquerdo e também a amarrei em uma das grossas barras de metal da cabeceira da cama.

— Agora sou sua, Jake — murmurou. — Faça o que quiser.

Fui até sua escrivaninha. Em uma das gavetas, encontrei uma tesoura pesada.

— Você não faria isso — ela disse, observando-me enquanto me aproximava, mas suspirou languidamente ao toque frio da lâmina e tremeu de prazer quando cortei as alças do vestido preto, puxei-o para baixo e o joguei ao chão.

— Você vai me custar caro — ela disse.

Olhei para seu corpo estendido, absorvendo todos os detalhes. A pele bronzeada contrastando com a renda preta da *lingerie* e o escarlate da colcha. Seus seios volumosos, maiores do que eu imaginava, a barriga lisa e dura e as coxas firmes. Dispensava os artifícios da moda. Toquei um dos joelhos. Ela sorriu e cruzou as pernas recatadamente, e a calcinha preta formou um “v” perfeito e atraente. Do bolso de trás das calças, puxei a venda.

Os lábios dela se abriram de surpresa.

— Minha cor — ela disse, mas já com a primeira nota de cautela na voz.

No entanto, permitiu que eu puxasse a venda sobre seus olhos, e momentos mais tarde sua cautela se dissolveu quando peguei um frasco de óleo para massagem da cômoda, abri a tampa e o aroma exótico da papaia se espalhou pelo quarto. Ofereceu-me o tornozelo, os dedos do pé esticados, suspirando voluptuosamente à medida que eu subia por suas pernas, batendo os calcanhares na cama de excitação quando alcancei a barriga, jogando a cabeça para trás de prazer quando cheguei com o óleo morno em seus ombros e massageei os braços amarrados.

Quando terminei, fui até a mesa e desatarraxeii a luminária de braço articulado. Levei-a até a cama e a preendi na barra horizontal dos pés; depois, puxei o braço na direção dela e acendi a lâmpada. Andei até a parede e desliguei a luz de cima. O efeito

foi mágico: o quarto mergulhado na escuridão enquanto Elise, um anjo cativo, descansava sob a luz quente e forte.

Virei-me e saí do quarto.

Atravessei o apartamento silencioso e fui até a cozinha. O refrigerador fica onde o nosso ficava, e o balcão também. Sobre ele, um vaso com uma dúzia de rosas frescas. Li o cartão: “Para a garota mais linda da cidade. Mais uma chance? Scott”. Preparei um copo de Absolut com tônica. Ao lado dos limões, na fruteira, encontrei um ramo de folhas de hortelã e arranquei algumas. Olhei para a mesa da cozinha na ponta do espaço estreito. Fica exatamente onde a nossa ficava, na pequena área embaixo da janela. Andei até lá e me sentei. Pela janela, pude ver a lateral do edifício seguinte, as mesmas três janelas que eu recordava de vinte anos atrás. Depois delas, somente a noite escura. Tirei o fone do gancho e digitei.

Ele tocou uma, duas, três vezes. Não nos falamos desde que a deixei no calçadão do rio há três dias. Deixei-a no seu vestido azul e blusão branco, segurando o celular que a mandei jogar dentro do rio. Tocou mais uma vez. E outra.

— Mimi Lessing.

Fechei os olhos. Ditei o endereço e disse que estávamos prontos. Desliguei e fiquei na mesa da cozinha por mais alguns instantes, olhando pela janela. Depois, levantei e peguei um pano de prato, molhei na água quente e torci. Peguei o pano, meu drinque, as folhas de hortelã e uma rosa do vaso e fui até a porta da frente. Destranquei a fechadura silenciosamente e abri a porta alguns centímetros. Voltei para a sala, e junto ao aparelho de som, encontrei um CD chamado *Cordas Espanholas*, com uma foto de dois violões cruzados na capa. Voltei até a porta do quarto. Ela era uma visão brilhando na luz da lâmpada, as mãos relaxadas, uma perna se movendo sensualmente por cima da outra.

— Jake?

— Aqui mesmo.

Andei até a cama e coloquei a mão no seu joelho.

— Não me deixe assim — sussurrou.

Pousei um dedo nos seus lábios e ela o engoliu. Toquei sua testa com o fundo do copo e ela ofegou de prazer. Depois, coloquei o copo, a toalha molhada, a hortelã e a rosa na mesa de cabeceira. Peguei a cadeira da escrivaninha e a posicionei a um metro da cama. Afastei a mesa de cabeceira da parede, deixando-a entre a cama e a cadeira. Ela escutava enquanto eu trabalhava, concentrada, seguindo meus movimentos pelo quarto.

— O que você está fazendo? — perguntou finalmente.

— Sem perguntas — eu disse, e ela sorriu.

Abri a tampa do pequeno aparelho de CD sobre a cômoda. Tirei o disco do estojo, encaixei-o no aparelho e fechei a tampa com um estalo.

— Música — sussurrou, sonhadora.

— Logo — eu disse.

Fui até a cama e me sentei. Pousei a mão gentilmente no seu quadril e olhei para todo seu corpo mais uma vez. Ela estava extasiada.

— Está na hora, Elise — eu disse.

Ela respirou fundo, apertou as pernas douradas uma contra a outra e sorriu.

— Estou pronta — disse.

E então, comecei meu passeio.

Um trajeto longo e lento com as costas dos dedos, começando nos pés e terminando na linha apertada de seda que prendia cada pulso. Ela estava no paraíso, suspirando mais profundamente quanto mais eu subia, todos os seus nervos despertados pelo meu toque. Afastou as pernas para mim, ofegando enquanto eu subia pelo interior da coxa, novamente quando fiz a curva em torno da calcinha e subi para a barriga rija, e outra vez quando cheguei à base do sutiã e o contornei. Quando terminei de percorrer todo seu corpo, comecei de novo. Mais uma vez ela mergulhou em êxtase, deleitando-se com minha lenta subida, a leveza

do meu toque inflamando-a. Quando me aproximei da calcinha outra vez, ela girou os quadris, tentando guiar meus dedos para o seu monte, mas eu desviei e a empurrei para baixo com a mão livre. Até o sutiã meus dedos subiram, permanecendo mais tempo que antes, as unhas apenas roçando a seda negra no caminho.

No fim da terceira volta, sua calcinha estava úmida e ela tinha presos nos dedos os cinco centímetros de seda branca que eu havia deixado entre os pulsos e a barra. Mais uma, e o desejo agora era quase uma dor nos lugares sensíveis que eu me recusava a tocar. E agora, três lentos passeios mais tarde, ela diz:

— Por favor, Jake — E afunda o rosto na colcha.

Volto para os pés da cama e começo a tocar seus dedos novamente.

— Você não pode — sussurra enquanto subo pelas panturrilhas, desta vez usando um pouco mais de pressão, observando os músculos longos e graciosos das suas coxas se contraírem como os de uma corredora.

Estou a alguns centímetros da sua calcinha quando sinto uma mudança no ar do quarto. Paro, viro o corpo e vejo Mimi Lessing parada na porta. Ela se apoia no vão com uma das mãos. Na outra, vejo o volume da bolsa de feltro preto. Mimi está parada no escuro, mas posso ver o branco das suas meias. Ela tirou os sapatos, seu cabelo está solto, e apesar da escuridão, percebo o choque nos seus lindos olhos. Olho dentro deles e levanto a mão para indicar que espere. Então, volto para Elise.

Uma última vez trilho com os dedos a seda encharcada da calcinha.

— Você... — sussurra, agora mordendo os lábios.

Subo uma última vez até o sutiã e passo por ele, vou até o ombro, pressionando uma das alças o suficiente para que ela sinta a pressão nos mamilos, dez centímetros abaixo. Deslizo os dedos até a garganta, percorro o braço direito e agora lentamente o esquerdo, desta vez passando pela faixa, apertando seu punho até fazê-lo abrir com um gemido suave, e então, acariciando a pe-

quena palma e terminando com as pontas dos seus dedos. Levanto-me e vou até a cômoda.

Pressiono o botão do aparelho de som e segundos depois as notas suaves do violão se espalham no ar, tão lentas de início que Elise não tem certeza de que as ouve. Sim, agora ela ouve. Música. Fecha os dedos, depois relaxa e se acomoda melhor na cama. Sua espera está no fim, pensa. Finalmente. Olho para Mimi, ainda parada na porta, uma das mãos no batente. Indico a cadeira e ela caminha com cuidado sobre o piso de madeira. Senta-se e alisa o vestido nervosamente. Passo por trás dela, minhas mãos a centímetros dos seus ombros, do seu pescoço puro. Sento novamente na cama. Elise sente-a ceder e umedece os lábios, cheia de expectativa. Estendo a mão, pego a tesoura do chão e a encosto na sua barriga.

— Sim — ela arfa, certa do seu destino.

Passo as lâminas frias pelo estômago, pela frente do sutiã e subo pelas alças. Corto uma delas, depois a outra. As alças caem, revelando a curva alva dos seus seios, e o corpo do sutiã ainda cobre o resto. Deslizo a tesoura entre os dois, fecho as lâminas e retiro o sutiã destruído, certificando-me de que as alças pendentes rocem os mamilos antes de jogá-lo no chão. Seus seios são redondos e bonitos, um tom mais claro que a barriga, os mamilos rosados e duros.

— Jake — diz. — Toque em mim.

Pego mais uma faixa de seda branca. Passo-a gentilmente pelo seu pescoço.

— Deus — sussurra, pensando que a seda é do sutiã que eu acabo de cortar.

Puxo a faixa entre seus seios, pela barriga, e desço pelo interior das coxas.

— Espere — sussurra, afundando os calcanhares na colcha.

Passo pela panturrilha e, subitamente, enrolo a faixa no seu tornozelo. Ela arqueja e tenta levantar a perna, mas eu a seguro firmemente contra a cama, dou um nó apertado no tecido e de-

pois puxo seu corpo na minha direção, obrigando seus dedos a soltar os centímetros da seda que estavam segurando. Rapidamente, amarro a nova faixa na barra de metal da cama. Ela gira o joelho esquerdo para dentro, tentando manter os dois juntos, mas repito toda a operação com o tornozelo esquerdo, endireito sua perna e a puxo para o outro lado, afastando as pernas abruptamente. Ela arfa uma vez com o choque, e outra quando a puxo ainda mais para baixo na cama e amarro a última faixa de seda na barra de metal fria.

Em um piscar de olhos, Elise está completamente aberta e imobilizada.

Ela luta contra os novos limites, os músculos das suas pernas se contraem, forcejam, lindos. O tecido não cede. Molha os lábios duas, três vezes, sente o pânico começando a se instalar dentro de si. As faixas brancas tremem como fios de energia ao vento, mas se mantêm firmes. Relaxa, sua respiração é rápida, curta. Tenta movimentar os pulsos, mas não há mais folga e seus esforços apenas apertam ainda mais os nós. Arqueja de dor. Levo minha mão à sua coxa. Novamente forceja e outra vez as faixas a contêm. Fecho os olhos e deixo que lute, sua coxa pulsando contra a palma da minha mão enquanto ela contrai inutilmente todo o corpo.

Durante trinta segundos forceja, desesperada, e depois começa a se acalmar. Abro os olhos. Suas costelas ainda sobem e descem, mas a respiração fica mais lenta e ritmada. Ergue o rosto da cama.

— Ok — sussurra para si mesma, quase inaudível, as cordas retesadas do pescoço se suavizando e os dedos, fechados em punhos um segundo atrás, começando a se desenrolar.

Ela parece reconhecer o quarto novamente, sentir o aroma do óleo, o calor da lâmpada na pele, escutar outra vez a música calmamente.

— Ok — repete, testando as faixas de leve, sem lutar contra elas, medindo-as e, sim, relaxando, como se a seda acariciasse, e não prendesse, seus pulsos e tornozelos delicados.

Inclino-me e a observo de perto. Está se rendendo.

Não apenas às faixas, mas à ideia delas. Rendendo-se porque a verdadeira ardência não está em seus pulsos ou tornozelos, mas nos pontos que eu ainda não toquei.

— Ok — diz mais uma vez.

Fecho meus punhos e os descanso por um momento sobre os joelhos, porque percebo que ela não está falando consigo mesma, mas comigo, sei que ela compreende, pela primeira vez, a promessa contida naquelas faixas brancas implacáveis. É a promessa de libertação. Uma libertação doce, longa e intensa como nunca imaginou, e sabe que lutar somente vai retardá-la, somente vai atizar o fogo que acendi dentro dela. E por isso sussurra “Ok” mais uma vez, respira fundo e expira lentamente. Devolvo minha mão à sua coxa quente, sinto-a estremecer e depois ficar imóvel. Seus pulsos, tornozelos, quadris, tudo está imóvel. Imóvel, em silêncio e completamente submisso, e é a minha vez de lutar contra a onda dentro de mim. Baixo os olhos para o assoalho escuro e depois olho novamente para seu corpo esticado e reluzente.

A verdadeira jornada desta noite pode começar.

Mimi Lessing está sentada a um metro de distância, mas na escuridão não é mais que uma silhueta. Posso ver, no entanto, a bolsa de feltro preto no seu colo. Inclino-me na direção dela e estendo a mão. Ela hesita, depois levanta a bolsa com as duas mãos e a estende para mim como uma oferenda. Pego a bolsa e a coloco sobre a cama, exatamente no centro do círculo de luz projetado pela lâmpada.

Olho atentamente para o fio dourado que a mantém fechada. Na base, posso ver o diminuto nó que atei nesta manhã em meu apartamento. Ela não o desfez, não olhou o conteúdo. Desato o nó e forço a boca com os dedos, e de dentro dela tiro uma vela vermelha. É baixa e grossa, com bordas aguçadas, e a coloco sobre o pano azul que cobre a mesa de cabeceira, tão silenciosamente que Elise não me ouve acima dos violões. Tiro um isquei-

ro do bolso e acendo o pavio. Elise se vira na direção do som e umedece os lábios.

206

A chama está equidistante entre Mimi e eu, e na sua luz vejo que ela está usando o mesmo vestido rosa da sexta-feira passada. O mesmo casaco azul-escuro. Telefonei para sua casa e ela foi ao armário e se vestiu da mesma maneira que em nosso último encontro. À luz da vela, também posso ver seu rosto lindo, equilibrado, e os olhos suaves que agora se erguem para encontrar os meus. Vejo medo estampado neles, mas sob o medo a excitação, a mesma excitação que sei que ela vê nos meus.

Respiro fundo e enfio os dedos na bolsa preta outra vez.

Tiro dela um pequeno estojo prateado do tamanho de uma caixa de anel e o coloco na mesa de cabeceira. Mimi olha para ele, depois para mim de novo. Tiro outro estojo prateado da bolsa, um pouco maior que o primeiro, e também o coloco na mesa. Depois, tiro um terceiro, ainda maior, do comprimento e altura de um CD, mas muito mais grosso. Coloco-o ao lado dos dois primeiros e jogo a bolsa vazia no chão. Mimi fita hipnotizada os três estojos metálicos enfileirados que brilham à luz da vela.

Pego meu copo na mesa de cabeceira e tomo um longo e calmante gole de vodca, sentindo sua carícia fria e doce na garganta. Elise ouve o tilintar do gelo e umedece os lábios novamente. Pego o estojo menor, coloco-o na cama à minha frente e levanto sua tampa.

Mimi se inclina para a frente, e agora são seus lábios os que se abrem enquanto me observa erguer do forro de feltro macio do estojo e girar lentamente na luz quente um pregador de metal de cinco centímetros. Suas pontas são revestidas de plástico duro e preto, e se separam quando meu polegar pressiona a alavanca na outra extremidade. Quando solto a alavanca, o pregador se fecha. Quanto ele fecha é determinado pelo pequeno parafuso de metal inserido em um orifício no meio de um dos braços. Girando o parafuso para a direita, as pontas se separam. Para a esquerda, elas se apertam.

Ergo da mesa de cabeceira a rosa vermelha que tirei do vaso da cozinha. Seguro-a pela haste verde e rugosa e com as pétalas acaricio a barriga de Elise. Ela geme suavemente. Deslizo a rosa até a base de um seio e depois subo, apertando o botão contra o mamilo.

— Sim — ofega, tremendo com esse toque tão aguardado.

Giro lentamente a flor, deixando que suas pétalas incrivelmente macias a beijem e acariciem. Em segundos seu mamilo cor-de-rosa incha e endurece.

— Oh, Deus — diz tremendo de gratidão.

Inclino-me sobre ela, girando a rosa com uma das mãos, observando as pétalas abertas transportarem-na, enquanto presiono com o polegar e o indicador da outra mão a alavanca que separa as pontas do pregador. Giro mais rápido, assistindo a sua respiração se acelerar e seus lábios murmurarem gemidos enquanto o mamilo fica cada vez mais rígido. Começa a se balançar gentilmente contra as faixas, os quadris se projetando para frente. Afasto a rosa, posiciono as pontas pretas nos dois lados do mamilo inchado e solto a alavanca.

Eles se fecham como um torno.

Seu corpo pula com o choque. A boca forma um círculo perfeito, mas por alguns segundos não emite nenhum som. E depois, um grito agudo. E agora:

— Não, Jake. Oh, Jake, o que...

— Shh.

O grampo está na posição mais aberta: não aperta mais que se eu segurasse o mamilo firmemente entre os dedos. Solto e observo-o estremecer e depois ficar imóvel, parado em pé como um prendedor de roupas em um varal.

— Oh, está apertado, Jake. Jake, por favor.

Pouso um dedo nos seus lábios. Desta vez, ela não o engole. Abro o segundo estojo e Pegó outro pregador. Baixo a rosa sobre seu mamilo livre e começo a girar.

— Não — ela diz mordendo os lábios, sacudindo a cabeça, tentando lutar contra o toque suave das pétalas.

Mas não há como resistir, e em segundos elas fizeram seu trabalho, inchando e endurecendo o segundo mamilo tanto quanto o primeiro. Levanto a rosa, solto a alavanca do novo grampo e observo suas pontas se fecharem. Ela arfa.

— Por favor. Você não...

— Shh.

Encosto a mão na sua testa úmida e me debruço sobre ela.

— A cada palavra — digo — vou apertar mais.

— Jake — ela sussurra, agora em pânico.

Pego o pequeno parafuso de metal entre o polegar e o indicador e dou um quarto de volta, observando o plástico negro morder seu mamilo com mais força. Ela grita.

— A cada palavra — repito.

— Não.

Aperto igualmente o outro pregador. Ela geme de dor e depois fica em silêncio. Com o canto do olho, vejo Mimi estender a mão e levantar do chão o vestido que cortei do corpo de Elise há uma hora. Ela o traz para o colo e enterra as mãos nele. Seus olhos estão fixos em Elise.

Os pregadores estão apertados, mas não são insuportáveis, e depois de alguns segundos ela começa a se ajustar a eles, à dor que eles administram. Suas unhas se desenterram das palmas, a respiração se acalma. Sim, dói, mas é uma dor que ela pode aguentar. Junto com a dor, no entanto, está o medo, que agora posso ver no seu rosto, na boca e na garganta.

Espero mais dez segundos e depois pressiono com força a palma da mão na seda preta molhada da sua calcinha.

Ela ofega. Apesar de tudo, emite um arquejo profundo, chocado e primitivo de prazer. Pressiono novamente e ela joga a cabeça para trás enquanto deixa escapar um pequeno gemido. Aperto mais, e ela geme outra vez, os pregadores esquecidos, pois sua dor não se compara aos choques de prazer que minha mão espalha por seu corpo. Aperto novamente e mantenho a pressão por cinco segundos. Outra vez, agora dez segundos. Ela suspira em

profundo enlevo e projeta os quadris para a frente. Tiro a mão, e ela espera, com os lábios abertos, o corpo todo parecendo se abrir e relaxar. Pouso um indicador sobre cada um dos grampos, espero um segundo e depois os empurro gentilmente para baixo na direção da barriga.

Ela grita, traída. Inclino os pregadores ainda mais, e seus mamilos comprimidos baixam junto com eles. Ela grita mais alto. Empurro mais um centímetro para baixo, dois, três. Eles agora estão paralelos com a barriga, e uma sucessão de pequenos gritos de dor escapam da sua boca. Mantenho os grampos parados. Seu corpo se arqueia, todos os seus músculos se contraem para deter a dor. Olho de relance para Mimi. Uma das suas mãos está segurando o assento da cadeira, a outra aperta o vestido preto cortado contra a boca. Seguro os pregadores no lugar mais cinco segundos.

Agora solto, e assisto à dor explodir dentro dela.

Ela grita como se houvesse sido queimada, e seu corpo pula tão violentamente que fico sem fôlego. Ondas de dor, dor genuína, sacodem-na enquanto os pregadores saltam e depois balançam para a frente e para trás. Outro grito agudo, mais outro, e depois os gritos se dissolvem em arquejos doloridos que diminuem e por fim morrem quando os grampos, agora novamente em pé, estremecem e ficam imóveis.

Levo a mão à calcinha preta e pressiono outra vez.

Desta vez, uso os dedos e encontro, através da seda molhada, as portas macias e túrgidas que conduzem ao centro de Elise. Ela treme sob mim, ainda sentindo dor, mas mesmo assim gemendo com meu toque, e mais uma vez quando meus dedos encontram, e agora separam, suas dobras sedosas e receptivas.

— Oh — ela geme, seu corpo ainda inflamado apesar da espera cruel e da dor, inflamado pelas minhas carícias anteriores e agora ardendo quando finalmente me dedico a ela, massageando-a por cima da seda, cada pequeno deslocamento dos meus dedos gerando ondas profundas de prazer.

Seus quadris sobem e descem. Eu a provoco com suavidade, depois mais intensamente, depois de leve outra vez, observando seu rosto balançar de um lado para o outro e seus gemidos se tornarem ritmados.

Afasto a mão e volto para os pregadores.

210

Todo seu corpo se prepara. Inclino-os na direção da barriga novamente e ela grita, o pescoço se ergue da cama, as costas se arqueiam. Ela tenta pedir clemência com a respiração, tomando cuidado para não formar palavras, falando em lamentos curtos e suplicantes que cessam quando paro os grampos, que agora quase tocam sua barriga, e explodem novamente quando os libero.

Ela salta uma, duas vezes, respirando rápido até que os pregadores fiquem imóveis mais uma vez. Baixo a mão para sua calcinha e, em segundos, levo-a de novo ao paraíso quando meus dedos encontram uma área tão sensível que o mais leve toque faz sua cabeça pender para trás. Suas coxas tremem, agora não de dor, mas das descargas de prazer. Um longo suspiro e quatro inspirações curtas, outro suspiro e mais quatro inspirações. Afasto a mão.

Ela se prepara novamente, mas desta vez com menos urgência, e embora suplique com gritos suaves quando inclino os pregadores e pule quando os solto, a dor não surte mais o mesmo efeito. Agora ela é conhecida, familiar, e antes de os grampos pararem de tremer eu já vejo seus quadris começando a se mover — projeções curtas e ritmadas enquanto ela espera e imagina a próxima explosão quente de prazer. Concedo-lhe essa dádiva.

É como apertar uma esponja. Vou mais fundo desta vez, cada vez mais, e seus quadris se erguem o pouco que podem para me encontrar enquanto empurro a seda para dentro dela. Encontro um ponto que a faz soluçar de prazer e me concentro nele, concedendo-lhe trinta, quarenta, cinquenta segundos no paraíso, seus gritos intensos e cada vez mais altos. Sim, ela está começando a aproveitar, e sei que também começa a sentir, bem no fundo, os primeiros indícios do fim. Mimi Lessing também sabe. Ela não consegue ficar parada, baixa o vestido cortado até o colo,

traz para o peito, baixa novamente. Seus joelhos estão apertados um contra o outro. Tiro a mão da calcinha preta.

Elise agora está calma, sem medo, certa de que pode suportar os grampos. Ansiando por eles, até, por causa do prazer que a aguarda do outro lado. Prazer como nenhum outro que ela conheceu, profundo, crescente, que a levou mais e mais longe e, portanto, deve, muito em breve, conduzi-la ao final. Ela respira fundo, enrola os dedos nas palmas das mãos e espera.

211

Minha mão passa pelos pregadores e pega a vela vermelha na mesa de cabeceira.

À sua luz vejo que a testa de Mimi está úmida, o pescoço também. Ela segura o vestido preto no colo e me observa pegar a vela, sem se dar conta de onde a estou levando. Trago-a até o peito e depois a suspendo sobre a barriga nua de Elise. Mimi olha para ela, depois volta para a vela, e agora suas mãos começam a enrolar o vestido preto no colo.

O centro da vela derreteu, deixando uma boca larga que forma uma poça de cera líquida, tão parada quanto um lago ao amanhecer, mas aquecida quase a ponto de fervura pela chama que se ergue no centro. Os únicos sons no quarto agora são a respiração de Elise e, do aparelho de som, as notas suaves de dois violões que duelam dramaticamente. Descanso os dedos de uma das mãos levemente na calcinha molhada, como se fosse mergulhar nela outra vez. Ela se retorce de excitação, ousando pensar que abandonei os pregadores, e que de agora em diante será só prazer. Deita a cabeça novamente na cama.

Inclino a vela e pingo uma gota de cera quente na sua barriga.

Seu grito cortante invade o quarto. Ela se contorce tão intensamente que tenho certeza de que as faixas de seda vão se romper. Elas sacodem, esticam, mas se mantêm firmes. A cera quente endurece em segundos, mas seu espasmo movimentou os grampos novamente, o que lhe rende mais vinte, trinta segundos de dor. Pego o pano molhado na mesa de cabeceira e limpo a

cera, deixando sua barriga limpa, pura, com apenas um círculo cor-de-rosa tênue a marcar sua dor.

— Por favor — diz, recuperando o fôlego. — Eu não po...

Grita quando giro o parafuso de um dos pregadores, comprimindo seu mamilo. Balança a cabeça para a frente e para trás freneticamente, mas em silêncio. Acima dela, na cabeceira da cama, seus cabelos afundam nas mãos amarradas, o rosa sob suas unhas visível através do esmalte transparente.

Olho para Mimi. Está sentada no escuro, mas vejo que começou a se balançar. Lentamente, com as pernas apertadas e o vestido de Elise amarrotado junto ao peito. Não fita o chão como na semana passada, mas mantém os belos olhos fixos na vela vermelha. E agora movo a vela lentamente ao longo do corpo de Elise, passando por sua calcinha, chegando na coxa. Inclino a vela novamente.

A cera quente lhe arranca outro grito e mais um espasmo intenso, e os pregadores começam a balançar novamente. Espero até que se acalmem, até que a dor cesse, e com ela seus gritos e arquejos. Limpo a gota de cera da coxa e seguro a vela logo acima do seu corpo. Espero dez, quinze segundos. E agora vejo o tremor nos seus quadris. Nem mesmo a dor recente da cera diminuiu a febre, e agora que ela a suportou, aguarda, desesperada, a recompensa. Não são essas as regras? Dor, sim, mas depois prazer? Ela espera, tremendo, que meus dedos retornem ao seu centro ardente, que encontrem nas suas profundezas outro ponto mágico.

Espero mais alguns segundos, depois subo a vela e pingo a cera quente na curva delicada de um seio.

Ela quase salta da cama. Desta vez, não limpo a cera nem espero os grampos se acomodarem. Levo a vela até seu tornozelo amarrado e a inclino novamente. E agora na pele lisa e sardenta do ombro. A curva macia do cotovelo. Cada gota a atinge como a ponta de um chicote, e tão próxima uma da outra que sua dor é contínua, as ferroadas ferozes da cera e a mordida constante dos grampos. Seus gritos agora também são contínuos, enchendo o

quarto enquanto queimo uma panturrilha e depois a outra, e agora subindo uma oitava inteira quando derramo o resto da cera ardente em uma linha lenta e cruel de um palmo, começando logo abaixo dos seios, percorrendo a barriga e terminando dentro do seu umbigo.

Endireito a vela, coloco-a de volta na mesa de cabeceira e sento, trêmulo. Olho para Mimi e vejo que ela também está tremendo. Balançando-se lentamente e olhando para o chão, incapaz de olhar para Elise.

Eu posso olhar para Elise. Observo cuidadosamente a dor tomar conta dela por um minuto inteiro, até que os pregadores fiquem finalmente imóveis e seus espasmos deem lugar a um tremor persistente, como se estivesse com frio. Pego o pano e limpo os pequenos círculos de cera. Ela geme suavemente em gratidão, mas quando limpo a última marca, a linha de cera quente da barriga, começa a sacudir a cabeça, e agora vejo que seus lábios estão sussurrando, quase inaudivelmente, uma palavra:

— Chega. Chega.

Estendo a mão para a mesa de cabeceira e pego outro estojo prateado.

Mimi olha para ele, depois para mim, e nos seus olhos posso ver a guerra que trava consigo mesma. Espero que balance a cabeça ou vá embora, mas ela simplesmente olha para o estojo outra vez, enfeitiçada.

Coloco o estojo sobre a cama, entre as pernas abertas de Elise. Tomo o cuidado de levantar a tampa sem barulho, mas ela continua a sussurrar para si mesma. Fecho rapidamente a tampa e pego o ramo de hortelã da mesa de cabeceira. Esmago as folhas entre os dedos para liberar o aroma e seguro sob seu nariz. Ela solta um gemido de espanto quando o cheiro pungente invade seus sentidos, desencadeando nela alguma lembrança, uma visão inocente de cozinha que a liberta por um segundo da cama, das faixas e dos grampos. Esfrego a hortelã em seus lábios e depois a afasto, e Elise retorna para o presente revigorada, testando

as faixas cuidadosamente outra vez, primeiro com os pulsos, agora com os tornozelos, respirando lentamente para impedir o movimento. Sim, ela está comigo de novo. E agora, quando abro o estojo prateado, ela ouve e fica alerta.

Chama-se Contour.

214

É cor-de-rosa, tem formato de coração e é coberto de pequenos nódulos gelatinosos. Mimi, agora inclinada para a frente, o suor brilhando como orvalho na sua testa, olha para ele sem um traço de entendimento. Sento-me ao lado dos quadris de Elise. Ela pressente minha preparação, e enquanto olho para ela com o Contour aninhado na mão direita, ela se prepara, a língua procurando os lábios para um último gosto calmante de hortelã, todos os seus músculos contraídos mais uma vez. Pouso minha mão esquerda na sua barriga e depois olho para Mimi.

Enfio a mão dentro da calcinha preta, e agora dentro de Elise.

Instintivamente suas pernas se retesam, tentando se fechar, mas as faixas as mantêm perfeitamente paradas. Sua cabeça se ergue da cama, a garganta contraída de terror. Ela se preparou para a dor, mas não lá, em qualquer lugar menos lá, e seu terror a impede de confiar nas próprias sensações. Apenas sabe que está indefesa e que algo está dentro dela, e por isso grita, colocando os pregadores em movimento, e passam-se vinte segundos antes que eles fiquem imóveis outra vez e mais trinta antes que ela comece a acreditar, *ouse* acreditar no que seu corpo está lhe dizendo: que isso é recompensa, e não punição. Porque dentro dela eu estou girando gentilmente o Contour permitindo que seu formato surta efeito, e quando o giro novamente, ela ofega, e quando o empurro um pouco mais para o fundo, ela compreende, encantada, e suspira o suspiro mais puro que já ouvi.

Em segundos, está preparada.

Tiro a mão direita de dentro dela e a descanso na sua barriga, e quando ela a percebe ao lado da esquerda e ainda sente dentro de si a presença densa e insistente, quase desmaia. Há

poucos minutos meus dedos tocaram apenas um ponto de cada vez. Agora o Contour estimula muitos, e embora ela quase não possa mover os quadris para os lados e não os consiga levantar mais que centímetros, mesmo esses pequenos movimentos ampliam seu alcance, e seu único desafio agora é manter os grampos dos mamilos parados enquanto o prazer começa a crescer dentro dela.

Mimi segura um dos braços sobre o peito, os olhos presos na minha mão direita vazia. E agora olha novamente para o estojo aberto. E de dentro dele tiro a fonte da sua fascinação.

O controle remoto.

Pouso-o sobre a colcha, giro o botão e aumento a intensidade para 1. E, juntos, observamos.

Ela sente imediatamente os lábios se abrindo de alegria, mas essas primeiras sensações são tão sutis, tão delicadas que pensa que são naturais, a resposta das suas dobras inchadas ao toque penetrante do Contour. Suspira e deita a cabeça lentamente sobre a cama. Aumento a intensidade para 2.

E quase posso ver, através da venda, seus olhos escuros se abrirem de repente.

Ela arfa e vira a cabeça, como se tentasse escutar algo. Dez segundos se passam, quinze, e agora sua boca se abre de espanto, porque dentro dela os choques ainda vêm, e estão mais fortes, sim, mais fortes do que há alguns momentos, e vêm em *intervalos perfeitos*. E assim a verdade se revela para Elise, e quase simultaneamente as últimas notas dos violões espanhóis se desfazem no ar, deixando o quarto para seus gritos.

Gritos que fazem Mimi estender o braço e pressionar os dedos no tecido azul da mesa de cabeceira. Que me fazem tirar as mãos da barriga de Elise e apertar meus próprios joelhos. Observo seus quadris se erguerem com cada descarga que ela recebe. A cada três segundos eles sobem, e assim como antes ela não tinha qualquer defesa contra a dor, a cera quente e os grampos, agora não tem nenhuma contra esse prazer, e então grita e grita

e grita enquanto o Contour paciente, no fundo do seu corpo, emite onda após onda.

Giro a chave para 3. Agora para 4.

— Oh! — grita surpresa, os choques agora intensos.

Morde os lábios para ficar imóvel, para ficar em silêncio, para não se despedaçar.

216

— Deus! — grita enfim, contraindo-se instantaneamente de medo, preparando-se para a volta do parafuso.

Mas deixo os pregadores no lugar. Mergulho a ponta da minha camisa no copo gelado e toco com ela sua testa.

— Jake — arqueja. — Obrigada.

Limpo suas bochechas úmidas, febris, e a deixo falar.

— Obrigada. Obrigada. Você não imagina.

Ela busca meus dedos com a boca, querendo me levar para dentro de si, compartilhar comigo a alegria mortal que a atravessa, mas segundos depois vira o rosto para a colcha, meus dedos esquecidos, tudo esquecido, menos as explosões implacáveis e salvadoras dentro dela.

5. 6.

— Oh, Jesus.

Mimi deixa cair o vestido preto e agora se balança com os dois braços em torno do peito. Ela se balança e assiste a Elise lutar para se manter lúcida, as descargas agora tão fortes que se prepara para cada uma como se preparava para a dor, tentando absorvê-las nos quadris, canalizá-las para as pernas, para longe dos pregadores. É inútil. Cada uma delas agita todo seu corpo, sacudindo os grampos muitas e muitas vezes. Mas ela não grita de dor, nem mesmo se encolhe. Está além dos grampos agora, e embora eles tremam com cada choque que recebe, seus gritos são de puro prazer.

7.

Agora ouvimos, Mimi e eu. Por baixo dos seus gritos podemos ouvir o Contour, profundo e ritmado como o pulsar de um coração. Emitindo sem misericórdia suas vibrações. E também pode-

mos ouvir a urgência inconfundível que se infiltra nos seus gritos. Ela está chegando lá. Mimi retorce as mãos sobre o colo, agitada, não porque Elise só tem mais alguns minutos, mas porque sabe que há um último estojo sobre a mesa de cabeceira, e sabe que a hora de abri-lo chegou. Começo a estender a mão para ele, mas ela o apanha e o gira entre as mãos. O metal liso brilha à luz da vela. Os gritos de Elise ficam mais e mais agudos. Mimi ergue a tampa e olha para o conteúdo do estojo, e vejo a surpresa nos seus olhos. Levanta uma corrente grossa de metal dourado, de quinze centímetros de comprimento. Fica impressionada com o peso da corrente, mas a trata como se fosse um colar, até a leva ao pescoço ruborizado. Estendo a mão, e somente depois de entregá-la para mim é que vê as pequenas presilhas nas duas extremidades, e quando volto para o meio da cama olha para Elise, para os grampos apertados que mordem seus mamilos, e vê pela primeira vez as pequenas argolas de metal na ponta de cada alavanca. E o medo brota nos seus olhos.

Toco a coxa de Elise com a corrente. Ela se contrai uma vez com o toque frio, mas depois não registra mais sua presença, nem mesmo quando eu a deslizo pela perna, sobre a calcinha e até a barriga. Agora está perdida no fundo de si mesma, onde as mulheres vão nos seus últimos minutos. Não escuta os cliques suaves quando prendo as pontas da corrente nas argolas dos pregadores. Seguro a corrente na mão, cuidando para preservar a folga. E então, interrompo seu delírio desligando o botão do controle remoto, abrindo a mão e deixando a corrente deslizar da minha palma para sua barriga.

Ela grita de dor, seu transe rompido. A corrente fica enrolada abaixo dos seus seios, com uma folga suficiente apenas para salvá-la, mas não para protegê-la da tração brutal. Ela sente a ardência súbita e feroz nos mamilos quando os grampos se inclinam e sente a pressão dilacerante no esterno.

— Não — geme.

Levanto a corrente outra vez, aliviando seu tormento, e reinicio as ondas dentro dela.

8.

O prazer a envolve em segundos. Ela nunca sentiu nada igual a isso, a essas explosões agora tão fortes que cada uma delas levanta a calcinha preta do seu monte. Dou-lhe vinte segundos, depois corto novamente. Puxo a corrente para baixo, desta vez um pouco mais longe.

218

Seu grito penetrante faz Mimi se levantar da cadeira. Fica em pé ao lado da cama, impotente, alisando o vestido desesperadamente, suportando os soluços de dor de Elise até que eu a resgato erguendo a corrente, e a transporto com o toque de um botão.

9.

Mimi senta, tremendo.

Trinta segundos de prazer. Cinco segundos de dor. Quarenta segundos de prazer. Cinco segundos de dor. Cinquenta segundos de prazer. Cinco segundos de dor.

O Contour a leva cada vez mais longe, o prazer agora tão concentrado, tão puro que não há como diluí-lo. Choque após choque dentro dela, e ainda assim as faixas brancas fortes a mantêm esticada e presa, e perfeitamente imóvel. E logo quando começa a se aproximar do fim, traição: interrompo as vibrações. E, momentos depois, agonia, quando puxo a corrente uma fração mais para baixo que da última vez, seguro por cinco segundos torturantes até que as veias saltem nos seus braços e depois a deslizo para cima sobre sua barriga reluzente de óleo, e aperto o botão do Contour mais uma vez.

Mimi não consegue assistir à punição. Fecha os olhos quando interrompo o aparelho e não os reabre até ouvir os gritos de prazer novamente. E por isso ela não vê o que eu vejo: que a punição agora se tornou parte do prazer. Um puxão forte na corrente quase a parte em duas, mas ela precisa dele. Faz o ar sumir dos seus pulmões, mas precisa. Porque somente a punição a impede de terminar, e não há momento mais mágico, mais absurdamente extasiante que o momento em que eu a liberto dos estertores da corrente e a devolvo para o Contour. Que é o que faço agora. Ela

solta um grito catártico e sua cabeça desaba na colcha vermelha como se estivesse drogada. E agora, o tremor profundo, suspirante, eufórico enquanto ela se rende mais uma vez aos jorros ritmados de prazer que a levam, em segundos, da agonia à salvação.

Levo o botão do Contour ao nível máximo. 10. Mimi ajeita sua cadeira na direção da cabeceira da cama. Não consegue mais olhar para o centro de Elise, então observa suas mãos. As mãos delicadas e presas que agora traem seu prazer tão claramente quanto seus gritos cada vez mais altos, os dedos afundando nas palmas com cada descarga, depois se abrindo quando a onda recua. E afundando de novo, e se abrindo. E vejo, sobre o vestido, que os dedos de Mimi estão fazendo o mesmo.

Um minuto inteiro de vibrações, um minuto e trinta, e agora, em vez de interrompê-las e puxar a corrente, inclino-me e aperto com força a calcinha preta molhada, duplicando as explosões dentro dela e levando-a instantaneamente ao limite.

Levanto a mão e depois aperto outra vez. É demais para ela, e quase para mim.

— Você está livre — sussurro.

Ela reage, possuída, seus gritos vindos do fundo da garganta, de ainda mais fundo, de algum lugar íntimo que ninguém jamais vai alcançar de novo. Pressiono e solto, pressiono e solto, pressiono e solto, e agora vejo lágrimas rolando por baixo da venda enquanto ela bate a cabeça de um lado para o outro. Decifrei seu corpo a noite toda, e agora percebo: falta apenas mais uma pressão. Dou-lhe o que falta, mantenho a mão no lugar e me preparo para seu final. Mas ela não se entrega, luta contra os primeiros espasmos e agora contra os seguintes. Ainda não vai ceder: esperou demais, suportou demais. De algum modo, obtém mais alguns segundos do seu centro ardente, segundos preciosos que lhe permitem desfrutar de uma última onda de prazer. Arqueia as costas e grita.

Ouço, vindo do outro lado do quarto, um som de vinte anos atrás.

Olho para a janela. Embaixo dela, um chiado longo, duas pancadas, outro chiado. O aquecedor. Esse foi o meu quarto durante cinco anos, e a cada duas horas ouvia aquele som. Olho para o velho aquecedor cinza. Chiado. Pancada, pancada. Chiado. Minha mãe dizia que era Deus verificando se eu estava bem. Dizia que quando eu o ouvisse, deveria sussurrar Seu nome e bater duas vezes na cabeceira da cama para informá-Lo de que eu estava seguro. O som vem novamente. E mais uma vez.

Os gritos de Elise me trazem de volta. Olho para seu corpo amarrado e brilhante, balançando-se em êxtase, fora de si em meu antigo quarto. Pego o controle remoto, desligo o Contour, inclino-me sobre ela e dou uma volta completa no parafuso de um dos pregadores, e antes que seu grito de dor suma no ar, faço o mesmo com o outro, observando os mamilos rosados desaparecerem sob as pontas de plástico preto. E agora puxo a corrente lentamente, ignorando seus arquejos desesperados, levando-a mais e mais longe sobre a barriga, tanto quanto seu comprimento permite. Os grampos vêm com ela, perigosamente deitados, como linhas de pesca logo antes de rebentar.

Levanto-me, ando até a janela e sento no aquecedor.

Mimi está fora da cadeira outra vez, estupefata, parada ao lado da Elise soluçante, e agora olha para mim com olhos suplicantes, mais lindos que nunca. Senta-se novamente para estar mais próxima de Elise, mas pode apenas observar impotente enquanto ela luta para recuperar o fôlego em meio à dor. E eu me volto e olho pela janela.

Olho para a rua, para as árvores frondosas que guardam a entrada do parque, para a caixa de correio na calçada na frente do prédio. Essa era sua paisagem. Todos aqueles dias, enquanto ela me observava desta janela. Cem jogos de futebol na calçada. Mil caminhadas para a escola.

O aquecedor faz o som outra vez. E de Elise, soluços de agonia enquanto tenta formar palavras.

Uma brisa refrescante entra pela janela como se viesse de muito tempo atrás. Não vejo mais a rua, nem a caixa de correio verde, nem as árvores que guardam a entrada mágica do parque Morningside. Vejo as reverências profundas dos médicos japoneses enquanto o carro fúnebre se afastava do hospital.

— Por favor — Elise murmura com a voz incerta. — Jake.

221

Os médicos se curvaram juntos, e ficaram naquela posição até o carro sumir de vista, até que estivéssemos serpenteando pelas ruas apinhadas de Tóquio a caminho do crematório.

Agora o silêncio de Elise. Nenhum som no quarto

Assinei a liberação das cinzas. Com dezesseis anos, assinei a liberação das cinzas e depois esperei no saguão, com duas urnas pesadas de cerâmica, pelo táxi que nos levaria para casa.

Os gritos dela começam de novo, mas com um novo teor. Familiar. Crescente. Viro-me e vejo Mimi na cama, sentada onde eu estava. Ela salvou Elise dos grampos, e agora está pousando o controle remoto na colcha outra vez. Fica em pé e olha para mim, suas bochechas riscadas de lágrimas, e agora passa pela porta e sai do quarto. Olho para o vazio do vão. O aquecedor está em silêncio e os gritos de Elise enchem o quarto novamente. Gritos profundos, a cada três segundos. Não está mais lutando contra as ondas. Rendeu-se a elas e a estão levando para casa.

Puxo meu cinto pelos passadores e ando rapidamente até a cama. Puxo a camisa por cima da cabeça e a jogo no chão, chuto os sapatos e tiro as calças de veludo. Pego a tesoura do chão e corto a calcinha. Desligo o controle remoto, firmo Elise com uma das mãos e tiro o Contour de dentro dela.

— Não — sussurra, mas sente minha pele nua e agora sabe o que virá a seguir, e sua cabeça pende sobre a cama em êxtase, em doce e exausta antecipação.

Ainda confia em mim, apesar de tudo, e enquanto a alinho, prepara-se uma última vez para me receber. Pego a vela da mesa de cabeceira e uma lâmina de gelo do copo.

— Seu demônio — sussurro, e aproximo a chama da sua coxa.

Oito centímetros, cinco, e de repente ela percebe, e agora, a três centímetros de distância, ela realmente percebe e me aproximo ainda mais, e com um único gesto, levanto a vela e aperto o gelo contra sua coxa. Ela grita de uma dor imaginada, convencida de que há uma chama encostada na sua pele, e agora, quando arremeto dentro dela, grita outra vez, e mais uma, e só depois de cinco ou seis estocadas é que se dá conta de que era gelo, de que está livre. Eu a golpeio sabendo que seus gritos vão alcançar Mimi. No corredor, talvez, com o rosto enterrado nas mãos, ou na porta da frente, tocando a maçaneta. Vão alcançá-la e penetrá-la, e acabar com tudo que houve entre nós. Então, arremeto com mais força, agarrando a colcha, encontrando a tesoura e cortando a faixa de um tornozelo e depois do outro. Ela agora pode chutar e se erguer e se esfregar em mim, e é o que faz, fodendo como a tigresa libertada que é, como nenhuma mulher já o fez, cheia de fúria e necessidade. Rapidamente chega ao limite e passa além dele, exaurindo-se contra mim uma, duas, três vezes, e eu ainda golpeio. Com mais força, sentindo-a embaixo de mim, quente, apertada, sentindo, mas não vendo, e mal ouvindo seus gritos. Mal ouvindo Elise, mas agora ouço, muito claramente, vindo do corredor, o clique da porta da frente, e agora outro clique quando Mimi Lessing a fecha atrás de si e percorre chorando o longo corredor da minha infância, até o fim e depois para a direita, para o elevador, enquanto absorvo tudo isso dentro do meu antigo quarto, me preparo, dou a Elise um segundo para fazer suas orações e termino com nós dois.

CAPÍTULO 13

LEVEI VINTE E OITO ANOS para encontrar a primeira.

Eu a vi pela vitrine de uma floricultura da Park Avenue em um fim de tarde de primavera. Foi o gesto mais simples que me fez notá-la: o modo como ela limpava as mãos no avental. Entrei na loja apinhada, absorvendo a fragrância das flores recém-cortadas. Ela era loira, miúda, com cerca de vinte e dois anos, e trabalhava atrás do balcão preparando os arranjos que um homem mais velho, claramente o dono, anunciava para ela. Observei-a enquanto esperava na fila, encantado com a graça e a concentração silenciosa com que ela montava cada buquê, selecionando minuciosamente as flores nos vasos refrigerados, podando, misturando com arte os ramos verdes, depois puxando uma folha de plástico grosso do cortador e enrolando sua criação com cuidado. Uma vez pronta, andava timidamente até o balcão, erguia os olhos até encontrar os do cliente enquanto lhe estendia o buquê e depois os abaixava recatadamente.

Pedi ao dono uma dúzia de rosas vermelhas. Ele fez um gesto para ela com a cabeça, e enquanto eu pagava, observei-a abrir a porta de vidro e escolher as doze melhores de um vaso. Enquanto as dispunha sobre a mesa, um “oh!” quase imperceptível escapou de seus lábios: um espinho havia cortado a palma da sua mão. Vi duas gotas de sangue caírem sobre as hastes verdes. Levou a mão à boca e olhou rapidamente para o dono, que esta-

va de costas para ela, e depois para mim, sorrindo de uma maneira que ao mesmo tempo pedia o meu perdão e a garantia do segredo entre nós. Arrancou uma folha de uma flor rejeitada e pressionou-a com perícia contra a palma da mão, segurando-a lá com o polegar enquanto completava o arranjo, e depois olhou novamente para o dono enquanto vinha até o balcão e me estendia o lindo buquê. Seus olhos, cheios de gratidão inocente, encontraram os meus por um segundo, e depois ela olhou para o balcão novamente.

Havia encontrado. A mulher que curaria a ferida.

Em um mês eu havia conseguido acesso ao seu apartamento e o preparado. E em uma semana ela havia me traído.

— O último — sempre dizia.

Eu escutava por meio das minhas caixas de som enquanto ela conversava com uma amiga sobre “o último”. Descrevia os atos que praticavam juntos, sem poupar detalhes. Desliguei o aparelho de som e fiquei em pé durante alguns segundos em minha sala silenciosa. Pensei em tudo que havia arriscado. Quando liguei o aparelho novamente, ela estava dizendo que sentia saudades de um homem que havia conhecido um mês atrás. Sentia saudades do que ele era capaz de fazer com ela.

— Outros virão — disse sua amiga, e elas riram. Risadas juvenis, grotescas.

Três noites depois, a jovem florista levou para casa um homem que havia conhecido naquela noite em um *show* de *rock*. Naquela noite, ele se tornou seu “último”.

Para sempre.

CAPÍTULO 14

— *TOUT ETS PRÊT.*

Palavras de Madame Brodeur duas horas atrás. Encontramo-nos no La Boheme, o café da esquina, e entre expressos ela me conduziu linha por linha pelas dez páginas digitadas em espaço um que descreviam o plano da festa. Casamento e recepção para 180 convidados, e não há um detalhe no qual ela não tenha pensado. A ordem de entrada do cortejo, o comprimento das toalhas de mesa, os envelopes para as gorjetas dos manobristas do Boathouse. Duzentos outros detalhes, pelo menos, e só depois que ela repassou o último deles comigo é que nos levantamos da mesa.

— *Tout est prêt*, Mimi — ela disse. — Tudo está pronto. — Sorriu e pegou minhas mãos. — Só o que você precisa fazer é estar lá.

Ergo a taça de vinho da mesa lateral, recosto-me no sofá e tomo um longo gole.

São 9 horas da noite de terça-feira e estou sozinha no meu apartamento. Sozinha em 16 de abril, o Dia da Vitória, como dizemos no escritório. Temos o arquivamento das empresas daqui a um mês, mas o pior já passou, e eu sobrevivi.

Dou um lento gole no Chardonnay. É maravilhoso, calman-te. Ferrari-Carano. Recordo as rosas esculpidas que decoravam o

caminho dos vinhedos até a sala de degustação. E lá dentro, na parede, os convites para jantares na Casa Branca. Acima de tudo, recordo as lacunas nas safras. No dia da colheita, o vinhateiro prova as uvas, e se balançar a cabeça negativamente, eles simplesmente não produzem Chardonnay naquele ano. Conteí isso ao sr. Stein quando lhe dei uma garrafa de presente, e ele disse que era por isso que não tínhamos nenhuma vinícola na nossa lista de clientes.

Sirvo uma segunda taça, fecho os olhos e me concentro na música. Os concertos para violino de Kreisler, executados pelo prodígio Joshua Bell. Chegou pelo correio um dia no ano passado, brinde de uma estação de música clássica. Essa é a minha favorita: “Caprice Viennois”. Ela me deixa feliz e triste ao mesmo tempo, como a foto em preto-e-branco do próprio Kreisler no encarte do CD, em pé no convés de um navio em 1935, seu chapéu erguido na direção da costa enquanto parte para a América.

Mark foi para casa uma hora atrás. Não vou vê-lo novamente até o jantar de ensaio no The Palm, na outra sexta-feira. É uma tradição da sua família que o noivo passe os últimos dez dias de solteiro separado da mulher com quem vai se casar. O pai dele diz que remonta ao século passado. Não tenho certeza se acredito nele, mas os dois irmãos de Mark também a cumpriram. Portanto, há uma hora lhe dei um beijo de despedida na porta. Vou vê-lo no The Palm e depois no altar.

Vou com meu copo até o aparelho de som. Espero que as últimas notas tranquilas da música sumam e desligo, depois fico em pé por um momento no apartamento silencioso. Pego um convite do casamento em cima do aparador. O papel é grosso e pesado, creme. Corro os dedos sobre as letras negras em relevo. *Joe e Dorothy Lessing solicitam sua presença na catedral de Saint Mary, na Cidade de Nova York, às seis horas da tarde de sábado, 27 de abril, para a união de sua filha, Mimi, com Mark Alan Guidry.* Coloco o convite de volta no aparador. *A união.*

Entro no quarto e abro a porta espelhada do armário. Fizemos amor nesta manhã. Mark e eu. Ele manteve os olhos abertos e cravados nos meus o tempo todo. “Para sempre”, ele disse no final. Tiro um blusão branco de uma prateleira e visto, sentindo com prazer a maciez do algodão nos braços. Por baixo, estou usando uma camiseta lilás e calças capri da mesma cor. Calço meus sapatos brancos Tricê. Volto para a sala, olho em torno e apago a luz. Saio para o corredor e fecho a porta atrás de mim, depois desço os cinco andares e saio para a noite de primavera.

As ruas estão cheias, vivas. Passo por uma fila barulhenta de pessoas do lado de fora do Tremblay’s, bebendo vinho na calçada enquanto esperam por uma mesa. Chego à Segunda Avenida exatamente quando um homem jovem está descendo de um táxi na esquina. Aceno para ele e ele segura a porta aberta para mim. “Obrigada”, digo, e deslizo para dentro. Ele bate a porta.

— Esquina da 64 com a Primeira — digo ao motorista.

Recosto-me no banco, embalada pelo movimento do carro e pela brisa da primavera que entra pela janela. Uma gravação me dá as boas-vindas a Nova York e pede que eu use o cinto de segurança.

— Aqui está ótimo — digo minutos depois, e o motorista encosta na esquina.

A gravação me diz para não esquecer nada no táxi. Pago o motorista e desço do carro. Caminho um longo quarteirão para leste, afastando-me das luzes e do barulho, e depois atravesso a rua até as escadas da passarela. Subo e fico em pé lá em cima.

Agora posso ver o rio a cinquenta metros e um quilômetro do calçadão para cada um dos lados. Vejo corredores com detalhes fluorescentes nas roupas, pessoas passeando com seus cachorros, casais de braços dados. E vejo Jake Teller sozinho na balastrada, no mesmo lugar onde nos encontramos sete dias atrás, olhando para a água escura.

Vou na direção dele pela passarela.

Quando era criança, deitada na cama durante tempestades, eu dizia os nomes das cidades de Connecticut. A cada terrível explosão de um trovão, eu as recitava o mais rápido que podia: Darien, Storrs, Old Saybrook, New Canaan. Enquanto não me faltassem cidades, os trovões não podiam me atingir. Chego à rampa curva que desce até o calçadão.

Sexta-feira passada, no apartamento de Elise, abri a porta da frente e a fechei de novo para que Jake pensasse que eu havia saído. Fechei-a e fiquei sentada no chão sussurrando os nomes de cidades de Connecticut. Recitei-as até o final, até que ela ficasse finalmente em silêncio. E só então saí.

Chego ao calçadão. Ele é uma pessoa boa, eu sei. Não posso explicar por que, mas sei. Ele se vira e me vê. Está usando calças e uma camisa azul de mangas curtas. Seus olhos registram minha presença e depois retornam para o rio. Paro a um metro dele.

— Terminou todas as suas contas? — pergunta.

— Sim.

É muito difícil nos encararmos, então olhamos para a água. Ao sul, um pouco antes da curva do rio, vejo as luzes de um barco que se move na nossa direção. Pelo menos um minuto se passa em silêncio.

— Seus pais morreram quando você tinha dezesseis anos — digo.

Jake olha para mim, surpreso, e depois de novo para a água.

— Quem lhe contou?

— Li sua ficha no trabalho.

— Minha ficha — diz lentamente. — Eles não deixam essas coisas rolando por aí.

— O sr. Stein uma vez me mostrou onde ficam guardadas.

— Ele confiou em você.

Olho para a água.

— Como aconteceu? — pergunto. — Seus pais.

Ele fica em silêncio por um longo tempo.

— Eles derraparam na chuva em uma estrada de montanha.

— Você não estava no carro?

— Não.

— Como ficou sabendo?

Jake esfrega o metal escuro da balaustrada. O barco parece crescer à medida que sobe o rio na nossa direção.

— Diga alguma coisa que não está na sua ficha, Mimi.

229

Mesmo à noite, ao ar livre, seus olhos azuis são intensos, insondáveis.

— Mark foi o único, não houve nenhum outro — digo.

Seguro as grades de ferro com força. O vento, agora mais forte, agita as ondas.

— Cheguei tarde em casa — ele diz. — Um amigo da família estava na sala.

— Onde você estava?

— No ônibus do time, voltando de um torneio de basquete.

Um casal idoso, vestido com elegância, faz uma pausa na sua caminhada noturna perto de nós. A mulher ajeita o cachecol do homem enquanto ele recupera o fôlego. “Ok”, ele diz.

Ela sorri e lhe dá o braço novamente, e eles seguem em frente.

— Conte mais alguma coisa — diz Jake.

— Naquela noite, em casa, encostei uma pedra de gelo no pulso.

— E não aguentou.

— Só alguns segundos.

No rio, o barco agora está mais próximo. Um barco de cruzeiro de vinte pés. *Serenity*, está escrito no casco.

— Você foi criado pelo seu avô — digo. — Ele morreu há um ano.

— Ele teve um ataque cardíaco.

— A moça que você seguiu até o cinema. Isso foi há um ano.

Seus olhos faíscam.

— Por que você pediu que eu viesse aqui, Mimi?

— Quero entender. Você tira tudo delas. Por quê?

Ele olha para mim, e por um segundo seus olhos ficam nus, desesperados. Vira o rosto.

— Quando você assiste — diz —, o que a excita mais?

Fecho os olhos.

— A moça do cinema, Jake. Foi depois que seu avô morreu, não foi?

Ele não responde.

Vejo Nina Topping novamente enquanto Jake leva a perna dela até o pé da cama. Elise, quando a primeira gota a atinge.

— A luta delas — sussurro.

— O que mais?

Sinto uma onda de calor no rosto. Em todo o corpo. Olho para ele de novo.

— O modo como você retira todas as defesas, uma por uma. A primeira, Jake. A do cinema.

— Foi uma semana depois que ele morreu.

O barco agora está na nossa frente, passando silenciosamente. Um homem está sozinho no leme, as mãos descansando na base da roda. Em paz. Deslizando por Manhattan no escuro.

— Mais uma, Mimi — diz Jake. — Sexta à noite.

Fecho os olhos.

— Motel Century, na Décima Avenida. Dez horas da noite.

Sinto meu anel de noivado contra a balaustrada.

— Quem é ela? — pergunto.

Jake não diz uma palavra. O *Serenity* agora nos deixou para trás, indo na direção das águas abertas, seu rastro ondulante desaparecendo enquanto se afasta. O tempo todo disse a mim mesma que podia dizer não. Nunca foi verdade.

— Podemos estabelecer regras — digo.

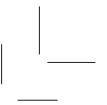
— Sem regras.

— Limites.

— Não.

Baixo os olhos para a água. E agora retorno aos olhos azuis de Jake Teller.

— Quarto 20 — diz. — É o último. A porta vai estar destrancada.



CAPÍTULO 15

EU NÃO ESTAVA NO ÔNIBUS DO time na noite em que meus pais morreram.

Foi a noite em que nossa pequena Escola Americana disputou a decisão do torneio de basquete do Extremo Oriente. Nunca havíamos chegado a uma final antes, e embora houvéssimos arrasado na Liga Kanto naquela temporada e tivéssemos quatro titulares que continuariam a jogar basquete universitário, ninguém imaginava que pudéssemos ser páreo para as melhores escolas militares da Ásia. Elas tinham um recurso que nós não tínhamos: jogadores negros, e isso geralmente fazia toda a diferença.

Dezesseis times seriam reduzidos a um ao longo de quatro noites de jogos na Base Aérea de Yokota, a duas horas de viagem da nossa escola. Na primeira rodada, pegamos uma barbada, a Hong Kong International. Eram uma escola particular, como nós, e simplesmente acabamos com eles. Na noite seguinte, as coisas ficaram mais difíceis: o time de uma base de Seul. Eram favoritos, mas nós já saímos atirando, e antes que percebessem já estávamos com quinze pontos de vantagem. Conseguimos vencer por três, e assim chegamos às quartas-de-final.

No saguão da escola, na manhã seguinte, a voz do diretor surgiu nos alto-falantes. “Em homenagem aos nossos Mustangs”, anunciou fazendo uma pausa dramática, “não haverá provas

amanhã.” Podiam-se ouvir os gritos de alegria a quilômetros. Durante todo o dia a febre dos Mustangs se espalhou por salas de aula e corredores, e naquela noite 250 dos nossos 300 alunos se espremeram em dois ônibus escolares amarelos e foram até Yokota torcer por nós.

234

O treinador sabia que não tínhamos cacife para enfrentar os Guam Raiders tecnicamente, e, portanto, sua estratégia para o jogo era simples: “Peguem todos os rebotes”, disse. “E arremessem.” Foi o que fizemos, respondendo às enterradas deles com cestas de três pontos, pressionando, ficando em cima, mantendo o placar equilibrado. Estávamos quatro pontos atrás depois de quinze minutos, três depois de meia hora e dois depois de quarenta e cinco minutos, e ainda dois quando cheguei à linha de lance livre com apenas três segundos de jogo restantes. Converti os dois, e o jogo foi para a prorrogação, e minutos depois, quando nosso capitão Bud Jenks deu a enterrada que nos garantiu a vitória, nossa torcida chacoalhou as arquibancadas de madeira daquele ginásio velho. Estávamos na final, e a única coisa que nos separava da história da escola era o melhor time ginásial de basquete do Extremo Oriente, o Faith Academy.

Faith Academy era o orgulho da base aérea de Clark, nas Filipinas. Havia vencido três torneios seguidos, e no primeiro minuto do primeiro jogo daquele ano, com quatorze times assistindo das arquibancadas, o pivô deles se infiltrou no garrafão e enterrou, deixando claro para todos que jogavam um tipo diferente de basquete que o resto de nós. Venceram a primeira partida por trinta e cinco pontos, a segunda por trinta e o jogo da semifinal por vinte e dois. Ainda assim, enquanto voltávamos para Tóquio na noite de quinta-feira depois da nossa segunda vitória, não havia um jogador entre nós que não achasse que podíamos com eles.

O treinador começou sua preleção vinte horas antes do jogo. Alguns treinadores, disse, olhariam para um time como o Faith Academy e veriam motivos para perder. Mas, olhando para nós, via doze motivos para ganhar. Doze garotos que conheciam o

valor do suor, que sabiam o que se podia alcançar com o esforço. Doze garotos que não tinham medo, que estavam felizes com a chance de jogar contra o melhor time de todos porque o troféu teria um significado muito maior quando o vencêssemos. Doze garotos que não estavam sozinhos, mas faziam parte de algo maior: uma comunidade especial, e nesse momento o treinador apontou para a janela do fundo indicando os dois ônibus amarelos atrás de nós. Era meia-noite de um dia de semana, e eles carregavam oitenta por cento dos alunos da nossa escola.

Ficou em silêncio por um instante e depois olhou para nós novamente. Via doze ótimos jogadores de basquete naquele ônibus, disse, e um excelente *time* de basquete, e se por mais trinta e dois minutos esse time fizesse as mesmas coisas que haviam nos levado até lá, se por mais trinta e dois minutos continuássemos unidos e jogássemos sem medo, então, bem, pouco importaria quem entrasse na quadra contra nós, a vitória seria nossa. O treinador terminou sua fala quando o ônibus parou no estacionamento da escola, e enquanto eu caminhava até minha bicicleta no escuro e depois pedalava durante dez minutos até minha casa em meio ao frio da noite de março, tinha todos os motivos de que precisava para derrotar o Faith Academy. Oito horas depois, ganharia mais um.

Nos dias de jogo, cada membro do time encontrava um “M” de papel dourado grudado na porta do seu armário com uma mensagem de boa sorte de uma das animadoras de torcida. “Você pode!”, diziam as mensagens, ou “Força, Jake!”. Na manhã da final, encaixei a roda da minha bicicleta no suporte na frente da escola e fui até o armário, bafejando as mãos no frio da manhã. Dei a primeira volta no segredo e olhei para o meu “M” dourado.

Jake: Vença esta noite e eu lhe darei um beijo! Naomi

Parei de girar a trava.

Seis anos antes, no meu primeiro dia na Escola Americana, Naomi Kenn me vira sentado sozinho no recreio e me oferecera

um pedaço de um doce vermelho macio enrolado em papel transparente. Ela riu ao me ver tentar abri-lo. “Pode comer”, disse. “É papel de arroz.” Coloquei-o na boca e, para minha surpresa, o papel se derreteu sobre minha língua.

236

Ela era filha de um missionário americano e sua esposa japonesa. Uma garota quietinha que, como eu, morava perto da escola. No primeiro grau, nos fins de semana, eu treinava arremessos durante horas na quadra externa, e Naomi chegava depois do culto, de *shorts* e camiseta, e jogava tênis sozinha contra o paredão próximo. Por volta das 4 horas, andávamos até o caminho da Yakitori que estava permanentemente estacionado na frente da escola e observávamos o velho preparar os espetinhos de galinha na grelha, os respingos de molho *tare* fazendo as chamas lamberem seus dedos ágeis cada vez que ele os girava.

As famílias de missionários tinham direito a um verão nos Estados Unidos a cada cinco anos. Duas semanas depois do fim das aulas do primeiro grau, Naomi Kenn partiu para a Califórnia. Três meses depois, no primeiro dia do ginásio, meus olhos cruzaram o pátio da escola e estancaram em uma linda garota mestiça de grandes olhos amendoados, pele de caramelo e um corpo cheio de curvas que retinha, apesar dos novos atrativos, sua graça e inocência originais. Naomi Kenn. A doce mistura dos seus genes havia desabrochado naquele verão e transformaram a filha magra e bonitinha do missionário em, nas palavras dos garotos na aula de educação física naquele primeiro dia, “uma tremenda gostosa”.

Naquele outono, ela foi a única garota nova a ser admitida no esquadrão das animadoras de torcida, e eu fui o único recém-chegado a entrar no time principal de basquete. Eu mantinha uma média de catorze pontos por partida, mas nem minhas cestas de três pontos nem minhas enterradas geravam a mesma comoção nas arquibancadas ou mesmo no banco que Naomi Kenn, cada vez que se dirigia à quadra nos intervalos. Ela era a peça central da equipe de sete animadoras de torcida, e executava os passos de falso *hip hop* com uma alegria e inocência dez vezes

mais atraentes que a indiferença estudada das garotas mais velhas. Até mesmo os técnicos encurtavam em um segundo suas orientações para assistir ao final da rotina acrobática, em que Jessie Case e Teri Evans, duas veteranas, lançavam Naomi para cima para que a doce gravidade levantasse e abrisse sua saia, expondo o “v” estreito da sua calcinha enquanto ela tocava os sapatos brancos com as pontas dos dedos. Em seguida, ela caía nos braços entrelaçados das suas colegas, de onde novamente saltava em uma estrela, depois outra e uma terceira, exibindo relances das suas coxas firmes. Uma meia-volta graciosa e a última estrela a reconduzia à pirâmide original, na qual encerrava a coreografia com um espacate profundo e emocionante.

237

Jake: Vença nesta noite e eu lhe darei um beijo! Naomi

Abri meu armário e grudei o “M” dourado do lado de dentro. Nunca havia beijado uma garota antes, e a ideia de que Naomi pudesse ser a primeira, e *naquela noite*, distraiu minha mente do Faith Academy pela primeira vez desde o apito que anunciou nossa vitória na semifinal. Olhei para dentro do armário, depois sorri e balancei a cabeça. Era uma brincadeira inocente, é claro, como tudo que ela fazia. Se nós realmente vencêssemos e eu fosse cobrar sua promessa, ela me daria um sorriso e esfregaria a bochecha na minha. Mesmo assim, senti um calor na base da espinha enquanto cruzava os corredores até a sala de aula acenando para os gestos de incentivo dos outros alunos e tentando visualizar novamente os pontos precisos da quadra de onde poderia fazer meus arremessos.

O moral do time na jornada até a base estava alto. O treinador tirou uma bola de couro gasta da sacola, e enquanto a girava nas mãos, contou que seu pai uma vez havia lhe dito que um homem, se tiver sorte, tem cinco dias especiais na vida. Esse era um dos cinco, disse ele, e nos agradeceu por isso. Depois, entregou a bola a Bud Jenks e foi para seu assento na frente do ônibus. Bud segurou a bola alguns minutos e depois pediu a cada um de

nós que a pegássemos e pensássemos no que cada um ia fazer para ganhar aquele jogo, e passou a bola para o garoto ao seu lado. Cada jogador ficou um momento com ela, e quando o último a devolveu a Bud, ele foi até a frente do ônibus e a entregou ao treinador.

238

Isoladamente, nenhum de nós poderia estar em quadra com o Faith Academy. Mas como time, naquela noite de março de 1990, nós nos igualamos a eles. Marcamos por zona e sob pressão e caímos em cima deles, enlouquecendo a defesa. Eles teriam conseguido, eram muito bons, mas do outro lado da quadra os arremessos precisos que haviam nos conduzido por todo o torneio não lhes davam um minuto de folga. Sabíamos que eram mais rápidos e mais fortes que nós, e então montamos barreiras e mais barreiras, arremessamos para a cesta de qualquer lugar com um mínimo de chance, e quando tentaram reagir no segundo tempo, já havíamos aberto uma boa diferença.

A torcida nos incentivava. Não apenas as nossas legiões, um mar estridente de preto e dourado, mas também o pessoal da base, que nos aplaudiu educadamente no início, antecipando uma lavada, e foi ficando mais e mais entusiasmado e barulhento à medida que o jogo se acirrava. E nós continuávamos lutando, e quando nosso pivô roubou uma bola do deles com o placar empatado a dezesseis segundos do final, subitamente o jogo era nosso.

A orientação do treinador foi de levar o jogo até oito segundos, e então formar uma barreira dupla em torno do capitão para liberá-lo para um arremesso do canto. Eles estavam prontos para isso. O marcador de Bud passou por cima da primeira barreira e por baixo da segunda, a que eu armei, e estava em cima dele quando Bud recebeu o passe e se preparou para arremessar. Quando pulou, meu homem também correu para ele e eu me movi para a lateral, por via das dúvidas. É claro que Bud, prensado no ar pelos dois, passou a bola para mim quando o relógio indicou quatro segundos. Aos três, posicionei meus pés, e era como se estivesse de novo na quadra externa da escola, somente

eu e o aro, preparando mais um entre 10 mil arremessos, e a bola voou das minhas mãos aos dois segundos e segurei minha munheca e continuei segurando enquanto a bola passou pela rede e a campainha soou, e um enxame de negro e ouro me engoliu.

O troféu era nosso.

Saí do vestiário vinte minutos depois e vi Naomi Kenn encostada na parede oposta. Ela estava usando *jeans* e um blusão azul-bebê, e seu cabelo preto reluzente, ainda molhado do chuveiro, estava puxado para trás em um rabo-de-cavalo apertado. Fui até ela e ela me deu um abraço.

— Eu sabia que você ia conseguir — ela disse, me soltando, mas ficando próxima.

— Foi uma beleza — eu disse.

Por cima do seu ombro eu podia ver meus pais conversando com outros pais perto da porta do ginásio. Era o aniversário de quarenta anos da minha mãe, e havíamos combinado que, vencendo ou não, jantaríamos no Goemon, seu restaurante favorito.

— Estou lhe devendo uma coisa — disse Naomi, sorrindo timidamente. — Mas não aqui. — Olhou para baixo e para mim de novo, com uma expressão nos olhos que eu não conhecia. — Jake — ela disse em um sussurro que quase fez meu sangue ferver —, não pegue o ônibus com os outros.

— Vou voltar com os meus pais.

— Você não pode mentir para eles?

Olhei para ela sem compreender bem o que ouvira.

— Porque se você puder, sei de um lugar aonde podemos ir.

Por trás dela, vi minha mãe erguer os olhos e me enxergar. Ela acenou com um enorme sorriso no rosto. Respondi ao aceno.

— Onde? — perguntei.

— É segredo. Você me encontra no portão da base em dez minutos?

Concordei, e ela se foi. Andei até os meus pais e disse a eles que ia haver uma festa no ônibus do time e que nenhum dos jogadores podia faltar.

— Você podia ter nos avisado antes, Jake — disse meu pai —, e nos poupado vinte minutos. — Mas o tom de sua voz era amigável, sua expressão, feliz. Pôs a mão no meu ombro. — Achei que você ia ter de passar aquela bola — ele disse.

— Eu estava no ângulo.

240

Ele apertou meu ombro e se afastou, e minha mãe me puxou para um abraço.

— Estamos tão orgulhosos, Jake — ela disse. — Nós sempre soubemos... — Parou, emocionada. Suas mãos alisaram minha camisa, ajeitaram o primeiro botão. — Vemos você em casa.

Eu disse ao treinador na porta do ônibus que voltaria com meus pais. “É aniversário da minha mãe”, expliquei. Depois, fui até a entrada da base, onde Naomi estava conversando com os dois vigias. Ela se despediu deles e atravessamos o portão iluminado e percorremos ruas silenciosas até chegarmos a uma estação de trem, um segundo antes de a chuva começar. Súbita e intensa, escorrendo pelas janelas do trem em movimento, invadindo o vagão quando as portas se abriam em estações desertas.

Éramos amigos havia seis anos, fácil e naturalmente, mas seguimos em silêncio, o ar entre nós carregado, elétrico. Às vezes o balanço do trem trazia o joelho dela para junto do meu. Na estação de Tóquio mudamos para a linha Chuo, e ao passarmos por Shinjuku, percebi para onde estávamos indo. A chuva diminuiu aos poucos, e quando passamos pela roleta na estação Tamabochi já havia cessado completamente. A noite estava clara, as ruas frescas e reluzentes enquanto caminhamos até a escola.

Passamos pelo caminhão do Yakitori escuro e fechado e entramos no pátio da escola. Os ônibus já haviam chegado e partido. Dos arbustos atrás da quadra de tênis vinha o trinado de uma cigarra solitária.

— Você ainda tem sua chave? — perguntou.

Olhei para ela por um instante.

— Sim — eu disse.

Ela falava da chave do ginásio. O treinador dera uma cópia para cada jogador para que pudéssemos vir treinar cedo. As portas duplas se abriram com um suspiro. Nunca vira o ginásio tão escuro e silencioso. Cavernoso. As arquibandas móveis ainda estavam no lugar do último treino, as paredes ainda decoradas com flâmulas e bandeiras. Naomi pegou minha mão e me conduziu sob o placar silencioso e pela quadra de madeira, o ponto morto perto da linha de arremesso livre rangendo quando passamos, nosso caminho iluminado apenas pelo pouco luar que atravessava os caibros do telhado. Sua mão era inacreditavelmente quente. Ela me levou até o canto, até os grossos tatames enrolados como tapetes gigantes, o maior deles grande o bastante para eu me encostar nele em pé. Foi o que fiz, e ela parou no meio das minhas pernas e me beijou.

241

Nada jamais vai ser tão macio quanto seus lábios naquela noite. Nada jamais terá um gosto melhor. Seu primeiro beijo foi melhor que o doce que ela me ofereceu no dia em que nos conhecemos, seu hálito mais delicado que o papel de arroz que despertou meu espanto.

“Meu primeiro beijo”, eu disse logo depois, e ela mordeu os lábios, arregalando os olhos puros. Ergueu as mãos e soltou o cabelo. Beijamo-nos de novo. E mais uma vez as mãos dela no meu peito, as minhas nos seus ombros e depois nas costas do blusão azul.

Beijos eram tudo que eu esperava ganhar, mas ela se aproximou mais entre as minhas pernas, perto o suficiente para sentir minha ereção através do *jeans*. Esperei que se afastasse, mas ela ficou, e depois, para minha surpresa, começou a se mover. Gentilmente, lentamente, mas sem hesitação, e o sussurro dos tecidos roçando um no outro invadiu meus sentidos. Pus a mão no seu rosto, lutando para me manter firme. Ela pegou meus dedos com sua mãozinha miúda e encostou-os no pescoço macio. Depois, levou-os até o ponto onde seu blusão azul se avolumava. E depois para sua barriga. E de lá para o botão do seu *jeans*.

“Você não pode mentir para eles?”, ela dissera. A doce Naomi Kenn.

242

Nenhum de nós se moveu. Ouvi, logo atrás de nós, a porta dos fundos do ginásio bater uma vez com o vento. Os olhos dela, lindos e escuros, prendiam os meus. E então, ela tirou a mão de cima da minha e assentiu, e eu abri o botão da sua calça. Assentiu mais uma vez, seus olhos profundos e confiantes. Tomei o zíper entre os dedos e puxei para baixo. Quando cheguei à base, ela contraiu os quadris e deixou a calça deslizar pelas pernas. Passando pela calcinha branca. Passando pelas coxas perfeitas.

Agora nós dois estávamos tremendo. Eu não sabia onde tocá-la, nem como, então, segurei a parte de baixo do blusão. Ela me fez largá-lo gentilmente, tomou meus dedos nos seus mais uma vez e pressionou-os contra a renda da sua calcinha. Corri os dedos sobre ela, fascinado. “Sim”, ela sussurrou. Minha mão refez o mesmo caminho. “Sim”, ela repetiu, sem fôlego, expectante. Eu não conseguia. “Jake”, ela disse, agora com urgência, mas eu ainda não conseguia, e então, ela deslizou seus próprios dedos para dentro da calcinha e a afastou da sua pele, oferecendo-me um relance do paraíso, e quando mesmo assim eu não me movi, ela pegou meus dedos mais uma vez, e Naomi Kenn, a doce e pura filha do missionário, guiou-os para dentro da sua calcinha e os apertou contra sua boceta molhada.

O instinto me ordenou que a abrisse, e seu súbito grito me penetrou até os ossos. Tentei recuar, certo de que a havia machucado. “Não!”, ela disse, apertando a calcinha com uma das mãos, prendendo meus dedos no lugar. Um, dois, três segundos se passaram, os olhos dela cravados nos meus, me acalmando. “Oh”, ela sussurrou, e eu assenti, e ela tirou a mão e a colocou no meu ombro. Eu ainda estava imóvel, não querendo acreditar que estava dentro dela. E então, muito, muito lentamente, Naomi Kenn se moveu para a frente e meus dedos se aprofundaram ainda mais nela.

Seu primeiro arquejo descarregou mil volts pelo meu corpo. Ela ofegou novamente, seus dedos se enterrando nos meus ombros

enquanto ela se inclinava um pouco mais para a frente, e depois um pouco mais, ficando na ponta dos pés, mal tocando o piso do ginásio, e depois suas pernas fortes circundaram as minhas, fechando-se em torno delas e apoiando todo seu peso sobre mim. Coloquei o braço esquerdo em volta da sua cintura e os olhos dela encontraram os meus mais uma vez. “Ok”, ela sussurrou.

Mexi os dedos de leve, e as primeiras ondas de prazer se revelaram no seu rosto doce. Mexi novamente e ela jogou a cabeça para trás. Ela abraçou meu pescoço e encostou o rosto em meu ombro, e depois, enquanto eu movimentava meus dedos dentro dela, encostou os lábios no meu ouvido e me presenteou com todos os seus sons.

Sons que eu não havia sequer imaginado em todos os meus sonhos, sons que se erguiam e mergulhavam enquanto eu deslizava um terceiro dedo para dentro dela, e depois o quarto, seus pés chutando minhas pernas quando as ondas a invadiam. E vinham uma após a outra, e ela as recebia passivamente no início, escrava dos meus dedos, controlada por eles. E ela sussurrava “Jake!” e “Sim!” e “Deus!” em meu ouvido enquanto as sensações dentro dela cresciam cada vez mais. Em minutos ela não podia mais suportá-las. Em minutos ela sentiu os primeiros sinais do fim, e seus doces gritos de espanto deram lugar a arquejos de alegria e depois, como as ondas não paravam, a gemidos de puro prazer. E Naomi Kenn, a alma mais doce de uma escola de 300, começou a se balançar contra meus dedos.

Ela pesava 45 quilos contra os meus 80, mas eu tive de me apoiar no tatame enrolado enquanto ela se jogava contra mim. E ela vinha com a força de uma atleta, suas coxas apertadas em torno dos meus quadris, empurrando, as mãos nos meus cabelos, nas minhas orelhas, depois batendo nos meus ombros quando ela perdeu o controle, os olhos fechados, a cabeça jogada para trás, seus gritos se erguendo até os caibros do ginásio onde cresci. O ginásio onde aprendi a suar, a me esforçar, a me sacrificar, e onde aprendi, naquela noite, a verdade do sexo, sua fúria, seu

isolamento. Aprendi tudo no átimo de segundo em que Naomi Kenn abriu os olhos e eu os examinei em vão em busca de um traço da garota que conhecia. Ela os fechou novamente e jogou a cabeça para trás, e eu só podia segurá-la contra mim enquanto ela arremetia, e nenhuma concubina de harém fodeu seu rei como a doce e pura Naomi Kenn nos seus segundos finais. Ela emitiu um último gemido e depois desabou, o coração disparando contra o meu, o rosto no meu peito, seu pequeno corpo inerte, sem forças quando eu o virei gentilmente e apoiei no tatame, depois me ajoelhei ao lado dela e a abracei. Ficamos ali até que seus ombros começaram a tremer e eu senti na pele as lágrimas quentes que rolavam dos seus olhos.

Devo ter pedalado os três quilômetros da escola até minha casa em cinco minutos, alheio à noite em volta de mim. Não notei que a chuva havia recomeçado, não vi o carro da polícia parado no fim do quarteirão, não me perguntei por que as luzes da sala estariam acesas quando meus pais ainda deveriam estar jantando. Percebi tudo de uma vez só quando abri a porta da frente e vi, no *genkan*, os três pares de sapatos pretos reluzentes. Tirei meus tênis lentamente, desamarrando os cadarços, e então entrei na sala. O treinador — grisalho, envelhecido — estava sentado na ponta da cadeira favorita do meu pai, e atrás dele, com as mãos cruzadas formalmente sobre os cintos, estavam os três policiais. Dois, na verdade, e um intérprete.

Eu sabia o bastante de japonês para compreender as palavras-chave. *Jiko*. Acidente. *Torakku*. Caminhão. *Yudachi*. Tempestade na montanha. Ouvi-as do policial e depois outra vez do intérprete. Olhava fixamente para as luvas brancas dos policiais. Imaculadas. Ridículas. Tinham de usá-las? *Furyo Jiken*. Fatalidade. Olhei para o intérprete. “Não foi culpa deles”, ele estava dizendo, sua pronúncia exata. “Mesmo trinta segundos mais cedo. Mesmo dez segundos...”

Você podia ter nos avisado antes, Jake, e nos poupado vinte minutos.

SUBO PELA ESCADA DE INCÊNDIO até a janela aberta e entro no meu apartamento. Vou até a cozinha e me sento à mesa. Mergulho os dedos na bebida, agito-os e observo as gotas chiarem e sumirem em contato com o ferro de passar. Seguro-o pelo cabo e pressiono com força a seda branca estendida sobre a mesa, assistindo ao vapor escapar pelos lados. Deslizo o ferro lentamente por toda a extensão da faixa, alisando cada vinco, cada ruga, encolhendo as fibras, reforçando-as. Termino a primeira faixa e passo a segunda da mesma maneira. E agora a terceira. Olho para o relógio. Seis da tarde. Passo a última faixa, depois dobro uma por uma e as guardo no bolso largo da minha camisa azul.

245

Levo meu drinque até a janela e saio para a escada de incêndio novamente. Apoio os braços no corrimão, tomo um longo gole de vodca e olho para a cidade abaixo. Manhattan ao entardecer, silenciosa, recolhida. Observo as luzes das janelas se acenderem uma a uma.

Passei anos sem pensar em Naomi Kenn. E então, apertei a mão de Mimi Lessing no escritório do sr. Stein, olhei para o rosto dela e vi. Nos seus olhos. A mesma pureza, a mesma inocência atroz, mas dessa vez em uma mulher, não uma menina. E sob aquela pureza, algo mais.

Tomo outro longo gole de Absolut. Ela compreende. De alguma forma que não consigo desvendar, Mimi compreende. Se as coisas fossem diferentes... mas elas nunca são. Fecho as mãos em torno do corrimão negro, recordando as dela junto do rio. Seu pequeno punho sobre a balaustrada. O brilho do seu anel. No meu bolso, contra o peito, posso sentir as faixas ainda mornas.

Ela sonha com elas, eu sei. Ela escutou e assistiu, e isso não a curou. Ainda sonha com a seda, tão macia e cruel. Sonha e depois acorda, e quase pode senti-la contra a própria pele.

Termino meu drinque e olho para oeste, por sobre os terraços dos edifícios.

Frank Baldwin

Vou fazer durar duas horas. Até mais.
Esta noite, Mimi Lessing vai aprender o valor dos sonhos.
E seu preço.

246



CAPÍTULO 16

SEU NOME ERA IRMÃ GRACE.

Trinta e sete anos atrás, em uma tarde quente de março, estava sentado na última fila da classe da oitava série da Escola Católica de West Side. O aroma da primavera entrava pela janela aberta atrás de mim, misturando-se às aparas frescas que caíam do lápis que eu estava apontando. Ergui os olhos ao ouvir o som da porta, esperando ver o rosto severo do nosso professor de latim, padre Keegan. Em vez dele, vi a linda substituta.

O hábito de freira que ela vestia não conseguia conter sua exuberância. Não, o tecido preto e sóbrio apenas destacava o azul pálido dos seus olhos, o rubor das suas bochechas, o marfim do seu pescoço sob o colarinho alto. E, acima de tudo, a curva estonteante dos seus seios. Irmã Grace passou uma hora nos aplicando um exame, seus passos macios confundindo os meus sentidos enquanto ela caminhava lentamente entre as fileiras ordenadas de mesas, do quadro-negro para as janelas e de volta para a frente. Eu me perguntava como os outros garotos podiam se concentrar nas questões. Cada vez que ela se aproximava, sentia-me ruborizado e tonto, e o texto à minha frente serpenteava sobre a folha. Ela vinha até meu lado, dava meia-volta e fazia o caminho inverso, e eu me abaixava sobre o papel e respirava fundo. Ela cheirava a água da chuva e salvação.

Naquela noite, na cama, cedi à febre pela primeira vez. Na escola, nas missas de domingo, os padres haviam sido claros: quando os meninos sentissem a febre chegando, deviam juntar as mãos e rezar. Eu sempre fizera isso, mas não naquela noite, e tampouco nas noites seguintes. Ainda me lembro da intensidade daquelas primeiras visões e da sua inocência. Eu a imaginava em uma cachoeira, de costas para mim. Baixando o hábito centímetro por centímetro. Levei uma semana inteira para revelar seu pescoço, outra para desnudar os ombros, uma terceira para descobrir as costas macias. Eu acordava a cada manhã cheio de vergonha, mas a cada noite retornava para ela. Só iria até certo ponto, dizia a mim mesmo. Até lá e nada mais.

Quando ela apareceu na classe outra vez, absorvi todos os seus delicados detalhes. O branco das suas unhas quando ela pressionava o giz contra o quadro-negro, a silhueta das suas pernas quando se movia. E, como antes, o volume dos seus seios sob o manto negro e casto. Minhas visões noturnas ficavam mais ousadas. Logo ela havia despido todo o hábito e entrava nua na água azul e calma, mas eu não permitia que se virasse para mim. Não até vê-la novamente.

Esperei angustiado que ela retornasse à nossa sala, mas abril passou sem sua presença. E depois maio, e o início de junho, e a última semana de aulas. Pensei que a havia perdido, mas quando levei o boletim para meu pai e ele viu que minhas notas em latim haviam caído abaixo de noventa, enfureceu-se e me chamou em sua biblioteca. Minha punição, ele disse, seria ter aulas particulares durante todo o verão. Qual dos meus professores devia procurar?

Ela vinha nos sábados à tarde, e durante uma hora ficávamos sentados frente a frente na mesa de mogno da sala.

— *Malus* — ela dizia.

— *Male, malum, mali* — eu respondia, lutando para manter os olhos nas mãos dela.

— *Amor*.

— *Amorem, amoris, amor.*

Nossas lições eram das duas às três, e quando terminavam minha mãe me levava para a sala de leitura do hotel Alcott, onde eu lia os jornais internacionais para ela enquanto ela saboreava um martíni duplo. Assim que voltávamos para casa, eu pedia licença para ir para o quarto, molhava um lenço em água quente e deitava na cama com o pano sobre os olhos.

249

Minhas visões se tornaram ainda mais ousadas. Irmã Grace nua na água, agora voltada para mim. Seu rosto, depois o pescoço, depois os ombros se erguendo para meus olhos. Eu apertava o lenço molhado contra os olhos, dividido entre a pureza dela e meus desejos inomináveis, mantendo seus seios abaixo da linha da água, sim, mas permitindo que minha mão livre descesse e fizesse o trabalho do demônio. Depois eu corria para a pia e esfregava as mãos com sabão áspero, caía de joelhos nos azulejos frios e rezava.

Isso prosseguiu durante todo o verão, até o último sábado de agosto, dia da nossa última aula.

Ao final, irmã Grace pousou as duas mãos nos meus ombros. “Você foi um ótimo aluno”, disse, com o corpo tão sonhado a apenas alguns centímetros de mim. “Espero vê-lo novamente na escola.”

Minha mãe e eu caminhamos até o Alcott, como sempre, mas encontramos as portas lacradas e o gerente preocupado na calçada. Um garçom havia sido diagnosticado com tuberculose, explicou. O hotel reabriria na segunda-feira.

E assim, voltamos para casa.

Enquanto minha mãe tirava as luvas no *hall* de entrada, eu segui pelo corredor. A alguns metros da porta da biblioteca do meu pai eu me detive, tentando entender os sons que vinham lá de dentro. Olhei para trás, para minha mãe. Por um segundo, ela ficou parada com a cabeça inclinada, como se estivesse escutando o canto de um passarinho. “Vá para seu quarto”, ela disse em voz baixa. Não me movi. Ela veio na minha direção, seus olhos não

mais nos meus, mas na porta fechada da biblioteca. Naqueles olhos já se viam os primeiros lampejos da loucura. “Não”, ela disse quando me alcançou, e depois repetiu, com um olhar duro: “Não, é melhor você ficar”.

250

Ela abriu a porta e eu vi o hábito negro estendido sobre as costas da poltrona do meu pai. Ouvi o ronco ofegante dele, e muito mais suave, o pequeno grito de surpresa dela. E do outro lado da sala vi o fim de tudo. O braço forte do meu pai na base das suas costas. Os olhos azuis dela, arregalados com o choque. E seus seios, que tanto haviam me assombrado, que eu não ousara imaginar, apertados contra o tampo da mesa.

* * *

ABRO OS OLHOS. O GESSO BRANCO do parapeito da janela está manchado de suor e descascado nos pontos onde meus dedos se cravaram. Relaxo as mãos e fecho os olhos outra vez. Fico imóvel no apartamento silencioso por vários minutos, até que as visões desapareçam e a tempestade dentro de mim perca sua força. Quando abro os olhos novamente, minha mente está limpa. Limpa das imagens de trinta e sete anos atrás e livre de qualquer dúvida. Qualquer fraqueza.

Vou para o outro lado da sala e caminho lentamente ao longo da parede, deslizando a mão sobre as fitas gravadas que enchem a estante de carvalho. Fitas que começam logo acima do chão, sobem até a altura dos olhos e se estendem até a janela. Um ano inteiro das noites e manhãs da srta. Lessing. Nesses últimos dias escutei-as obsessivamente. Puxei fitas aleatoriamente e escutei, como se em algum ponto delas pudesse encontrar o momento em que a perdi. Ao contrário, encontrei tesouros.

14 de outubro. A srta. Lessing está na cozinha ouvindo a estação de música clássica enquanto prepara o jantar. “Minueto”, ela diz, e alguns minutos depois: “Finale”. Ensinando a si mesma

a reconhecer os movimentos de uma peça para orquestra. No dia seguinte, envie-lhe o Kreisler, que agora é seu favorito.

2 de junho. A srta. Lessing está na sala ouvindo a Rádio Nacional. O comentarista menciona que Michelangelo tinha setenta anos quando começou a trabalhar na Basílica de São Pedro. “Uau!”, ela diz em voz baixa, e leio seus pensamentos. A observação a faria pensar nos idosos. No pai dela. Esperei, e ela foi para a cozinha e telefonou para ele.

251

10 de maio. Tiro a fita do seu estojo e a giro nas mãos. Seguro-a contra a luz, como se pudesse ver dentro dela. 10 de maio. A primeira vez que a escutei junto com o noivo.

Seus sons eram simples e contidos. Os sons de uma mulher que busca o sexo pela profunda comunhão que ele oferece. O que mais me emocionou foi escutar a... moderação nos seus pequenos gemidos, o recato. Mesmo no amor ela se preservava.

Recoloco a fita no lugar, ando até a última fileira, ajoelho-me e pego, perto do chão, a última fita da coleção. 16 de abril. Grava da três noites atrás, de dentro do meu carro. Tiro a fita do estojo, vou até o aparelho de som e a encaixo no toca-fitas. Aperto *play* e escuto novamente seus segundos finais.

- Nós podemos estabelecer regras.
- Sem regras.
- Limites.
- Não. Quarto 20. É o último. A porta vai estar destrancada.

Vou novamente até a janela e olho para a rua. Uma fila de motoristas dentro dos seus carros parados espera pela campainha das 6 horas que os liberta para circular. Do outro lado da rua, os toldos dourados dos edifícios brilham na luz do fim da tarde.

Aos treze anos fui mandado para uma escola militar na Virgínia. Cento e quarenta e sete garotos na minha turma, e eu era o mais fraco. Quando estava lá havia um mês, meu pai escreveu dizendo que havia internado minha mãe em uma instituição. “É o que ela necessita. Reze por ela.”

Das caixas de som atrás de mim, acima do chiado baixo da fita, vêm os sons do rio. O farfalhar do vento nas ondas. Jake Teller deve ter ido embora sem esperar pela resposta dela. Fecho os olhos novamente.

É a luta delas que a excita. A eliminação das defesas, uma a uma.

252

Eu me viro e olho para a longa parede de fitas. São mais de mil. Amanhã vou encaixotá-las e guardá-las, exatamente como fiz com as outras. Mas a coleção ainda não está completa. Tenho mais uma fita para gravar.

Daqui a quatro horas a srta. Lessing é esperada no motel Century. Um øre está instalado embaixo da cama do quarto 20. Há outro embaixo da mesa da recepção.

Desligo o aparelho de som. O apartamento cai no silêncio outra vez.

Nesta noite, vou dar a ela uma última chance de recusá-lo. Destino é caráter. Caráter, destino. Daqui a quatro horas a srta. Lessing vai escolher o dela.

E eu vou escutar.

CAPÍTULO 17

ESTOU USANDO SALTOS BAIXOS E algumas gotas de Magie Noire.

O mesmo vestido cor-de-rosa e o casaco-azul cobalto. São cinco para as dez da noite e estou sentada em um banco de madeira no corredor do motel Century. A alguns metros da porta do quarto 20.

É o último quarto do motel, como ele disse. Depois dele existe apenas a máquina de gelo e uma cerca de arame farpado no limite do terreno do motel. Olho para a porta, azul e nua. Quase como a imaginei. Deitada na cama ontem à noite e hoje, enquanto me vestia, e no táxi no caminho para cá, imaginava a porta e nada mais. Como se pudesse andar até ela e depois virar as costas e ir embora.

O ar da noite é frio e reconfortante. Do banco, posso ver a janela da recepção do motel do outro lado do estacionamento. Um homem de idade está atrás do balcão, lendo sob uma lâmpada. De tempo em tempo ele vira uma página.

Olho para o relógio, 21h58. Fecho os olhos e esfrego as mãos nos joelhos sobre o vestido.

Telefonei para minha mãe há alguns minutos, logo antes de sair do apartamento. Pensei que ela estaria na cama, lendo, mas estava no jardim. “O que houve?”, foram suas primeiras palavras. Eu estava bem, disse a ela. Só precisava conversar.

Ela viu meu vestido de noiva hoje. Estava no centro, passando pela loja, e não conseguiu resistir. Ele é deslumbrante. As últimas alterações foram feitas, as pérolas, 7 mil, costuradas à mão. “Você vai chorar quando vestir”, ela disse.

254

Abro os olhos. 22h03. Levanto-me e ando até a porta do quarto 20. Tento a maçaneta, e ela gira com facilidade. Paro. Olho para trás, para o estacionamento, a recepção, as luzes da Décima Avenida. Para o céu escuro da cidade.

Uma noite, em toda uma vida, sem regras. Sem limites.

Abro a porta, entro e me encosto nela. E vejo, petrificada.

À minha frente está tudo que eu não havia me permitido imaginar. As faixas de seda branca. A venda negra sobre o travesseiro. Um toca-fitas no criado-mudo. Uma luminária presa na cabeceira da cama. As cortinas da única janela estão bem fechadas e o aquecedor está ligado no máximo. Fico parada durante um minuto com as costas pressionando a porta.

Ando lentamente até a cama e me sento na ponta do colchão. Exatamente como fiz há três semanas, no hotel Roosevelt. Faz só três semanas?

Ele tira tudo de você, Mimi. Tudo.

Duas faixas brancas estão amarradas nos pilares da cabeceira da cama e estendidas sobre a colcha vermelha. Elas terminam em laçadas com nós graciosos que esperam pacientemente pelos meus pulsos. A distância entre elas é... impossível. Nos pés da cama, duas outras faixas pendem dos pilares. Ele só vai usá-las quando estiver pronto. Estendo a mão e toco a seda branca com cuidado para não desfazer o nó. É tão macia. Fecho os olhos, tremendo. Esse quarto esteve me esperando toda minha vida. As faixas, a venda, o calor. Esperando. Eu só tinha de vir até eles.

Tiro os sapatos, ando até a cadeira perto da janela e os guardo embaixo dela, junto com minha bolsa. Penduro o casaco no encosto reto. Olho para a porta, depois desabotoo o vestido, dobro-o com cuidado e o coloco sobre a cadeira. Deito meu relógio em cima dele.

Estou de sutiã e calcinha, agradecida pelo calor. Ando até a cama outra vez. Olho para o arranjo cuidadoso, para a luminária voltada para o centro da cama, para os nós delicados nas faixas. Sento-me. Pego a venda negra de cima do travesseiro e a visto, sentindo o feltro macio na testa. Aproximo o tecido dos olhos, mas paro logo acima deles. Deito de costas sobre a colcha.

Estendo o braço direito e passo o pulso pela laçada de seda. Viro o corpo e, com a mão esquerda, puxo a extremidade solta da faixa. Observo o nó apertar e a seda se fechar em torno do pulso, sinto sua pressão excitante. Puxo com mais força, depois deito novamente de costas e aperto as pernas uma contra a outra.

Fico imóvel por um minuto.

Naquela primeira noite, no bar, vi crueldade nos olhos dele. E o sangue me subiu ao rosto.

Estendo a mão esquerda livre e puxo a venda sobre os olhos. Escuridão. Deslizo-a para cima de novo e olho para o teto, com o coração disparando. Respiro fundo uma vez, duas, três, depois desço a venda novamente, desta vez aceitando a escuridão, deixando meus outros sentidos se exercitarem. Sinto a textura da colcha sob minhas pernas, ouço pela primeira vez os sons do quarto, da noite. O zumbido baixo do aquecedor. Um motor de carro sendo acionado.

Em breve haverá música. Cravo os calcanhares na colcha.

O quarto está tão quente... Sinto as primeiras gotas de suor na curva do pescoço. Na escuridão silenciosa, não há nada para frear minha imaginação, então vejo o suor no rosto das outras. Na testa de Nina Topping. Na garganta de Elise. Aperto as pernas novamente.

Estendo a mão esquerda para a outra faixa de seda. Está muito alta, muito distante. Não, eu consigo alcançá-la. Toco a seda com as pontas dos dedos. Ele vai fazer o resto. Ele vai guiar meu pulso pela laçada e depois apertá-la. Posso ver suas mãos, sua concentração. Sinto os primeiros tremores dentro de mim.

Limpe sua mente, Mimi.

Penso no jardim de Greenwich. O caminho sinuoso de pedra do pátio, as rosas junto ao muro dos fundos. Minha mãe mexendo nas plantas à noite, com suas roupas velhas. Com terra nos joelhos. Hoje ela soltou as joaninhas. Molhou suas asas com água com açúcar para que fiquem pesadas e não possam voar. Se elas ficarem no jardim por vinte e quatro horas, apegam-se ao território e não vão mais embora.

Passos.

La fora, na calçada de concreto. Vindo rapidamente. Alcançando a porta. Passando por ela. Umedeço os lábios e espero. Agora o chacoalhar de um balde: a máquina de gelo. Cruzo os tornozelos e aperto os joelhos com força. Os passos recomeçam. Até a porta... passando por ela... sumindo. Tiro um tornozelo de cima do outro e respiro novamente.

Há quinze minutos telefonei para Mark. Do banco do lado de fora do quarto. Sabia que ele não ia atender, porque sempre espera para ver quem está chamando. Liguei para escutar sua voz na secretária. Para ver se talvez... Não sei. Enquanto escutava a voz dele, clara e forte, um táxi entrou no estacionamento. Seus passageiros desceram e o motorista olhou para mim. Tudo que eu precisava fazer era acenar com a mão. Fechei o celular e o devolvi à bolsa, e observei o táxi dar a volta e sair para a Décima Avenida.

Um clique suave, uma lufada de vento, outro clique. A porta.

Viro a cabeça na direção da porta e escuto. Nada. Espere. O farfalhar de roupas? Não. Mas um som. Um som que já ouvi — a porta. O pequeno suspiro que ouvi quando me encostei nela.

Ele está no quarto.

Jake Teller está no quarto e está parado em pé onde eu estive. Observando.

Cubro meu sutiã com o braço esquerdo. O quarto está imóvel e silencioso. Posso sentir a presença dele, assim como as outras puderam. Ele está me examinando. Lentamente, retiro o braço. Estico a mão e encontro a laçada de novo. Mal consigo enfiar o pulso nela. Deito a cabeça no travesseiro.

Trinta segundos se passam. Vou ficar imóvel. Mais trinta segundos. Sinto a cama ceder sob o peso dele. Ele está ao meu lado. Está se inclinando sobre mim. Estou tremendo. Ele não me toca. Mais dez segundos se passam. Mais dez. Por favor. Em qualquer lugar.

Clique.

A lâmpada. Sinto sua claridade através da venda, seu calor no meu pescoço. Molho os lábios. E agora sinto: asas de borboleta contra meu pulso esquerdo. Não são seus dedos, é a seda. Macia como uma teia de aranha, fechando-se lentamente, apertando mais e mais, e agora puxando meu pulso alguns centímetros na direção do pilar da cama.

Estou presa.

Sinto uma leve pressão nos ombros e no peito. Presa. Forcejo gentilmente contra as faixas. Elas cedem um centímetro, não mais do que isso. Puxo com mais força e arfo quando o tecido afunda nos meus pulsos. Estico os dedos e agarro alguns centímetros da seda, torço e tento me libertar. Não consigo. O pânico cresce dentro de mim. Puxo com mais força, mas a seda é muito forte, e quanto mais eu luto, mais os nós se apertam. Tento libertar os pulsos das laçadas, mas elas estão muito apertadas. Chuto a cama com os calcanhares.

— Por favor.

Silêncio.

Não serei como as outras. Minha respiração soa alta e rápida no quarto silencioso. Eu me acalmo. Minha luta vai excitá-lo, como a delas me excitou. Junto as pernas e, de alguma forma, contra tudo que acontece dentro de mim, mantenho-as paradas. A lâmpada localiza minha garganta e sinto o suor brotar e escorrer por ela. Tento me concentrar na textura da colcha embaixo de mim. Se ao menos ele me tocasse... Se eu pudesse ouvir algum som vindo dele. Um sussurro. Meu nome.

Trinta segundos se passam. Um minuto.

Imaginar não é nada. Escutar, assistir, nada. Estar deitada aqui, na completa escuridão, indefesa, esperando que ele comece... está além de tudo. Aperto mais as pernas, mas já sinto a umidade entre elas. Ele vai ver, como viu nas outras. Cruzo os tornozelos. A ideia da seda se fechando em torno deles, separando-os...

258

Clique.

A lâmpada de novo. Não. Ainda sinto seu calor.

O toca-fitas.

Música. O último ingrediente. Notas de piano enchendo o quarto. Pacientes, assombrosas. “Convento Di Sant’Anna”. Deixo a cabeça pender para trás e puxo as faixas novamente. Dessa vez não sinto o calor nos pulsos, mas no centro do meu corpo. “Convento Di Sant’Anna”. Vejo o quarto de Nina Torring. A disciplina dele, os gritos dela, o gelo. Ergo as pernas e as desço lentamente, mas por dentro sinto a onda se espalhar.

Vejo a cama na qual estou deitada como se pairasse por cima dela. A colcha vermelha, a seda branca. Vejo a mim mesma como Jake Teller deve me ver. Esticada e presa, os tendões saltando nos braços, na garganta. Vejo a renda que me protege e a tesoura a que a vai cortar.

Vejo tudo isso, mas estou imóvel.

Imóvel, embora saiba que ele vai me vencer. Que vou suplicar como as outras, e gritar. Já posso sentir os sons se formando dentro de mim. Gritos que Mark nunca ouviu, não poderia imaginar. Na profunda escuridão da venda, agora vejo a igreja sob uma luz suave. Vazia.

Estou presa. Meu Deus, é tão simples. Tão puro. Submissão.

O piano toca suavemente, lindamente. Durante tanto tempo ansiei por isso... Desde que aprendi a sonhar. Ouço um frasco sendo aberto. O cheiro forte de óleo invade o quarto. Ele vai me tocar. Em segundos.

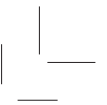
Por favor, faça durar. Faça qualquer coisa, mas faça que dure para sempre.

Algemas de seda

Ele me toca. As costas dos dedos no meu rosto. Acariciando-me com gentileza. Estou flutuando. Sem peso. Livre. E agora ele está tocando a venda. Levantando-a. Pisco com a luz forte da lâmpada. O que está havendo? Por que...

Não consigo respirar.

259



CAPÍTULO 18

NÃO CONSEGUI LEVAR AQUILO ADIANTE.

Sentei na cama do motel Century com as faixas de seda branca estendidas à minha frente sobre a colcha vermelha. Eram sete horas da noite, e a última luz do entardecer passava pela janela e se derramava sobre elas. Estendi a mão para o sólido pilar de madeira da cabeceira da cama e deslizei os dedos por ele. Depois, recolhi as faixas, dobrei-as e coloquei-as no bolso da camisa, levantei-me e saí do quarto. A três metros da porta, perto da máquina de gelo, havia um banco de madeira. Sentei-me nele e olhei para o estacionamento. Tirei o celular do bolso e o guardei de novo. Melhor que ela venha e encontre a porta trancada, a reserva cancelada. Melhor que ela venha e vá embora traída. Olhei novamente para a porta do quarto 20, depois atravessei o estacionamento e fui até a recepção, onde disse ao velho atrás do balcão que não queria mais o quarto.

— Você vai ter de pagar mesmo assim — ele disse com um olhar amargo e desafiador.

Não discuti. Saí da sala e fiquei parado na calçada da Décima Avenida. Uma brisa vinha do oeste, da água. Entre os edifícios eu podia ver o sol mergulhando no Hudson. Comecei a caminhar.

Fui para o sul até a rua 42 e depois para leste. Saindo do clamor arenoso e cinzento de Hell's Kitchen, passando pelo corredor de néon da Times Square, pela majestosa biblioteca bran-

ca na Quinta Avenida. Continuei caminhando, passando pelas torres de escritórios silenciosos do centro da cidade, pelo caos da noite de sexta-feira na frente da Grand Central. Andei até a Terceira Avenida, onde a multidão nas calçadas começou a diminuir e depois até a Segunda.

262

Caminhei até ser interrompido pelos portões das Nações Unidas. Virei para o sul e desci até a rua 34, cortei a rampa dos carros, passei pelo heliporto, atravessei a cerca aberta e parei, sozinho, no início do calçadão do rio. Já era noite fechada. Fui até a balaustrada.

Ainda havia tempo para voltar. Para alugar o mesmo quarto, preparar a cama e esperar. Olhei sobre a água para as luzes da ilha Roosevelt. Tirei as faixas de seda branca do bolso e as atirei sobre a grade. Três delas caíram ainda dobradas na água, mas a última se desfraldou e foi erguida pelo vento, carregada na direção da margem distante. Como se houvesse mudado de ideia, flutuou de volta para mim. Depois, deu uma última pirueta e caiu na água escura.

Fiquei lá parado, observando o lento progresso das faixas, linhas brancas se retorcendo na água negra enquanto flutuavam na direção do mar. Olhei para o relógio. 20h20. Eu teria de me apressar.

Voltei para a Primeira Avenida, agora caminhando mais rápido. Desci a rua 20, virei a oeste na Terceira Avenida. Cruzei o parque verde, percorri o caminho que corta o jardim e cheguei à porta do Columbarium.

Onde agora estou parado, às quinze para as nove. Tenho quinze minutos.

Entro no saguão deserto e percorro o piso de mármore até a escadaria. Uma música suave que parece surgir do nada está tocando. Subo ao terceiro andar. O nicho do meu avô está aqui, mas continuo até o patamar do quarto andar, onde começo a seguir a parede circular. As salas nesse andar têm nomes de árvores. Cipreste, Sequoia. Aqui está. Sala Cedro. Paro na entrada, depois continuo.

Estou completamente só, mas preciso de trinta segundos para poder olhar para os nichos que me cercam. Acompanho a parede da direita. Nomes, datas, pequenos objetos. Gladys Stoppard, 1920-1982, uma pequena aquarela. Jerome Henderson, 1941-1990, uma cruz. Ryan Glasson, 1972-1989, uma carta da escola. Prossigo. William Jennings, 1931-1996, um distintivo militar encostado na urna.

263

Chego ao fim da parede e começo a examinar a seguinte. Ando três metros e então paro. Na foto do casamento, eles olham para mim. E atrás dela, as duas urnas. Duas urnas cor de cinza, orientais. As urnas que eu trouxe no colo há dez anos, no voo de Tóquio para Nova York.

Faz dez anos que não os vejo. No dia em que foram colocadas aqui, esperei no saguão até meu avô ir me dizer que a cerimônia havia acabado. Queria ficar sozinho com eles, disse. Ele concordou, mas subi ao quinto andar, o último, e olhei para a cidade através da janela por cinco minutos, e depois voltei ao saguão. Todos os anos, desde então, no dia do acidente, tenho feito a mesma coisa.

Agora olho para a foto. Meu pai com vinte e cinco anos, confiante, sorrindo. Segurando a mão da minha mãe junto ao colete. O véu dela está erguido, e embora ela esteja olhando para a câmera, o riso em seus olhos é para ele. Ela tinha vinte e três anos.

Limpo o vidro. A sala está cheia de paz. Serenidade. O ar tem cheiro de flores e a música toca suavemente, eternamente. As urnas se tocam na parte mais longa, como amantes tímidos. Vou trazer alguma coisa da próxima vez. Uma rosa. Não vai demorar.

Fico em silêncio, olhando para o nicho até ouvir a campainha que anuncia a hora de fechar. Toco o vidro com os dedos, volto-me e refaço o caminho até o saguão. Um guarda espera pacientemente, segurando a porta aberta. "Obrigado", digo. Ele assente com bondade, os olhos baixos. Fecha a porta atrás de mim, e desço os degraus que levam ao jardim. Sento-me em um banco de pedra e passo a manga do casaco sobre os olhos.

O celular pesa no meu bolso. Pego-o na mão. Tenho seus dois números, o de casa e o celular. Apanho uma pedra do chão. Tudo que pensei em fazer com ela, e agora só o que quero é lhe mostrar o Columbarium. Mostrar como as urnas deles se tocam. Depois, quero caminhar com ela pelo calçadão do rio. Toda sua extensão, do heliporto da rua 34 até a Gracie Mansion. Caminhar com ela e explicar. De mãos dadas. Jogo fora a pedra, sacudindo a cabeça e me levanto.

Ela tem o noivo para isso.

Guardo o celular e começo a descer a Terceira Avenida. Caminho até a rua 6 e entro no Village, onde as ruas se enchem e as calçadas são uma confusão de vendedores e transeuntes. O cheiro de comida indiana se mistura com o aroma das flores de uma banca da rua, e depois ambas dão lugar ao cheiro de maconha. Continuo para oeste, impelido, percebendo pela primeira vez para onde estou me dirigindo. Na quadra de basquete da rua 32 paro, e meus dedos se prendem na cerca. Cinco contra cinco, as luzes acesas. Um drible e depois um arremesso de dez metros, depois, virar e ouvir a torcida, deixando seu rugido informar que você acertou em cheio mais uma vez.

Atravesso a rua e subitamente estou parado na frente do cinema Waverly. Onde tudo começou.

Estou em pé exatamente onde ela estava, a mulher que segui. Onde ela ficou esperando por um estranho que a havia tocado no escuro. Recordo o medo nos olhos dela. O terror. No apartamento, fiz que surgisse outra vez.

Fiz que surgisse em todas elas. Em Melissa Clay. Em Diane Sílio. Em Nina Tarring. Em Elise. Medo e, no final, dor.

Fecho os olhos no meio da calçada movimentada. Não foi suficiente. Fui mais longe a cada vez, e ainda não foi suficiente. Nunca teria sido.

São 21h30. Mimi Lessing está em casa, vestindo-se em silêncio. Pensando nas faixas. Imaginando se vai ter coragem de abrir

a porta e entrar. Toco o celular dentro do bolso, depois afasto a mão. Se ligasse para ela, eu lhe diria para não se casar com ele.

Abro os olhos. Dou as costas para o cinema e caminho lentamente pela rua Quatro. A galeria de arte de Nina Tarring deve ser por aqui perto. Rua Quatro Oeste, ela disse. Procuro por ela, relembando mais uma vez seu corpo sob a luz. Sua imobilidade. O anel brilhando na cômoda. Passo por uma charutaria, uma loja de roupas. Aqui está, entre a farmácia e a floricultura: Galeria Cisne Branco. Vou até a vitrine.

265

A loja foi arrombada. A porta e as janelas estão interditadas com a fita amarela da polícia, que repete NÃO ULTRAPASSE em letras negras em toda sua extensão. Começo a me afastar, mas depois volto. As luzes da galeria estão apagadas, mas a rua está iluminada o bastante para ver lá dentro. Os quadros estão nas paredes, intocados. O lugar está intacto.

Entro na farmácia ao lado. O homem oriental atrás do balcão ergue os olhos e em seguida volta para a pequena televisão equilibrada sobre um engradado no chão. Pego um isqueiro do expositor na frente da registradora e lhe entrego uma nota de cinco.

— O que aconteceu aqui ao lado? — pergunto.

Ele registra a venda e me dá o troco.

— Moça desaparecida.

— Desaparecida?

Ele assente.

— Desaparecida.

— Há quanto tempo?

Ele encolhe os ombros.

— Loja fechada uma semana.

Pego o troco e o isqueiro e volto para a vitrine da galeria. O que ele quis dizer com “desaparecida”? Começo a descer a rua, passando novamente pela quadra de basquete e pelo clube de jazz Blue Note. Ando até a Bleecker, depois até a Sullivan e dobro à direita. O murmúrio do Village morre rapidamente enquanto percorro o quarteirão arborizado.

Frank Baldwin

266

Rua Sullivan, 364. O edifício de Nina Tarring. Olho para o portão de ferro, para a pesada porta de mogno. Para os vasos de flores cheios de terra preta e rosas. “Meu jardim nova-iorquino”, ela dissera enquanto procurava as chaves. Do outro lado da rua está o Caffè Lune. Atravesso e sento-me a uma mesa na calçada. Uma garçonete jovem vem lá de dentro e coloca um descanso de copo na minha frente.

— Oi — ela diz.

— Oi. Absolut com tônica, por favor.

— Certo. Limão?

— Sim.

Ela volta para dentro.

Olho para o edifício de Nina Tarring. A garçonete retorna com meu drinque e o pousa no descanso. Tomo um gole.

Desaparecida.

CAPÍTULO 19

DEIXAMOS A CIDADE ATRÁS DE NÓS e também o rio, e agora na escuridão os subúrbios se sucedem. Observo as linhas brancas da rodovia desaparecendo sob o carro, e ouço o murmúrio contínuo do motor. E o único outro som, a respiração suave que conheço tão bem.

Logo o clorofórmio vai perder o efeito. Foi doloroso usá-lo, ver seus lindos olhos se dilatarem de terror quando apertei o pano encharcado contra seu rosto. Mas não tive escolha. O trabalho que temos à nossa frente esta noite requer privacidade e espaço. Por isso, cortei as faixas que prendiam seus pulsos à cama e a vesti com as roupas que ela havia dobrado cuidadosamente e deixado sobre a cadeira junto da janela. Reuni os itens que tanto a haviam seduzido: o toca-fitas, a luminária, a venda e por último as quatro faixas, fechei a porta e atravessei o estacionamento. Levei o carro até a vaga em frente ao quarto 20, olhei em volta e vi somente carros. Trinta metros adiante, pela janela da recepção do hotel, eu podia ver o homem atrás do balcão de costas para mim, com o telefone no ouvido. Ativei o *øre* da recepção e sua voz casual chegou pelas caixas de som do carro. Uma ligação pessoal. Desci do carro e abri a porta dos fundos, a que dava para a máquina de gelo e a cerca. Voltei ao quarto 20.

Levei apenas alguns segundos para carregar a srta. Lessing até a porta do carro e acomodá-la no banco de trás. Ela ficou lá,

adormecida sob um cobertor, até passarmos com segurança pela praça do pedágio e chegarmos à rodovia onde estamos agora. Há alguns minutos, em uma área de descanso para motoristas ao lado de um pequeno bosque cerrado, observei os últimos carros desaparecerem na estrada aberta. Com todo o cuidado, transferi a srta. Lessing para onde ela está agora. Ao meu lado.

Suas mãos estão amarradas atrás do banco do passageiro com uma das faixas de seda, os tornozelos com a outra. Ela é mais delicada do que imaginei. Sua pele é pura, seu corpo leve e gracioso. Olhando para seu pescoço fino, para seu rosto caído sobre o peito no sono, vejo novamente a jovem inocente de um ano atrás. E quase me convenço de que houve algum engano.

Seguro a direção com mais força e olho de novo para a estrada.

Há algumas horas eu estava a três quarteirões do motel Century, escutando pelo rádio do carro quando Jake Teller cancelou a reserva do quarto 20. Fechei os olhos em agradecimento e encostei a cabeça no alto da direção. Ela o havia recusado. Fui até seu quarteirão e estacionei em frente ao La Bohème, de cujas janelas eu a observara tantas noites. Baixei o vidro do carro para deixar entrar o ar frio da noite e ativei os *ø*res do apartamento dela.

E ouvi, vinte minutos depois, a srta. Lessing solicitar à telefonista o endereço do motel Century. Olhei para as caixas de som do carro. E enquanto eu ficava lá sentado e a verdade se revelava, lenta como um veneno, Kreisler começou a tocar “Caprice Viennois”. Olhei pela janela para os prédios que eu havia aprendido a ver por meio dos olhos dela. Os entalhes delicados nas pedras dos edifícios antigos, as aquarelas na vitrine da galeria de arte. A lista de vinhos no quadro-negro da Vine. Kreisler continuava, seu refrão favorito se aproximando. Desliguei o som e fiquei mais alguns minutos sentado dentro do carro. Depois, dei partida e fui embora.

Tive tempo apenas suficiente para alugar e preparar o quarto, e depois para estacionar novamente a alguns quarteirões do

motel. Fiquei sentado de olhos fechados, escutando o silêncio do quarto 20. Vieram as 22 horas. Silêncio. 22h01. 22h02. 22h03. Poderia ser? Pelo som do carro veio o clique suave e maldito da porta do quarto. Ela viera.

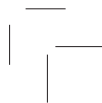
Ela se agita. Olho de relance. Levanta o rosto do peito, susurra alguma coisa e depois se entrega novamente ao doce sonho da inconsciência. Estendo uma mão enluvada e toco sua face. Ela se mexe novamente, seu perfume discreto me alcança. Agora está imóvel. Olho para a estrada escura.

As outras nunca foram puras. Nem a jovem florista nem a garçonne que a sucedeu. Claire era seu nome, e ela servia espressos e chocolates em um café da Primeira Avenida. Uma jovem que usava cores claras mesmo no inverno e era sempre delicada com os clientes mais velhos. “Vá se sentar”, ela dizia, eu levo na mesa para você. Uma jovem que ficava sentada em um canto do café lendo Kerouac e Burroughs nos seus intervalos de descanso.

Uma jovem cujo namorado, logo descobri, lhe levava cocaína todas as sextas à noite. Cocaína que ela não poderia pagar com seu salário de garçonne, e que então retribuía de outra maneira. E eu escutava. Agora, passamos por cidades-dormitório escuras e esquecidas. Ardonia. Port Ewen. Saugerties. Estamos a noventa quilômetros do nosso destino. Uma hora, não mais que isso. Olho novamente da estrada para seu rosto liso.

As outras nunca foram puras. A srta. Lessing era. Ela se mexe novamente, agora com mais autoridade, molhando os lábios, sacudindo a cabeça uma vez, lentamente. Olho novamente para a rodovia escura.

Em breve ela será pura outra vez.



CAPÍTULO 20

— MAIS UM?

— Não, obrigado.

A garçonete sorri e volta para dentro. Deixo uma nota de cinco para ela junto da conta, atravesso o portão e paro na calçada. Olho para o outro lado da rua mais uma vez, para a porta de mogno escuro do edifício de Nina Tarring. Pergunto-me se o marido dela estará lá dentro, esperando ao lado do telefone. Meu antigo colega de time, Nick Simms. Talvez seja isso. Talvez ela o tenha abandonado e não queria telefonar. Começo a subir a rua Sullivan na direção da Bleecker. Um pouco antes da esquina me viro e olho para trás, mas vejo apenas a calçada e as árvores escuras plantadas a cada seis metros.

Dobro na Bleecker, feliz por ver as luzes do Village novamente. A brisa traz um aroma de peso da porta aberta de um restaurante italiano. Nas janelas, pães enormes estão dispostos em forma de flor. Paro no meio-fio e aceno para um táxi.

— Oitenta e três com Amsterdam — digo ao motorista.

Seguimos lentamente para oeste pelo Village apinhado, e depois subimos a West Side Highway.

— Aqui está bem — digo a ele na esquina da rua 81, e caminho meio quarteirão até meu apartamento.

Na escadaria da frente olho para o relógio. 22h30. Mimi agora está em casa, ou então com o noivo. Se é que foi ao motel Century.

Entro no prédio e subo três lances de escada até meu andar. Cruzo o pequeno corredor e enfio a chave na fechadura do meu apartamento.

— Jake Teller?

Giro o corpo e vejo um homem descer para o corredor da escada entre o quinto e o sexto andar. Parece ter cinquenta anos e está usando um terno cinza bem cortado. Ele estica as pernas como se estivesse sentado lá há muito tempo, e enquanto vem na minha direção, enfia a mão no bolso do paletó com um movimento rápido e tira de lá um distintivo policial. Nunca vi um desses de perto.

— Sim, sou Jake Teller — digo.

— Sou o detetive Crusin. Posso lhe fazer algumas perguntas? Cinco minutos, no máximo.

— Sobre o quê?

— Uma mulher desaparecida.

Olho para ele. Sob os óculos, seus olhos escuros estão alerta.

— Vamos entrar — digo.

Entramos na cozinha pequena e fecho a porta atrás de nós. Paramos frente a frente.

— Gostaria de algo para beber? — pergunto.

— Sim. Água, por favor.

Passo por ele, pego um copo no armário e alguns cubos de gelo no *freezer*. *Nick Simms*. *Nina contou a ele*. Enquanto encho o copo na pia, posso sentir que o detetive está estudando o ambiente. A sala desarrumada, a porta do quarto aberta. Quando me viro, ele está puxando uma das cadeiras da mesa da cozinha. Entrego-lhe o copo d'água e ele o coloca sobre a mesa ao lado do ferro de passar, que ainda está em pé. Ele se senta e faço o mesmo, do outro lado da mesa.

— O marido dela lhe deu meu nome? — pergunto.

— Marido? — ele diz com certa surpresa na voz. — O porteiro dela me deu seu nome.

Sinto um toque de aço frio na espinha.

— Porteiro?
— Clete Reynolds. — Ele me observa atentamente. — Seu velho amigo.

— Elise? — digo. — Elise desapareceu?

Ele fica em silêncio por alguns segundos, as mãos descansando sobre as pernas.

— Oficialmente ainda não. Mas ela não foi à festa de aniversário da mãe, que ela mesma ajudou a organizar. E não foi à aula hoje de manhã. Ninguém consegue falar com ela.

— Se ela não está ofi...

— Sou amigo de infância do pai dela. — Sua voz é severa. Ele tira uma caneta e um pequeno bloco do bolso do casaco. Folheia o bloco e depois olha para mim de novo. — O porteiro achava que Elise poderia estar com você.

Balanço a cabeça.

— Saí com ela na sexta-feira passada, e só.

— Vocês não são namorados?

— Não.

— Ela disse ao porteiro que eram.

— Nós saímos juntos uma vez.

— Na sexta passada.

Fico calado.

— O que vocês fizeram?

— Fomos a um bar.

— E depois?

A rapidez das suas perguntas é enervante. Quase estendo a mão para pegar o copo d'água, que está intocado sobre a mesa. Em vez disso, levanto e vou até o refrigerador. Pego uma lata de Coca-Cola e abro.

— Depois do bar, fomos ao apartamento dela — digo de costas para ele. Volto para a cadeira e me sento.

— Só vocês dois?

Demoro a responder.

— As amigas que moram com ela haviam saído.

— Vocês estavam sozinhos?

Olho para a mesa, depois para o ferro. Na face metálica vejo fios de seda branca. *Ele sabe tudo que Clete sabe*. Olho para ele novamente.

— Como é o nome da sua amiga?

Olho para a parede, depois mais uma vez para ele.

— Não posso lhe dizer o nome dela, detetive.

— Por que não?

— Porque ela não deveria ter estado lá.

Ele descansa o bloco na perna e olha intensamente para mim.

— Uma garota está desaparecida — ele diz.

— Não oficialmente.

Seus olhos faíscam, e ele sorri lugubrememente.

— Ela provavelmente foi passar o fim de semana fora — digo.

— Provavelmente. Foi o que eu disse aos pais dela. — Ele corre a mão pelos cabelos lisos e gira lentamente o copo, depois prende a caneta no bloco e guarda os dois no bolso do paletó. — Você tem um cartão de visita? — Pergunta em voz baixa.

— Sim.

Pego minha carteira, encontro um cartão e entrego a ele. Ele o gira entre os dedos e depois olha para a sala por alguns segundos, e finalmente para mim de novo.

— Na última sexta-feira, Sr. Teller, os vizinhos de Elise... *ouviram coisas*.

De algum modo consigo encará-lo. Ele espera que eu diga alguma coisa. Fico calado.

— O que você acha que eles ouviram? — ele pergunta.

Mais uma vez não digo nada. Dez segundos ele espera. Posso ouvir o refrigerante chiando suavemente na lata. Por fim, ele tira um cartão do bolso e o deposita na mesa da cozinha.

— Quando você descobrir, sugiro que me telefone. Porque se Elise não for à aula na segunda de manhã, vou fazer uma visita à — ele olha para o cartão que lhe entreguei — Hyson Le-

vay e vou levá-lo para a sala do seu chefe e fazer umas perguntas muito difíceis.

Ele espera que eu absorva suas palavras, depois se levanta e recoloca a cadeira com cuidado no lugar. Vai até a porta da frente e abre a tranca de segurança. Dá meia-volta.

— Quem você achou que havia desaparecido, Jake?

— Ninguém.

— Ninguém — repete.

Ele assente, abre a porta e vai embora.

Ouçó seus passos chegarem à escada, descerem e sumirem. Fico sentado por alguns minutos, depois me levanto e vou lentamente até a pia. Viro o resto da Coca-Cola e lavo a lata com água quente. Deixo-a no balcão. Vou para o quarto e me sento na cama.

Elise Verren desapareceu. E Nina Tarring.

Vou até a cômoda e encontro o número do telefone de Anne Keltner, a dama de honra de Mimi Lessing. A primeira sedução à qual deixei assistir. Levanto o telefone sem fio da base afixada na parede e digito o número. Dois sinais de chamada e depois a voz dela.

— Oi, não estou em casa. Diga as palavras certas e retornarei sua chamada. Tchau.

Sua voz é brincalhona, segura, como foi no hotel Roosevelt nos primeiros momentos. Ouço o *bip* da secretária eletrônica e desligo. Vou até a janela da sala, abro e saio para a escada de incêndio. O ar da noite é um alívio. Debruço-me sobre o corrimão e olho para a rua. Observo o fluxo das luzes dos táxis, ouço o murmúrio noturno da cidade.

Mimi testemunhou a sedução de três mulheres. Duas delas estão desaparecidas e a terceira não está em casa. Balanço a cabeça. Não. *Uma* delas está desaparecida: Nina Tarring. Elise Verren tem pais muito ansiosos. Ela pode ter conhecido alguém na noite passada, do mesmo modo como me conheceu uma semana atrás, e ter decidido faltar ao aniversário da mãe e à aula de

hoje. Anne Keltner pode estar em qualquer lugar, afinal, é noite de sexta-feira.

276

Deslizo as mãos sobre o corrimão áspero e absorvo o cheiro cortante da noite. Olho para as janelas do edifício do outro lado da rua. A maioria das persianas está fechada, mas algumas estão abertas, e através de uma delas posso ver uma mulher jovem junto ao balcão da sua cozinha iluminada. Ela está misturando alguma coisa em um prato fundo.

Mas, e se Elise houver desaparecido? O que isso significa? A única conexão neste mundo entre Nina Toring e Elise Verren é que eu as seduzi e Mimi assistiu. Mas ninguém poderia saber. Não contei a ninguém. Mimi... ela não teria contado de jeito nenhum.

A mulher na cozinha levanta o rosto de repente, limpa as mãos no avental e atende ao telefone. Ela sorri, afasta-se do balcão e se senta na mesa da cozinha, torcendo o fio do telefone entre os dedos enquanto fala.

Somente uma pessoa viu Mimi e eu juntos. Anne Keltner.

A mulher olha pela janela. Vira o rosto e agora olha para fora novamente. Levanta-se, coloca o telefone na mesa e anda até a janela, e não está mais sorrindo. Olha para a frente, para este edifício, para esta escada de incêndio, para mim. Abaixa a persiana.

Olho para a persiana fechada e então me dou conta: alguém está observando. Se Elise Verren realmente desapareceu, então alguém anda nos observando. Nick Simms? Não. Se ele houvesse descoberto, teria vindo direto atrás de mim. Quem mais? Ninguém do meu lado. Mimi, então. Seu noivo? Improvável. Ele não dá a impressão de ser um homem de briga. Quem, então? Anne Keltner é a única que nos viu juntos. Fecho os olhos. Não, isso não é bem verdade. O sr. Stein nos viu juntos. Fecho os olhos. Não, isso não é bem verdade. O sr. Stein nos viu juntos, aproximou-nos na manhã em que nos designou para a conta de Brice. E depois novamente no dia em que o instruímos para o almoço dos dois. Mas o sr. Stein, nosso diretor, um *voyeur*? Violento?

Abro os olhos e agora os fixo no metal enferrujado e descascado do corrimão. *Andrew Brice solicitou que ela fosse designada para sua conta.* Foi isso que o sr. Stein disse. Vinte anos sem sequer uma pergunta para a firma, e então uma manhã ele telefona e requisita Mimi Lessing. O que foi mesmo que ela disse? Ela o havia conhecido um ano antes, no elevador. *Por trinta segundos.* Olho para a rua novamente, para as portas iluminadas dos prédios, para os pedestres que vão na direção da Amsterdam. Balanço a cabeça. É muita loucura. Mas por que um homem de idade requisita uma mulher jovem que ele viu por trinta segundos um ano atrás? Porque ela é bonita, por isso. Ok. Mas por que um policial, que poderia ter conseguido meu número de mil maneiras, espera no corredor para conversar comigo se está apenas fazendo um favor para um velho amigo? Se ele não sente nas entranhas que Elise está realmente desaparecida?

Respiro o ar da noite uma última vez, entro pela janela e a fecho atrás de mim. Vou até o quarto e pego o telefone.



CAPÍTULO 21

— POR FAVOR, RESPONDA. POR FAVOR.

Mesmo aterrorizada ela é linda. Mesmo com o rosado da sua face transformado em branco.

Ela despertou aos poucos, e então de repente começou a chutar os tornozelos amarrados contra o chão do carro e a torcer o corpo em um esforço para ver o que estava lhe prendendo os pulsos. Depois, olhou para mim e ficou imóvel. Eu havia imaginado esse momento de tantas maneiras, mas nunca assim. Choque, depois reconhecimento, depois terror inundaram seus olhos castanhos.

— Andrew Brice — sussurrou, e fui rasgado ao meio pelo som do meu nome saindo dos lábios dela. Mantive as mãos firmes na direção e olhei para a estrada escura à nossa frente.

— Para onde estamos indo? — perguntou com a voz trêmula. Não respondi.

— Por quê? — insisti um minuto depois.

Ela é corajosa. Por dez quilômetros não disse nada. Testou a resistência da seda, torcendo silenciosamente as mãos amarradas atrás do assento. Vasculhou a escuridão que passava pela janela. Tentou, de alguma forma, imaginar o que a havia trazido aqui e o que a poderia ajudar. Mas agora, quando passamos pela placa que indica Medway e ela vê como nos afastamos da cidade, o silêncio, a escuridão e as faixas apertadas são mais fortes que ela.

— Por favor, responda — ela diz. — Por favor.

Estendo a mão para o compartimento entre os assentos. Ela inclina o corpo para longe de mim, na direção da porta do carro. Ergo a tampa e tiro de dentro um estojo plástico. Removo a fita do estojo e a deslizo para dentro do toca-fitas. Silêncio durante alguns segundos e agora, invadindo o carro, um piano suave e melancólico.

280

“Convento Di Sant’Anna”.

Observo o choque se revelar nos seus olhos. Seus pulsos ficam imóveis.

— Nina — sussurra quase inaudivelmente.

Sim, Nina.

Estiquei Nina Tarring como Jake Teller a havia esticado, deixando seus olhos livres para que ela pudesse ver os instrumentos de metal dispostos ao lado dela sobre o feltro negro. Ela recordou tudo. O comprimento das faixas. A posição da lâmpada. A ordem das músicas. Quando já havia me dado todos os detalhes de que eu precisava, perguntei por que havia permitido. E lhe disse que, se pudesse me fazer compreender, realmente compreender, seria libertada.

Ninguém consegue ser introspectivo sob tortura. Mas sob a ameaça dela, sim. Que concentração! Ela havia crescido em uma família severa. Tinha certeza de que estava relacionado a isso. Fora ensinada a valorizar o controle. Peguei um lenço da mesa lateral e os olhos dela seguiram minhas mãos enquanto eu selecionava uma peça afiada e longa e começava a poli-la. Por favor. Controle. Ela fora ensinada a valorizar o controle. Acima de tudo. E então, abrir mão desse controle... vê-lo tirado de si... Eu havia visto? E fora apenas uma vez. Jamais haveria outra. Por favor. A transpiração escorria do seu rosto nórdico, e ainda assim ela buscava a exatidão. A verdade. Não fora apenas entrega. Não, fora mais que isso. Outra coisa. Libertação. Fora isso. Sim, libertação. Ela desejara a libertação. Por favor. Eu podia compreender isso? Por favor.

— E quanto aos seus votos? — perguntei largando o pano de polir e erguendo o metal brilhante contra a luz.

Agora passamos pela placa de Ravena e as últimas notas do piano desaparecem. No silêncio que precede a música seguinte, a srta. Lessing tenta encontrar meus olhos com os dela. Não consegue, e então baixa os olhos para o vestido quando os dois violões começam a tocar. Tranquilos, ondulantes. Suas pernas esguias agora tremem como se ela houvesse saído da água fria. Elas tremem porque ela reconhece a música novamente. A música que tocava enquanto eu esperava no meu carro, do outro lado da rua do apartamento do Harlem, escutando não apenas esses violões espanhóis suaves, mas os gritos e arquejos de Elise Verren.

281

Elise também foi levada a compreender que suas mentiras seriam punidas. Que a verdade a poderia libertar. E ela também se recordava de tudo. Com ela aprendi sobre os brinquedos dele. Ela descreveu cada um detalhadamente, seus atributos, sua utilidade. E quando eu não precisava mais dela, mostrei que eu também tinha brinquedos. Brinquedos mais cruéis.

Um novo som irrompe no carro e a srta. Lessing vira o rosto para o banco de trás. Sua bolsa está lá, no chão, e de dentro dela vem o chamado de um telefone celular. Duas vezes, três. Quatro. Ela olha para mim desesperada, e novamente para a bolsa. Cinco chamadas. Seis. E agora silêncio. Ela fecha os olhos e vejo lágrimas escorrerem por sua face.

Fica calada enquanto prosseguimos. Os violões espanhóis aceleram, aceleram e depois morrem, deixando-nos em um silêncio profundo e íntimo. Linhas de transpiração brotaram na sua testa. Ela espera, tensa, pela próxima música. E quando o violino soa, emite um pequeno suspiro de choque.

— Ninguém poderia saber — sussurra, mordendo o lábio de angústia.

Kreisler. “Caprice Viennois”.

Ela luta para controlar sua respiração.

— Por favor — diz, mas com a aproximação do refrão mágico ergo uma mão pedindo silêncio, e esse gesto e as próprias notas a fazem enterrar o rosto no assento de couro.

Essas dezessete notas puras eram *dela*. Ela não havia confiado a beleza delas a mais ninguém, nem mesmo ao noivo. E, ainda assim, aqui estão elas, escolhidas pelo homem que a conduz, amarrada, pela noite.

282

As notas findam, dando lugar ao corpo da peça novamente, e ligo a seta, cujo clique ritmado corta a música por alguns segundos enquanto mudo de faixa e desço uma rampa de acesso. A srta. Lessing olha para trás, para a relativa segurança da rodovia, e agora para a frente, pelo para-brisa, para a área de descanso vazia e desolada à nossa frente.

Passo por trás dos banheiros e encosto em um ponto escondido do resto da área que me permite enxergar a rampa atrás de nós. Desligo o motor, mas giro a chave para que Kreisler possa continuar tocando. Abro o porta-malas.

— Por favor — sussurra, olhando-me nos olhos, tentando avaliar minhas intenções, meus limites.

Uso o botão ao meu lado para abrir sua janela. O toque do vento da noite no seu rosto a faz tremer, fechar os olhos e respirar profundamente o que para ela deve ser o cheiro da liberdade.

Abro minha porta e vou até o porta-malas. Abro a bolsa preta robusta e tiro de dentro o pano que usei no motel. Ainda cheira a clorofórmio, mas eu o seguro sobre a boca do pesado frasco de vidro e o empapo outra vez, depois dou a volta no carro e paro ao lado da janela do passageiro.

— Por favor — diz —, você tem que... — Mas suas palavras se perdem quando pressiono o pano sobre seu nariz e boca.

Ela luta, e agora fica imóvel. Removo o pano e sua cabeça pende sobre o peito. Retiro as luvas e toco seu cabelo. Olho para seus seios, para o vestido, para os cinco centímetros de pele lisa das pernas acima das meias. Encosto os dedos na sua bochecha.

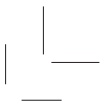
Algo no vento me alcança, e eu me viro.

Na distância, dois faróis quebram a escuridão, iniciando sua lenta aproximação à rampa de acesso. Preciso ser rápido. Abro a porta de trás e desamarro suas mãos, depois a deito no banco traseiro como fiz no motel, cobrindo-a com o mesmo cobertor. Guardo o pano encharcado e as luvas na sacola preta, fecho o porta-malas e vou até minha porta. Só agora os faróis estão realmente entrando na área de descanso.

283

Retomo meu lugar na direção. Atravesso o espaço aberto com nosso refrão tocando pela última vez. Música de outra era, contida, graciosa. Acelero sobre a rampa e ganho a estrada novamente. Em cinco minutos teremos passado pela praça do pedágio.

Em quinze estaremos em casa.



CAPÍTULO 22

O SINO ACIMA DA PORTA BADALA quando entro no Aquarius, um bar dos anos 1960 na esquina da rua 78 com Broadway. Um violão jorra dos alto-falantes afixados nos cantos do teto. Qualquer canção que tenha sido tocada em Woodstock está na *jukebox* daqui. Olho para o fundo e vejo que os reservados de madeira estão todos ocupados, então, sento ao lado da janela em uma mesa rústica. O garçom, com um rabo-de-cavalo grisalho, vem tirar meu pedido. Peço duas Guinness e observo-o servi-las da maneira correta, aos poucos, atendendo a outros pedidos enquanto a cerveja escura assenta.

Jeremy estará aqui a qualquer momento com a cópia da pasta de Brice que eu lhe entreguei há um mês, na noite em que ele me ensinou tudo sobre instrumentos financeiros.

— O que está havendo? — perguntou no telefone.

— Venha me encontrar — eu disse a ele.

O garçom retorna e coloca as duas canecas de Guinness na minha frente. Observo a espuma assentar em camadas no fundo. No jogo dos Knicks, Jeremy disse alguma coisa sobre a pasta de Brice. Algo a respeito de ele não ser limpo. Não quis saber de nada na época. O sino toca de novo e ergo os olhos e o vejo parado na porta da frente. Mesmo de Armani e com uma pasta de couro embaixo do braço, ainda parece um garoto de dezessete anos. Senta-se e ergue sua caneca de Guinness para mim.

— Saúde — diz com os olhos brilhando como na manhã de uma prova importante. Puxa um envelope pardo de dentro da pasta e o coloca sobre a mesa. — Eu estava me perguntando quando isso iria despertar seu interesse, Jake. Ele está encrencado?

— Não sei. O que você queria dizer no jogo, Jeremy, quando disse que ele não era limpo?

Faz um gesto na direção do envelope com o copo.

— Você leu, não leu? — pergunta.

— Nós não estamos mais na faculdade. Eu faço meu próprio trabalho agora.

Levanta uma das mãos.

— Foi só uma pergunta. Você se lembra do que está aí?

— Brice herda uma pilha de dinheiro do pai, liquida tudo, exceto por uma... fazenda em algum lugar no norte do estado.

— Uma vinícola, em Albany.

— Certo. Que ele vendeu um ano atrás. — Jeremy me observa com expectativa, esperando que eu continue. — Isso é tudo — digo.

Ele balança a cabeça desoladamente.

— Você não percebeu, Jake — diz em voz baixa.

Ele abre a pasta e me entrega uma folha de papel. Aperto os olhos para ler na luz fraca do bar. É a escritura de venda que transfere a propriedade da vinícola de Andrew Brice para a Corporação Iliad. Dou uma olhada e depois a devolvo para Jeremy.

— Você vê alguma coisa de errado nela? — pergunta.

Examino o documento novamente.

— O preço — digo por fim.

— Qual é o problema?

— Muito baixo.

— Na mosca. — Jeremy tira os óculos e os guarda no bolso da camisa. — Trinta hectares perto da cidade — diz —, com uma vinícola montada. Valia 50 mil quando ele herdou em 1970. Trinta anos depois, ele vende por 200 mil.

— Um terço do que poderia ter conseguido. Um quarto.

Jeremy concorda.

— Então, ele é um péssimo negociante — digo. — Isso não é crime.

Jeremy fica calado por alguns segundos, como se com um pouco mais de tempo tudo fosse ficar claro para mim.

— Você viu o portfólio dele — diz. — O pouco que há. Você não acha que Brice é mesquinho demais para ser um negociante tão ruim?

— É verdade.

— Também penso assim, e então decidi me aprofundar um pouco. — Jeremy põe os óculos de volta e folheia os papéis da pasta. — Brice vendeu a vinícola para a Corporação Iliad. Seis meses depois, eles a venderam para a Seine S. A. Seis meses depois, eles a venderam novamente. — Ele me mostra cópias das três escrituras de venda. — É um espanto o que se consegue encontrar na Internet. — Ele deita os documentos na mesa e olha para mim novamente com expectativa.

— Estou perdido — digo.

Jeremy dá mais um gole na sua cerveja e depois a devolve cuidadosamente à mesa.

— Você já ouviu falar em esquema russo, Jake?

— Não.

— O nome é por causa daquelas bonecas russas. Você sabe, aquelas que você abre e dentro tem uma igual, que também se abre e se encontra outra, e assim por diante.

— Sei.

— É assim que funciona. Você tem uma propriedade, certo? Você vende para uma firma fantasma, que a vende para outra firma fantasma. Essa, então, vende para outra, e assim sucessivamente. Nós estudamos isso na faculdade. Foi uma febre entre os barões da droga na América do Sul nos anos 1980. Em qualquer lugar que tivessem negócios, eles montavam um esquema russo. Dessa forma, se o laboratório fosse estourado, tinham um documento para provar que haviam vendido a propriedade anos atrás.

— E a trilha de papel que levava até eles era interminável.

— Certo.

— Ok, entendi. O que isso tem a ver com Brice?

Jeremy tira os óculos mais uma vez e os descansa na perna.

— Acho que Brice armou um esquema russo.

— Como assim?

— Acho que as companhias que compraram a vinícola são empresas fantasmas que ele criou. Ele nunca a vendeu realmente, Jake. A vinícola ainda pertence a ele.

Puxo os documentos para mim e folheio até encontrar o que estou procurando.

— Há somente um problema com essa teoria, Jeremy. — Mostro o papel. — Cheque compensado. Setenta mil para a Receita Federal a título de o *Imposto sobre a venda da vinícola*.

Jeremy nem mesmo olha para o cheque. Olha para mim, pacientemente, até ver nos meus olhos que começo a compreender.

— É assim que o esquema russo funciona, Jake — diz calmamente. — Porque você paga os impostos. Quem pensaria em questionar essa transação? Lembre-se, não é dinheiro que você está tentando esconder. É o fato de a propriedade ser sua. E você paga para esconder isso.

— Por isso o preço de venda foi tão baixo.

Ele assente.

— Brice determinou um preço tão baixo quanto possível para não levantar suspeitas.

— Mas teve de desembolsar 70 mil — digo.

— Sim.

— Por quê?

Jeremy suspira.

— Tenho de admitir que o porquê também me escapou. — Ele olha para mim. — Pedi a Pardo que desse um pulo lá na semana passada.

Dou uma gargalhada.

— Seu cachorro! Pardo?

— Ele passa a metade do tempo em Albany de qualquer maneira. São dez minutos de carro. Bem, em todos os esquemas russos que conheci, o dono estava tramando algo na propriedade, então, pedi a Pardo que fosse até lá para dar uma olhada.

— E o que ele encontrou?

— Nada. O lugar está cheio de mato, abandonado. A vinícola em si está desabando.

— Então, lá se vai sua teoria.

— Pelos ares. Ainda assim, Jake, é estranho. Três empresas diferentes compram a propriedade em um ano. Quais são as chances de que nenhuma delas faça nada com o lugar? Mas foi o que aconteceu. A Iliad comprou e não fez nada. A Seine comprou, e nada. A vinícola Lessing comprou e de novo nada.

Olho para ele.

— Qual vinícola? — pergunto.

— Vinícola Lessing. A última empresa fantasma. A atual proprietária.

Pego as três escrituras da mesa e procuro a última. E lá está, no item comprador:

VINÍCOLA LESSING

Procuro a data da venda:

1.º de MAIO DE 1999

— Meu Deus!

— O que foi, Jake?

Olho para a escritura novamente. VINÍCOLA LESSING. *Mimi Lessing*. Fito as letras até elas virarem manchas. Na minha cabeça, ouço mil vezes as palavras do sr. Stein para Mimi: “Você causou uma impressão mais forte no nosso caso de cortesia do que ele em você”.

— Jake.

— Espere um segundo.

Abro minha carteira e tiro de trás da carta de motorista o pedaço de papel com os telefones de Mimi. Pego o telefone no

Frank Baldwin

bolso, hesito e depois ligo para o número de casa. Três chamados e depois a secretária eletrônica. Ligo para o celular. Ele toca duas, três vezes. Quatro, cinco, seis. Desligo.

— Preciso de mais um favor, Jeremy.

— O que é?

— Seu carro.

290

CAPÍTULO 23

A CIDADE ESPANHOLA DE CAGAYA servia à Coroa fornecendo interrogadores para a Inquisição. Era uma profissão passada de pai para filho por muitas gerações, e ainda existe um beco que sai da praça central da cidade que os residentes chamam de Alameda dos Torturadores. Um prédio de tijolos vermelhos no fundo do beco presta uma homenagem macabra ao lugar da cidade na história. É uma loja de artigos de couro, mas em suas paredes estão penduradas réplicas perfeitas dos instrumentos que arrancavam confissões dos desgraçados de três séculos atrás. Nenhum deles está à venda para o público, mas se um colecionador apaixonado entrar na loja pode descobrir que o proprietário é um homem de negócios.

Estou em pé na porta principal da vinícola que meu pai adquiriu em 1968. Ela está em ruínas. Em um dos cantos estão a prensa e o moedor enferrujados, noutro a engarrafadora quebrada. Ao lado da porta descorada há uma pilha de cestas de palha usadas na colheita da uva, treliças de aço e botas de borracha. Nada aqui foi tocado nas últimas três décadas. Ao longo da parede lateral estão dois tanques de aço inoxidável de 2 mil litros, que deveriam fermentar os vinhos que meu pai pretendia fabricar quando se aposentasse. Permaneceram vazios nesses trinta anos, um efeito colateral do câncer que o abateu.

Empurro com o ombro a porta pesada e enferrujada e a fecho, barrando o luar e os sons intermitentes da noite do campo.

A vinícola está em silêncio agora, e a maior parte dela está às escuras. Mas não toda. A dez metros de mim está um grande círculo de luz. Dirijo-me a ele pelo chão de terra batida. A luz emana de dentro de um círculo de barris. Quarenta e quatro barris de carvalho branco francês em duas fileiras sobrepostas no que seria um círculo perfeito de um metro e meio de altura, exceto pela abertura à minha frente. Cada barril está cheio de Cabernet Sauvignon, e juntos eles exalam o aroma úmido de madeira e vinho que permeia o ar da vinícola.

Paro na abertura e toco com os dedos um dos barris, ásperos e manchados. Dentro desse círculo de barris, em duas fileiras paralelas, estão seis aquecedores de pé que transmitem seu calor para baixo e para o centro. Dentro das fileiras de aquecedores, uma em frente à outra, estão duas lâmpadas de 300 *watts*, ambas jorrando sua luz brilhante para o centro do círculo. E no centro está a srta. Lessing.

Há três horas, encontrei-a estendida em uma cama vestindo apenas sua *lingerie* mais fina. Como agora. Entro no círculo de barris e ando até o lado dela. Está começando a se mexer, começando a se libertar do poder narcótico do clorofórmio. Seu rosto está relaxado e sereno, e agora ela umedece os lábios talvez imaginando que esteja, como antes, amarrada debilmente a uma cama de motel, esperando os toques suaves de Jake Teller.

À medida que recobrar os sentidos, vai se dar conta de que não está em uma cama, mas em uma mesa de lona grossa. E quando testar as amarras que a prendem, vai descobrir que, em vez da seda macia que inflamou sua imaginação, suas mãos agora estão envoltas em luvas de couro áspero e forte. E bem apertada em torno de cada tornozelo há uma tira grossa do mesmo material.

A venda negra que cobre seus olhos vai impedi-la de ver que cada luva e cada tira formam a ponta de um rolo de couro cuja

outra extremidade está fixada no raio de uma pequena roda dentada. Essas quatro rodas menores, uma em cada canto da mesa, estão, por sua vez, conectadas a uma roda mestra logo acima da cabeça. A roda mestra é feita de madeira pesada e tem um metro e meio de altura, alta como o leme de um navio. Girá-la requer força, mas quando acionada também move cada uma das rodas menores, enrolando as bobinas de couro em torno dos seus raios, e assim, puxando cada luva e cada tira na direção do seu canto, bem como os membros que elas prendem.

293

Observo seus dedos se flexionarem e vejo os músculos das suas coxas se contraírem enquanto ela tenta em vão aproximá-las.

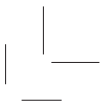
— Não — sussurra agora completamente desperta. — Onde... por favor.

Dou alguns passos na direção dela.

— Quem está aí? — pergunta tremendo, e vira o rosto para mim.

Não respondo, mas ando até um pequeno aparador a um metro de distância onde está um toca-fitas. Pressiono a tecla *play*, volto até ela e coloco as mãos pela primeira vez sobre a mesa de lona branca que forma a base do aparelho que os antigos torturadores de Cagaya chamavam de *o revelador*.

Seu nome verdadeiro é cavalete espanhol.



CAPÍTULO 24

AIINDA NÃO ESTOU PRONTO PARA ESQUECÊ-LA.

Isso é tudo. Por isso estou dirigindo para o norte na Rodovia Estadual de Nova York à uma da manhã. Indo para uma vinícola abandonada onde espero encontrar... o quê? Vou dar uma olhada no escuro e depois ir até a casa de Pardo e fazer o que deveria ter feito com Jeremy na cidade: tomar um porre.

Pardo não queria acreditar que eu estava vindo. Perguntei se ele conhecia algum lugar onde se pudesse tomar uma cerveja depois das duas, e ele disse que sabia de uns cinco bares que não começavam a servir antes das três. Quando se trabalha para o governador, parece que todo mundo na cidade quer deixá-lo satisfeito. “Vamos terminar a noite no Nirvana, Jake”, ele disse com uma voz exultante. “Um lugar inacreditável. É aonde as dançarinas vão quando os bares de *strip* fecham.”

Passo pela placa de West Point, mantendo o Grand Am de Jeremy nos 110 por hora. Apenas algumas luzes espalhadas quebram a escuridão da estrada à frente.

Brice viu Mimi uma vez no elevador, deu um jeito para que ela fosse designada para a conta dele e batizou uma vinícola com o nome dela. Uma vinícola que ele não quer que ninguém saiba que é sua.

É isso. É tudo que tenho. E Nina Torring. E Elise Verren.

Frank Baldwin

Acelero para 120. À minha frente, brilhando sob os faróis,
vejo a primeira placa indicando Albany.
Oitenta quilômetros.

296



CAPÍTULO 25

SUA PELE RELUZ SOB A LUZ FORTE, lubrificada não por mãos grosseiras, mas pela transpiração arrancada dela pelos aquecedores, por seu medo e agora por sua dor. Trinta minutos atrás havia sessenta centímetros de distância entre seus pulsos. Agora há um metro e meio. Seus tornozelos também foram puxados na direção dos cantos quando as rodas pequenas, girando em sincronia com a roda mestra, enrolaram as bobinas de couro em torno dos seus raios. Afasto-me da pesada roda mestra e paro ao lado dela.

Ela está em uma concentração silenciosa e dolorida, lutando para manter sua respiração profunda e regular. Tem a compleição de uma corredora e grande coragem. As outras, neste ponto, estavam gritando e soluçando de maneira comovente. Falou apenas três vezes, uma após cada volta da roda. “Sr. Brice”, disse, “por favor, pare”. Com mais urgência a cada vez, mas essa súplica simples, e nada mais.

Olho para a bandeja sobre a mesa alta ao lado do cavalete. Está coberta por um feltro escuro e sobre ele estão três instrumentos de metal brilhante. Pego o do meio, um garfo de dez centímetros com dois dentes afiados em cada extremidade. Presa ao centro do garfo está uma coleira de couro, fina como um colar. Levanto o garfo contra a luz e depois me volto para ela.

A transpiração empapou seu sutiã e a outra peça de renda fina que a cobre. Levanto os olhos para seu rosto. Na expressão

da sua boca, nos movimentos suaves da sua cabeça, posso ver que ela está tentando escapar da dor pela força de vontade. Pouso a mão na sua testa e a trago de volta. Ela arfa. Acaricio seu rosto rubro, que queima como se tomado de febre, e depois deslizo as mãos por trás do seu pescoço e prendo a coleira em torno dele. Ela arfa novamente quando aperto a coleira um pouco mais, e outra vez ao sentir o toque frio do metal, embora eu tenha o cuidado de deitar o garfo perpendicular à sua garganta, com os dentes longe da sua pele.

— Por favor — sussurra.

Descanso as mãos na borda da lona, observando-a umedecer os lábios, desesperada.

— Sr. Brice? O senhor está aí?

Jorros de suor escorrem por seu rosto, mas meu silêncio a faz encontrar novamente sua coragem. Aperta os lábios e, quase imperceptivelmente, vira a cabeça. Eu a sigo e percebo pela primeira vez que está fugindo para dentro da música.

A “Heroica” de Beethoven tocou suavemente durante os movimentos que aumentaram sua dor. Ainda toca, e ela está concentrando sua mente na música. Escuta atentamente, secretamente, erguendo o queixo alguns milímetros para acompanhar as notas ascendentes de uma flauta que rodopia pelo *scherza*.

— Preste atenção no centro de gravidade — digo. — Ele o puxa de volta, por mais longe que ele ouse ir.

— Obrigada — diz. — Obrigada por falar comigo.

Removo a venda dos seus olhos e a deixo ao lado dela na lona. Ela pisca na luz forte, tentando compreender o que vê. Olha rapidamente para a mão direita, fitando com um horror fascinado a luva de couro que a prende. Olha para as pernas e depois em volta dela, para as rodas pequenas e os aquecedores enfileirados dos dois lados da mesa de lona. E agora olha para mim.

— Você está aqui — diz, e sua voz é quase um sussurro. — Você está aqui comigo. — Seus olhos encontram os meus e se fixam neles. — Por favor, sr. Brice. O que quer que tenha acontecido, o que quer que o senhor pense...

— Sem palavras — digo, e me inclino sobre ela.

— Por favor — diz. — Sinto muito, mas preciso falar. Para fazê-lo entender...

Toco seu rosto e ela o vira para a mesa, para longe de mim. Puxo-a de volta, levantando seu queixo para que ela me encare novamente, e pego o garfo de metal que repousa sobre sua garganta.

299

— Por favor — diz freneticamente. — Se você ao menos me disser por que...

Giro o garfo e ela se cala.

Ele se chama garfo dos hereges, e era mais uma das ferramentas de verdade de Cagaya. Duas pontas afiadas agora repousam sob seu queixo, as outras duas sobre o esterno. O menor movimento da sua cabeça vai fazer que perfurem sua pele. A tira entre o garfo e a coleira impede que ele saia do lugar.

Olho para ela. Está em silêncio, e mal pode afastar os lábios para respirar. Eu me viro, passo pelos aquecedores e vou até os barris, onde paro no súbito frio de costas para ela. Absorvo a fragrância do carvalho ao meu lado e olho para os tanques de aço inoxidável e, acima deles, para o teto escuro. Nos pontos onde as telhas apodrecem, posso ver o céu negro do campo.

Fecho os olhos e a vejo novamente em frente aos elevadores naquela primeira manhã. A inocência que transparecia em seus olhos. Eu me viro para olhar para ela. Dentro das luvas de couro, suas mãos estão cerradas em punhos. Os dedos dos pés apontam para baixo, doloridos. Está perfeitamente imóvel.

Quando a “Heroica” se aproxima do seu *finale*, volto para ela e toco a borda da mesa de lona com os dedos. A renda branca do seu sutiã me hipnotiza. Ele também foi esticado, e os seios agora estão pressionados contra ele. Olho de relance para a renda sobre os quadris. Mal a esconde. Volto para seu rosto. O olhar dolorido suplica por misericórdia.

A luta delas.

O modo como você retira todas as defesas. Uma por uma.

Ando até a roda mestra e a seguro firmemente com as duas mãos. Dou uma meia-volta e observo as rodas menores a acompanharem.

A dor atravessa seu corpo, mas ela não pode gritar, pode apenas suspirar de agonia. Volto para o lado dela. O suor agora jorra do seu rosto formando uma poça na curva do pescoço, logo abaixo dos dentes afiados do garfo. Tenta fechar os olhos para se concentrar, mas eles se abrem novamente de dor e de medo.

A dor não é em seus pulsos, mas nos ombros, não nos tornozelos amarrados, mas acima das suas coxas esguias. Ela começa, profunda, nos ligamentos esticados, e logo vai passar para os ossos. Ela é flexível, ágil, mas já posso ver suas omoplatas começando a girar para dentro, e cada músculo do pulso ao ombro, da panturrilha à coxa, agora brilha esticado, desesperado contra sua pele.

Volto para a roda e lhe dou mais um quarto de volta.

Ela emite outra exalação de dor, dessa vez mais profunda. Profunda demais. Voltando ao cavalete, vejo as gotículas de sangue na pele macia abaixo do seu queixo. As costas agora estão perigosamente arqueadas, e embora os dentes do garfo a mantenham calada, seus ombros giraram ainda mais para dentro. A próxima volta da roda vai arrancá-los das suas articulações e dar início à profunda hemorragia final.

A “Heroica” está chegando ao fim. Beethoven a compôs para Napoleão, e ela contém toda a grandeza da conquista. A srta. Lesing agora não consegue mais se confortar por meio dela. Toda a dor da noite está concentrada nos seus olhos, e sob a dor está a compreensão. Ela sabe que não pode suportar mais uma volta da roda, e por isso me observa desesperadamente.

Espero que as notas finais soem e morram, depois pouse minha mão na sua testa fervente.

— Chegou a hora — digo.

Ela fecha os olhos de angústia quando me afasto. Vou até a roda mestra, fecho as mãos em torno da madeira lisa e me preparo. E agora dou uma volta completa, vigorosa, para o lado inverso. Volto para a mesa mais uma vez.

— Até o limite e depois uma pausa. Não é assim que ele faz?

Estendo a mão e afasto seus cabelos úmidos da testa. Seus pulsos e tornozelos retornaram à lona, e as costas e os ombros estão novamente na horizontal. Lágrimas de dor e de alívio escorrem por suas bochechas rubras. Ela ainda está aberta, esticada, brutalmente esticada, mas está fora de perigo.

É hora de deixá-la falar.

Pego cuidadosamente o garfo dos hereges nos dedos. Gravado na lateral está ABJURO. *Eu abjuro*. Essas duas palavras que requerem tão poucos movimentos da língua eram tudo que o pecador condenado podia murmurar antes de ser levado para a fogueira. Começo a girar o garfo para afastá-lo da sua pele, mas de repente ergo a cabeça. Acima da sua respiração dolorida e do zumbido constante dos aquecedores há um som novo. Olho rapidamente para os seus olhos. Ela os fecha, mas tarde demais. Ela também ouviu. Ouço novamente, e o som agora é mais alto, inconfundível: cascalho sendo agitado. Um carro está subindo a ladeira de 400 metros que leva da estrada até o prédio da vinícola.

Ele veio.

Deixo o garfo afiado no mesmo lugar. Ela abre os olhos e observa desesperada, indefesa enquanto pego a sacola preta do chão ao lado da mesa e a deixo só. Saio rapidamente do círculo de barris, vou até a porta da vinícola e me ajoelho ao lado dela. De dentro da sacola tiro o frasco de clorofórmio e dois pares de luvas. O carro está mais perto, a menos de 150 metros da porta. Visto um par de luvas e depois o outro, do tipo industrial, e pego um balde enferrujado na pilha de descartes esquecidos ao lado da porta. Esvazio o frasco de clorofórmio dentro dele, tendo o cuidado de cobrir o rosto com a camisa e respirar com sopros curtos. Pego uma máscara de couro dentro da sacola e a jogo dentro do clorofórmio, usando um cabo de vassoura carcomido para mantê-la no fundo do balde. A máscara se encharca enquan-

to ouço o som do cascalho esmagado alcançar a clareira em frente ao prédio e depois cessar. Um motor de carro é desligado.

Tiro a máscara do clorofórmio com as mãos enluvadas e a espremo. Mantenho o rosto enfiado na camisa, mas mesmo assim as emanções são tóxicas, sufocantes, e meus olhos queimam ferozmente. A porta do carro bate, e na noite silenciosa passos se aproximam da porta. Fico em pé segurando a máscara encharcada ao meu lado.

Escondo-me atrás da pesada porta da vinícola quando ela se abre com um rangido enferrujado. Uma faixa de luar se estende sobre o chão de terra escura. Jake Teller entra. Ele é maior do que eu imaginava, um atleta. Não posso me dar ao luxo de errar. Dá um, dois, três passos para dentro e depois para. Logo à frente dele está a abertura do círculo de barris. Através dela ele pode ver o cavalete e, sobre ele, profusamente iluminada, a srta. Lessing. Despida como ele as despe. Presa como ele as prende.

— Meu Deus!

Estou a um passo das suas costas quando ele me pressente. Abro a máscara, e assim que começa a se virar, baixo-a sobre sua cabeça. Ele gira com força, seu cotovelo acerta meu rosto e eu caio no chão. Mas enquanto caio, vejo que ele instintivamente respira fundo para reunir forças, e isso é sua perdição. O clorofórmio enche seus pulmões, ele cai de joelhos e agora está estendido no chão. Enquanto leva as duas mãos à máscara em câmera lenta, ainda emite um último gemido de protesto e mergulha na inconsciência.

Levo a mão à boca. Sinto o gosto de sangue, mas corro para Jake Teller e aperto o nariz da máscara. Ele se agita uma vez e depois fica imóvel. Tiro a máscara do seu rosto e a jogo na pilha ao lado da porta. Levanto lentamente, tossindo e me esforçando para respirar, e as lágrimas correm dos meus olhos ardendo. Tiro as luvas e também as jogo na pilha. Fico em pé ao lado dele, respirando fundo por quase um minuto, depois me ajoelho novamente. Viro seu corpo e olho pela primeira vez para o rosto do corruptor da srta. Lessing.

Seu maxilar forte agora está flácido, e uma das suas faces está suja de terra. Fico em pé, pego-o pelas axilas e começo a puxar. Arrasto o corpo por três metros de cada vez, parando para descansar de joelhos. Ele é um peso morto, exaustivo, e seus calcanhares ficam presos várias vezes na terra irregular do chão. Finalmente, alcanço o primeiro dos enormes tanques de aço inoxidável e apoio Jake Teller contra ele. Sua cabeça pende sobre o peito; descanso por alguns segundos para recuperar o fôlego.

Na base de cada tanque há uma pequena porta pela qual o vinho é transferido para os barris de carvalho. Levanto a trava de aço e abro a porta. Viro o rosto para o outro lado, ofegante. De dentro do tanque vem o cheiro acre e abafado da morte eterna. Descanso mais um pouco, e depois, reunindo minhas últimas forças, pego as pernas de Jake Teller e as passo pela porta baixa; depois, faço seu quadril deslizar pela borda, e com um último empurrão, seu corpo resvala para dentro do tanque.

Fecho a porta e baixo a trava. Lá dentro não há qualquer tipo de maçaneta, nenhuma interrupção no aço liso. Quando ele acordar, ao tatear na escuridão, vai encontrar somente as paredes do seu túmulo. E terá, talvez, uma hora de ar.

Volto lentamente para o círculo de barris. Puxo um lenço do bolso da camisa e o encosto na boca. Um corte no lábio, nada mais. Paro na abertura e olho para a srta. Lessing. Ela está como antes, imóvel e em silêncio na luz pura. Pode ver somente o que está acima dela e a um metro para cada lado, e por isso escuta ansiosamente meus passos na sua direção. Entro no seu campo de visão e ela fecha os olhos, desolada.

Abaixo-me e viro o garfo dos hereges de lado, diminuindo seu tormento. Ela engole e respira fundo várias vezes. Pego um pano da bandeja e limpo gentilmente as gotas de sangue sob seu queixo.

— Por favor — diz com a voz rouca.

Pego uma garrafa d'água na bandeja e levo aos seus lábios, inclinando e depois secando o líquido derramado.

— Jake — diz, e sua voz se descontrola pela primeira vez.
— Jake Teller. O que...

Aperto seu bíceps esticado com um dedo e ela grita de dor.
Retiro o dedo.

— Estamos sozinhos novamente — digo.

— Por favor — diz ofegando, a dor reduzindo sua voz a um sussurro. — Por favor.

Passo o pano por sua testa e depois o deixo na bandeja. Dois instrumentos de metal permanecem sobre o feltro escuro. De uma prateleira debaixo da mesa pego duas régua de prata e uma tigela funda de cerâmica. Dentro da tigela está uma vela larga, que eu acendo. Coloco a tigela ao lado do feltro e apoio as duas régua sobre sua boca, uma de cada lado da chama.

Ela olha para o teto e depois para mim.

— Anne — sussurra, seus olhos suplicando por uma resposta.

Sim. Ela sabe o destino das outras. De Nina Tarring. Elise Verren, e agora de Jake Teller.

— Anne Keltner — digo. — Hotel Roosevelt. Você estava lá, não estava?

Ela fecha os olhos.

— Anne Keltner escapou para a Espanha — digo e observo-a morder os lábios de alívio. — Ela retornará amanhã à noite, às 22h20, no voo 617 da United Airlines.

— Não — sussurra sacudindo a cabeça.

Olho novamente para a bandeja. Um dos instrumentos restantes é um fino bisturi. O outro foi minha última aquisição em Cagaya, e olhando para ele se pode sentir nos ossos todo o peso cruel da Idade Média. É uma única e pesada peça de metal, negra como a noite, com a forma de um par de tenazes, mas terminando em quatro pontas curvas e dentadas que se voltam uma na direção da outra, mas não chegam a se encontrar. Sua finalidade era esfaquear os seios das mulheres condenadas por atos libidinosos. Levanto-o do pano escuro e o pouso com cuidado sobre as régua de prata, de modo que as pontas das garras curvas fiquem diretamente sobre a forte chama azul.

O choque entre os metais quebra seus devaneios angustiados; ela vira o rosto para a bandeja e começa a tremer.

— Deus! — sussurra olhando para o teto novamente, depois fechando os olhos. — Deus, por favor. — Coloco minha mão na sua testa. — Por favor — ela implora, seus olhos doloridos se abrindo e encontrando os meus. — O que foi que eu fiz? Por favor, me diga.

Não respondo.

— Por favor. O que...

Coloco um dedo sobre o garfo dos hereges e ela se cala.

O cheiro de ferrugem queimada agora está no ar, e ela não consegue deixar de olhar novamente para as pinças negras. Ela assiste, hipnotizada pelo pavor, à chama azul esquentar as pontas, depois enterra o rosto na lona branca. Sua testa ainda queima de febre, mas ela treme como se tivesse frio. Sua respiração se acelera mais e mais, até que ela começa a ofegar. Acaricio sua testa para acalmá-la, mas seus olhos estão desesperados, cegos, e ela balança o rosto de um lado para o outro. Seguro seu queixo.

— A verdade ainda pode salvá-la — digo.

Ela luta, mas eu a mantenho imóvel e olho nos seus olhos.

— Ela pode salvá-la — repito, e observo minhas palavras acenderem no fundo do seu olhar uma pequena fagulha de esperança.

Retiro as mãos e ela continua imóvel. Dou um passo para trás e vejo no seu rosto que está reunindo suas últimas forças. Meus olhos descem para a renda diminuta que a cobre. Recuso essa visão, limpo minha mente e minha concentração retorna. Olho novamente nos olhos dela.

— Punirei qualquer mentira — digo.

Ela olha para as pinças dentadas e logo desvia o olhar para o teto escuro. Apoio as mãos gentilmente na mesa de lona.

— A dor de Elise Verren — digo. — Excitou você?

A transpiração desce por suas bochechas. Ela fica calada por dez segundos. Quinze.

— Sim — diz.

Ela me vê fechar os olhos, decepcionado.

— Por favor — diz. — Eu não sabia o que ia acontecer.
O que ele ia fazer.

Viro de costas para ela. Olho para fora do círculo de luz,
para os cantos escuros da sala em ruínas.

— Você foi ao motel Century — digo.

Ela fica em silêncio.

— Até mesmo seu corruptor tinha limites. Até mesmo
ele recuou. Você foi ao Century. A uma semana do seu
casamento.

— Por favor.

Ouçõ a angústia na sua respiração. Volto a encará-la. Seus
olhos pulam das pinças para mim.

— Na cama do Century, Mimi. Quando a segunda faixa de
seda se fechou em torno do seu pulso e você ficou indefesa.
Como você se sentiu?

Ela fecha os olhos e morde o lábio trêmulo. Observo suas
têmporas pulsarem de concentração. No último ano, enquanto
escutava, aprendi a compreendê-la tão bem que sabia seu estado
de espírito pela intensidade da sua respiração. E agora, olhando
para baixo, eu a compreendo novamente, e embora seus olhos
estejam bem fechados posso ver a mentira se formando por trás
deles. Ela está procurando as palavras, sim, mas não a verdade.
Ela procura apenas pelas palavras que a poderiam libertar.

Seus olhos se abrem. Ela as encontrou. Mas antes que possa
falar, ela me vê olhando para as tenazes. As pontas de suas quatro
garras ardem em um tom alaranjado. Ela também olha para elas,
depois para mim, e começa a tremer. E agora a chorar silenciosa-
mente. Eliminei sua vontade de mentir.

— Como você se sentiu? — pergunto.

O vento suave da noite agita as árvores e as rodas menores
rangem baixinho contra o peso das tiras esticadas de couro.

— Livre — sussurra com a voz trêmula.

CAPÍTULO 26

DESLIGO O MOTOR.

Desço do Grand Am e olho para a vinícola. É um prédio antigo de pedra que se ergue em uma clareira banhada de luar. Na clareira também está um carro preto, e ao lado dele uma picape. Mesmo a esta distância, sob a luz da lua, posso ver, pintada na traseira da picape, uma enorme e sorridente caveira vermelha. Pardo. Eu deveria saber. Se ele houvesse me esperado chegar a sua casa, teríamos perdido meia hora de bebedeira.

Encosto-me no capô morno do Grand Am. A estrada de cascalho à minha frente conduz até a clareira, mas faz uma grande curva em torno da propriedade. Eu faria muito barulho. Mas, se subir a pé o barranco que leva ao prédio, não seriam mais que cem metros e ninguém vai me ouvir.

Que bobagem. Quem poderia me ouvir? Pardo está lá em cima bebendo com algum amigo. Balanço a cabeça e volto até a porta do carro, onde paro com a mão no trinco. O silêncio aqui fora é sinistro, absoluto. Tento ouvir vozes, um retinir de garrafas. Nada. Afasto-me do carro para aumentar minha linha de visão e olho para a clareira novamente. Agora posso ver melhor o carro preto. No capô, brilhando à luz da lua, está o símbolo prateado familiar: um Mercedes. Ando lentamente de volta ao Grand Am. Fico agachado na frente dele, brincando com as pedrinhas de cascalho, deixando que caiam por entre meus dedos. O governador

exige que todos os membros da sua equipe tenham carros americanos. Pardo uma vez me contou. E eu conheço o padrão dos colegas de fim de noite de Pardo, e não consigo imaginar nenhum deles dirigindo um Benz. Olho para a clareira mais uma vez.

Jogo as pedras no chão, levanto-me e começo a subir o barranco. O ar da noite é frio e estimulante. A lua brilha o bastante para que eu possa ver o caminho, mas a grama alta me faz andar devagar, e os arbustos espinhosos prendem minhas pernas. Dou um salto ao ouvir um som à frente, olho para cima e vejo os olhos arregalados de uma coruja nos galhos de uma árvore. Jesus Cristo! Mil vezes a cidade e seus terrores.

Continuo a subir, usando as mãos nos últimos dez metros íngremes, depois passo entre dois arbustos altos e chego à clareira. Limpo as mãos nas calças. Não vejo Pardo ou qualquer outra pessoa. Cerca de vinte metros à frente está a vinícola de pedra. O chão aqui também é coberto de cascalho, e caminho com cuidado até a picape de Pardo. Não há sinal dele. Uma caixa de Coors intacta espera no banco da frente.

Vou até o Mercedes. Um cheiro estranho parece vir de dentro dele, ou de baixo. Algum produto químico forte. Olho pela janela. Os bancos da frente estão vazios. Espio atrás. Nada. Um cobertor aberto. Espere. Olho novamente. Dou a volta no carro, fecho as mãos em torno do rosto junto à janela para evitar o reflexo do luar. Meu Deus! Olho rapidamente em volta de mim, depois de novo para a janela, com a boca seca como o cascalho sob os meus pés.

A manta não cobre exatamente todo o banco. Por baixo dela, mal e mal visível, estão as pontas de dois pedaços de tecido. Dois pedaços de tecido branco.

Faixas.

* * *

O SUTIÃ DELA BRILHA COMO UM fogo branco. Por baixo dele, seus seios têm a mesma cor do resto do seu corpo: um creme suave,

entre o leite e o caramelo. Vejo a borda de um mamilo rosado. Estendo a mão e pouso um dedo na alça do sutiã. Ela ofega de dor, mas eu o mantenho lá, depois o deslizo pela alça até a renda do conjunto.

Escutei durante um ano inteiro, sonhando com uma verdadeira comunhão entre nós. Ela só teve uma forma de comunhão a oferecer.

309

Passo o dedo sob a alça e a ergo uma fração de centímetro, até enxergar todo o mamilo.

— Por favor — diz.

Meus olhos descem para seus quadris. Visto de cima, o triângulo de renda a cobre completamente, mas pelo lado posso ver a sombra da sua beleza escondida. Afasto a mão do sutiã e toco a renda esticada que guarda a pele do seu ventre com a ponta dos dedos. Está úmida e quente.

— A chave está aqui, não está?

— Por favor.

Estendo a mão para a bandeja, passando por cima das pinças, e levanto do feltro escuro o bisturi reluzente.

* * *

POSSO VER LUZES PELA PORTA DA VINÍCOLA.

Não conseguia enxergá-las do outro lado da clareira, mas agora estou me aproximando ao longo da parede e vejo que a porta pesada está aberta. De dentro vem uma luz estranha, pode ser o luar passando por um buraco no telhado. Vou saber em segundos. Alcanço a porta e paro ao lado dela, encostado nas pedras, sentindo o frio através das roupas. Olho para dentro.

Não é o luar, e está vindo bem da minha frente. Meu Deus! A luz vem de dentro de um círculo de barris de vinho. Lâmpadas altas, voltadas para baixo e para dentro. Em pé, na luz, está um homem. Não é Pardo. Um homem parado em frente a uma espécie de mesa, como uma mesa de operações. Olhando para al-

guém deitado sobre ela. É uma mulher. Amarrada na mesa, despida. Rodas e engrenagens.

310

Caio de joelhos. Ele vai me ver se olhar para trás, mas só consigo ficar aqui ajoelhado, paralisado no vão da porta, e olhar para a mesa sob as luzes. Para o homem que só pode ser Andrew Brice. E a mulher, Mimi. *Saia daí, Jake*. Abaixo-me e corro para a única coisa que pode me esconder, o círculo de barris empilhados à minha frente. Fico de cócoras atrás de um deles, com o rosto encostado na madeira.

Nenhum som. Levanto-me e espio com cuidado por cima dos barris. Brice está parado ao lado da mesa. Os olhos de Mimi estão fechados, o rosto virado para o lado. Ele a está tocando. Meu Deus, ela está... esticada, as mãos e os tornozelos presos em uma espécie de algema. Abaixo-me atrás dos barris de novo. Onde andaré Pardo?

Minhas mãos estão úmidas de suor. Verifico meus bolsos silenciosamente. As chaves do carro e mais nada. E enquanto olho para o chão de terra, percebo que Brice teria ouvido Pardo chegando.

Pense, Jake.

Dois barris, adiante de mim está a abertura no círculo. É a única forma de entrar. De lá até a mesa devem ser uns seis metros. Fico em pé e olho novamente sobre os barris. Brice a está tocando de novo. Mais embaixo.

— A chave está aqui, não está? — ele diz.

— Por favor — diz Mimi.

Brice leva a mão a uma bandeja ao lado da mesa e traz de lá uma lâmina brilhante.

* * *

DESLIZO O BISTURI ENTRE A RENDA e a pele e corto. Faço a mesma coisa do outro lado.

Seus quadris estão nus, e estou tremendo. Olho para o pequeno triângulo de renda que ainda a cobre. Descanso minha

mão na sua barriga, a um centímetro do tecido. Ela arqueja de dor, tão esticada que mesmo essa pequena pressão parece perfurá-la. Nunca poderia ter imaginado essa maciez. Esse calor. Meus dedos encontram a borda da renda. Posso sentir sua umidade por baixo dela.

Fecho os olhos. Então, essa é a dança que a enfeitiçou. A sedução lenta, brutal. O desvelamento final. E depois...

311

Não.

Solto a renda e afasto minhas mãos. Abro os olhos.

Ainda tremo, mas agora de raiva. Raiva pura, salvadora. Olho para a renda branca. Tudo que resta da sua pureza está debaixo dela, e nos seus últimos momentos ela tenta me induzir a removê-la. Não.

Olho para a bandeja. As pinças estão prontas, suas pontas vermelhas incandescentes. Antigas, implacáveis. Estendo a mão para elas.

— Espere — diz em um sussurro suplicante.

As outras também suplicaram. Até o fim.

Sussurra novamente, tão baixo que não consigo entender. Dou um passo para a frente e me inclino para ela. Vou escutar suas últimas palavras.

— Toque em mim — diz.

* * *

INVISTO NA DIREÇÃO DELE, ABAIXADO.

Mimi me viu. Fiquei em pé na abertura e ela me viu, e o atraiu para perto dela. “Toque em mim”, diz, e Brice olha para ela. Preciso de mais dois segundos. Um.

Ele gira o corpo.

Não consigo parar a tempo. Levanto o braço e sinto a lâmina atravessar meu casaco, minha camisa, minha pele. Eu me desequilibro na frente dele e ele ataca de novo, dessa vez tentando acertar meu pescoço. Sinto o deslocamento de ar da lâmina que

erra por pouco a minha jugular e caio de joelhos, uma mão no chão e a outra segurando a garganta como se ele me houvesse cortado. Olho para o chão.

Meus olhos observam os pés dele. Lenta e desajeitadamente, aproximam-se de mim. Agora vai trazer a lâmina para baixo, como se fosse um furador de gelo. Com toda a força do seu peso.

312

Caio para o lado, rolo no chão e me levanto.

Ele erra o golpe e cai de joelhos, gritando, mas consegue ainda segurar o bisturi. Pode ficar com ele. Estou do lado da bandeja, com um segundo para levantar uma grande tenaz de ferro negro com pontas incandescentes. Agarro-a com firmeza, e quando Brice se levanta com o bisturi e começa a descer o braço para o meu abdômen, paro seu cotovelo com uma das mãos e cravo a tenaz com todas as minhas forças no seu peito, sentindo o estalar dos ossos enquanto a força do golpe o põe em pé.

Ele fica parado na minha frente tentando respirar. Deixa cair o bisturi e leva as duas mãos à garra de ferro, segurando-a contra ele, contra o peito arreventado de onde o sangue jorra. Cambaleia para a frente, passando por mim, passando pela mesa.

— A roda — diz Mimi. — Jake!

Olho para ela sem compreender, ainda pasmo com a visão de Brice segurando a tenaz enquanto se move.

— Jake!

Mimi agora grita e vejo para onde Brice está indo; para a roda alta de madeira atrás da mesa, e vejo que a roda está conectada a todo o aparelho que a prende e a mantém esticada.

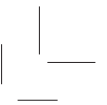
Corro na direção dele, mas é tarde demais.

Brice alcançou a roda e agora se inclina sobre ela. Ele olha para nós, não, para Mimi, tenta falar, mas o sangue jorra da sua boca. Estou mais perto dele, mas ele larga a peça de ferro e segura a roda com as duas mãos, e eu não consigo alcançá-lo antes disso.

Ela não gira.

Ele está fraco demais, e quando o alcanço, ele desliza para o chão, parando de rosto para baixo na base da roda com um grito

estrangulado. Dou um passo para trás quando ele consegue virar o corpo, seu peito se erguendo uma, duas vezes, e depois ficando imóvel, as mãos parecendo aninhar a garra dentro do peito, os olhos arregalados olhando cegamente nos meus.



Epílogo

SOMOS SÓ NÓS DOIS AGORA.

Deixamos todos para trás. Pardo no hospital, onde vai passar a noite em observação. A polícia na vinícola e nos campos atrás dela. Brice no necrotério.

Dirigimos quase noventa quilômetros em silêncio. Desde Cementon, onde parei em um posto de gasolina para comprar uma garrafa d'água, que agora ela bebe sentada no carro sobre as pernas, com meu casaco azul nos ombros.

A polícia tentou insistir para que fosse para um hospital. Eles chamariam uma ambulância para ela. Mimi recusou. Eles disseram que teriam de conversar conosco amanhã. Garanti a eles que ficaríamos na cidade e lhes dei o endereço de Pardo. Mas, quando entramos no carro, nós dois sabíamos, mesmo sem dizer uma palavra, que iríamos voltar para Nova York.

Passamos pela placa de Newburgh. São quase seis da manhã. Mimi olha pela janela para as árvores ao longo da rodovia. Segura a garrafa de Evian no colo com uma das mãos, e com a outra esfrega gentilmente o pescoço.

Os chamados agudos de um telefone quebram o silêncio. Nós dois estremeçemos e nos entreolhamos. O som vem da bolsa aos pés dela.

— Meu noivo — diz.

O telefone toca três vezes, quatro. Olho para a estrada à nossa frente. Cinco, seis, sete. O carro fica em silêncio de novo. A chuva começa a cair quando passamos pelo acesso a Salisbury, e o tráfego aumenta agora que nos aproximamos da cidade. À direita está o néon de um motel.

316

— Encoste — diz Mimi em voz baixa.

Continuo dirigindo. Mais dez quilômetros e somente o som dos limpadores do para-brisa e da estrada molhada debaixo de nós. Highland Mills. Harriman. Arden. Estamos no Condado de Rockland. Quase em casa. Logo em frente surge mais uma placa de motel.

Fico na faixa do meio até estarmos quase em frente ao motel, então ligo a seta, atravesso para a faixa da direita e saio da rodovia. Entro no estacionamento e paro em uma vaga diante da recepção. Desligo o motor.

Ficamos sentados dentro do carro silencioso enquanto a aurora espalha uma luz cinzenta, ambos olhando para o motel pelo para-brisa. A chuva diminuiu, mas ainda cai, e depois de alguns minutos não conseguimos ver mais nada lá fora. Mesmo assim, ficamos sentados no calor e na paz do carro, ouvindo o rugido dos caminhões na rodovia atrás de nós.

O telefone dela toca outra vez. Mimi enfia a mão dentro da bolsa e o tira de lá. Toca a segunda vez, e ela abre a porta e atira o telefone no concreto molhado. Ele quica, a campainha some e o telefone desaparece sob um carro estacionado. Fecha a porta, deixando a chuva e o vento do lado de fora.

Mimi estende as mãos para mim. Tiro as minhas da direção e as fecho em torno das dela. Ela olha dentro dos meus olhos pela primeira vez desde que saímos da vinícola.

— Só mais alguns minutos, Jake — diz. — Depois você pode me levar para casa.

